

TOCHNIT

PARA A SCHICHVA' DE

TZOFIM



JULHO 1955

ICHUD HANOAR HACHALUTZI'
HANHAGA' ELIONA' - ISRAEL

Fim

Autógrafos
dos
Madrinchim
que usarem
este technit.

Volde Gestor



s das
de interes-
agar, tanto
e Africa,
udeus da
alar do
lugates
es do
vres
judaica.
m
ra de
sta-
los

INDICE

INTRODUÇÃO	-	-	1
Programa De Tzofim	-		3
Metodologia	-	-	4
ESQVEMA GERAL	-	-	7
PRIMEIRO ANO	-	-	11
Marco	-	-	12
Abril e Maio	-	-	21
Junho	-	-	36
Julho	-	-	41
Agosto, Setembro e Outub.			50
Messibá Geral	-	-	71
SEGUNDO ANO	-	-	76
Introdução	-	-	77
Março	-	-	78
Abril	-	-	84
Maio	-	-	92
Junho	-	-	96
Agosto	-	-	104
Setembro	-	-	111
Outubro	-	-	117
TERCEIRO ANO	-	-	124
Março	-	-	125
Abril	-	-	129
Maio	-	-	134
Junho	-	-	137
Agosto	-	-	141
Setembro	-	-	148
Outubro	-	-	159

* * *

I N T R O D U Ç Ã O

Após longos períodos de experiência e de trabalho que o setor de chinuch atravessou no nosso movimento sempossuir suas diretrizes e sua metodologia suficientemente definidos, propomo-nos, finalmente, apresentar aos madrichim programas educativos de caráter mais definitivo, que deverão servir de orientação e de ajuda no terreno da nossa hadrachá atual.

A necessidade de elaborar estes programas tornava-se cada vez mais premente, seja pelo auxilio básico que eles poderiam fornecer ao madrich no seu trabalho, seja pela unidade educativa que tentariam estabelecer entre os nossos diferentes movimentos, aproximando-os em todos os setores comuns e criando caminhos e métodos paralelos, lá onde fundamentos iguais já por si só existem. Pretendemos desta forma terminar, no que nos for possível, com a improvisação e a não integridade dos programas provisórios que até hoje serviram de material aos madrichim; aproveitamos, ao mesmo tempo, a profunda experiência que eles nos fornecem e extraímos deles o seu conteúdo essencial, elaborado à base daquilo que a realidade e o trabalho prático mostraram ser o necessário na atividade educativa dos movimentos da Golá.

Acreditamos que os programas agora apresentados não serão talvez definitivos de uma forma absoluta. A nossa experiência, bastante modesta em todo o setor de chinuch, e a própria realidade dos movimentos, que não de uma estabilidade permanente, não poderiam permitir programas completamente conclusivos. Nos os propomos, portanto, para os madrichim, como uma experiência séria e importante, como um ponto de partida mais fundamentado e como um dos primeiros passos a serem dados na procura conjunta que efetuamos em busca de caminhos e métodos educativos para aqueles fins que o movimento propõe-se alcançar.

O que visamos alcançar

Estes fins, claros para cada um de nós, determinam que estabeleçamos uma certa escala de importancia dentro do conteúdo geral que transmitiremos ao chanich.

A preocupação de formar em cada um dos chanichim, desde os que compõem as shchavot mais jovens do movimento uma consciência nacional intensa deve ser, indiscutivelmente, o primeiro ponto que todo e qualquer programa educativo precisará atingir. Precisaremos saber extrair da nossa história e da nossa tradição, dos nossos valores culturais antigos e atuais, do folclore, da literatura, da realidade atual de Eretz Israel - e talvez principalmente desta - a fonte de inspiração e o material necessário para conseguirmo-nos aproximar o máximo possível da concretização deste nosso objetivo primeiro e que é certamente o mais decisivo.

Da mesma forma procuraremos despertar no chanich a sua consciência social, pois o fim que almejamos é conseguir educar um homem judeu que venha ao kibutz, que identifique a sua vida com os princípios deste, que lá encontre expressão para os seus próprios anseios e crenças e que de lá participe numa luta mais ampla, pelas idéias sociais e políticas para as quais o movimento ideologicamente o encaminha. Para tanto tentaremos despertar nele a reação de combate em relação à sociedade que o cerca, seus fundamentos e suas expressões culturais e sociais; tentaremos esclarecê-lo ideologicamente em problemas de política mundial e em problemas de socialismo mundial, e, acima de tudo, tentaremos despertar nele a consciência e preocupação pelo problema social do seu próprio povo, prepará-lo para uma vida de participação e de responsabilidade política em Eretz e mostrar-lhe que é lá o nosso lugar de luta.

Estes dois pontos expressam o objetivo ideológico para o qual o movimento se define e para o qual, portanto, deverá educar os seus chanichim, através das metodologias e sistemas que mais verdadeiros lhe parecerem. Eles, no entanto, não poderiam ser suficientes, se a nossa preocupação é formar uma pessoa íntegra, que saiba viver e sentir os problemas do mundo real que a cerca, compreender as suas expressões culturais, atuais e passadas, e ter noção da própria vida que desenrola-se ao seu lado, com a sua intensidade e com seus valores.

O movimento não poderá deixar de fornecer aos seus chanichim aquilo que as suas inquietudes naturais e espontâneas exigem. Ao chanich assimilado no ambiente em que vive e afastado dos problemas aos quais queremos aproximá-lo, somente poderemos achegá-lo falando a sua própria linguagem e dentro dela demonstrando o errado e o falso que existe na sociedade que o cerca. Através dos problemas que mais intimamente o tocam, através das expressões culturais - seja artísticas, científicas ou outras - que ele conhece e que o interessam, através de fenômenos sociais familiares à sua vida é que poderemos mais facilmente despertar nele o senso de discordância e de revolta e a procura de caminhos mais verdadeiros.

Precisaremos, portanto, nos programas educativos que elaboramos, dedicar parte importante e séria a problemas e aspectos de cultura geral, a conhecimentos e a concepções mais amplas, estendendo os horizontes até onde isso nos for possível e dentro dos limites de importância que aqui procuramos estabelecer. Tudo isso não o faremos unicamente por ser este um método indispensável para a finalidade prática que almejamos alcançar, senão também porque cremos na necessidade de educar indivíduos cujos campos intelectuais e espirituais sejam o máximo possível amplos e profundos, possuindo um preparo interno mínimo para compreender as idéias que nos lhes apresentamos, sem transformá-las em dogmas fáceis e slogans sem sentido; queremos que tenham uma bagagem interna rica que lhes dará uma segurança mais duradoura, se bem que talvez mais difícil de ser alcançada.

O conteúdo do programa de tzofim enquadra-se, na medida do possível, dentro dos moldes acima estabelecidos.

Procuramos realçar ao máximo a parte dedicada ao judaísmo e pareceu-nos mais conveniente para esta idade dá-la através da história judaica principalmente, através de alguns dos seus períodos mais interessantes e coloridos, das lendas e contos a eles relacionados e por meio dos próprios fatos e personagens, que por si só podem constituir um material vivo e facilmente adaptável. (Sobre estes temas históricos o madrich encontrará introduções especiais e mais detalhadas no 1º e 3º ano do programa, nos quais eles são abordados.)

Deparamo-nos com um problema bastante sério no que se refere aos temas que deveriam ligar o chanich a Eretz Israel de hoje e ao kibutz. Acreditamos que as sichot de "Israelografia", nos moldes dos nossos programas provisórios, não poderiam, de maneira alguma, servir de solução e muito menos tratando-se desta sichvá. Em geral vimos que este assunto dificilmente poderia ser apresentado como um tema isolado para esta idade. Procuramos, porém, compensar a lacuna dando importância especial às festas e comemorações nacionais e às suas formas de comemoração em Eretz, sendo esta uma maneira mais simbólica e viva de trazer algo da cultura artzi-israeli para o chanich. Da mesma forma sugerimos que os programas das Machanot, pela facilidade que o ambiente nelas oferece, sejam baseados unicamente no tema kibutz, empregando para tanto a simbologia conveniente.

Ao mesmo tempo procuramos em todos os temas de cultura geral onde isso era possível estabelecer paralelos com os mesmos aspectos na cultura do povo judeu e na de Eretz Israel de hoje, particularmente.

No campo dos temas de caráter social desenvolvemos um número relativamente grande de sichot, se bem que também não diretamente ligadas ao assunto em si. Não devemos esquecer de que a idade de tzofim não é ainda a idade da revolta ou insatisfação (muito pelo contrário até) e de que não cabe a nos provocá-las antes do tempo e artificialmente. Devemos somente aproximar o chanich de alguns problemas que existem e que ele pode perceber, aproximá-lo da vida de crianças pobres, do operário das fábricas, do trabalhador que ele encontra na rua e cujo valor deve aprender a reconhecer.

Os temas de cultura geral escolhemos à base daquilo que conhecemos a curiosidade e interesse natural dos chanichim desta idade. Dedicamos o programa de quase um ano a assuntos próximos ao tzofé, com os quais ele se depara diariamente e que lhe despertam a atenção - como seja, as invenções e o mundo da técnica que o rodeia, as coisas com as quais ele depara na rua, na casa e na escola e para as quais exige explicação, mesmo que somente superficial e simples. Programas um mês em cada ano para sichot e atividades no campo artístico; incluímos sichot sobre a natureza em seus diferentes aspectos - dando importância aos temas ligados à agricultura e seu desenvolvimento; dedicamos uma parte à história de outros povos, a grandes figuras, heróis, etc. Incluímos e acentuamos a importância de contos de caráter geral, contos de aventura e de fantasia, alimento indispensável para o mundo de fantasia e imaginação no qual vive a mente do chanich nesta idade.

Finalmente, sugerimos ao madrich o máximo possível de contacto direto com o tema que estiver sendo apresentado. Visistas a lugares relacionados com o assunto, material ilustrativo sobre o mesmo e principalmente trabalhos práticos e manuais por parte dos chanichim relacionados aos temas dados. Estes trabalhos, sugeridos no programa no desenrolar das sichot, devem requerer por parte do madrich atenção especial. Dispensável dizer que agindo e participando diretamente o chanich assimilará e interessar-se-a mais do que sendo meramente um fator passivo que ouve e recebe o que lhe é dado. Ao mesmo tempo, trabalhos manuais possuem intrinsecamente fatores dos mais positivos, certamente indispensáveis no conteúdo do trabalho educativo na kvutzá.

O madrich deverá observar, no entanto, que não se trata aqui de métodos isolados, os quais é necessário escolher para esta ou aquela ocasião; eles entrelaçam-se no trabalho e complementam-se constantemente.

Ao lado desta metodologia, ligada mais diretamente ao conteúdo intelectual do programa, o madrich deverá preocupar-se em desenvolver ao máximo as atividades de tzoflut, os tiulim, e as atividades esportivas. Não se pode esquecer que a idade do tzofé determina muito mais uma vida externa do que interna, que os seus gostos estão dirigidos quase que integralmente para a atividade física e para o movimento constante. Sendo estes os característicos naturais no desenvolvimento do chanich é mister saber aproveitá-los e dar-lhes as satisfações necessárias.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

ESQUEMA GERAL DO PROGRAMA PARA TZOFIM

PRIMEIRO ANO

MARÇO

- 1 - Introdução do chanich ao movimento:
 - a) sichá sobre o movimento
 - b) contos relacionados aos valores do movimento
 - c) uma lenda sobre Trumpeldor
- 2 - Messibá de Purim (atividade geral da shichvá)

ABRIL - MAIO

- 1 - História Judaica (iniciando em Pessach; período histórico desde Moisés até os primeiros reis) - aproximadamente quatro sichot.
- 2 - Datas comemorativas:
 - a) Pessach
 - b) Primeiro de Maio
 - c) Iom Haatzmaut
- 3 - Tzoflut:
 - a) Tiul (meados de Abril), relacionado ao tema Pessach - atividade geral da shichvá.
 - b) Tiul (meados de Maio), à base de atividades esportivas - atividade geral da shichvá.

JUNHO

- 1 - Atividades artísticas (dois contos relacionados ao tema).
- 2 - Data: Shavuot e Chag Habikurim.

JULHO

- 1 - Machané de alguns dias.
- 2 - Atividades centrais no ken.
- 3 - Datas: aniversário de morte de Herzl e Bialik.

AGOSTO - SETEMBRO

- 1 - Tema de cultura geral: alguns grandes rios e suas histórias (a) o Nilo; b) o Ganges; c) o Amarelo; d) o Amazonas; e) o Mississipi).
- 2 - Datas:
 - a) Tisha be Av - conto
 - b) Rosh Hashaná e Iom Kipur - dois contos

OUTUBRO E NOVEMBRO (INÍCIOS)

- 1 - Tema de cultura geral: temas da Natureza
 - a) a vida das flores - crescimento, reprodução, etc.
 - b) lendas sobre flores
 - c) a vida dos pássaros (lendas)
- 2 - Data: Sucot e Simchat Torá
- 3 - Atividades gerais da shichvá:
 - a) haflagá de dois dias, incluindo a Macabíada de Tzofim
 - b) Messibá grande para os pais, incluindo exposição de todos os trabalhos feitos durante o ano.

SEGUNDO ANO

Tema central para o ano todo: o mundo das cousas que nos rodeia.

MARÇO

- 1 - Conto e sichá relacionados ao tema.
 - 2 - A casa - história das habitações.
 - 3 - A rua - história dos transportes.
- Messibá de Purim (atividade geral da shichvá).

ABRIL

- 1 - Nossa comida:
 - a) o pão e sua história - lenda e sichá
 - b) os alimentos que nos veem da terra (sichá preparada pelos chanichim)
- 2 - Datas:
 - a) Pessach - um conto de Peretz; uma carta de Eretz sobre o Chag Haomer no kibutz.
 - b) O levante do gueto - conto e sichá.

MAIO

- 1 - A fábrica - uma visita acompanhada de sichá.
- 2 - A luz - história da iluminação.
- 3 - Datas:
 - a) Primeiro de Maio - conto
 - b) Iom Haatzmaut

JUNHO

- Atividades artísticas e temas relacionados a elas.
- 1 - O museu - visita acompanhada de uma curta sichá.
 - 2 - Os instrumentos de música e sua história.
 - 3 - O cinema.

AGOSTO

- 1 - O livro e o jornal - história da imprensa.
- 2 - O correio - história da linguagem e comunicação.
- 3 - Um tema à parte: a história de uma cidade de Eretz Israel - Ierushalaim (lenda e sichá).
- 4 - Data: Tisha be Av - conto.

SETEMBRO

- 1 - O hospital - conto ("O enfermeiro de papai" de Edmundo de Amicis) e sichá.
- 2 - O orfanato - conto à base do "Oliver Twist" de Dickens e sichá.
- 3 - Datas: Rosh Hashaná e Iom Kipur - dois contos (de Shalom Asch e de Peretz).

OUTUBRO

- 1 - O porto - história dos navios (incluindo uma lenda da mitologia grega).
- 2 - O aeroporto - história dos aviões (incluindo uma lenda da mitologia grega).
- 3 - O porto de Eretz Israel - Haifa.
- 4 - Data: Sucot.

Atividades gerais da shichvá - Macabíada e messibá para os pais.

TERCEIRO ANO

MARÇO

Contos relacionados aos valores do movimento:

- 1 - O pequeno vigia lombardo - Amicis.
- 2 - O príncipe feliz - Oscar Wilde.
- 3 - Tithadeish - Frishman.

ABRIL

- 1 - Pessach:
 - a) sichá sobre o tema
 - b) conto de David Cohen
- 2 - Levante do gueto - sichá e o conto "As três prendas" de Peretz.
- 3 - Tzofnut: atividade geral das kvutzot - haflagá de dois dias.

MAIO

Tema central para o mês - O trabalho.

- 1 - Conto relacionado ao tema Primeiro de Maio - sichá.
- 2 - Trabalho na natureza (sichá preparada pelos chantichim).
- 3 - Trabalho de crianças - conto.
- 4 - Data: Iom Haatzmaut.

JUNHO

Atividades artísticas e sichot ligadas ao tema.

- 1 - História do Teatro:
 - a) Teatro entre os povos primitivos
 - b) Teatro grego
- 2 - Dramatizações na kvutzá.

AGOSTO

Tema central até o fim do ano: História Judaica.

- 1 - Salomão e a construção do Templo (incluindo uma lenda de David Cohen).
- 2 - Destruição do templo - a figura de Jeremias (relacionado com a data de Tisha be Av).
- 3 - O exílio na Babilônia - o que foi o império babilônico e o seu fim.
- 4 - Grécia e o início do Império helenista.

SETEMBRO

- 1 - Luta dos Macabeus
- 2 - O domínio romano no país e a guerra contra Roma (duas sichot e lenda de David Cohen).

OUTUBRO

- 1 - Judeus no exílio: a) Judeus na Espanha (incluindo lendas); b) Judeus na Rússia e Polónia - história de Shalom Aleichem e um conto chassídico? c) Judeus no Oriente.
- 2 - Data: Sucot - festa da água em Eretz Israel.

PRIMEIRO ANO

M A R C O

Sichot: 1- Sichá sobre o movimento e a kvutzá.

2- Conto: O bom amigo, de Oscar Wilde.

3- O leão de pedra

Trabalhos manuais: Preparação para a messibá de Purim (ver o prog. para a messibá, p.)

Jogos: de caráter geral.

Atividade geral da shichvá: Messibat Purim.

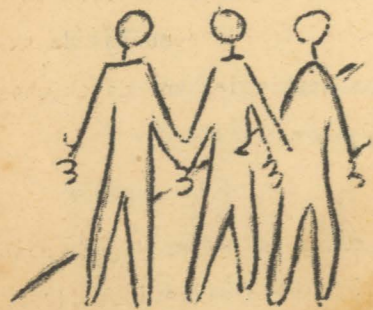
Primeira sichá - Esta conversa deverá ser dada tanto numa kvutzá que era de pré-tzofim e inicia o seu primeiro ano na schichvá de tzofim, como numa kvutzá nova que se forma nesta shichvá, independente da sua idade. Queremos contar ao chanich o que é o movimento, principalmente no seu aspecto externo, o qual o tzofé mais facilmente pode perceber. Também iniciar a apresentação de alguns dos seus valores intrínsecos, que tanto nesta sichá como nas seguintes serão levados aos chanichim por meio de contos.

Os pontos a serem levantados são: as shichvot do movimento, e o que significa cada um dos seus nomes em ivrit; o que faz a shichvá mais velha e o que é a hachshará; o uniforme, igual para todas as shichvot, sem distinções que diferenciem uma da outra; a bandeira, o que significa o símbolo nela desenhado; a schichvá de tzofim- quantas kvutzot há nela, seus nomes e tradução dos mesmos.

A kvutzá - um grupo de amigos. Valor da amizade e de ajuda mútua. Responsabilidade de cada um e cooperação no trabalho e nas atividades da kvutzá; possibilidades para que cada um mostre o que sabe e o que pode fazer. Contar um conto ou uma fábula, relacionados com o tema de ajuda mútua, trabalho coletivo, etc.. Sugerimos um exemplo, que se adapta porem só ao primeiro ano da shichvá.

Conto - "A união faz a força".

Um homem, andando pelo caminho que levava a uma cidade próxima, chegou de repente a um trecho para além do qual não podia continuar. De um lado levantava-se uma altíssima montanha e do outro desabava um precipício perigoso. E no próprio caminho achava-se uma enorme pedra que tinha provavelmente rola-



do da montanha. Tentou o homem com todas as suas forças empurrar a pedra afim de libertar a passagem e continuar sua trajetória, mas a pedra não saía do lugar. Infeliz e desanimado, sentou-se o homem ao pé da montanha.

Passado algum tempo, veio pelo mesmo caminho um outro viajante e defrontou-se com o mesmo impecilho. Também ele tentou, empurrou a pedra com as mãos, com os pés, e ela não se movia do lugar.

Sendo esta uma passagem bastante usada pelos homens da região, vieram mais viajantes, cada um passando pela mesma experiência; nada conseguindo, sentavam-se em profundo silêncio. Até que finalmente chegou um homem, baixo de estatura e franzino, o qual, vendo aquela cena na sua frente riu muito e gritou para os homens sentados: -Oh! como sois tolos! Cada um de vós tentou derrubar a pedra sozinho e fracassou. Porque não tentarmos juntos, num único esforço, deslizá-la para o precipício? Os homens envergonharam-se de que um pensamento tão simples não lhes tivesse passado pela cabeça, de tão preocupados que estavam pensando em si mesmos e nas suas próprias viagens. Levantaram-se e todos juntos empurraram a pedra; esta recuou sob o impulso, balançou-se e rolou abaixo.

Observação - relacionar este pequeno conto com o princípio que se quer introduzir na kvutzá, de ajuda mútua e trabalho coletivo, o princípio sobre o qual se baseia o kibutz. O madrich deverá sugerir aos chanichim que procurem e contem na próxima reunião contos ou fábulas sobre esse mesmo tema.

Trabalhos manuais - Iniciar os trabalhos para a messibá de Purim (ver p.).

Jogos - de caráter geral,

Segunda sichá - Conto: O bom amigo, de Oscar Wilde (livro "Contos" de Oscar Wilde). O madrich deverá contar o conto, e não lê-lo, visto que a sua linguagem é difícil para esta idade. Não perder, porem, no contar, o valor literário e poético da história, as descrições sobre a natureza, etc.. Ao conto deverá seguir uma curta conversa sobre o seu conteúdo, a diferença entre os dois amigos, a dedicação de um e a ingratidão do outro.

Trabalhos manuais - continuação dos trabalhos para a messibá.

Jogos - de caráter geral,

Observação - Nesta segunda reunião pode já conversar-se sobre o que deverá ser o vaad da kvutzá, quais são as diferentes tafkidim nele representados e como funcionará. Se for uma kvutzá nova convem sugerir que se eleja somente daqui a algumas reuniões, quando os chaverim se conhecerem melhor. É conveniente que esse vaad seja o mais amplo possível, dando possibilidade para cada um ser responsável por algo na kvutzá. Pode também não haver eleições de vaad e simplesmente nomeação de cada um da kvutzá para um trabalho definido; isto é mais recomendável para o primeiro ano da shichvá.

Terceira sichá - O leão de pedra (uma lenda):

Há muitos anos, vivia em Eretz Israel um grande leão de juba revolta e olhos ardentes. Vagava pelos montes e vales, pelos campos e bosques, e à noite, quando tudo estava envolto em silêncio soltava um potente rugido como o fragor de um trovão. Então todos os homens acordavam do sono e as crianças pequenas choravam de medo. Quem era esse leão? Porque rugia? E porque andava por toda parte como que procurando alguma coisa?



Todos sabem quem era aquele leão: era o leão sobre o qual cavalgou o herói Bar-Cochba, combatendo os romanos. Quando a alma de Bar-Cochba foi para o céu, o leão ficou só e começou a rugir: "Quem será o herói que montará sobre mim para combater os romanos? Encontrarei um outro herói semelhante?" E então começou a percorrer os montes à procura do herói. Caminhou por toda a terra até que chegou às montanhas da Galileia, e lá rugiu; aquele foi o seu último rugido, pois resolveu ficar calado: "Não mais abrirei a boca e não rugirei até

que em Israel apareça um herói!"

Dizendo isso, o leão se acorou por terra e não se levantou mais. Em torno dele havia montanhas, montanhas e mais montanhas... O leão acorou olhou em volta com tristeza até que seus olhos se fecharam, adormeceu e se transformou em pedra. Mas seu coração continuou a viver.

Passaram-se muitos anos. As folhas caíram sobre o leão, o vento cobriu-o de areia e pó até torná-lo irreconhecível. Um dia, seu coração começou a bater; ele sentiu a terra tremer. "Terra, minha terra! - disse-lhe o leão - Que há contigo? Porque tremes?" E a terra respondeu: "Prego de alegria: rapazes e moças, filhos de Israel, saíram do exílio e vieram a mim". - "E o que fazem?" - "Cantam", replicou a terra. "Cantam?" - "Cantam e aram, cantam e semeiam, cantam e constroem". - "Mas que tem isso a ver com um herói?", perguntou o leão. "São todos heróis, mas o maior herói é José o Galileu, José Trumpeldor".

Ao ouvir isso, o leão gritou de alegria: "Apareceu o herói! Ele surgiu!" As andorinhas voavam baixo, ali perto, cantando e chilreando. "Belas andorinhas, queridas andorinhas, o que cantais?" Responderam as andorinhas: "Chip, chip, chip! Surgiu um herói na Galileia, José o Galileu! Chip, chip, chip! Ele é incansável! De dia trabalha, ara e semeia, de noite faz guarda, faz guarda na Galileia - chip, chip, chip!" O coração do leão bateu com mais força: "Apareceu o herói! Ele surgiu!" O leão se acorou e esperou que o herói viesse a ele. Era noite. O vento soprava, uivando. "Que acontece, ó vento?" - perguntou o leão - "Sopra e conta!" O vento falou a respeito do grupo de bandidos que haviam assaltado a colônia para destruí-la e assassinar os habitantes. Mas os heróis, rapazes e moças, corajosos, tinham combatido os bandidos sem permitir que se aproximassem. "E o herói?" - perguntou o leão - "Onde está José, o herói?" - "O herói lutou! Todos os seus companheiros foram feridos e só ficou ele, um contra tantos bandidos, com uma só mão contra muitas, muitas mãos. Ele combateu, e venceu! Mas no momento da vitória, foi ferido e caiu";... O vento continuou o seu caminho, uivando. "Caiu", suspirou o leão.

Ficou ainda algum tempo acorado, pensativo e absorto até que o seu coração começou a bater forte e mais forte. Para se acalmar, levantou a pata e sacudiu a juba com toda a força, tirando o pó e areia que se acumularam durante tantos anos - e foi novamente um leão vivo, forte e poderoso,

Pôs-se a caminhar em silêncio e triste para o lugar onde tombara José, o herói; e lá parou. Levantou a cabeça e soltou um tremendo rugido que ecoou como um trovão por todas as montanhas. Depois acorou-se, fechou os olhos e se transformou novamente em pedra. Todos os homens da Galileia ouviram o rugido do leão. No dia seguinte, saíram e encontraram o leão de pedra guardando o túmulo de José, o herói. Até hoje ele lá está, acorado.

Observação - Após o conto falar aos chanichim sobre a vida de Trumpeldor, sua coragem já demonstrada na Golá, sua participação no exército russo e sua atuação depois no país até o episódio de Tel Chai. Levantar o tema geral - a coragem. Chamar a atenção dos chanichim à falta de coragem comum entre os meninos judeus da Golá, e o porque disso. Quando uma criança judia procura esconder que é judia ou quando não reage se é chamada de "judeu" no sentido negativo, não é isto sinal de covardia? Este assunto pode despertar interesse por parte dos chanichim, à base de exemplos pessoais que eles conhecem, e pelo fato de na maior parte das vezes ser este um problema sabido por ele.

Sichá suplementar - trecho do livro "O menino cego", de Korolenko. Vaidade.

Ontem fui dar um passeio pela avenida de Rivoli, com Votini e seu pai. Passando pela rua Rosa Grossa, vimos Spardi, aquele que responde com pontapés aos importunos, estava teso e direito diante de um mostrador de livreiro, com os olhos fixos numa carta geográfica; e quem sabe lá quanto tempo ali estava, porque vai sempre estudando pela rua.

Votini ia bem vestido, e até demais, e pavoneava-se todo. Depois de termos percorrido um grande trecho pela alameda, seu pai ficou muito atrás porque andava devagar, e nós paramos junto de um banco de pedra, ao lado de um rapaz pobremente vestido, que parecia fatigado e pensava com a cabeça baixa. Um homem que parecia ser o pai do rapaz, ia e vinha à sombra das árvores, lendo um jornal.

Sentamo-nos. Votini ficou entre mim e o rapaz. De repente, lembrou-se de que estava muito eleg e quis fazer-se admirar e invejar pelo vizinho. Levantou um pé e disse-me: "Já viste as minhas botas de oficial?" Disse isso para chamar a atenção do outro, mas este nem se abalou. Abaixou então o pé e mostrou as borlas de seda, e olhando de soslaio para o menino, disse-me que as borlas não lhe agradavam muito e que ia mandar trocar por botões de prata. E o rapaz nem sequer olhou as borlas. Então Votini pôs-se a fazer girar sobre a ponta do dedo o seu belo chapéu. E o rapaz nada.

Votini, já nervoso, puxou o relógio. "É de prata dourada?" perguntei. - "Não, respondey, é de ouro". E para obrigar o rapaz a olhar, pôs-lhe o relógio defronte dos olhos e disse: "Vê, não é verdade que é todo de ouro?" O rapaz respondeu: "Não sei!" - "Oh! respondeu Votini cheio de cólera que orgulho!" Enquanto dizia isto, o pai do rapaz aproximou-se e disse asperamente ao filho: "Calatê!" E inclinando-se para Votini, disse-lhe: "É cego." Votini ergueu-se e fitou o rapaz de frente; este tinha as pupilas vidradas, sem expressão, sem olhar. Votini ficou humilhado e silencioso, e finalmente disse ao rapaz: "Desculpe-me, eu não sabia." Mas o ceguinho que compreendia tudo murmurou: "Oh! não faz mal." Votini em todo o passeio não tornou a rir mais.

Observação - Conversar após a leitura deste episódio ao redor de assuntos ligados a ele: simplicidade no vestir-se (um dos motivos de uniforme no movimento); respeito e não arrogancia frente a cegos.

MESSIBA DE PURIM

(1ª atividade geral da shichvá)

1 - Preparação anterior

A Messibá de Purim é a primeira atividade conjunta da shichvá. Ela deverá ser preparada com cuidado e com muito tempo de antecedência. O trabalho de preparação é dividido no início da atividade das kvtzot no mês de Março, e pode ser dividido entre os tres anos da shichvá, da seguinte forma:

1º ano - Prepara os enfeites para o snif, difornetes correntes de papéis coloridos, desenhos em cartolina, sobre a historia de Purim (especie de Megilla) caretas de Hanan, Achshversh, Vashti, etc... frases humorísticas sobre o tema. Também a preparação dos jogos nº 2 e nº 3, abaixo apresentados.

2º ano - Prepara os chapéus, coroas, mascaras e diferentes especies de reco-recos (deverá haver o numero suficiente para todos os tzofim presentes a messibá.) Convites humorísticos para todas as kvtzot, convidadas para a Messibá, deverão ser prontos com uma semana de antecedência, e distribuídos no chug hamadrichim.

3º ano - Faz um pequeno teatro de bonecos. Transcrevemos para tanto as devidas indicações. O teatro de bonecos aplica-se muito bem para a representação da megilat Ester e poderá ser feito de uma forma humorística e agradável.

2 - Jogos para a Messibá

a) Acrescentar o rabo no cavalo de Mordechai

Empregar para este jogo uma grande louza de escrever e giz de cores. Desenha-se na louza o cavalo com Mordechai sentado em cima, faltando ao cavalo, o rabo. Os tzofim, de olhos vendados, devem acertar, desenhando o rabo no seu devido lugar.

Observação: Sugerimos que, havendo muitas kvtzot, participando na messibá, estes jogos de carter mais individual, nos quais uma pessoa sai ganhando, sejam feitos por meio de representantes das kvtzot: para cada um destes jogos a kvtza escolhe um representante diferente, permitindo a participação de todos e também um maior interesse, pois os pontos vencidos vem para a contagem da kvtza.

Convem também, armar no snif, um pequeno palco ou elevação e ali realizar os jogos para que os chaverim que não participem possam observar e ver melhor o jogo.

b) Tirar aneis

Numa cartolina bem grande, desenhar as letras e debaixo de cada letra um equivalente numerico. Introduzir um gancho entre a letra e o numero. Atira-se rodas, em forma de aneis, em cima dos ganchos, a uma determinada distancia. Não devem participar mais de cinco ou seis chaverim, cada um, tendo o direito de atirar tres vezes. Ganhará, naturalmente o que tiver obtido o maior resultado, das tres vezes juntas que atirou.

c) Jogar comida na boca do Rei

Desenha-se numa cartolina grossa, a cabeça do rei e recort-se a parte da boca, ficando um buraco no seu lugar. Suspende-se a cartolina, por um cordão, de um lugar alto. Os tzofim em fila, tentam cada um atirar pequenas bolinhas na boca do rei, oq seja alimenta-la.

d) O correio de Purim

Os jogadores sentam-se num circulo, com uma pessoa parada no meio, sem lugar. Cada um recebe o nome de um dos personagens de Purim. O madrich chama dois nomes, dentre estes personagens, e diz que há uma carta, um pacote, ou um telegrama, para eles. Os dois jogadores devem trocar de lugares, e o parado no meio, procurará pegar o lugar de um dos dois. Se for dito carta, os jogadores andam; pacote, andam de cocoras; e se for um telegrama, devem sair correndo.

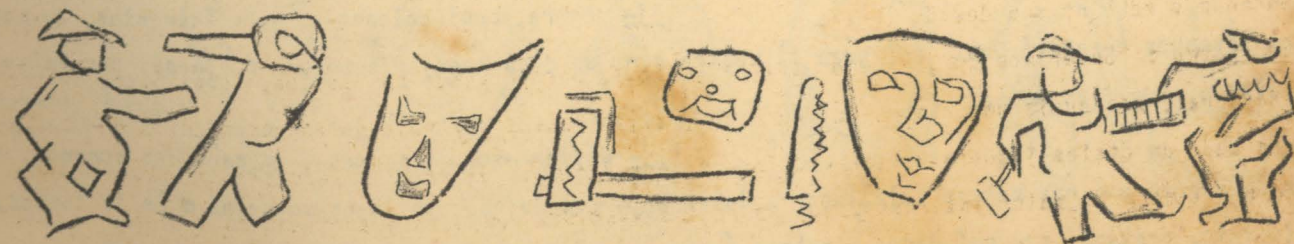
e) Coroar o rei ou a rainha

Uma variação do jogo cabra-cega. Um tzofé, de olhos vendados, e segurando uma coroa nas mãos, tenta pegar um dos companheiros, que dele escapam. Ao pegar um, deve distinguir quem é e coroa-lo com a coroa.

f) Competições de desenhos humorísticos na buza.

Representantes das kvtzot recebem um prazo minimo para desenhar na louza a careta mais engraçada, seja de Haman, do rei, de Vashti, etc...

Pode-se dizer também que desenhem cenas inteiras- o rei não podendo dormir e chamando Haman, Haman em casa com seus filhos, etc...



De todas as representações da história de Purim, a mais divertida é a apresentação feita pelo teatro de bonecos. Conseguindo fazer um bonito teatrinho, com bonecas bem caracterizadas. Nos personagens de Meguilat Ester, obtém-se com facilidade o ridô e o bom humor na messibá desta festa.

1) Preparação dos bonecos:

Material necessário: a- para feitiço da cabeça: jornal e cola. A cola é feita da seguinte forma: uma colher não muito cheia de farinha, a qual mistura-se um pouquinho de água fria; entorna-se sobre isto um copo de água fervente ou a quantidade necessária para formar uma massa compacta, e mistura-se de maneira a não ficarem pedaços. Antes de utilizar-se a cola, deixa-se esfriar. Além de que são necessários, um pedaço de cartolina, tintas misturadas com água, e gomarabica.

b- para a vestimenta: pedaços de fazenda lustroza, de preferência apresentando cores vivas; lã, algodão e pequenos enfeites para as bonecas.

Feitiço do boneco a- Corte um pedaço de cartolina de 6 por 6 centímetros.
b- Enrole este pedaço de cartolina, em volta do dedo indicado.

c- Cubra com um pedaço de jornal, a metade de cima do cilindro, que envolve o seu dedo. Passe a cola por toda a superfície coberta. Continue a operação, cobrindo sempre com pedaços de jornal cheios de cola, até que se comece a formar uma pequena bola. Segure sempre com o mesmo dedo o cilindro de cartolina.

d- Acrescente á bola de jornal as saliências do rosto; orelhas, nariz, quixo, olhos, lábios e faces.

e- Feito o formato do rosto, cobrindo todo, com pedaços de papel branco, bem encostados um no outro.

f- Quando a cabeça estiver completamente seca, pinte-a com tinta cor de pele. Espere novamente secar e pinte depois as feições do boneco, com um pincel.

g- Cole na cabeça, cabelos, cavanhaque, peiot, feitas de lã ou de algodão, com cola de carpinteiro ou com gomarabica.

h- As mãos são feitas de cartolina dobrada, conforme indica a figura. Pinte-as com a mesma cor que o rosto e costure em volta com linha simples.

i- Agora, confeccionam-se as vestimentas, de acordo com os desenhos apresentados. A figura 11 mostra como se deve manejar e segurar o boneco, por baixo de seu vestido, com tres dedos.

j- Costura-se ás mangas, as mãos dos bonecos. Prestar atenção para que nas mangas haja lugar a introdução dos dedos, que locomoverão as mãos do boneco. Feito isto, costure, com cuidado, a cabeça á abertura do pescoço no vestido. O boneco está pronto? enfeite-o com toda especie de adornos: colares, restos de fazenda, acrescentados aqui e acolá, etc...

2) Construção do Teatro e metodos de preparação.

Há duas possibilidades de fazer a apresentação. A primeira, indicada na fig 14, consiste em fazer a peça atrás de uma ~~curtina~~ cortina, feita de cobertores, sustentando os bonecos acima da cortina. O importante é que não sejam vistos vossos corpos e vossas cabeças por trás da cortina.

A segunda, é através da construção de um pequeno palco especial que poderá ser utilizado para representações constantes.

Para fazer o palco construa um a armação de madeira, nas seguintes medidas: AB-100 cm. ; BC 70 cm. CD- 100 cm. a 120 cm, sendo a largura de 100 cm. Acrescente cortinas em cima e se for necessário, também dos lados.

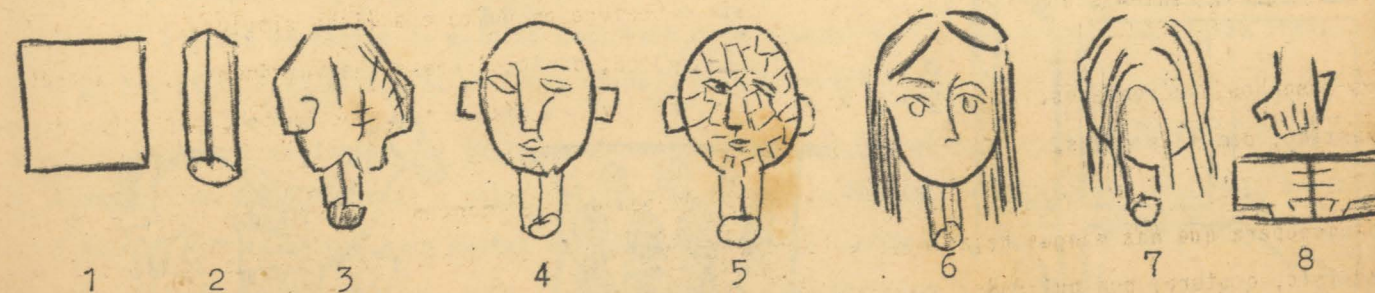
O cenário é feito de acordo com a indicação dada; é pendurado na parte de cima da armação. É possível dar a impressão de profundidade, por meio da fixação de ripas no meio (fig.15) veja palco com dois cenários. Complementação do cenário pode ser feita por baixo, como no caso do cavalo (veja figura

3) Indicações gerais: a- o teatro de bonecos deve basear-se em gestos e não em dialogos e palavras evitem o máximo possível dialogos e conversas entre os personagens, no meio da representação. Os movimentos característicos dos bonecos são dansas e bater palmas.

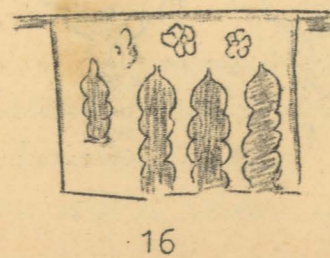
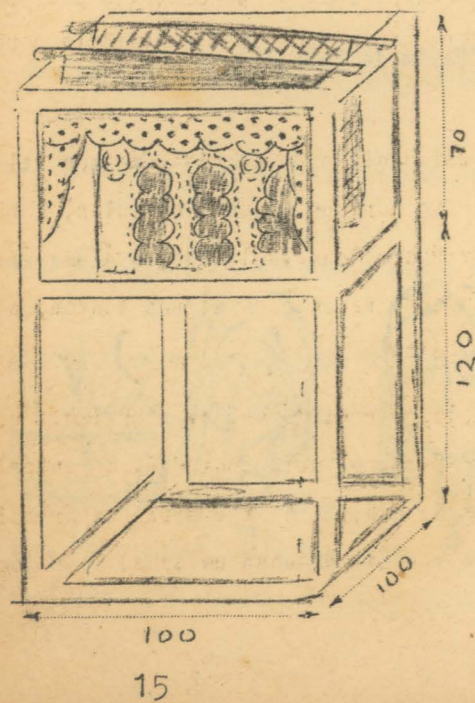
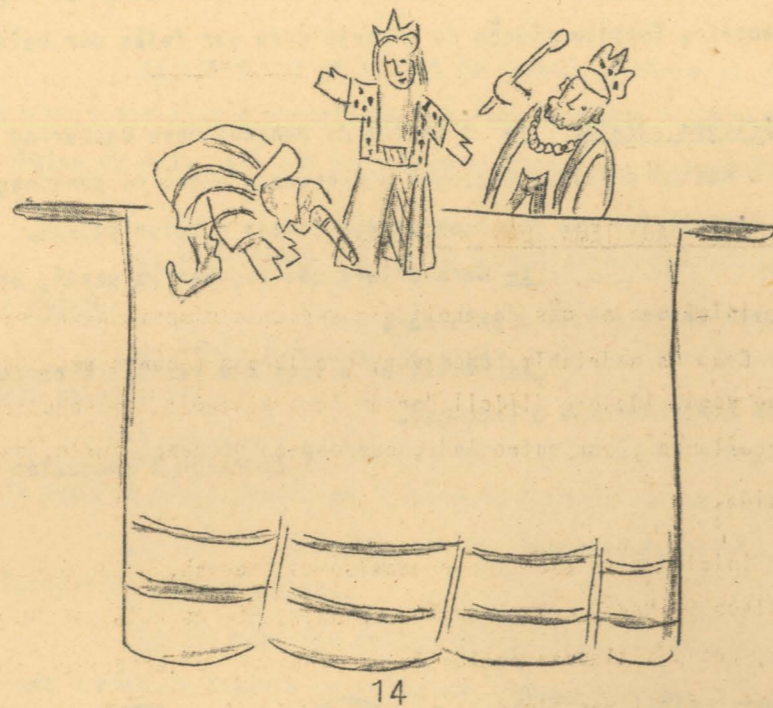
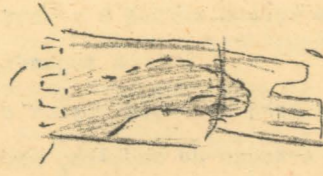
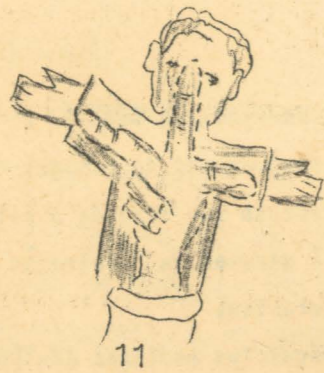
b- Cada criança que receber um papel, deverá conhecê-lo de cor e treinar bem e coadunar entre gestos e palavras.

c- Embelezar a peça com musicas e canções. O principal é manter a simplicidade e bom humor durante a execução.

(Extraído e traduzido de Dapim le Madrich)



DECENHOS DO TEATRO DE BONECAS



ABRIL E MAIO

Sichot: Historia Judaica (Moises e a saída do Egito; Iehochua e as lutas pela conquista do país; Juises até Samuel.

Datas: Pessach; 1º de Maio; 6 de Maio; Movimento Brasileiro- Iom Bror Call); 14 de maio Chag Haatzmaut.

Atividades gerais da shichvá: tiul (meados de abril) relacionado ao tema das sichot: peregrinação no deserto.

tiul haflagá (meados de Maio) - atividades esportivas gerais.

Trabalhos praticos - 1- Acompanhando as sichot

2- Presentes para a Hachshará

3- Relacionados as datas

4- Trabalhos manuais para os dois meses, dados globalmente no fim

Jogos: Relacionados com as sichot, incluídos após cada uma.

xxx

INTRODUÇÃO AO TEMA DAS PROXIMAS SICHOT

Iniciamos no mês de abril uma serie de sichot, baseadas na historia Judaica Antiga.

Como os madrichim podem ver, escolhemos somente uma determinada época; isto porque acreditamos de que nesta idade é difficil dar um tema historico em sequencia, num periodo de tempo muito prolongado. Não queremos, por outro lado, num espaço de tempo curto, dar por demais rapidamente historia geral resumida.

Iniciamos as sichot por occasião de Pessach, e escolhemos justamente a época historica que vai de Moises, Josué, e a conquista do país, até os reis, sendo êste um periodo intenso em lutas, heroismos, grandes figuras nacionais - temas que apelam aos chanichim desta idade. Além do que é uma época na qual é facil ressaltar os valores nacionais para o chanich, fazendo relação em alguns pontos, com a guerra atual, que se travou em Eretz Israel, pela conquista do país.

O periodo historico que antecede ao aqui apresentado, ou seja, o contido no livro Breishit do Tanach, é em geral, conhecido pelas crianças em forma das lendas, frequentemente contadas. No entanto o madrich que trabalhar numa kvtza de chnichim que nada conhecem da Biblia, e tão pouco as primeiras historias nela contidas, pode dar um pequeno resumo para que o chanich tenha um senso da relação entre os acontecimentos.

Não daremos muitas indicações ao madrich, no referente a estas sichot. Ele deverá indispensavelmente, recorrer a fonte original da Bíblia, e extrair dela as próprias contas.

Não se deve de maneira alguma, lê-los na kuvtza, pois a linguagem bíblica, para a criança, não familiarizada com a Bíblia, é difícil de ser compreendida.

O madrich deverá, no máximo possível, tornar os contos vivos e atuais ao chanich, evitando o caráter pesado de história, costumeira nas escolas.

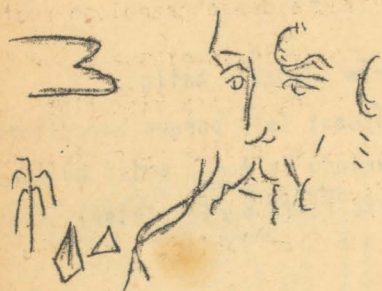
Não dividimos os temas em sichot, deixando isto ao critério do madrich, e ao desenvolvimento natural que der ao tema, pois ele é seguido e o madrich podera delongar-se num ponto mais e noutro menos.

-x-

SICHOT

Começa-se a serie das sichot por ocasiões de Pessach, e o madrich deverá relacionar o tema a esta data. Contar a história de Pessach, como os judeus chegaram ao Egito, e o que lá faziam (de acordo com a Torá, a história de José e seus irmãos) quem eram os faraós- História de Moises e a sua ação no povo.

CONTO : O RETRATO DE MOISÉS



Quando os judeus os judeus saíram do Egito, a fim de conquistar o seu país, a Terra de Canaan, todos os outros povos ficaram admirados de tal façanha. E começou a crescer então a fama de Moises, o pastor e guia do povo judeu, que conseguiu fazer milagres e tirar o seu povo da escravidão para a liberdade.

As histórias e lendas que se criou sobre Moises, chegaram também aos ouvidos de um velho e sábio rei arabe. Este rei admirava e respeitava muito todos os grandes homens, dos quais tinha conhecimento, e as paredes do seu palacio estavam repletas de quadros das grandes figuras de todos os países, feitos pelos maiores artistas do seu reinado.

Chamou, pois, este rei ao melhor de seus pintores e disse-lhe:

- Pegue as tuas tintas e pinceis e vá até o deserto, até as tendas de Israel, o povo que o grande Moshé conseguiu tirar da escravidão para a liberdade. Lá, pinte-me com fidelidade um retrato deste famoso homem e traga-me o teu trabalho para adornar os taloões de meu palacio. Pelo que fizeres receberás uma recompensa real.

Após alguns meses voltou o pintor, trazendo debaixo do braço, o retrato de Moshe.

O rei ficou muito contente com o novo quadro, chamou todos os sabios que sabiam decifrar os segredos do rosto, e colocando-os na frente do retrato, ordenou que lhe desvendassem o que aquele semblante encerrava, quais eram as qualidades da alma, dos eu dono e no que residia seu milagroso poder.

Os sabios aprofundaram-se no estudo do quadro, decifrando nos traços do rosto aquilo que ele lhes contava. Por fim, responderam, com opinião unica:

- Vemos e reconhecemos pelo retrato que este homem Moshé, é uma pessoa de más qualidades: dono de mal coração, é ele e cruel de natureza; corre atrás de honrarias e sabe mentir e enganar os seus próximos. É ambicioso e violento.

Continuaram os sabios citando as desvirtudes de Moshé, que pareciam sem limites.

Quando o rei ouviu estas palavras zangou-se muito, e toda a sua raiva voltou-se para o pintor que com certeza fizera um trabalho falso. Será que é este o retrato do homem tão famoso cujo nome corre de um canto do mundo ao outro? Com certeza trouxe ele o retrato de alguém outro; e como castigo por tentar enganar ao rei receberá a pena de morte.

Porem, o pintor jurou por todas as santidades que retratou o proprio Moshe e a ninguem outro; que o quadro era fiel e que não faria nele nenhuma modificação, seja para o bem ou seja para o mal.

O que fez então o rei? Antes de mais nada, mandou que prendessem o pintor e folto isto, ele proprio, desrespeitando sua idade e condição, saiu para o deserto, ás cabanas dos judeus, a fim de constatar quem tinha razão sobre este homem que já se tornara uma lenda.

Chegou o rei ao acampamento dos judeus e entrou na tenda de Moshe; qual não foi, porem, sua surpresa ao ver de que o pintor não tinha mentido no seu trabalho- o rosto fora fielmente reproduzido, e estava Moshé em carne e osso, tal e qual ele o tinha visto no retrato do seu palacio. Voltou-se a ira do rei contra os sabios da corte, que certamente errarem na sua interpretação, e resolveu que na volta mandaria enforcar a todos, pela sua audacia de engana-los assim na decifração deste grandioso rosto.

Percebeu Moshe de que algo passava-se pela mente do rei, e pediu que este lhe contasse o que tinha se sucedido. O rei receou, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ porem, contou pouco a pouco toda a historia; de como no começo tinha acusado o pintor, mas de como via agora caber a culpa aos sabios da corte, que atreveram-se a fazer decifrações falsas, e receberiam portanto o seu devido castigo.

Moshe ouviu o que lhe contava o rei e um pequeno sorriso apareceu nos seus labios. Respondeu então ao monarca-

- Não volte a tua ira contra os grandes sabios de teu palacio, pois é profundo e exato o seu conhecimento dos rostos humanos; o que te falaram acerca da minha natureza e minhas qualidades não lhes veio da imaginação, porem, reconheceram eles a verdade no meu rosto.

O rei elhava para Moshe surpreso e não compreendia suas palavras.

- Não se surprenda, acrescentou Moshe. Assim é a verdade. Todos os defeitos que leram no meu rosto eu os possua e muitos ainda os possuo. Não sabes, pois, que fui educado no palacio do faraó e mimado e estragado pela sua filha, no meio de tal riqueza e luxo, que fazem mal a alma? Porem, quando cresci e aprendi a me conhecer, procurei com todos os meus esforços mudar o que de mal havia em mim, pois sabia que devia ser o guia de meu povo, e servir de exemplo para ele. E assim durante muitos anos, e agora ainda, tambem, eu luto dentro de mim contra todas as não boas qualidades que possuo e as venço uma por uma pela vontade que tenho de conduzir o meu povo para a liberdade e de ensina-lo tam-

bem a ser melhor do que é, pois também eles cresceram e viveram num país estranho as nossas leis, e em cada um há qualidades más que ali foram adquiridas. Por isso, terminou Moshe, eu e o meu povo, erraremos pelo deserto durante dezenas de anos, até que o povo seja educado, até que nasçam filhos que já serão melhores, e somente eles conquistarão o país.

O velho rei arabe escutou com admiração as palavras de Moshe. E compreendeu como era heroico e forte este homem que assim venceu as suas próprias más qualidades, tornando-se melhor afim de guiar o seu povo.

E como devia ser feliz o povo de Israel, por possuir um guia assim.

-x-

Jogo - Judeus no Deserto

A kvutza se divide em dois grupos. Um grupo sai e prepara entre si uma serie de movimentos sobre atividades dos judeus no deserto, como seja: armando tendas, preparando a "mannah", dançando ao redor do bezerro de ouro, ouvindo as tabuas da lei, lutando contra os inimigos, guiando-se pelas estrelas a noite, etc. Voltam e representam para o outro grupo, que deverá adivinhar quais atividades que estão sendo representadas.

A FESTA DE PESSAH

PESSAH é a primeira das tres festas de peregrinação do ano judaico. A Torá o denomina "Chag Hamatsot", a Festa dos Pães sem fermento, mas na literatura tradicional e na linguagem corrente, a festa é conhecida como Pesah, pelo nome do cordeiro da Pascoa que se come na refeição da primeira noite. Mas essa palavra também significa "passagem" pois na noite em que os judeus deixaram o Egito, o anjo exterminador matou todos os varões primogenitos dos egipcios mas poupou, isto é "passou" as casas dos judeus marcadas com sangue de cordeiro.

Na recordação do povo, Pessah é em primeiro lugar, a festa de libertação do jugo egipcio, da saída dos judeus do cativeiro para a liberdade, da servidão para a independencia. O "seder" é feito para perpetuar o grande acontecimento, de geração a geração.

CONTO : A TAÇA DO PROFETA



Há muitos anos morava na cidade de Malença um rico mercador judeu que se chamava Klonimus. No seu serviço de Pascoa havia uma taça para o profeta Eli e era considerada o objeto mais precioso da familia.

A taça era sempre cuidadosamente guardada no armario fechado a chave tirada apenas para os "seders" da Pascoa, quando enchiam de bom vinho e a colocavam no centro da mesa, como é habito em Israel.

Klonimus tinha dois filhos, Yahin e Boaz, ambos casados e pais de familia. Klonimus amava-os com ternura, e paz e felicidade reinavam em toda a familia.

Acontece que um dia Klonimus ao passear nas ruas de Malença pegou uma insolação e morreu. Foi grande a dor da familia e os numerosos amigos. Após os sete dias de luto, Yahin disse a Boaz:

- Nosso pai morreu sem deixar testamento, e a nós mesmos que compete dividir a fortuna com justiça. Fica você com a fortuna e eu ficarei com a taça do Profeta.

- Não, meu irmão, disse Boaz, você deve ficar com a fortuna e deixar para mim a taça do profeta.

Discutiram muito tempo sem chegar a uma conclusão. Decidiram finalmente ir consultar o rabino.

O rabino de Malença era velho e sábio, venerado por todos. Quando o problema lhe foi apresentado, ele disse: - Porque discutir, meus filhos? Nada é mais precioso do que a Paz. De que se trata? Cada um de vocês diz: Eu quero a taça. É impossível dividi-la em duas partes. Nós tiraremos a sorte. O que ganhar terá a taça e o outro ficará com o resto da fortuna. Assim a sorte depende do Senhor.

Os dois irmãos concordaram e o velho rabino chamou uma criança que passava pela rua. Foi ela que tirou a sorte. Boaz ficou com a taça de Eli. O rabino disse:

- Voltam agora paracasa em paz e boa amizade. Aque cada um goze o que lhe coube, pois assim decidi o céu.

Os dois irmãos voltaram para casa e dividiram os bens legados por seu pai, como a sorte decidira. Boaz sentia-se feliz, mas Yahin tinha o coração chelo de inveja.

Yahin se lançou ao comércio com o dinheiro que recebera como herança. Quadruplicou e quintuplicou a fortuna e se tornou muito rico. Boaz que só recebera a taça, trabalhou muito, e se esforçou muito, mas o sucesso não coroou seu labor. Foi morar com a família numa pequena casa fora da cidade e só conheceram pobreza e necessidade. Boaz só tinha uma consolação, a taça do Profeta que a sorte lhe dera. Tirava-a todos os dias do armário, colocava-a na mesa, alegrava os olhos e esquecia a miséria. Mas o pão faltava frequentemente em casa e as crianças não podiam sair por falta de roupas e sapatos.

A páscoa se aproximava. Boaz não podia comprar nem "matza", nem carne, nem vinho, como se usa em Israel. Foi vencido pela tristeza. A mulher disse-lhe:

- Até quando Boaz? Vai pedir algum dinheiro emprestado a teu irmão para que nos possamos festejar. Quando o Senhor nos ajudar, devolveremos o empréstimo.

Boaz perguntou:

- Não sabes que o meu irmão me odeia do fundo do coração?

Ela respondeu:

- Não importa. Entre irmãos sempre existe algum sentimento.

Boaz foi então à casa de Yahin. Este respondeu ao pedido:

- Vê o que te aconteceu. Porque sofrer em vão com a tua família? Leva a fortuna que herdaste do nosso pai, que repouse em paz, e dá-me a taça. Eu te darei também uma taça de ouro cravejada de pedras preciosas que recebi da Índia.

Boaz respondeu:

- Podes levar minha alma, mas não darei a taça. Podemos continuar a ter fome.

Yahin se zangou e expulsou o irmão de casa. Boaz voltou para junto da mulher e lhe contou a visita.

- Vai pedir emprestado ao vizinho - disse ela. Um bom vizinho é mais precioso do que um mau irmão.

Mas Boaz que já fora muitas vezes pedir emprestado ao vizinho não quis fazê-lo novamente.

Na véspera da Páscoa, todos os lares de Israel se encheram de coisas boas, mas a casa de Boaz continuou vazia. As crianças choravam sem saber que pecado haviam cometido para serem tão severamente punidos. Não tinham nem matza, nem vinho, nem amendoas. Como fazer o seder e como fazer as quatro perguntas tradicionais?

O coração de Boaz se apertou ao ouvir as lamentações dos pequenos. Foi para a cidade tentar ganhar algum dinheiro.

As crianças ficaram só com a mãe e continuaram a chorar.

- Mãe como poderemos ir a sinagoga sem roupa e sem sapatos?

Cheia de pena, a mãe se levantou, abraçou-os e disse:

Enxuguem as lágrimas. Eu trarei roupas, sapatos, vinho, e todas as coisas boas que todos os

Judeus terão esta noite. Esperem-me quietinhos.

Tirou escondida a taça de Eli e guardou-a no avental. Foi a casa do seu rico cunhado e disse: - Eu trouxe a taça. Paga-me depressa para que eu tenha tempo para comprar o que é necessário para a festa.

Yahin segurou a taça com que sonhara durante tantos anos. Encheu os bolsos da cunhada de moedas e ouro, e deu-lhe a taça de ouro cravejada de pedras preciosas. Depois disse:

- Volta ao terminar a festa e eu te darei mais dinheiro.

A mulher correu para o mercado. Comprou tanto que precisou tomar um carregador. Ele a seguiu até em casa com o cesto transbordante. As crianças lançaram gritos de alegria vendo os petiscos. Lavaram-se com cuidado e vestiram as roupas novas.

Boaz percorreria a cidade fazendo parar os transeuntes e pedindo trabalho. Só recebeu recusas e voltou para casa muito aflito. Qual não foi sua surpresa ao encontrar a casa alegre cheia de coisas gostosas, as crianças bem vestidas e contentes.

A mulher disse:

- Devo te contar a verdade. Não pude suportar a tristeza de nossos filhos. Dedi a Yahin a taça de Eli. Ele me deu muitas moedas de ouro e esta taça.

- A taça que me era tão preciosa? A taça que o céu me deu como parte da herança? Que fizeste mulher?

Boaz estava pálido e tremia de emoção. As crianças se aproximaram, beijaram-no e disseram:

- Não chores, papai. Coloca a taça na mesa e veras que Ele é profeta ficara satisfeito.

- Vocês tem razão, meus pequenos - disse Boaz. Abençoemos Aquele que nos permite festejar a festa da libertação.

Mudou a roupa e foi com as crianças para a sinagoga. Quando voltaram do templo, Boaz abençoou a mulher, e o rosto da mãe ficou alegre. A mesa estava cheia de iguarias suculentas e a taça de Eli brilhava no centro. O seder se desenrolou segundo os ritos. O olhar de Boaz não o abandonava a taça e seu coração esta cheio de tristeza. No momento tradicional, o filho mais velho se levantou e correu abrir a porta. Quando a porta se abriu, a taça desapareceu da mesa e foi imediatamente substituída pela taça familiar, tão cara a Boaz. Ela resplandecia de beleza.

Boaz exclamou:

- Vejam o que fez o "Tichbi"! Ele nos devolveu a taça de nossos antepassados!

Foi grande a alegria na casa.

Enquanto isto, na casa de Yahin, quando a porta foi aberta a taça preciosa desapareceu e foi substituída pela taça de ouro cravejada de pedras preciosas... Toda a casa ficou mergulhada em tristeza. Na manhã seguinte, Yahin foi a casa do seu irmão e viu a taça brilhando na mesa, e disse:

- Agora sei que essa taça te foi destinada pelo céu. Perdoa-me, meu irmão pela dor que te causou.

Os dois irmãos se abraçaram emocionados.

No segundo "seder" a família de Yahin voltou a casa pobre de Boaz e comemoraram a data juntos. A taça de Eli brilhava como de costume. Após a festa Yahin deu a metade de sua fortuna ao irmão.

Até o fim dos seus dias, o amor e a paz reinaram na família.

AS SICHOT SEGUINTE

Para as sichot seguintes apresentamos as seguintes sugestões,

- 1 - Para as sicha das guerras de lehoshua convem trazer mapas do percurso dos judeus pelo deserto, com os lugares das lutas assinalados. Pode-se fazer este mapa na propria reunião e a medida que vai se contando a historia. Empregar cores vivas e desenhos. Descrever os diferentes estratagemas que lehoshua usou e deixar os tzofim participarem ao maximo na imaginação e descrição dos mesmos. Mencionar as descobertas arqueologicas modernas em Jericó.

Jogos para esta sichá:

- a) Fazer tudo que lehoshua mandar : correndo em fila todos imitam os movimentos do primeiro; o madrich conta no relógio, e após meio minuto dá sinal; o primeiro que dirigia a fila corre e o segundo a dirigê inventando os movimentos.
- b) Quem é lehoshua entre nós? : sentados numa roda. Um dos chaverim sai. Os outros escolhem entre si o lehoshua, ou seja, uma pessoa que deverá dirigir o jogo. O chaver que saiu volta, e lehoshua (a pessoa dirigindo) começa fazendo um movimento qualquer (bater palmas, por ex.) sendo imediatamente imitado por todos; de repente êle muda o movimento, batendo por ex. com as mãos nos joelhos. Os outros deverão logo imita-lo, sem que se perceba, no entanto, daonde partiu a ordem; o jogo continua até que aquele que saiu descobrir quem é o lehoshua.

2 -

As sichot sobre os juizes, deverão ser aproveitadas para dramatização das historias e das figuras que encerram. O madrich poderá já na reunião anterior dividir entre os chanichim, os diferentes juizes (aqueles cujas historias forem as mais interessantes) (ex: Guidon, Dvora, Shmshon, etc.), e pedir que os chanichim se preparem para na proxima reunião, ou falar, ou representar a personagem que lhes coube. Um grupo dramatiza uma das cenas da historia e o outro deve adivinhar qual é, a cena

3 -

Dever-se-á incluir uma sicha sobre Shmuel e a nomeação do 1º rei Shaul. Contar a historia a base do conteúdo da Biblia.

4 -

Seria interessante que os tzofim fizessem desenhos e aquarelas á base destas sichot ligadas aos temas bíblicos. Deverá haver um incentivo neste sentido por parte do madrich, pois isto permitirá aos tzofim, exprimir individualmente o que lhes gravou dos diversos assuntos e torna-los assim mais vivos e reais. Faz-se depois, com todos os trabalhos uma exposição no snif e tambem pode-se leva-lo a Hachshara, o que servirá de estímulo aos tzofim.

T I U L - Relacionado a data de Pessah - Geral pra toda a shichvá



1- Este tiul deverá ser relacionado, na medida do possível com a peregrinação dos judeus pelo deserto, ou em geral com a vida do deserto. Deverá ser combinado na kvtza anteriormente, o que se fará neste sentido, para que os proprios chanichim dêem sugestões, sugelando-se mais, desta forma, ao simbolismo do tiul.

Nas reuniões anteriores deverão tambem ser ensinados os sinais de pista, que serão aplicados no tiul.

É necessario escolher um lugar meio deserto, sem muita vegetação. Arma-se pequenas tendas de estilo arabe, prepara-se comida primitiva, e bebe-se café. Contar historias da vida do deserto (Malta Tahan) os beduinos, povo errante, povo de pastores, como ora tambem o nosso povo na antiguidade.

2- Tzoflut - Ascender fogueiras - Ensinar neste tiul os diferentes tipos de fogueiras que existem e a sua aplicação - (Extraír de "O Guia do escoteiro")

3- Jogos e competições ao redor da Madurá - a) Queimar a corda : Estende-se uma corda a 70 cm. da terra. Cada par de jogadores prepara uma fogueira piramêde, usando somente madeiras e fosforos, sendo proibido o uso de papel. Vence o par cuja fogueira incendia a corda em 1º lugar.

b) Conservação de brasas : Cada par prepara uma fogueira e espera até que se hajam brasas acesas; cobre-se as brasas com cinzas, e apos uma hora, tenta-se ascender novamente a fogueira, removendo as cinzas e usando as brasas.

4- Jogos de Tzoflut: a) Tribus perdem-se no deserto - Na peregrinação pelo deserto duas tribus perdem-se, errando cada uma para o seu lado, e afastando-se de Moshé e das outras tribus. Moshé, ao dar-se conta disso mandou dois mensageiros a sua procura - cada um para um lado, a fim de que as trouxesse de volta. Os dois erraram muito pelo deserto até que acabaram cada um achando uma das tribus. Cansados porem pela procura os dois mensageiros não conseguem mais levar as tribus ao local onde se encontra Moshe e somente lhes entregam um papel com as devidas indicações. As kvtzot deverão saber achar, pela indicações do papel (sinais de pista, etc) o lugar onde está o resto dos chaverim. A kvtzá que primeiro chegar ao lugar, será a vencedora.

b) Travessia do Jordão : Desenha-se duas linhas paralelas a distancia de 12 a 20m representando o Jordão. Os jogadores são divididos em 2 kvtzot, espalhadas ambas de um lado do mesmo rio. Na outra margem ficam dois chaverim, um de cada kv., e cada um tem uma bola. A finalidade é que cada kv. atravesse o rio por meio de pegar e do entregar da bola. Os dois chaverim do outro lado da margem, jogam as bolas para que algum da sua kv. as pegue. Aquele que pegar a bola jogada pelo seu companheiro, ou pelo adversario, atravessa o rio e entrega a bola a que a jogou. A bola que cair no rio volta para aquele que a jogou. Vence a kv. que atravessar o rio em 1º lugar.

1º DE MAIO - DIA DO TRABALHADOR



MI tatzleinu melraav ?
 MI achleinu lechem rav ?
 MI ishteinu kos chalav ?
 Leml bracha ?
 Leml toda ?
 Laavoda ulamelacha !

Quem nos salvará da fome ?
 Quem nos alimentará com pão ?
 Quem nos dará de beber leite ?
 A quem a bênção ?
 A quem a graça ?
 Ao Trabalho e ao Ofício !

Conto : A pequena vendedora de fósforos de Andersen

Sicha : A base da história, sobre crianças que trabalham, sua situação, seu modo de vida, seus anseios e tristezas.

O significado de 1º de Maio - 1º de Maio em Eretz, os desfiles dos kibutzim pelas ruas das cidades, demonstrações, est. Nas grandes cidades do mundo, dias de protesto, de revolta e de vingança.

6 de MAIO - (para o movimento brasileiro) - LOM BROR CHAIL

Observação: Os outros movimentos deverão dar uma sicha neste estilo nas datas de aniversário dos diversos kibutzim do movimento. Para esta reunião sugerimos dar na kuvtzá uma sicha sobre o Neguev, relacionando e introduzindo já o tema da Mitzemet Hashichrur que será dado mais adiante. Introduzimos aqui no programa a sicha sobre Bror Chail, pois pode servir de exemplo para as sichot semelhantes, sobre aniversários dos kibutzim, que os movimentos darão nas datas adequadas.

BROR CHAIL

(Se não houver nesta data uma comemoração central do movimento, faz-se uma sicha sobre o tema - Trazer um mapa de Eretz, destacando o lugar onde o kibutz esta situado)

O kibutz foi fundado em 1948, por uma kuvtzá de chaverim do nosso movimento do Egito, que veio ao país em 1945, 46. Naquele tempo as relações entre Eretz e Egito, não estavam ainda cortadas e podia-se viajar por terra, de trem de um país para outro. Foi pois assim que eles vieram para cá. Fizeram hachshará, como também agora os nossos garinim fazem, e uns dez dias antes da proclamação do Estado, chegaram ao local, do atual kibutz, 25 chaverim, entre os quais cinco bachurot, para iniciar o novo ishuv. Este ponto foi então escolhido por motivos estratégicos, pois esperava-se cada dia a proclamação da nossa independência, e os perigos que isso acarretava, exigiam que se fortalecesse esta região, não muito habitada. (Explicar pelo mapa a proximidade da fronteira egípcia) Os chaverim que aqui estavam tinham que vigiar o posto militar aqui localizado, servir de retarguarda aos kibutzim ainda mais próximos da fronteira - Saad, Dorot, Ruhama, Nir Am, etc. Além do que, alguns chaverim foram convocados diretamente pela Palmach, pois conhecendo a língua árabe, eles eram de grande utilidade.

Durante o tempo da guerra de libertação, o numero dos chaverim aumentou para mais de 40, o que foi vital, pois as condições difíceis não permitiram a um grupo muito pequeno sobreviver sozinho. Mais tarde no tempo da paz, o kibutz começou a crescer e desenvolver-se.

Em fins de 1951, inícios de 52, o primeiro e segundo garim brasileiro vieram juntar-se ao kibutz Bror Chail, pois muitos dos "vaticim" do lugar abandonaram o meshek; este precisava de quem o ajudasse a reerguer-se de novo. Vieram também os garinim seguintes e este kibutz ficou sendo na sua maioria composto por chaverim do nosso movimento do Brasil.

Ele representa o ishuv brasileiro em Eretz, e representa lá, hoje em dia o nosso movimento.

XXX

Descrever o kibutz por dentro - seus anafim, seus campos e plantações, as casas de crianças etc. O madrich encontrará para tanto um farto material na publicação sobre Bror Chail, editada pela Sochnut.

SHAAR HANEGUEV

Observação: Aproveitar para dar uma descrição da região do Neguev, nas portas da qual está localizado o kibutz Bror Chail. O desenvolvimento do Neguev nos últimos anos, 10 15 anos - o que tinha sido esta região antes; as enormes possibilidades que provou ter, sua terra fértil quando irrigada; o problema da água e os passos dados para a sua solução, os planos de irrigação (mostrar nos mapas por ex., o que o o Cav Hairkon.

Um quadro histórico da região - O Neguev, principalmente até Beer Sheva, pensa-se ter sido uma região populada, tanto nos tempos bíblicos como mais tarde. Cre-se ter sido esta a região de moradia e de pastagem de Abrão, Isaac e Jacob. Em Beer Sheva (localizar no mapa) há ainda hoje, uns dez minutos da cidade, uma grande árvore que dizem ter sido do tempo de Abrão e ela é chamada Eshel Avraham. A própria Beer Sheva é antiquíssima e o nome se refere aos sete poços que Isaac lá perfurou e que foram destruídos pelos filisteus.

Na conquista do país por Iehoshua e na divisão das terras entre as tribus ficou nesta região situada a tribo de Shimon. Hoje em dia viajando-se pelo Neguev, encontra-se traços das antigas cidades, mencionadas pelo Tanach, e as explorações arqueológicas ajudam neste sentido, fazendo as mais interessantes descobertas e pesquisas nesta região. (O que são as pesquisas arqueológicas - dar exemplos de Trola, Pompeia, etc.)

No tempo da Mishna, (mais ou menos nos dois séculos antes e um depois da destruição do templo) esta região estava muito povoada. Havia aqui grandes Ishivot e no tempo da guerra, fortalezas. Alguns dos principais sábios judeus e contribuintes para o conhecimento talmúdico viveram lá e eram cognominados os Homens Sábios do Darom (Darom = Sul). Sua grande reputação pela sabedoria judaica é indicada na citação talmúdica "Aquêle que deseja tornar-se sábio deve voltar o rosto (enquanto resa) para Darom"

Quanto ao próprio lugar de Bror Chail há algumas referências históricas. Diz-se que Iochanam Ben Zacai, grande estudioso da época da destruição do segundo templo construiu lá uma Ieshiva. No tempo da guerra com os romanos, pensa-se que Bar Giora, um dos maiores heróis e guerreadores de então, escolhia lá os seus soldados, sendo que por isso o lugar recebeu este nome - Bror Chail. Também contam as lendas de que este lugar, mesmo após a ocupação pelos romanos era conhecido no país por manter-se o tempo todo fiel a tradição, apesar de todos os perigos existentes. Aschendam altas fogueiras em todas as datas tradicionais, e por ocasião do nascimento de um filho na região, Esta tradição nós a mantemos até hoje em dia, e para cada novo filho ou filha que nasce no kibutz, ascende-se no alto da nossa torre, uma tocha, cuja luz, é vista em toda a região.

No Tanach está escrito:

" Nas cidades da terra montanhosa - e nas cidades do Neguev... os rebanhos passearão novamente, nas mãos daquele que os cuidar, disse o senhor "

e :

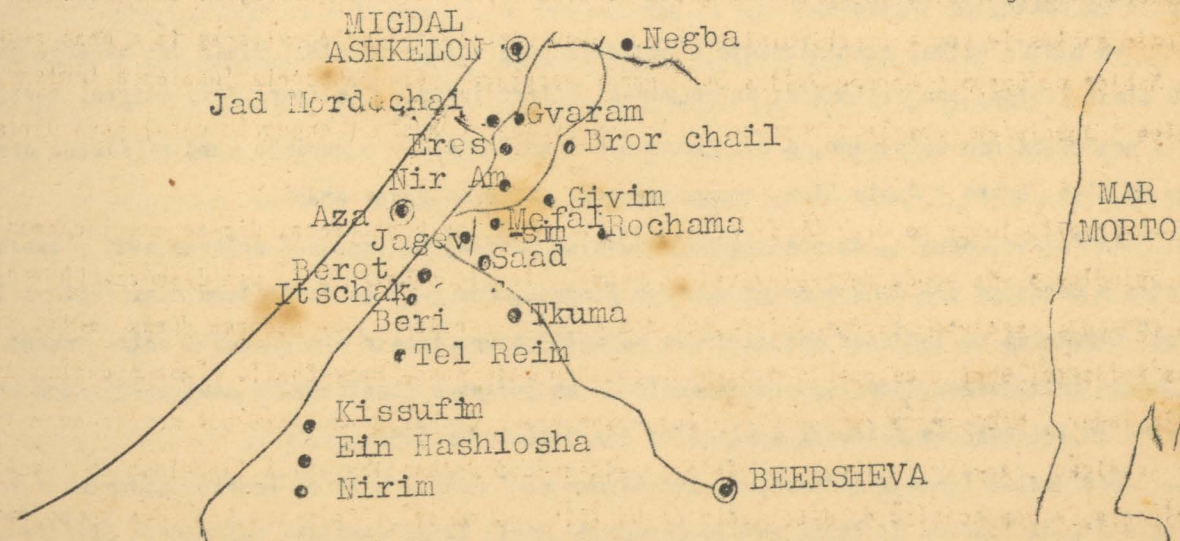
" campos serão comprados nesta terra, que dizéis ser deserta.... na terra de Benjamim e nas cidades do Neguev, pois eu obrigarei vossos escravos a voltar, disse o senhor "

Jogo para esta Sicha :

Viagem pelo Neguev : Cada um dos chanichim recebe o nome de um ou dois dos kibutzim do Neguev.

O madrich começa a contar uma história sobre a sua viagem naquela região. Cada vez que o nome de um dos kibutzim for dito, por ex: "viagem de Nir Am a Mefalsim" os dois que os representam devem trocar rapidamente de lugar. Cada vez que for dita a palavra Neguev, todos os chaverim tomam que levantar-se e trocar de lugar, sendo que o madrich deve na hora diminuir uma das cadeiras, caindo assim fora aquele que mais se atrasar em achar lugar.

O madrich deve aproveitar para introduzir no seu conto fatos interessantes sobre a região e sobre os kibutzim.



IGM HATZMAUT

Caso não houver uma comemoração geral do movimento netsta data, o madrich deverá dar uma sicha na kuvtza sobre o tema. Falar da Palmach, do heroísmo dos seus soldados, das lutas em emboscadas, sempre a minoria contra o grande numero de inimigos. Contar a luta nos kibutzim (ex. do kibutz Negba); a luta nas cidades.

O madrich poderá contar em maiores detalhes um trecho determinado da guerra. Sugerimos por ex. sobre as lutas em Jerusalem.

Jerusalem durante a Mlchemet Hashichrur

Já é costume dos habitantes de Jerusalem dizerem que de cada 10 pessoas recetidas pelo mundo 9 couberam a Jerusalem, e na realidade, mesmo sem considerar a historia tão violenta desta cidade no passado, os padecimentos de sua população durante a " Guerra de Libertação" são suficientes para que comprehendesse este dito popular. Não foi com a declaração do estado, e consequentemen e da Guerra, que teve inicio a luta em Jerusalem. 100 mil judeus e 60.000 arabes all viviam, e já se encontravam em estado de guerra ha muitos meses, eo sitio da população judaica pelos árabes e Ingleses já havia começado.

Por esta ocasião, Jerusalem era um nucleo judaico no coração de uma zona árabe, e a existencia de uma maioria judaica na cidade propriamente dita, nada significava. A estrada que ligava Tel Aviv a Jerusalem percorria diversos centros arabes por onde somente comboios de carros blindados e fortemente armados conseguiam muito raramente passar, e quse sempre pelo preço de muitas vidas. Ainda hoje, quando se viaja para Jerusalem, observam-se nas margens da estrada dezenas destes veiculos de guerra improvisados que os arabes lograram destruir. A população judaica estava isolada e ontrigue aos árabes, e aos seus assecias de então, os Ingleses.

Na cidade velha, completamente circundada pela antiga muralha, vivia uma minoria judaica de 1.700 almas judias, congestionadas no pequeno bairro judeu. Limitando este bairro, seestendia por um lado o grande bairro mulsumano, e por outro o bairro Armenio. O caminho para a "cidade nova" e a porta de Sion, sobre o Monte Sion, encontravam-se ambos em zonas arabes.

Na "cidade nova", no coração da Jerusalem Jedia, os Ingleses criaram suas "zonas militares" fechadas e cercadas por densos rolos de arame farpado, nos quis se fortificou o exercito britanico. Nestas "zonas" esperavam os Ingleses encontrar um refugio seguro frente aos combates entre arabes e judeus, que eles mesmo instigavam. Ademais, podiam espionar os judeus e abastecer os seus amigos árabes seja de armas como de informações sobre os movimentos dos defensores judeus.

Uma destas Zonas militares, se encontrava na " Rechov Y affo" (correspondente em importancia urbana á Av. S. São de S. Paulo ou Rio Branco do Rio) Nela, mantinha sua sede a policia secreta britanica, que por aquela ocasião estava aparelhada pelos melhores "especialistas" de todo o imperio colonial Ingles. A segunda destas zonas, situava-se "por coincidência" na Rechov Jorge V, ao

O jovem respondeu com simplicidade: -"Não tenhas medo e não te zangues comigo. Sou um judeu, filho de pobres moradores de Aco. Ontem a chuva me surpreendeu no meio de um campo e me deixou enxarcado. Tinha fome e sede, e me refugiei neste esqueleto, que foi levado por uma águia nos ares até aqui. Agora não sei como sairei, pois o mar cerca esta ilha e nenhum navio encontra-se perto da praia".

A filha do rei compadeceu-se dele, e o fez descer, às escondidas, a seus aposentos; deu-lhe vestimentas e comida, de forma que logo voltaram-lhe as forças, e com as forças o esplendor do rosto e a confiança na alma. E ela, olhando-o, viu que era bonito e muito gostou de sua companhia, alegrando-se que ele permanecesse perto dela. Escondeu-o então em seus aposentos, e os ministros de nada suspeitaram, pois ela manteve em segredo a miraculosa chegada do moço, e eles nunca entravam nos aposentos da princesa a não ser quando por ela chamados. Continuaram aumentando sua vigilância, e cada um deles permaneceu em seu lugar de guarda, fiel à consignação recebida, de olhos bem abertos, orelhas bem tensas e nariz no ar, farejando. Pois esses homens eram muito escrupulosos e fielmente executavam a tarefa de que tinham sido incumbidos.

E a filha do rei apreciou a sabedoria do jovem, sua Inteligência e seu coração puro, e o amou com todo o seu coração e com toda a sua alma. E um dia resolveu falar-lhe, e perguntou: -"Gostas de mim a ponto de me querer como esposa?" O moço respondeu: -"Porque me perguntas isso? Eu nada mais poderei ser para ti do que um servo humilde e agradecido". Mas a rapariga lhe revelou seu grande amor e o quanto ele lhe parecia melhor e mais querido que todos os príncipes, filhos de reis, que houvessem no mundo, demonstrou-lhe ser tudo isso obra de Deus, que o enviara nas asas da águia, disse-lhe como desde o primeiro instante em que o vira sua alma tinha-se-lhe apegado, tanto que a vida sem ele não lhe pareceria mais vida; e mais coisas ela disse, demonstrando seu amor. E o jovem retrucou com outras tantas palavras de amor, e assim eles firmaram entre si um pacto de amor eterno. Então o moço fez jorrar uma gota de sangue de um dedo e com ele escreveu o pacto num pergaminho; escreveu e assinou, e assim a esposou segundo a Lei, dizendo: -"Deus me é testemunha e testemunhas me são seus anjos Miguel e Gabriel".

E os ministros nada souberam de tudo isso, embora ninguém pudesse ser mais fiel e mais escrupuloso do que eles em fazer da noite dia para vigiar com toda a atenção nos postos de guarda.

Após estes acontecimentos, esgotado o prazo que o rei Salomão tinha lido nas estrelas, ele se lembrou da filha que encerrara na torre e resolveu mandá-la de volta para o palácio. Embarcou portanto num navio, aportou na ilha e aproximou-se da torre. Examinando cuidadosamente as barras e as fechaduras e ferrolhos das portas, certificou-se de que estavam intactas. Mandou portanto que fossem tiradas e finalmente as portas foram abertas. Então o rei entrou na torre, enquanto os anciãos se apressavam em ir ao seu encontro homenageando-o. Pediu-lhes o rei: -"Como está passando minha filha? E onde encontra-se?" Os anciãos responderam: -"A princesa está bem, Majestade, e encontra-se em seus aposentos".

Então o rei foi para o quanto da rapariga e os anciãos lhe seguiram os passos. E aconteceu que, mal foi aberta a porta, um moço de boa aparência estava junto com a princesa. Os anciãos ficaram como pedras, quasi morrendo de medo. O rei, aproximando-se deles, perguntou com um olhar terrivel: -"Quem é este sujeito?" Mas nenhuma dos anciãos era capaz de articular uma palavra sequer; estavam todos como que petrificados, os olhos fixos no chão, sem voz.

Assim a filha do rei morava na torre e setenta ministros cuidavam dela, com o mais atento cuidado, vigiando dia e noite, esforçando-se em lhe satisfazer os maiores assim como os menores desejos. E nada lhe recusavam do que lhe agradasse, pois o rei lhes ordenara que a cercassem de tudo o que pudesse alegrar-lhe a alma, para que a solidão não fosse demasiado penosa. Uma coisa só era-lhes proibido de conceder-lhe: a saída da torre; pois a torre estava trancada por todos os lados e ninguém podia sair ou entrar.

Ora, acontecia que a moça, quando estava cansada de ficar dentro, subia para o terraço e lá passeava ao ar livre, ou se debruçava sobre o parapeito olhando para longe, na imensidade do mar que a cercava por todos os lados, escutando o arfar das ondas; e assim sentia-se aliviada. Um guarda vigiava dia e noite o mar, afim de que nenhum navio se aproximasse da ilha e ninguém nela aportasse. E só duas vezes por dia, de manhã e de noite, comparecia flutuando ao sabor das ondas um barquinho leve, mantendo-se por um afastado da praia, e levava um mensageiro do rei pedindo notícias sobre a saúde da filha; por meio de sinais convencionais do guarda chegavam ao rei tais notícias.

E à medida que se ia aproximando o dia determinado pelas estrelas, os ministros redobravam de atenção em volta da torre, aumentando o número dos guardas; e se espantavam com qualquer ruído, nem que fosse o zumbir de uma mosca. Pois aqueles homens eram muito escrupulosos e executavam rigorosamente a tarefa da qual tinham sido incumbidos pelo rei.

Aconteceu que um moço, filho de pobres mas honrados pais, sofreu filhos de sofrim, saiu naquele tempo de Aco, sua cidade natal, para ir em busca de novas experiências e de novos conhecimentos. O moço saiu de sua casa com os bolsos vazios, sem levar consigo nada a não ser sua bengala, mas nem por isso desanimou, pois seus membros eram exuberantes de força juvenil, cheio de sonhos e de esperanças estava seu coração, e um espírito de confiança o dominava. Procedia assim alegremente e atravessando os campos, divertia-se em ver os grilos pulando, as aves voando, os lagartos fugindo, e parava sob os carvalhos verdejantes e nas cabanas abandonadas, por entre os vinhedos. Alimentava-se com o que fazem as aves, dormia no chão com uma pedra servindo de travesseiro, e, vagueando pelas cidades e aldeias ficava escutando o que diziam os transeuntes, e assim procurava instruir-se com a sabedoria do povo e dos velhos.

Um dia aconteceu que, ao por do sol, ele se encontrou num campo aberto, num lugar esqualido e deserto, na estação do frio e da geada. O coitado estava esfomeado e sedento, quasi nu e descalço. Quasi que as forças iam abandoná-lo, quando de repente, deu com o esqueleto de um boi que jazia no meio do campo. Alegrou-se o moço exclamando: "Bendito seja Deus que me fez encontrar uma cama mesmo neste lugar!" Imediatamente deitou-se lá dentro, e talvez conseguirei aquecer-me um pouco!" Assim dito foi deitar-se por entre as costelas do esqueleto e adormeceu.

Enquanto dormia, uma águia enorme e muito forte desceu sobre o esqueleto e, agarrando-o, levou-o consigo no céu, juntamente com o moço que nele se encontrava. E voando os trouxe justamente sobre o terraço da torre onde morava a filha do rei. Ali depositou seu fardo. Então o jovem acordou, saiu do esqueleto, e, tendo afugentado a águia, ficou o resto da noite num canto do terraço, cansado e tiritando de frio.

Na manhã seguinte, a filha do rei subiu ao terraço, como de costume, e viu o jovem estrangeiro. Parou, e de longe perguntou-lhe: -"Quem és e quem te trouxe até aqui?"

Examinaram todas as flores e olharam perplexos para o rei. Este cogava a cabeça atordoado. Pela primeira vez a grande sabedoria do rei seria frustrada? Já via o rei que iriam zombar dele por ter sido vencido pela estranha rainha. Porém, na hora em que Salomão estava já desesperado, seus aguçados ouvintes perceberam fora do quarto um barulho de asas de um pequeno inseto. Olhando para a janela, percebeu a abelhinha que outrora perdera, a qual queria entrar mas não podia fazê-lo por estar a janela fechada. Num rasgo de lucidez, soprou Salomão para o camareiro mais próximo: -"Depressa, abra a janela!"

Cumprida essa ordem, entrou no quarto a pequenina abelha, a qual não foi vista por ninguém a não ser por Salomão. Aproximou-se do grupo de jovens e tocou numa flor; soube logo Salomão que esta era a natural, pois o sentido das abelhas não falha. Respondeu ele triunfante: -"Esta é a flor natural!"

Assim retribuiu a abelhinha ao favor do grande rei.

OS TRÊS E QUATRO CAMINHOS - Conto de Chaim Nachman Dialik

O rei Salomão tinha uma lindíssima filha; não havia sobre a terra quem lhe pudesse ser comparada. E o rei, que a amava tanto quanto a si mesmo, cuidava dela com o maior carinho. A moça, desde criança, demonstrara ter um gênio um tanto esquisito e inclinações muito diferentes das que costumavam ter meninas da idade dela: não gostava da alegria barulhenta dos palácios reais e preferia passear sozinha e silenciosa pelos jardins ou ir de manhã cedo nos vinhedos e nos pomares, vagueando por entre os atalhos, com a alma perturbada e olhando sempre para longe. Ela parecia estar sempre sonhando, e nenhum homem conseguira entrar em seu coração. Quando alcançou a idade matrimonial, e príncipes, filhos de reis, chegaram de perto e de longe para pedi-la em casamento ao pai, a moça se escondia sem prestar atenção às palavras deles, de maneira que eles voltavam para seus países humilhados e tristes.

Passou muito tempo, e a moça tornou-se sempre mais melancólica, tanto que os príncipes, filhos de reis, perderam toda e qualquer esperança e desistiram de pedi-la em casamento. O rei sofria com isso e preocupado, uma noite subiu para o terraço do palácio afim de observar as estrelas e adivinhar quem seria o príncipe que Deus destinava à sua filha, e saber quando ele chegaria. Estudou os astros, e viu... Viu que não um príncipe era destinado como marido à filha, e sim um jovem pobre e sem recursos: ele chegaria num dia determinado e levaria sua filha como esposa.

Grande foi o desgosto do Rei, que começou a pensar de que maneira poderia mudar as disposições do céu. Ele disse para si mesmo: "Esconderei a princesa por algum tempo, até ter transcorrido o dia determinado que eu li nas estrelas; assim afastarei qualquer perigo". Escolheu portanto uma ilha deserta, no meio do mar, afastada do caminho dos navios, e mandou construir nela uma torre bem alta, contendo muitos quartos e salas. Em seguida mandou que a torre fosse cercada por uma muralha bem forte, e finalmente mandou a filha morar na torre junto com setenta ministros, escolhidos entre os anciãos de Israel, para que tomassem conta dela. Providenciou também para que lá houvesse toda espécie de mantimentos, toda espécie de comida, bebidas, deliciosos frutos da terra. Nada faltava. Feito isso, o rei, com suas próprias mãos, fechou todas as portas da torre e toda e qualquer abertura com barras de ferro e com ferrolhos, de maneira que não houvesse saída nenhuma. E disse: "Agora verei até onde chega a potência divina e se as deliberações das estrelas se tornarão realidade ou não".

SALOMÃO E A ABELHA - Conto de Chaim Nachman Bialik

Certo dia deitou-se Salomão sob uma figueira em seu jardim para cochilar sua habitual sesta do almoço. Não acabara o rei de cerrar seus olhos quando passou uma pequena abelha que pousou sobre seu nariz e deu-lhe violenta ferroadada. Pulou Salomão do seu lugar ao sentir a forte dor; rapidamente seu nariz avermelhou-se e inchou. Procurou por todos os cantos quem o ferira mas não descobriu nada; a abelhinha sumira rapidamente. E o nariz continuava avermelhando-se e inchando, e com ele a raiva do rei. Ordenou então que trouxessem à sua presença todas as abelhas, todas as moscas e mosquitos, enfim todos os insetos capazes de picar que se encontrassem em seu jardim ou nas redondezas.

E apareceram todas as moscas, e mosquitos, e abelhas, e vespas, e todos os insetos picadores, todos assustados e medrosos: -"O que houve? O que aconteceu?" E o rei com seu nariz queimando batia com o pé e gritava por silêncio. E o silêncio caiu repentinamente em todo o palácio; não se ouviu sequer um bater de azas ou um zumbido, e todos então viram quão vermelho e grande estava o nariz de Salomão.

E gritou o rei: -"Quem de vocês ousou fazer isso?" E ao falar "isso", levou o dedo ao nariz, como que dizendo com o dedo: -"Vejam o que causaram ao rei!" Depois de um prolongado silêncio, um murmúrio de espanto e atordoamento percorreu as fileiras. "Oi, oi! Quem cometeu este crime? Quem? Quem?" E de repente uma pequena abelha saiu do grosso dos presentes, voou até o rei e disse: -"Eis-me em suas mãos, real senhor! Sou eu a pecadora!" -"Você? perguntou o rei mostrando seu fervente nariz. "Você, no nariz do rei? E não pensou nas consequências?" -"Senhor rei! Livre Deus a esta sua escrava de ferir o nariz de homens propositadamente! Isso foi consequência de cegueira e falta de conhecimento. Eu sou uma abelhinha tenra, não estudei religião nem a diferença entre nariz e flor. Ainda mais um nariz como o do rei: com cheiro de rosas é aparência de maçã. Não considera o senhor uma pobre abelhinha que só quis retirar, do que lhe pareceu uma bela flor, um pouco de nectar para fabricar tão gostoso mel?"

Na cara azeda do rei aos poucos foi-se esboçando um sorriso, consequência da graciosa desculpa da abelhinha. No entanto ainda sentindo a dor da picada, retrucou: -"E que mais travessa abelha? Vejo que você hoje está com o verbo em forma". Recobrou ainda mais coragem a abelhinha e continuou: -"Peço-lhe então, ó magnânimo rei, desculpar esta pobre abelhinha que pecou sem o saber. E quem sabe virá um dia em que lhe poderei, com a minha pequenez, pagar esta minha dívida para consigo?" Riram-se todos da pretensão de tão humilde abelhinha de poder um dia ajudar o glorioso rei. No entanto este, com bom humor, perdoou-a, libertando então todos os insetos. Com o tempo curou-se o nariz do rei e aos poucos esqueceu ele completamente a abelhinha e a picada.

-2-

Muitos anos depois, a rainha de Sabá veio fazer uma visita a Salomão, e experimentá-lo em toda espécie de charadas e adivinhações, como está escrito no livro dos Reis. Perguntou-lhe 77 perguntas, e a todas respondeu muito bem Salomão, com a sua grande sabedoria. Então propôs-lhe a pergunta mais difícil. Colocou-l nas mãos de uma porção de jovens, flores feitas por artífices de Sabá, os melhores do mundo, com exceção de uma, que era natural. Chamou então o rei e disse-lhe: -"Eis, ó rei, nas mãos dos jovens, flores artificiais que até hoje nenhum ser humano soube diferenciar das naturais. Entre elas há uma, produto da natureza. Qual é ela?"

BIALIK

Numa pequena aldeia russa nasceu Chaim Nachman Bialik. A aldeia era rodeada de campos e bosques, jardins e plantas. E o pequeno Nachman gostava de passear pelos bosques e deitar-se nos gramados macios e ouvir o chiar dos passarinhos. Horas seguidas ele se deitava assim, olhando o mundo ao seu redor e sonhando.

Os primeiros anos da vida do pequeno Bialik foram bons e sossegados. Porém seus pais foram obrigados a deixar a aldeia e mudar-se para a cidade. Bialik separou-se com o coração pesado da sua querida aldeia; tinha ele então cinco anos. Não passou muito tempo e o seu pai adoeceu gravemente e morreu. Chaim Nachman ficou então orfão, quando só tinha sete anos de idade. Chorou amargamente a morte do seu querido pai a quem ele tanto amara. E a situação na sua casa era má. A sua mãe, agora viúva, começou a vender roupa no mercado, porém ganhava pouco e a família passava fome e miséria.

Resolveram então entregar o pequeno Chaim ao seu avô que morava na mesma cidade. Foi difícil a vida para o menino na casa do avô: ele queria brincar, passear pela rua, e o velho avô obrigava-o a sentar-se em casa e estudar. Porém bem depressa acostumou-se o menino ao velho e começou a gostar dele. Na sua casa havia um grande armário cheio de livros, livros de estudo e sabedoria, e Chaim Nachman lia tudo, volume após volume, apesar de ser ainda um menino pequeno. Também frequentava o cheder, como todos os meninos judeus.

Os anos se passaram e Bialik ficou mais velho. Abandonou a casa do seu avô e viajou para outras cidades, estudando e aperfeiçoando-se constantemente. E nestes tempos a situação dos judeus na Gólia estava triste e difícil. Bialik, que já escrevia então poesias, começou a publicá-las, e elas eram maravilhosas. Nelas descrevia Bialik a vida do seu povo e chamava-o a despertar para nova vida, livre e sem opressão, no nosso país. E todos reconheceram nele o grande e novo poeta que surgia no povo de Israel. Ele tornou-se querido e respeitado pelo povo inteiro.

Bialik viajou para Eretz Israel. Morou em Tel Aviv, a primeira cidade judia no país, e de lá escrevia para todos os judeus espalhados pelo mundo. Quando completou 60 anos, todo o país festejou a data e homenageou o grande poeta. Fizeram-se festas escolares para ele, declamaram-se suas poesias, contavam-se as suas histórias, e desenhavam-se para elas ilustrações.

Bialik fez muito pelo nosso povo, pelo Ivrit, língua na qual escrevia tão bonito, e pelo país no qual viveu. E quando Bialik faleceu deixou atrás de si um povo entristecido, porém que nunca o esquecerá. Todas as crianças de Israel e também da Gólia conhecem Bialik, pois ele sentia por elas uma grande amizade e dedicou-lhes muitas poesias e histórias.

O povo ficou surpreso. O que significavam aquelas palavras? Seria isso uma promessa? Tentaria o Kaiser influenciar o Sultão? Herzl tinha ficado comovido, seu rosto brilhava e seus olhos sonhadores olhavam para o futuro longínquo... "O país pertencerá àqueles que lhe darão sombra e que cobrirão de árvores a terra devastada", murmurou ele, repetindo as palavras do Kaiser muitas vezes.

Como estava deserta esta terra! Como era abandonada! Na viagem que continuava a Jerusalem Herzl observava a paisagem triste que o cercava. O calor sufocava e não havia sombra para proteger-se. Mas, o que será aquele pedaço de terra verde visto ao longe, ao pé das montanhas? É Motza, uma pequena colônia judaica nos montes de Iehuda. Plantas e árvores crescendo. Foram mãos judias que as plantaram. Herzl dirigiu-se para lá e deitou-se debaixo da sombra das árvores, alegre como uma criança. E surgiu-lhe um pensamento: Aqui também ele plantaria uma árvore.

Num monte deserto e abandonado, plantaria, pois é preciso começar desde o começo, pensou. Levou consigo os camponeses da colônia, subiram ao monte e cavaram um buraco para a muda. Herzl plantou nele um jovem cipreste. Um cipreste num monte de Iehuda. O cipreste cresceu, e junto com ele as esperanças do povo de voltar à sua terra.

Quando o cipreste completou seis anos e alcançou uma grande altura, Herzl morreu. Morreu em meio aos seus desejos não realizados, e entre sonhos que não sabia se seriam cumpridos. Todo Israel chorou, e chorou também o cipreste. Ano após ano, no dia 20 de Tamuz, a juventude de Israel, que compartilhava os sonhos de Herzl, trazia para o monte novas mudas e as plantavam ao lado da árvore que Herzl tinha plantado. Quando estourou a primeira guerra mundial, também Israel sofreu muito. O Sultão e o Kaiser juntos, viraram-se contra o nosso povo e o nosso país. Enquanto os turcos iam perdendo batalha após batalha, a sua raiva para com os judeus de Israel aumentava. "Vocês são espíões", decretaram os monarcas turcos, "traidores do Império otomano". Muitos judeus foram exilados para Damasco. Outros, jogados nas prisões de Nazareth e Aco. O país todo estava aterrorizado. Porém os judeus voltavam todos os anos, no dia 20 de Tamuz, para perto do cipreste de Herzl e com o coração amargurado juravam dolorosamente: Manter-se fiel ao país, esperar, sofrer, porém não desertá-lo.

No terceiro ano da guerra, no dia 20 de Tamuz, eles voltaram mais uma vez, mas para encontrar a árvore destruída. Um dia antes os soldados turcos a derrubaram, sob a ordem do Alto Comando. O país inteiro tremeu e Israel esteve triste. Alguns alunos da escola Betzael de Jerusalem arriscaram suas vidas numa noite subindo para Motza, o monte do cipreste. Em silêncio, no meio da noite, eles seguiam as ravinas da região. Devagar avançavam apesar do perigo que os ameaçava, até chegar ao tronco derrubado da árvore. Tiraram dele alguns galhos e colocaram-nos nos bolsos. Conseguiram salvar os restos da árvore de Herzl, que iriam servir de mudas para as futuras árvores que seriam ainda plantadas um dia naquele lugar. Guardaram-nos num vasilhame especial, à espera do dia.

E o dia chegou. Israel conseguiu sua liberdade, a terra ficou sendo do povo. As pequenas mudas foram espalhadas por todo lugar do país que estivesse deserto e que pedisse sombra. O cipreste de Herzl foi multiplicado ao infinito!

Comemoram-se no mês de Julho os aniversários de morte de Herzl e Bialik. Dar uma curta síchá sobre a vida de Herzl, acentuando principalmente o fato de ter ele sido, na infância, um menino muito afastado do judaísmo, e como de repente este foi nele despertado e sedimentado. Incluímos um conto relacionado à sua vida e obra. Sobre Bialik, transcrevemos, mais abaixo, uma curta biografia e duas das suas lendas para crianças. O mardich deverá obter também trechos de Bialik sobre sua própria infância, memórias do cheder, etc..

O CIPRESTE DE HERZL - Eliezer Smoli

Há mais de 50 anos atrás o Kaiser Guilherme da Alemanha, o amigo íntimo do sultão da Turquia Abdul Hamid, veio visitar a Terra Santa. As linhas telegráficas entre Jerusalem e Constantinopla funcionaram sem cessar; elaborou-se planos para melhorar as estradas entre Jafo e a costa marítima até os montes de Iehuda. Milhares de falachim (camponeses), com mulheres e crianças, pavimentavam as estradas e os caminhos. Centenas de prisioneiros construíam postes e portões em honra do famoso visitante do sultão.

Naquele tempo, um outro homem veio também visitar a Palestina - alguém ao qual o Kaiser sarcasticamente apelidara de "O rei dos judeus". Este homem entrou no país em silêncio e sem aclamações. Estradas não foram pavimentadas em sua honra e fuzís não dispararam para saudar a sua chegada. Era o Dr. Theodor Herzl, o não coroado rei dos judeus.

Herzl vinha com um objetivo pela frente. Em vão tinha ele se dirigido às cortes de Moscou, onde o Tzar e seus oficiais recusaram-lhe audiência. O Kaiser da Alemanha ouvia as palavras do "Rei dos Judeus" sem paciência ou simpatia. O Sultão da Turquia ria dele do alto do seu trono, dava-lhe ricos presentes, mas nada prometia. Herzl sabia que a única pessoa que podia influenciar Abdul Hamid era o Kaiser Guilherme; e agora este vinha visitar a Terra Santa. Chegara o momento de reiterar o seu pedido.

Na sua viagem para Jerusalem, o Kaiser parou na colônia de Mikve Israel, que era a primeira escola agrícola judaica no país. Todos os alunos e habitantes da região reuniram-se para homenagear o monarca e este, de cima do seu cavalo branco, observava o povo. De repente virou-se e estendeu a mão a alguém que vinha aproximando-se. Era um homem alto, de longa barba preta e olhos brilhantes. Houve murmúrios entre os presentes - "Herzl, é o Dr. Herzl!"

- "Shalom, Herr Doktor". - "Shalom, Vossa Majestade. Será que a terra dos nossos sonhos agrada a Vossa Majestade?" - "Impossível falar aqui, Herr Doktor", respondeu o Kaiser enxugando o suor da testa. "O calor é insuportável". - "Sim, sorriu Herzl, "pois o país está deserto". - "O país precisa receber sombra, ser coberto de bosques", disse o Kaiser aprontando para Mikve Israel e seus verdes campos.

- "Não nos permitem, Vossa Majestade", suspirou Herzl, "o país não está em nossas mãos". - "O país pertencerá àqueles que lhe darão sombra e que cobrirão de árvores a terra deserta e devastada", continuou o Kaiser. Despedindo-se, disse: - "Encontrar-nos-emos na Cidade Santa, Herr Doktor".

JULHO - Mês de férias escolares ; sugestões para a schichvá toda.

Organiza-se neste período uma curta machané, a qual recomendamos seja baseada em tzofiut, em esporte e em trabalhos manuais, sem um programa de sichot específicas. Sugerimos que os madrichim contem todos os contos do livro "O coração", de E. de Amicis, ou inclusive mesmo iniciem a leitura do livro todo, continuando-a mais tarde na kvutzá, se houver interesse. Esta machané exige uma preparação cuidadosa por parte dos madrichim. O chug deverá dedicar um áiul especial para os próprios madrichim, afim de exercitar-se em todos os setores de tzofiut a serem dados posteriormente na machané. Igualmente a parte de esportes, jogos e trabalhos manuais (se o local permití-lo) deverá ter uma completa preparação prévia.

Para o restante das férias sugere-se que se estabeleça no ken "dias do tzofá", duas vezes por semana, nos quais prepara-se no próprio ken um ambiente especial para os chanichim. Deverá haver material para trabalhos manuais: cartolinas, argila, madeira, armações de madeira, etc.. Também mesas com papéis, lapis de cor e tintas aquarela, para os chanichim poderem desenhar e pintar à vontade. Cada kvutzá, por toranut, será encarregada de um destes dias e terá que preparar o material, organizar jogos, arrumar o ken antes e depois dos tzofim lá terem estado. A sifriá deverá estar funcionando e a kvutzá em toranut cuidará da distribuição de livros. O madrich encarregado preparará sempre jogos, canções e dansas. Sugere-se para este período a formação de um coro da schichvá, e se possível uma pequena orquestra de chalilim. Poder-se-á ler um livro, em capítulos, o que interessará aos tzofim. Deverá ser um livro de aventuras, vivo, que se preste a uma leitura assim - Robinson Crusoe, Tom Sawyer, Robin Hood, A Ilha do Tesouro de Stevenson, etc..

b) Trabalhos de modelagem, de caráter completamente livre, em argila, plastelina ou barro. O madrich deverá sugerir aos chanichim que comecem fazendo trabalhos simples, numa massa só, e não algo composto de diferentes partes. Exemplo: vasos, vasilhas, animais simples, etc.. Principalmente no modelar dos vasos e vasilhas poderá o chanich aperceber-se das diferentes formas belas e simples que eles podem ter.

c) Trabalhos ao ar livre - o madrich sai com os chanichim para fora do lugar da reunião, e lá, em contacto direto com o local, o chanich faz algum trabalho correspondente ao mesmo, seja um desenho ou pintura, uma história ou simples trecho descritivo, etc..

d) Molduras para as reproduções trazidas na última reunião e que ficarão para a kvutzá.

Sugestão para audição de discos - O madrich deve esforçar-se para que as audições musicais sejam bastante frequentes, pois caso contrário o seu valor é muito pequeno e sem continuidade. Há duas espécies de música que se recomenda tocar para os chanichim: a) música descritiva, na qual o próprio compositor propôs-se descrever algo através de sons e das variações instrumentais e orquestrais. b) música de construção fácil e leve, caracterizada por ritmos acessíveis e pela repetição de um tema melódico simples.

No primeiro caso, recomendamos, porém, que o madrich se restrinja a sugerir o tema descrito pela música, e não fazer descrições e histórias completas (a não ser que elas sejam feitas pelo próprio compositor). Pode-se, principalmente, fazer referência aos diferentes instrumentos que descrevem e caracterizam alguns dos personagens ou cousas. Seja, por exemplo, no "Pedrinho e o lobo", onde o fagote é o avô, a clarineta é o gato, a trompa o lobo mau, e assim por diante. Ou no "Carnaval dos animais", de Saint Saens, no trecho do cisne, onde a água do lago é representada pelos arpejos e o cisne pelo violoncelo.

Sugestões de outras músicas descritivas:

- 1) Album da juventude, de Schumann - possui histórias explicativas do próprio compositor a respeito das músicas. Escolher por exemplo: O gigante e a criança.
- 2) O vôo da abelha, de Rimsky-Korsakov.
- 3) O aprendiz do feiticeiro, de Paul Dukas.
- 4) O burrinho branco - Y. Ibert.
- 5) Petruschka, de Strawinsky - é indispensável contar a história.

Para o segundo caso - recomenda-se, para as primeiras audições, toda espécie de músicas nos ritmos de dansas, como minuetos, valeses, gavottas, rondós, etc., de compositores como Mozart e Haydn. Pequenas marchas, ou trechos fáceis e ritmados de Bach, Haendel, etc..

o outro lado verdadeiro que nela está contido: "Quando a cigarra, que no verão não parou de cantar e fazer música, vem no início do inverno bater à casa da formiga, esta abre-lhe a porta e diz: -Entra, cigarra amiga; os preparativos que fiz o ano todo são também para você, pois enquanto eu andava no meu labor diário os teus cantos e músicas chegavam-me aos ouvidos e me alegravam. Como teria sido triste e mais duro o meu trabalho, se não te ouvisse e se não sentisse a alegria que há na tua música livre e despreocupada. Pensei então que a natureza fora muito sábia em criar também a ti no mundo, e que se você tocou para mim no verão, agora eu dividirei a minha casa e comida contigo. E a cigarra entrou na casa da formiga, e tocou e cantou o inverno todo, e as duas esqueceram o frio, o vento e o tempo triste que lá fora reinava".

Observação - Relacionar as duas lendas com a realidade dos homens. Mostrar como não é reconhecido, quasi sempre, o trabalho dos verdadeiros artistas, que só conseguem trabalhar e produzir na sua arte, e como isto é indispensavel para a sociedade. Mostrar exemplos de como sofreram os grandes artistas no mundo pela miséria e pela fome que tinham de atravessar. Contar as vidas e principalmente as infâncias dos grandes músicos.

Terceira sichá - Olhando quadros. Queremos aproximar o tzofé de algumas das grandes obras de pintura, e daqueles que as criaram; acreditamos que levar os chanichim a museus ou galerias não tem grande valor sem alguma explicação anterior, sem um contacto primeiro mais facil com a pintura.

O madrich deverá trazer livros com reproduções coloridas, ou reproduções avulsas. A escolha deve ser cuidadosa; é importante que o tema do quadro reproduzido seja de interesse e compreensivel ao chanich. Poderão por exemplo ser mostrados desenhos e quadros onde o tema é a criança - quadros por Rembrandt do seu filho Tito; as princesas, de Velasquez; crianças de Renoir; o pequeno escolar de Van Gogh; trabalhos sobre crianças de Picasso, Modigliani, Soutine, etc.. Sugerimos ainda: reproduções em cores dos grandes quadros de Breughel, cuja alegria e simplicidade a criança sentirá; diferentes desenhos de pássaros, animais e paisagens em geral, por pintores orientais, chineses e japoneses; quadros de navios, de aventuras e de cenas fantásticas de alguns dos grandes mestres; paisagens em cores de Van Gogh e Gauguin; quadros de Chagall (época de Vitebsk), etc.. Na medida das possibilidades e do conhecimento do próprio madrich, ele deve chamar a atenção dos chanichim para os valores pictóricos dos quadros, a cor, a construção, etc.. Contar também trechos das vidas dos grandes pintores.

Trabalhos práticos para o mês de Junho -

a) Calendários artísticos - Os chanichim podem fazer calendários só dos dias do ano em que tiveram reuniões, e das datas judaicas importantes. Deverá ser feito, portanto, com a ajuda do calendário judeo. O número das reuniões e as datas é dividido entre os chanichim e cada um faz o papel com as datas que receber da forma que quiser - adornar os números, fazer um desenho ou decoração, escrever uma pequena poesia ou algumas linhas (observar as datas da mudança das estações do ano), e outras cousas neste estilo. As folhas são juntadas depois, faz-se uma capa e um fundo que as prenda, e pendura-se o calendário na sede. Fazê-lo de forma que as folhas sejam viradas e não arrancadas, e assim fique inteiro.

agachado no seu esconderijo, os olhos abertos - ele olha e olha. De repente, que milagre é esse? Será que é mágico o violino? Parece ele sair do seu lugar e aproximar-se do menino. Sim, é magia! Lá fora o vento sopra, as árvores murmuram entre si por meio das folhas, e lanke ouve o que elas dizem: -Vai, lanke, não há ninguém no salão... Vai, vai, lanke! O corpinho pequeno e fraco do jovem moveu-se de seu lugar. Deu ele alguns passos para a frente; no mesmo instante ouviu a voz do rouxinol: -Vai, pegue-o para você! E neste momento começou lanke a aproximar-se devagar e em silêncio, seus movimentos eram medidos, sua respiração curta; ele vai arrastando-se agachado em direção ao violino e a sua cabeça levantada para cima. Porém - as nuvens escureceram o salão, a lua deixou de brilhar, nada se enxergava, nada se ouvia. E de repente... Voz grosseira sai da escuridão e pergunta com raiva: -Quem está lá? lanke suspendeu a respiração, mas a voz perguntou de novo: -Quem está lá?

Um fósforo toca na parede, vem a luz, e depois... Ah! que desgraça! Ouvem-se maldições e xingás, tapas ressoam no ar, o choro do menino, suas implorações. O latir dos cachorros, gritos e tumulto na corte do palácio. Veio a mãe, embrulhou lanke e levou-o desfalecido para casa. No dia seguinte o menino não desceu da cama. No terceiro dia ficou ele deitado em silêncio no banco ao lado da janela pela qual via as árvores do jardim. lanke estava doente e a morte aproximava-se dele. Os pássaros cantavam nas árvores que cresciam ao redor da casa. Um raio de sol deslizou-se por entre os ramos e iluminou os cachos louros na cabeça do menino. Este raio de sol era um presente do mundo para ele, antes que o abandonasse.

Seu rosto pálido estava sério e concentrado, pois chegavam a ele os ecos da aldeia que subiam no ar e penetravam pela janela aberta. Era anoitecer e as moças voltavam dos campos cantando. Vozes de flautas subiam do rio. lanke escutava pela última vez as melodias do campo. De repente iluminaram-se suas faces e seus lábios pálidos chamaram: -Mãe! -O que é, filho? respondeu a mãe, suspendendo as lágrimas que lhe rolavam pelas faces. -Mãe, lá, lá em cima, no céu, dar-me-ão eles um violino?

A mãe não podia mais falar, chorava baixinho e apoiou a cabeça em desespero na cama do filho. Quando a ergueu de novo, os olhos do pequeno músico estavam abertos, mas não havia neles mais movimento. Também o raio de sol desapareceu dos seus cabelos.

Segunda sichá - A fábula da cigarra e da formiga - e a sua inversão.



Todos conhecem a fábula da cigarra e da formiga: "Enquanto que durante o verão todo a formiga trabalhava sem parar, armazenando comida para o inverno, a cigarra nada mais fazia a não ser dançar e tocar o seu violino; chegando o cruel inverno, a formiga, assegurada para o frio, fechou-se em sua casa, e a pobre cigarra, gelada e faminta, que nadapreparara para a intempérie, foi bater na porta da sua vizinha laboriosa e pediu-lhe auxílio. A formiga porém respondeu-lhe: -Cantaste durante o verão, enquanto eu trabalhava? pois agora danse um pouco! E fechou-lhe com a porta na cara".

Houve porém quem achasse a moral desta fábula só parcialmente certa, resolvendo invertê-la, e mostrando

Primeira sichá - Conto: lanke, o pequeno músico - de H. Sienkiewicz.

Todos os seus dias lanke foi um menino franzino, de barriga inchada, como muitas crianças pobres, e de rosto pálido e triste. Nos dias de inverno sentava-se e chorava em algum lugar escondido porque o frio gelava-lhe o corpo e a fome o perseguia sempre. Nos dias de verão, andava com sua roupinha costurada de sacos, descalço, e na cabeça um boné rasgado. O menino era camponez, e como todos os meninos do campo, chupava o dedo enquanto falava com as pessoas. Todos diziam que ele cresceria para ser soldado e nada mais. A pobre mãe nada esperava dele para o futuro, pois trabalhar ele não queria.

Havia, porem, algo em lanke que ninguém sabia explicar. Passou por ele um espírito estranho, e fez com que o menino gostasse de música, e só com ela sonhasse os dias inteiros. Quando cresceu um pouco, todo o seu coração estava repleto de música. Havia vezes em que saía ao bosque com o gado ou para arrancar frutas, e voltava sem as frutas, dizendo atrapalhado: -Mãe, lá no bosque há vozes cantando!

O pinheiro, o carvalho, os salgueiros - todos cantavam, o bosque inteiro tocava aos seus ouvidos. Também o eco... À tardezinha, antes de escurecer, ouvia o jovem muitas vezes subindo do campo e sentia na alma como se todo o campo fosse um conjunto de violinos. Quando mandavam-no trabalhar, espalhar o esterco pelas terras, então o vento tocava-lhe música no garfo de ferro.

Os filhos da aldeia chamavam-no de "lanke, o músico". Nos dias de primavera fugia de casa, e, sentado à beira do rio, fazia pequenas flautas de galhos de árvores. Às noites, quando começava o coaxar dos sapos nos riachos, o grilar dos grilos, o chiar dos pássaros noturnos e o cantar dos galos, ele parava e escutava. Muitas vezes lanke ia sentar-se ao lado da taverna da aldeia. Escondia-se atrás do muro e encostava o ouvido. Lá dentro os jovens rodavam em danças, os violinos tocavam, as janelas brilhavam com muita luz e todas as paredes da casa tremiam como se cantassem e rodassem também. E lanke escutava.

Que grande tesouro daria em troca de um violino! Faria sair dele um som suave e silencioso, como os sons da natureza que conhecia. Que milagroso objeto - madeira e fios! E dele fluíam as mais belas músicas. Ah! de onde tirará ele este maravilhoso instrumento? Toda vez que ouvia sua voz, seja nas festas de colheita da aldeia ou nos casamentos, isto lhe trazia uma alegria infinita. Quando terminava de ouvir, subia para sentar-se no fogão da sua casa, e durante horas inteiras ficava mudo, sem pronunciar palavras; seus olhos, como os de um gato, perdiam-se na escuridão da noite.

lanke não era como os outros meninos da sua idade. Parecia ele mesmo um pequeno violino cuja voz era fraca e quasi imperceptível. A fome torturava-o sempre, pois sua vida era de pobreza; todo o seu anseio era possuir um violino, e este anseio irrealizável fazia-lhe mal. O guarda do palácio do grande conde da região possuía um violino, no qual tocava nas horas livres que tinha, após o trabalho. lanke ia esconder-se na entrada do palácio, e encostando a cabeça no portão entreaberto, via o violino. Pendia ele da parede, defronte ao portão, e para lá mandava o menino toda a sua alma. Acariciava-o no seu coração. Se somente uma vez pelo menos pudesse segurá-lo nas mãos, olhá-lo de perto... o coração do pobre menino tremia com estes pensamentos.

Numa das noites, o salão da entrada do palácio estava vazio. lanke escondeu-se no seu lugar costumeiro e por muito tempo dirigiu os olhos para o objeto que assim conquistara todo o seu ser. Sentou-se,

JUNHO - Introdução: Este mês, nos três anos da schichvá, é dedicado a atividades no campo artístico, seja no sentido de trabalho e da própria expressão dos chanichim neste setor, como também algumas sichot sobre temas ligados a arte. A educação da sensibilidade da criança no que se refere a arte certamente não poderá ser resumida nas poucas sichot ou atividades que aqui pretendemos dar. Ela requer um trabalho contínuo, principalmente no sentido de expressão individual-criadora do chanich, que o movimento dificilmente poderá propor-se a dar. Nosso objetivo, portanto, é o mais modesto, e tentaremos somente - de um lado aproximar o chanich de algumas das grandes obras que foram criadas pela arte em música, pintura, teatro, etc., e daquelas que as criaram - e do outro, permitir simultaneamente uma série de atividades dos próprios chanichim no setor da expressão artística.

Sabemos que a criança tem em si, pela própria natureza da idade, algo que não conscientemente a liga à arte. A fantasia e o amor pelo fantástico, a mistura nos seus pensamentos do real e do irreal, a imaginação desenvolvida e ainda não tão frejada como sói acontecer com a idade, e finalmente o ainda livre e não convencional modo de se exprimir e de exprimir os seus sentimentos. Além do que a criança simplesmente gosta de desenhar, cantar, dançar e representar. Há também, e isto principalmente na idade de tzofim, um amor por toda espécie de atividade manual, mistura do interesse científico pelas cousas materiais, e de expressão criadora individual exigida para sua realização.

Todos estes característicos com a idade passam a ser frejados e abafados, e especialmente com o início da adolescência são expressos pela introversão e timidez que aparecem, pela falta de confiança em si próprio, traço comum a este período de desenvolvimento no indivíduo. É por isso que se procura aproveitar ao máximo, no chanich mais jovem, as faculdades neste setor, cujo desenvolvimento poderá em algo ajudar na preparação geral da sua personalidade posterior.

Nos três anos da schichvá o mês de Junho será dedicado a este tema, e conforme indicam os esquemas do programa, dividimo-lo da seguinte forma: primeiro ano- contos sobre o assunto, uma sichá sobre a pintura, exemplo de uma audição musical; segundo ano- história dos instrumentos musicais, visita a um museu e a história do cinema; terceiro ano- sichot sobre teatro e pequenas dramatizações na kvutzá.

Sichot - 1) Conto: lanke, o pequeno músico.

2) Fábula: A cigarra e a formiga (variação);

3) Olhando quadros.

Trabalhos práticos- (dados globalmente, pag.) - Decorações para a sede da kvutzá; trabalhos de pintura e modelagem.

Jogos - jogos dos sentidos- visão, audição, etc..

Atividades complementares - audição musical.

lado do edifício da Sochnut, usado naquela época como sede da Haganá. Outras 2 zonas foram criadas uma na entrada do bairro religioso de "Mea Shearim", outra na parte norte da cidade. Como se pode facilmente perceber, além das finalidades já citadas, estas tais "zonas" separavam os diversos bairros judeus da cidade, para retalar a população e anular sua defesa contra os invasores árabes.

No dia seguinte à decisão das Nações Unidas em dividir a Palestina criando o Estado de Israel quando toda a cidade vibrava de alegria e de emoção, uma multidão de terroristas árabes, provenientes da cidade velha, invadiu o centro comercial judeu situado ao lado da Porta da Ydffa, e cercado por ruas árabes. Uma multidão selvagem e enraivecida pela instigação inglesa, irrompeu pelas lojas judias para saquear e destruir com o apoio e o estímulo da polícia britânica, cujo quartel general, estava ali mesmo. Os homens da Haganá não obstante a situação perigosa e o difícil acesso ao local cercado por árabes e ingleses, procuraram introduzir-se nêlo. Mas a polícia inglesa interveio com sua milícia, prendeu os rapazes da Haganá, confiscou as poucas armas e deu plena liberdade aos árabes que conseguiram por fim destruir o centro comercial cujos edifícios foram reduzidos a escombros.

De acordo com seu plano para reduzir o país ao caos, os ingleses aumentaram os sofrimentos de Jerusalem. Cortaram o abastecimento de água para a cidade, e depois disto o de energia elétrica. Além disto o terrorismo vil e covarde não deixou de ser empregado a fim de deprimir e amedrontar mais ainda a população. Uma poderosa bomba foi deixada pelos ingleses na sede do jornal "Jerusalem Post" cujas instalações, redação e tipografia foram completamente destruídas, pela explosão. Noutra ocasião caminhões militares, acompanhados por um jeep da polícia britânica, estacionaram na Rechov Ben Yehuda. Os motoristas dos caminhões desceram e tornaram a subir no jeep que se afastou velozmente; poucos minutos depois os caminhões explodiram, causando inúmeras vítimas e destruindo vários edifícios. Isto se deu a 2 de fevereiro de 1948. No dia 11 de Março do mesmo ano, foi introduzido astutamente no pátio do edifício da Sochnut, um veículo do consulado americano, com o respectivo emblema. O chofer, um árabe afastou-se, e poucos minutos depois, uma nova explosão abalava o coração do movimento sionista e sede do comando da defesa judaica. A explosão quase que destruiu por completo a parte do edifício onde se instalou o KKL e causou a morte de dezenas de pessoas entre as quais o então diretor do Keren Halessod.

Mas a população de Jerusalem que a esta altura da situação já começava a padecer fome e sede não se deixou abater por nenhum destes golpes traiçoeiros. As forças da Haganá nem por um minuto sequer deixaram de agir, e pouco a pouco foram sendo conquistados os bairros árabes e de lá expulsos e eliminados os focos terroristas. Assim, foram sendo conquistados Katamom, Yemim Moshe (primeiro núcleo residencial judaico construído fora das muralhas da cidade antiga por Moshe Montefiore em 1860), Mekor HaIm, etc.

O rei, batendo os pés, gritou indignado: -"Se não me responderem vos mando cortar a cabeça!" Então os anciãos caíram de joelhos e, cheios de espanto, responderam: -"Ah, Majestade, o que podemos dizer? Em nome de Deus todo poderoso podemos assegurar-vos de que com todas as nossas forças ficamos vigiando a filha do rei! Não sabemos sequer por qual caminho este moço tenha chegado aqui." O rei virou-se então para a filha e lhe perguntou severamente: -"O que está fazendo aqui este rapaz? quem o trouxe?"

A princesa ajoelhou-se diante do pai e respondeu: -"Não fique zangado, ó Pai e Rei! Só pela vontade de Deus aconteceu o sucedido. Somente Deus podia enviar como mensageira a águia e trazer para perto de mim este jovem sem par com quem sem dúvida vou casar-me. Dê-nos a sua bênção, pai, e abrace meu noivo!"

O rei então pediu ao moço: -"Quem és? por que caminho chegaste aqui?" E o moço respondeu sem receio, contando-lhe toda a história. O rei formou um bom conceito do rapaz, gostou dele, e longamente o reteve para falar consigo, vendo ser ele em qualquer assunto pelo menos dez mezes mais profundo e mais esperto do que qualquer sábio do seu reino. Endereçou-lhe várias perguntas a respeito de sua família e de seu país de origem, e sempre o jovem respondeu com simplicidade e sinceridade, mostrando por fim ao rei o contrato de casamento por ele escrito e assinado com seu próprio sangue. O rei Salomão escutou tudo atentamente, e se deu conta de que aquele era de fato o jovem pobre mas honrado que lhe indicavam as estrelas. Disse então: -"Agora compreendo que nada valem sabedoria, inteligência e astúcia contra a vontade de Deus". Nesta hora os anciãos perceberam que a ira do rei acalmara-se; respiraram mais livremente, levantaram-se e exclamaram: -"Louvado seja Deus que dá ao noivo sua noiva!"

Então o rei Salomão abençoou a filha e seu esposo e os conduziu a Jerusalem onde mandou celebrar em homenagem aos noivos um banquete que durou sete dias. E acabado o festim Salomão chamou o genro e lhe disse: -"Eis que tu és agora genro do rei. Grande e rico é meu reino; solicita portanto de mim um cargo honrado, de conformidade com tuas inclinações, e conceder-te-ei o que quiseres." Respondeu o jovem: -"Majestade! Desde minha infância sempre fui um modesto sofer e estudioso da Torá, assim como o foram meus antepassados. Nenhum deles soube o que é potência e nenhum deles habitou em palácios luxuosos. Se portanto ganhei tua confiança e tua graça, ordena seja ao teu humilde criado dada uma casinha solitária e sossegada, à beira-mar. Ali morarei com minha esposa entregando-me, como sempre fizeram meus antepassados, ao estudo das obras de Deus e de sua Lei".

O rei cumpriu seu desejo e o nomeou chefe de todos seus soferim; e o jovem genro morou na casinha que o rei lhe doara e dedicou-se a tomar nota de todos os provérbios e de todas as sentenças que pronunciava o rei Salomão, transcrevendo-os num livro. Transcreveu também algumas sentenças que sua própria sabedoria lhe ditava, acrescentando-as aos livros dos provérbios do rei; são as sentenças de Agur ben Jaké, que assim chegaram até nós.

De tudo isso encontramos os vestígios no livro dos Provérbios de Salomão, ali onde está escrito:

"Três coisas são imperscrutáveis, ou melhor dito as quatro coisas seguintes são por mim desconhecidas: o caminho da águia no céu, o caminho da serpente nos rochedos, o caminho do navio no mar e o caminho de um rapaz para o coração de uma rapariga."

Sichot: Tema central - grandes rios e sua história.

Datas: Tisha beAv, Rosh Hashaná e Iom Kipur.

Trabalhos manuais: ligados ao tema, apresentados após cada sichá. Iniciar também os trabalhos para a exposição geral da schichvá, em outubro. Ver pag.

Jogos: para algumas sichot há jogos adaptados. Para as que não houver, dar jogos de caráter geral. Tzofiot e atividades complementares: tiulim das kvutzot ~~ind~~ isoladamente.

Introdução ao tema - grandes rios e suas histórias.

Através da história de alguns dos grandes rios do mundo, queremos contar a história dos povos que radicaram-se às suas margens, chamando a atenção do chanich não somente para as grandes civilizações que lá se desenvolveram, como também para as suas fontes originais, para os povos que nas margens fertilizadas pelas águas desses rios iniciavam, através da sedentarização na terra e do seu cultivo, o processo lento das civilizações que lá se sucederam. O tema dos rios permite dar uma ligeira variação ao conteúdo histórico encerrado por traz e ao mesmo tempo realça o valor da água e das terras férteis e da consequente agricultura como a base do desenvolvimento da humanidade.

O número restrito de sichot que nos foi permitido incluir neste tema não nos possibilita abordá-lo de uma forma completa como seria interessante e necessário. Tivemos que excluir rios que concorreram para as civilizações das mais importantes, como Eufrates e Tigre da Mesopotâmia, berço de todas as culturas vizinhas, o rio Tibre em cujas margens nasceu Roma, o Volga, o poderoso e importante rio russo, etc.. Incluímos, ao mesmo tempo, rios cuja importância histórica é muitíssimo menor, como no caso do rio Mississipi, ou praticamente inexistente, como no caso do Amazonas; fizemos isto só pela variação dos temas que oferecem e que atrairão mais aos tzofim do que se seguissemos o critério da importância histórica ou econômica.

Assim mesmo o madrich deverá mencionar alguns daqueles rios importantes que não incluímos. Antes do rio Nilo deverá falar dos dois rios da Mesopotâmia, mostrando-os no mapa e desenhando para os chanichim o seu percurso interessante. Após ter falado sobre o Egito, tendo pois apresentado aos chanichim os dois maiores vizinhos do povo judeu na antiguidade - o Egito e a Babilônia - o madrich falará algumas palavras sobre a civilização do nosso povo então, diferenciando-a principalmente nisso de que éramos mais um povo de pastores do que de agricultores, portanto mais nômades e com mais tribus do que os povos sedentários, nossos vizinhos. O nosso rio Jordão teve pouca influência econômica na história original do povo judeu.

Afim de se obter um mínimo de sucesso com estas sichot é indispensável que o madrich empregue uma metodologia viva e interessante, e que apresente cada assunto exclusivamente em forma de contos. As formas que sugerimos no próprio desenvolver das sichot são variadas. Trazer o máximo possível de ilustrações e fotografias, além de um mapa grande e simples, preferivelmente feito pelo próprio madrich, onde se destacarão os pontos abordados pelas sichot. Para a parte ilustrativa sugerimos a revista "National Geographic", que possui um material rico sobre todas as regiões aqui descritas.

Deverá haver interrupção do tema nas datas de Tisha beAv, Rosh Hashaná e Iom Kipur, para as quais damos um programa à parte. Não estabelecemos o número exato de sichot que o tema dos rios deverá abranger, porém deverá estender-se não mais do que até meados de Outubro.

La sicha - Rio Nilo

Material a trazer: Mapa da região, ilustrações sobre o país, fotografias das pirâmides, da arte egípcia, desenhos dos hieróglifos, etc.



Não há exemplo melhor do que o Nilo para demonstrar como uma civilização formou-se nas planícies férteis de um rio e como chegou a depender

e entregar-se a ele.

Será difícil, porém, resumir numa sichá tudo o que gostaríamos de dar sobre esta tão grande e vasta civilização e deve-se tomar cuidado de não dar por demais assuntos resumidamente, a ponto de nada gravar-se na mente do chanich. Sugerimos, pois, a escolha daqueles que mais facilmente poderão interessá-lo.

À base da lenda egípcia que transcrevemos, o madrich poderá fazer observar o que era a religião primitiva deste povo - e em geral de todos os povos primitivos, relacionada com as forças da natureza das quais dependiam. A beleza que havia nestas crenças por serem tão diretas e simples, entre o homem e a natureza (elas apelam também ao modo simples de pensar e de sentir da criança).

Falar sobre as pirâmides - a sabedoria técnica empregada na sua construção e o trabalho colossal que exigiram de milhares de escravos, a fim de satisfazer o capricho de um só homem, o faraó. No mesmo sentido era feito todo o trabalho, inclusive a agricultura. Encontra-se um verso antigo egípcio que aplica-se ao trabalho dos escravos:

" Passaremos o dia todo sob a carga da cevada e do trigo?

Os navios estão carregados; dos seus bordos jorram as colheitas.

Os armazens estão repletos e abundantes.

Mas o senhor força-nos a andar,

Pensa ele que os nossos corações são de cobre? "

A arte egípcia - suas estatuas, esculturas e desenhos gravados nas paredes dos túmulos. Sua escrita, os hieróglifos - como foram decifrados (ilustrações sobre estes pontos todos).

Algumas palavras sobre o Egito de hoje em dia, no que se refere ao nosso país. Sua inimicida e agressividade para conosco, sua fronteira com o Neguev, próxima e perigosa para nos. Incidentes constantes naquela região (Mostrar no mapa de Israel a região de Asa, os ishuvim vizinhos a ela, etc.)

Bibliografia para o madrich: Historia da Civilização de Will Durant, Vol. I, pgs 145-225.

A lenda dos deus Nilo

Uma vez, há muito e muito tempo atrás, o Nilo não inundou as suas margens. Ano após ano, durante sete longos anos, o rio não se levantou para molhar as terras. Os camponeses trabalhavam pesadamente nos seus campos mas as colheitas eram pobres. Havia pouca comida e o povo andava faminto; pouco a pouco acabavam de comer toda a reserva que tinham armazenado e não viam esperanças pela frente.

O rio Ganges

Material a trazer : um mapa da Índia, destacando o rio Ganges e as montanhas de Himalaia. Material ilustrativo sobre os templos hindus e sobre a arte deste povo, principalmente a sua dança.

A sichá (A fim de variar a forma da sichá o madrich poderá ler ou contar a história deste rio como se ele próprio a estivesse relatando)

"Eu nasci na famosa cordilheira dos Himalaias, onde estão situadas as mais altas montanhas do mundo. Estas montanhas serviram de muro de separação entre o meu povo e o resto do mundo por muito tempo, até que um dia, um grande navegador português, Vasco da Gama, descobriu um caminho pelo mar que levava ao meu país e desde então tornei-me conhecido para os outros povos.

Descendo dos Himalaias eu atravesso as terras mais variadas, inundando e fertilizando-as com as minhas águas. Ao norte, daonde venho, o clima é frio e as montanhas estão cobertas de neve. Mas à medida que vou correndo para o sul e o leste, o clima varia e torna-se mais ameno e quente.

O meu país é conhecido por encerrar em si os mais variados climas e regiões - desde as selvas repletas de animais selvagens (tigres, lobos, leopardos, cobras, etc.) até os vales e planícies férteis e superhabitadas. Porém, apesar das grandes variações, na maior parte da minha terra, reina o calor, forte e extenuante, que torna a maioria do meu povo um pouco indolente e inativo. Os hindus gostam de ficar parados e imóveis, à espera dos ventos frescos que vêm do mar e trazem chuva e vida consigo.

Às minhas margens assentaram-se milhares e milhares de camponeses que lavram as suas terras. Eles vivem na maioria em condições muito más, aglomerados nas terras férteis; a população do meu país é muito grande - ela é maior do que a população da América do Norte e América do Sul juntas, e chega a abranger um quinto da população terrestre.

Descendo pois do norte eu continuo deslizando até a baía de Bengala no Oceano Índico e lá desemboco em 12 bocas, fertilizando a região toda. Perto de lá encontra-se a famosa cidade de Calcutá, que era a capital da Índia no tempo dos ingleses. Quando obtivemos a nossa independência a capital passou para Delhi, colocada mais no centro do país.

Eu não sou o único grande rio da Índia. Existem muitos rios no meu país e por isso é que a Índia recebeu o nome de Hindustan, que significa em persa "Terra dos Rios". Tornei-me, no entanto, o mais famoso entre todos pois o povo considera as minhas águas sagradas e todos os crentes e religiosos vêm banhar-se nelas, purificando-se dos seus pecados. Dez milhões de fiéis vêm banhar-se aqui todos os dias e visitar a cidade sagrada às minhas margens, Benares.

O povo que vem é quase todo ele muito pobre e doente às vezes; os doentes vem de muito longe procurando cura nas águas sagradas que eles julgam serem milagrosas. Existem muitas doenças terríveis entre o meu povo, devido principalmente à miséria e à sujeira na qual a população vive e à falta de suficientes cuidados médicos, o que permite que as doenças se espalham em forma de epidemias. Todos que vêm às minhas margens, apesar de serem hindus, não falam a mesma língua, pois o país é grande, subdividido em muitas províncias, cada uma com sua língua e hábitos diferentes.

Sou muito orgulhoso do meu povo. Sua civilização é das mais antigas e ela deu ao mundo grandes obras de filosofia, ciência e arte. Ele é também um povo pacífico, porém muito patriota; soube lutar pela sua independência e obteve-a com grande valor.

Uma lenda hindu

"Quem dentre vós tomará a si a tarefa de alimentar os famintos?" perguntou Buda a seus discípulos, quando a fome campeava em Shaavasti.

Ratnakal, o banqueiro, baixou a cabeça e disse, "É preciso muito mais do que toda a minha fortuna para alimentar os famintos."

Yaysen, o comandante do exército do Rei falou, "Daría de boa vontade todo o meu sangue, mas não há comida suficiente em minha casa."

Dharmapal, que possuía muitos alqueires de terra, disse com um suspiro, "O demônio da seca sugou meus campos até secá-los. Não sei como pagar os impostos do Rei."

Então levantou-se Suprya, a filha do mendigo. Cumprimentou a todos e disse, humildemente, "Eu alimentarei os famintos."

"Como?" gritaram eles de espanto. "Como podes esperar cumprir esta promessa?"

"Sou a mais pobre dentre vós todos"; disse Suprya, "e isso é a minha força. Tenho meu cofre e meu celeiro na casa de cada um de vos."

Rabindranath Tagore

Observação - O madrich deverá contar algo sobre a vida de Buda. A sua infância numa casa rica, longe de toda a miséria e a realidade feia as quais queriam esconder dos seus olhos. O choque profundo quando um dia, saindo do seu palácio, ele ve a desgraça dos homens, a pobreza e a injustiça. Como resolve abandonar tudo e dedicar-se ao estudo e ao pensamento, querendo das suas meditações extrair algum caminho melhor para os homens.

Jogos para a sicra

1) O jogo dos poetas - Cada jogador escreve num pedaço de papel um verso de sua larva. Dobra o papel e passa-o ao vizinho, dizendo a última palavra do verso apenas. O vizinho deverá escrever um outro verso que rime com a última palavra do primeiro. O papel passa de mão em mão, cada jogador acrescentando mais uma rima. No fim lê-se a poesia inteira e resultam então dali umas surpresas interessantes.

2) Shere Khan e Mowgli - Os chaverim formam uma fila indiana, segurando-se fortemente pela cintura. O da frente é Akela e o último Mowgli. Um outro chaver é designado para ser Shere Khan, o tigre. A primeiro sinal do madrich o tigre corre a fim de agarrar Mowgli, mas Akela procura impedi-lo e toda a fila é forçada a seguir os seus movimentos na defesa de Mowgli. Quando este for preso pelo tigre, ou quando o tigre custar a pegá-lo, o madrich tocafa os jogadores por outros, etc.

Trabalhos manuais

Fazer um jogo em cartolina intitulado - o escalar dos Himalaias. O jogo deverá ser nos moldes dos jogos de corrida, cheio de impecilhos, saindo vencedor o primeiro que alcançar a meta definida, sendo esta no caso o Mt. Everest. O madrich fará desenho da área do jogo em forma do mapa da Índia e os impecilhos deverão ser relacionados aos incidentes característicos do país. Ex: voltar para trás devido ao perigo dos animais ferozes, deixar passar uma jogada devido ao calor da região, voltar a um determinado número para ver mais uma vez um famoso templo, etc. Na elaboração do jogo há possibilidade de ocupar todos os chanichum - preparação dospiões, a caixa, pintura e desenhos no proprio jogo, etc.

O Rio Mississippi

Queremos aproveitar e dar por meio desta sichá a história da escravidão negra na América do Norte, da qual um dos maiores focos foram as margens do rio Mississippi, na parte setentrional dos Estados Unidos, onde estendiam-se grandes fazendas de algodão, cana de açúcar e, um pouco mais para o norte, de fumo.

É uma sichá de ser desenvolvida. O madrich deverá estabelecer uma conversa entre os chanichim sobre as origens da escravidão negra, como os negros eram obtidos na África, transportados para a América e lá vendidos para os respectivos donos. As condições de vida que levavam e a falta de liberdade absoluta à qual eram reduzidos. Falar também sobre a colonização da América do Norte, a diferença no desenvolvimento entre o norte e o sul: o primeiro dedicado mais à indústria e o segundo à agricultura, sendo pois compreensível que a escravidão se desenvolvesse mais na região do sul. A guerra civil entre o norte e o sul, saindo o norte vitorioso e terminando, desta forma, com a escravidão em todos os estados. Ressaltar aqui a figura de Lincoln, contando a história de sua vida e do seu trabalho.

Seria interessante o madrich contar em resumo aos chanichim a história do livro "A cabana do Pai Tomás" e à base dela desenvolver uma conversa sobre os diferentes pontos aqui levantados.

Se houver possibilidade o madrich deverá tocar na kvutzá alguns discos dos "spirituals" americanos; ensinar um ou dois na kvutzá, na sua língua original. Mostrar o contraste destas canções negras com a música africana autêntica, cheia de ritmo forte e selvagem, assim como penetrou, por exemplo, na música folclórica brasileira.

Ressaltar também, levante, o problema de preconceito racial que ainda existe em muitas regiões do mundo em relação aos negros.

Jogo :

O jogo dos escravos - Os chaverim dividem-se em duas kvutzót. Aos componentes de uma kvutzá são distribuídas cordas, no número equivalente ao dos chaverim que a compõem. Dado o sinal cada um dos chaverim que possui uma corda amarra o seu par, na outra kvutzá, de forma que este não consegue libertar-se; o outro deve dar-lhe para tanto liberdade de ação. São permitidos dois minutos de tempo para amarrar o companheiro. Terminado o prazo os tzofim amarrados tentam libertar-se das cordas e possuem para isso cinco minutos de tempo. Mais tarde inverte-se os amarradores e os escravos e no fim dos dois jogos o tzofé que tiver sabido melhor amarrar e melhor libertar-se das cordas terá sido o vencedor.

Um trabalho a fazer :

Sugerir aos chanichim que façam, na kvutzá ou em casa, um trabalho qualquer de caráter imaginativo sobre o tema "a escravidão". Poderá ser um desenho, pintura, conto, poesia, etc.

Vimos até agora de que as planícies eram sempre muito populosas. Como se explica, então, que a Planície do Amazonas, uma das maiores do mundo, tenha uma população tão reduzida? O motivo decisivo é o clima desta região - quente e húmido, que produz uma vegetação excessiva - as selvas - cria mosquitos e outros insetos perigosos para o homem e não permite, devido justamente à vasta vegetação o erguimento de povoados, a construção de caminhos e estradas, etc.

Afora algumas cidades e aldeias, as vastas planícies e florestas do vale Amazonas são quase inhabitadas e quando já o são, então por tribus de indígenas, na sua maioria ainda muito primitivos e selvagens. Estas tribus tem vivido lá tanto tempo que aguentam com naturalidade o clima da região. São eles que descobrem os novos caminhos e enfrentam todos os perigos dos animais ferozes da região. Suas casas são rudescabanas feitas de folhas de palmeiras e a cozinha é construída de pedra, ao lado da cabana. Os indígenas quase não usam roupa, devido ao calor.

Para viajar no rio constroem canoas muito primitivas, de bambu, e para a grande maioria a pesca nestas canoas é a ocupação principal. Há muitas variedades de peixes, assim como há variedades invertebradas de animais e plantas naquela região. Para os pescadores principalmente existe o perigo no seu trabalho pois existem naquelas águas pequenos peixes que comem carne humana. Além da pesca, os índios vivem lá da caça, a qual empreendem com arcos e flechas, colocando na ponta das flechas um veneno que extraem das plantas da região.

Entre muitos dos produtos vegetais que existem na bacia Amazonica, um dos mais importantes é o da borracha. Brazil é o país original da árvore de borracha e havia um tempo que somente nele existia a produção desta planta. Porém ela foi transportada para a Ásia onde começaram a produzi-la em muito maior escala.

No próprio Brasil a produção continua porém não muito desenvolvida e as condições dos que nela trabalham são muito miseráveis. O processo da exploração é muito primitivo, assim como o era cem anos atrás. - Quando um homem encontra uma árvore de borracha faz nela um sulco e pinde um pequeno vasilhame ou saquinho para ajuntar lá o líquido que escorre. Os sulcos são feitos de manhã e à tarde colaciona-se o líquido grosso e lácteo que se chama latex. Depois ele é esquentado num vasilhame especial o qual o endurece e formam-se então grossas bolas de borracha natural.

Se a exploração de borracha fosse devidamente aproveitada esta região poderia tornar-se mais populosa e trazer muita riqueza ao país.

A bacia amazonica é rica também em outros produtos: amendoins, cera (extraída com facilidade de uma espécie de folha lá encontrada, mandioca que é uma das maiores fontes de alimentação, etc.

Existe lá na região uma dificuldade muito grande de derrubar as árvores que lá se encontram porque os seus galhos e folhagens estão tão entrelaçados que não caem, mesmo quando se corta o tronco.

Trabalhos - Arcos e flechas de madeira; armar uma pequena selva recortando em cartolina as árvores, os animais e pássaros e colando-os no fim em cima de uma superfície.

O Jogo dos animais - Cada criança escolhe o nome de um animal em ivrit (chatul, kelev, arie, dov, neshar, zeev, tan, etc. Um dos animais sae em perseguição aos outros e ao prender um segundo deve dizer o seu nome em ivrit e mais chole (doente). Este sairá em perseguição aos outros com a mão no corpo onde foi tocado.

Tisha b Av

Falar do esplendor do grande templo, o trabalho que a sua construção exigiu; como tornou-se o símbolo dos judeus e como vinham a ele de todas as partes do país trazer oferendas a Deus. Também durante toda a época do Galut, os judeus lembravam-se de Ierushalaim e do Templo nela construído. Falar das destruições que o templo sofreu, atribuídas ambas à data de Tisha b Av e como desde então esta data é um dia de luto para todo o povo de Israel

Lenda dos dois irmãos (sobre o lugar que Shlomo hamelech escolhera para a construção do templo)

Na cidade de Ierushalaim, no lugar onde mais tarde fora construído o templo sagrado, viveram uma vez dois irmãos. O mais velho não se casou e o jovem era casado e pai de tres filhos pequenos. Os dois eram camponeses e nada possuíam fora o pedaço de terra que herdaram do pai. Os irmãos não quiseram repartir entre si a herança, amavam-se um ao outro e trabalhavam na juntos, sendo que somente após a ceifa contavam os feixes e repartiam parte a parte, fazendo dois montes, cada um ao lado da sua cabana.

Numa das noites, após a ceifa, deitou-se o mais velho para dormir ao lado do seu monte. Não pode, porém, adormecer pois pensava consigo: "Meu irmão tem mulher e filhos e ele precisa preocupar-se também com eles - alimenta-los, vesti-los e calça-los, e eu que sou solteiro e trabalho somente para mim mesmo, porque devo receber a mesma quantidade de colheita que ele?" No meio da noite, levantou-se o homem do seu leito, pegou alguns feixes do seu monte e os colocou sobre o monte do irmão. Voltou depois para o seu lugar e adormeceu em paz.

Na mesma noite, também o irmão mais jovem não conseguia dormir. Pensava sobre o seu irmão mais velho: "Tenho pena do meu irmão solteiro! Eu tenho filhos e quando envelhecer e não tiver mais forças de trabalhar, os meus filhos me sustentarão; o meu irmão, porém, o que fará ele quando envelhecer? E agora eis que dividimos o trigo de nossos campos em duas partes iguais. Não é justo que assim seja!" E antes de brilhar o sol no horizonte levantou-se o irmão jovem do seu leito, pegou alguns dos seus feixes e colocou-os sobre o monte do irmão, voltando depois ao seu lugar e continuando a dormir.

No dia seguinte de manhã, olham os irmãos e eis que os montes estão do tamanho que tinham sido na véspera e o seu número não fora alterado; ficaram muito admirados, nada dizendo, porem, um ao outro. Na noite seguinte repetiram a façanha e na manhã eis que viram os irmãos que os montes continuam os mesmos, aumentando sua surpresa ainda mais.

Na terceira noite, porém, quando os irmãos carregavam os feixes, encontraram-se no meio do caminho, reconhecendo-se um ao outro; choraram os dois porque compreenderam cada um os pensamentos do outro. Deixaram então os feixes no lugar onde se encontraram e voltaram cada um para sua cabana, sem trocarem uma palavra entre si.

E o lugar onde este fato se dera, desde então fora abençoado para sempre. O rei Shlomo, ao ouvir a historia, escolheu estas terras para a construção do grande Templo - casa daonde sairiam para o mundo a paz, o amor e a união entre os homens.

As festas de Rosh haShana e Iom Kipur

Entre as raras datas mantidas ainda pela tradição judaica no galut, estão estas duas festas, que se arraigaram muito na alma do povo e foram transmitidas até as gerações de hoje. São festas de caráter profundamente religioso e emotivo, ligadas em suas expressões externas, à vida do gueto, de sofrimento e tristeza.

Apesar de acreditarmos um pouco despídas de conteúdo as formas pelas quais elas são comemoradas hoje em dia no Galut - pois tornaram-se mais rituais sem espírito e sem autenticidade - assim mesmo, criam elas ao redor de si um ambiente geral forte na rua judaica e cumpre saber extrair do mesmo os seus verdadeiros valores, mesmo que estes somente simbolizem para nos o passado.

O madrich não deverá ridicularizar ou diminuir de valor aos olhos do chanich os rituais aos quais a familia em geral sujeita a criança. Convém mostrar ao tzofé a verdade que eles antigamente encerravam para o judeu do gueto, para o qual a religião e a fé constituíam os fatores fundamentais da existencia. É o tempo de se trazer perante o chanich quadros da vida dos judeus religiosos, com seus hábitos e costumes, sua unidade nacional e sua fé na redenção. Mostrar o profundo valor que o espírito religioso teve na manutenção do povo e como foi um dos fatores que o conservou unido através dos séculos e em todas as partes do mundo.

Além dos dois contos que aqui transcrevemos, o madrich deverá procurar outros, principalmente pequenas história chassidicas, cujo conteúdo apresente a religião como a crenga simples e direta, igual entre ricos e pobres, cultos e inclutos e repleta sempre de fé e de esperança.

Ao falar em Rosh Hashana dever-se-a logicamente mostrar o seu caracter atual em Eretz Israel, onde ela representa de fato o inicio de um novo ano, sua ligação com o ano agricultural, etc. Incluimos também um trecho ligado ao tema.

Primeiro conto: O transgressor

É vespera de Iom Hakipurim. Depois de terminada a oração da tarde, apressam-se todos e preparam-se para a refeição antes do jejum; despedem-se um do outro com bençãos e lágrimas e dirigem-se para a sinagoga do tzadik Rabi Levy Itzhak.

O anoitecer cai sobre a cidade; os seus cobrem-se com a púrpura do por-de-sol, envolvendo as cabeças dos judeus que se comprimem na sinagoga, com suas vestimentas tradicionais. O medo do dia sagrado exprime-se em suas faces e eles se entregam todos, compenetrados e solenes, à oração da absolvidimento.

A sinagoga esta repleta, as velas acesas espalham com grandesa e brilho o radiar das suas luzes; no altar vê-se o rabi Levy, tão grave e sério como se fosse o sacerdote mor preparando-se para entrar no templo sagrado. Todas as vistas estão voltadas para ele e todos esperam com ansiedade a bendita hora em que o tzadik ordenará a abertura do armário sagrado para a oração do Kol nidrei ...

Os olhos do tzadik, cheios de lágrimas, estão voltados para a porta da entrada.

- Por quem estará ele esperando??

De repente, abre-se a porta e irrompe nela "Leibale", aquele mesmo rapaz que a cidade apelidou de "Leibale goi", pelas suas faganhas e trabalhos entre os goim da redondeza.

Ele irrompe assustado, com suas faces pretas de carvão e a roupa coberta de areia.

- Leibale, o que quer dizer isto?

Na mesma hora ordenou o rabi abrir o armário sagrado e os velhos da congregação tiraram a Tora; o rabi, com pureza e santificação começou a orar. E nos canticos da prece apareciam estas frases "com a suprema vontade dos céus e da terra nos concordamos em orar com os transgressores".

Tudo dá a parecer que somente a um transgressor estas palavras foram dirigidas e a intenção do tzadik deve ser para com o Leibale goi.

É noite de Iom Hakipurim, terminaram-se as orações e o tzadik encaminha-se para a porta da sinagoga, seguido por todos os presentes com alegria. O tzadik porém, volta-se de repente e indaga por Leibale; não vendo-o entre os que o rodeiam, ordena que lho tragam à sua presença.

Enquanto isso, a alegria reinante entre os presentes diminuiu. Começam a falar e a cochilar sobre esta criatura Leibale nos tempos em que seu pai ainda era vivo, funileiro de profissão, a passear pelas aldeias e Leibale sempre ao seu lado. "Com certeza", costumavam comentar então as pessoas, "depois que fugiu do cheder este menino ficará um goi perfeito." Naquele tempo tinha aconselhado o tzadik ao falecido pai de levar o jovem e ensinar-lo a sua profissão. Quando o pai morreu, o rapaz tomou conta da casa, trabalhava fora a semana toda e no Shabat voltava para casa, para a sua mãe doente e velha.

E eis que diante do tzadik encontra-se Leibale goi.

- Conte-me filho o que aconteceu e porque atrasaste para a oração de Kol nidrei?

Gaguejando e misturando sua língua com uma língua estranha, começou o jovem a contar:

- Na véspera de Iom Hakipurim, vinha eu pelo caminho, andando apressado para chegar em tempo à casa e eis que vejo um cavaleiro da aldeia cair do seu cavalo, estando os dois em direção à cidade. Sabia eu que é hoje a véspera de Iom Hakipurim e de que a hora já é tardia, mas não pude deixar de ajudar o estranho a levantar-se e a levantar o animal. Enquanto isso anoiteceu, quando cheguei em casa tive ainda que ajudar a minha mãe a vestir-se para o dia sagrado e ajudá-la a acender as velas e é por isso, rabi, que eu me atrasei tanto.

O tzadik, comovido, respondeu ao Leibale:

- Não chores meu filho. Não somente nos aqui na terra esperamos hoje por voce, mas também nos seus te esperaram e se alegraram pelos atos por voce praticados.

E voltando-se para os presentes, disse:

- Vos o chamaste de transgressor; quem dera, porém, que se multiplicassem os transgressores como Leibale sobre a face da terra.

Segundo conto : Lágrimas de um orfão (David Cohen)

A hora do tkiat hashofar chegara. Os presentes, cada um em seu canto, santificam-se e purificam-se. Os talitim, como tendas brancas e azues, cobrem pais e filhos que unidos oram e preparam-se para a bendita hora de ouvir o tkiat hashofar.

Num canto, junto à porta, está parado, sozinho e isolado o menino Shlomo. Orfão da pai e mãe vive ele num mundo sem casa e sem família. Sustenta-se dos restos que sobram nas casas onde trabalha como empregado.

Na oração da manhã estava ele brincando com os outros meninos, no corredor da sinagoga; agora, antes da hora do Tkiat hashofar, apressaram-se todos e acolheram-se como pintinhos sob os talitim de seus pais. Ficando só, Shlomo entrou também para dentro da Sinagoga, porém parou sozinho perto da porta. Não havia no momento talit do pai para acolher o pobre orfão, justamente nesta hora abençoada e sagrada.

Aproxima-se o menino do altar de Cobre e observa com seus olhos grandes e temerosos os presentes que, com lágrimas nos olhos, entregam-se à oração.

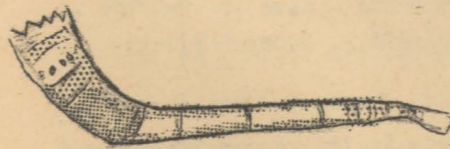
Sobre o altar as velas estão acesas, os livros abertos e dois anciões, um de cada lado estão com os olhos voltados para a porta aguardando com ansiedade a entrada do rabi.

E eis que ele surge, com suas vestimentas brancas, suas faces empalidecidas, seu caminhar lento e garboso e a cabeça branca, que exprime uma tristeza profunda. As vozes silenciam, as cabeças erguem-se e os olhos dos presentes acompanham o Rabi. Ele sobe pelas escadas que conduzem ao altar e inicia a reza que precede o tkiat hashofar - Lamnatzeach. As crianças encolhem-se sob os talitim de seus pais, ouvem os seus suspiros, vêm as lágrimas em seus olhos e irrompem também por sua vez a chorar.

O Rabi então com sua voz tremula a oração " Bendita a hora que faz-se ouvir o tkiat hashofar. Os presentes estão ansiosos pois eis que chegou a hora da tkiat; o silêncio é profundo. Momentos de ansiedade, momentos de longa espera. O rabi enrubece, esforça-se, luta para conseguir do shofar o som que todos aguardam, porém este, como se estivesse entupido, não faz ouvir sua voz. O suor cobre as faces do Rabi. Levanta ele o seu talit, prega seus olhos nos fiéis presentes, penetra profundamente no coração de cada um e novamente tenta o tkiat de shofar.

Todos os presentes gravam os olhos na figura do rabi, observando seus esforços vãos, e o shofar não se faz ouvir.

Neste momento, levanta o rabi os olhos e eis que eles se encontram com os do orfão Shlomo, olhos atentos e cheios de lágrimas de tristeza. As faces do rabi brilham, com suas mãos tremulas pegam o shofar, aproxima-o de sua boca e finalmente, no vazio que o silêncio criara irrompe a voz do shofar e sobe para as alturas.



PORQUE O ANO JUDAICO COMEÇA EM OUTONO

No oriente-médio, os equinócios marcam uma mudança de tempo muito clara. No mês de Tishri caem as primeiras chuvas e matam a sede da terra ressecada. Os camponeses começam a trabalhar os seus campos. O país torna-se novamente verde e risonho. No mês de Nisan caem as últimas chuvas as colheitas produzem, vacas e cabras têm então os seus filhotes, toda a terra palpita com vida nova. Por isso os antigos habitantes do Oriente celebravam o Ano Novo em outono, no seu início, ou então no início da primavera. Os camponeses preferiam em geral o outono porque era a época da colheita. Os celeiros estavam cheios de cereais, o vinho estava nos barris e o óleo já tinha sido recolhido. O ciclo do ano começava: trabalho de preparação das terras, sementeira, colheita, e assim por diante. Por outro lado, os criadores de gado, os pastores, festejavam o Ano Novo na primavera pois para eles era nessa época que terminava o trabalho do ano. Conheciam então suas perdas e seus lucros, sabiam quantos carneiros, cabritos e bezerras tinham nascido.

Nos tempos antigos, os nossos antepassados não festejavam o Ano Novo. A bíblia não menciona essa festa. O primeiro dia do mês de Tishri, que a bíblia denomina "o dia da recitação das escrituras", era comemorado pelos nossos ancestrais não como Ano Novo, mas como o sétimo mês, o que explica o seu caráter sagrado. Pois os judeus consideram que o sétimo mês, o sétimo ano (ano sabático), o sétimo dia - shabat - e em geral o número sete, como sagrados.

Os nossos antepassados não estavam de acordo quanto ao princípio do ano. Os pastores e vaqueiros faziam começar o ano no mês de Nisan e os agricultores, no mês de Tishri. Encontram-se estas diferenças claramente definidas na Bíblia: "Este mês (Nisan) será para vós o primeiro mês; será para vós o primeiro dos meses do ano". Depois, mais adiante: "E a festa da colheita (Tishri) no fim do ano, quando colherdes dos campos o fruto do teu trabalho."

No livro de Ester dominam os pastores e Adar é o décimo segundo mês.

Só quando deixou de haver pastores e vaqueiros entre os judeus é que o Ano Novo de Nisan deixou de ser festejado. Tishri foi então, firmemente estabelecido como o primeiro mês, porque já era sagrado como o sétimo. Desta forma, durante todo o período do Galut, os judeus comemoraram o seu Ano Novo no mês de Tishri, inícios de outono em Eretz Israel.

E hoje em dia, na nossa terra, continua sendo Tishri o primeiro mês do ano pois voltamos às terras e o ciclo dos trabalhos nos campos termina e reinicia-se novamente neste mês.

(Extraído do Aonde Vamos - Acher Ehrlich)

Observação - Convém ensinar nesta data aos chanichim os meses do ano ivrit. Nos os transcrevemos aqui: Tishrei, Cheshvan, Kisleiv, Tevet, Shvat, Adar, Nissán, Iar, Sivan, Tamuz, Av, Elul.

Tema central para Outubro e Novembro : A Natureza

As sichot que antecedem o fim do ano giram ao redor do tema natureza. Creemos que é esta a época mais propícia para este tema. Nos países da América Latina entra-se na estação da primavera e a criança é chamada a observar mais o mundo natural que a ardeia. Comemora-se também, nestes meses, a festa de Sucot, que é em si uma festa do campo e da natureza. Ao mesmo tempo, estamos no movimento no período que atecede às Machanot e assuntos ligados ao campo podem aproximar os pensamentos do chanich para as finalidades que queremos.

O U I U B R O - - e - - N O V E M B R O -

Sichot - Tema central : a natureza

- a) vida das flores (crescimento e reprodução)
- b) lendas sobre flores - uma lenda israelí.
- c) vida dos pássaros; uma lenda sobre a kukia.

Datas - Sucot e Simchat Tora

Trabalhos manuais :

- a) relativos às sichot e especificados após cada uma
- b) preparação dos trabalhos para a exposição do fim do ano

Jogos - Ligados às sichot, especific. após cada uma.

Atividades complementares :

- a) a haflagá junto com a Macabiada de tzofim (inícios de Outubro)
- b) Messiba grande para os pais (inícios de Novembro)

La sicha - A vida das flores

Dar uma explicação sobre o que é a conformação de uma flor, como ela se desenvolve e cresce, como vive, respira, etc. O madrich deverá trazer consigo o material necessário para tanto, inclusive a planta viva em si, tendo-se preparado suficientemente para poder explicar tudo que a ela se refere. Interessa-nos principalmente falar sobre o tema da reprodução entre as flores. O fruto, produto da reprodução entre as plantas. Dar diferentes exemplos de como isso sucede: as árvores rosáceas - macieira, pereira, etc., onde o cruzamento é feito na própria árvore pois na sua flor há órgãos masculinos e femininos; árvores como mamão e tamareira que se dividem em dois tipos diferentes: as árvores frutíferas (árvores femininas) e as árvores da mesma espécie porém que não dão frutos (as árvores masculinas) e que somente florescem a fim de produzir o pólen que inseminará as árvores frutíferas.

Falar também sobre o nectar das flores e a fabricação de mel.

Observ. Indispensável que esta sichá seja dada ao ar livre, em contacto com o tema apresentado.

Jogos para esta sichá

1) O jogo das flores - O madrich traz consigo uma série de flores, porém estas não devem ser vistas pelos chanichim até o fim do jogo. Os chanichim ficam todos de olhos vendados e o madrich vai aproximando do nariz de cada um as flores que trouxe, uma após outra. Os chanichim deverão reconhecer pelo cheiro o nome da flor e lebrar-se da ordem das flores que cheiraram para dizer no fim do jogo. A medida que o madrich vai aproximando as flores aos diferentes chanichim ele vai invertendo a sua ordem, porém devendo anotar para si a ordem que seguiu para cada chanichim e conferi-la no fim com o que os tzofim lhe disserem. O chanichim que tiver reconhecido todas as flores pelo seu cheiro e lembrado a sua ordem, ganhará o jogo.

Se o jogo for feito ao ar livre, num lugar onde houver flores, o madrich deverá escolher as mesmas da redondeza e os chanichim, tendo cheirado de olhos vendados, devem depois ir por si só procurar as flores e identificá-las pelo cheiro.

2) Jogo das folhas e flores - O madrich traz à kvutza um certo numero de flores e das suas folhas correspondentes. Apresentando as flores e as folhas aos chanichim estes devem ligá-las entre si, descobrindo que folhas pertencem a que flores.

Trabalhos manuais

Continua-se preparando trabalhos para a exposição do fim do ano.

a) alburns botânicos - os proprios chanichim poderão fazer o album, com folhas de cartolina e uma capa de madeira. As páginas serão preenchidas com as flores e folhas que os tzofim tiverem colhido, e com as devidas explicações sobre as mesmas.

b) estampas de folhas

material necessário - folhas de diferentes árvores, papel branco para cartas (tipo papel para máquina de escrever), uma vela e um pouco de banha pura de cozinha.

Passa-se no papel um pouco de banha, o suficiente para ele ficar transparente. Segura-se o papel gorduroso em cima da vela acesa, até que ele se enfumace de preto; coloca-se a folha, com o seu lado de velas e riscos, o lado mais saliente, em cima do papel. Esfrega-se cuidadosamente com a ponta dos dedos, a fim de que toda a folha toque no papel enfumagado. Retira-se então a folha e coloca-se-a num outro papel limpo, cobre-se com uma outra folha de papel e novamente esfrega-se com a ponta dos dedos. Desta vez a folha deixará no papel uma estampa exata de toda a sua estrutura e desenho delicado.

Za sichá - Lendas sobre flores

O madrich deverá sugerir na reunião anterior que os chanichim colecionem e tragam à kvutza diferentes lendas que conhecem sobre flores ou árvores, sobre a origem dos seus nomes, etc. Damos aqui duas delas as quais o madrich deverá acrescentar às que os chanichim contarem.

A lenda do narciso

Conta a mitologia grega que viveu uma vez um jovem pastor de beleza e formosura inigualáveis; seu rosto era branco e puro como a neve e seus cabelos enrolavam-se em cachos dourados que coroavam a sua cabeça. Vivia ele sozinho com o seu rebanho e nunca alguém lhe falava da sua beleza. Também, jamais chegou ele a ver a sua própria imagem e não a conhecia portanto.

Um dia, ao levaras suas ovelhas a beber água num riacho, aproximou-se também ele das águas e parou à sua beirada. Seus olhos dirigiram-se ao rio e viu na sua superfície refletida a imagem maravilhosa do seu rosto; a beleza deste rosto o impressionara a tal ponto que ele perdeu o equilíbrio e calu ao rio, afogando-se. Pois o jovem não sabia que era sua propria aquela imagem refletida.

Poucas horas depois, no mesmo lugar onde ele estivera parado, brotou uma linda flor, de pétalas brancas e puras como a neve, orneadas de cor dourada, como tinham sido os cachos louros do marcebo.

Esta flor foi chamada Narciso e sua história chegou até os nossos dias.



A Rakefet

Existe uma flor em Eretz Israel que se chama rakefet, cuja cabeça está sempre curvada para a terra, num sinal de tristeza. Porque estará ela assim?

Antigamente a cabeça desta flor era erguida orgulhosamente para o azul do céu. Isto era nos tempos antigos, durante o reinado do rei Shlomo em Israel. Quando subiu Shlomo, filho de David, a trono, disseram-lhe os conselheiros para sair aos campos do palácio e escolher para si a flor mais linda com a qual quisesse enfeitar a sua corôa.

Saiu Shlomo e andou pelas suas terras até encontrar a rakefet, bela e erguida orgulhosamente para o céu; escolheu-a entre todas as outras para enfeitar a sua corôa. Desde então chama-se a esta flor também de keter - shlomo - a coroa de Shlomo.

Após muitos anos veio o inimigo de Israel, destruiu a muralha de Ierusalaim, devastou os tesouros reais e arrastou consigo também a corôa do rei de Iehuda. Neste mesmo momento, quando atravessou a corôa de Shlomo as fronteiras do país, curvou-se a rakefet e sua cabeça abaixou-se em sinal de luto e de tristeza e desde então nunca mais a ergueu.

3a sicha - A vida dos passaros

É interessante trazer para a kvutza histórias sobre a vida dos passaros do lugar, conhecidos pelos chanichim. Existem porém alguns exemplos gerais famosos e muito interessantes que convém contar aos tzofim.

Da andorinha, que voadora sem parar de região em região, de acordo com as estações, anunciando-as para os homens, e que constrói sempre ninhos provisórios pelos lugares que passa; da cegonha, também viajante de acordo com as estações, voltando sempre aos mesmos lugares na sua trajetória (sobre a cegonha há o fato interessante de que o macho ajuda a fêmea a chocar os ovos e é conhecido por muito feroz para com todo aquele que dele então se aproximar; do canário - o pássaro que perdeu sua liberdade, e que mesmo quando solto volta à gaiola pois não sabe mais viver livre; das galvotas que anunciam aos navegantes a proximidade da terra mesmo quando esta não é vista ainda; da pomba, símbolo de paz e verdade e também o pássaro correio; das aves de rapina, dos passaros negros que trazem consigo sempre o sinal de morte - os urubús e os corvos, etc, etc.

Convém ressaltar, ao falar dos passaros, a sua vida familiar, a construção dos seus ninhos que exigem um labor muito grande, etc.

A lenda da "kukla"

Quando Deus criou as aves deu a cada uma um lugar de moradia: à cegonha deu o telhado, à galvota o mar, aos patos as águas do rio, ao sabiá o bosque. Todas ficaram muito contentes e satisfeitas, exceto a kuklá que não encontrava para si um lugar que a satisfizesse. Deus então ficou aborrecido com este pássaro insatisfeito e disse-lhe: "Vai e procure por si mesma um lugar para viver." Desde então a kuklá vai errando de lugar em lugar, de país em país, à procura de uma moradia. Todas as noites dorme numa árvore diferente e não possui um ninho próprio para botar seus ovos. Bota-os, às escondidas, nos ninhos das vizinhas e lá eles são chocados junto com os outros ovos que não lhe pertencem. É por isso que a kuklá não conhece os seus filhos e nem estes conhecem a mãe.

Jogo - O jogo do burro numero um com nomes de passaros - Sentados em roda, um tzofé começa dizendo o nome de um pássaro, o vizinho tem que repetir o que já foi dito e acrescentar um novo e assim por diante; cada um que errar na repetição dos nomes sai do jogo e recebe o nome de um pássaro em Ivrit; Os outros ao passar por ele na repetição devem incluí-lo na lista. Exs. de nomes de passaros em Ivrit: dror, kuklá, zamir (canário), chassidá (cegonha), neshar (águia), etc.

Trabalhos manuais - Fazer diferentes espécies de passaros com rolhas de garrafas. Faz-se cortes nas rolhas, introduzindo cartolina em forma de asas e usa-se palitos de fósforos para as patas e o bico. Pinta-se as rolhas de diversas cores.

Pode-se também fazer passaros de salão, de cera, de casacas de amendoim, etc.

A festa de Sucot

Uma lenda - As quatro espécies

Na véspera da festa de sucot estavam as árvores do jardim conversando uma com a outra e diziam "Hoje virão as crianças de Israel pedir-nos presentes para a festa."

Disse a tamareira: Eu lhes darei longas palmas verdes.

Disse o hadar: Eu lhes darei que escolham entre os meus etrogim, todos eles puros e belos.

A mirta nada falou; abriu somente suas folhas e despreendeu delas um perfume maravilhoso. Quis com isso dizer "Ninguém possui um perfume tão bom como este, eu o darei às crianças de Israel e este será certamente o mais belo de todos os presentes.

Em frente ao jardim havia um velho salgueiro, parado às margens de um rio. Disse o salgueiro ao rio: O que uma árvore tão pobre como eu poderá oferecer às crianças de Israel? Voltou o rosto e olhou envergonhado para o riacho.

Estavam assim conversando quando chegaram as crianças de repente, cantando e pulando. Subiram na tamareira, cortaram as palmas e disseram: Que a paz e a união dos filhos de Israel seja como é a das palmas da tamareira.

Outras subiram ao hadar e arrancaram os etrogim, dizendo: Como este etrog, sempre saudável e vigoroso sobre o seu galho, assim sejam sempre também os filhos de Israel.

E os pequenos, que não podiam subir nas árvores altas vieram até a mirta, cortaram-lhe diversos ramos, cheiraram-nos e disseram: Como esta mirta, cujo perfume espalha-se até longe, assim seja a bondade dos filhos de Israel.

E um dos meninos pulou sobre o salgueiro triste, cortou-lhe alguns ramos e falou: Se tres folhas voces possuirem - tres eram os nossos antepassados, Avraham, Itzhak e Iaakov. E se no ramo houver cinco folhas, pois cinco são os livros da Torá!

Juntaram então as quatro espécies, palma, etrog, mirta e o salgueiro e voltaram para suas casas. O salgueiro tremeu de satisfação e seguiu as crianças com os olhos. Olhou para o rio e o rio se riu, riu e disse: Como és acanhada e tola, árvore!

Após a lenda (sugerimos que ela seja lida e não contada, pois o seu valor é mais de um pequeno poema em prosa e não verdadeiramente de uma história), o madrich falará de Sucot, a festa da colheita em Eretz Israel e também a festa da água. Dar especial atenção a este ultimo ponto e mostrar como são grandes os motivos que os camponeses em Eretz tem para dedicar um dia especial à festa da água - a espera das chuvas, o encontrar poços de água, os canos que trazem a água dos rios, etc.

Be possível construir com os chanichim uma pequena sucá de verdade, ou se não em miniatura, com todos os seus característicos.

Esta atividade exige uma cuidadosa preparação anterior. Logo após as férias do Julho deve-se-a começar a falar nas kvutzot e a preparar-se para as competições. Convém achar formas organizacionais para que os proprios tzofim elaborom as equipes, estabeleçam as competições e sintam-se responsáveis pela Macabiada.

É preferível que a contagem seja feita por kvutzot, mesmo tratando-se de provas individuais como no atletismo. A distribuição dos premios poderá ser feita na messiba para os pais.

O programa exato para os dois dias deverá ser preparado doantão. Sugerimos para a noite, na modurá, uma conversa acerca do esporte, das Olimpíadas e do seu inicio, das Maratonas, etc. Esporte hoje em dia em Eretz Israel e principalmente nos kibutzim onde ele é muito desenvolvido.

Origem dos Jogos Olímpicos

De quatro em quatro anos, gregos de todo o país reuniam-se na região de Olimpia, no sul da Grécia, a fim de realizar uma série infinita de jogos e competições de toda espécie. Homenageavam com este acontecimento o grande deus Zeus, o maior dos deuses da mitologia grega.

Os jogos olímpicos (recebendo pois o nome do lugar), eram um fator importante na vida dos gregos de então e preparavam-se assiduamente para poder neles competir. A primeira data que temos destes jogos é de 776 A.C., assinalando o recorde de um vencedor de corrida.

Homens de toda a Grécia compareciam a estes jogos. Se as cidades estavam em guerra, interrompiam as lutas fazendo uma trégua até o fim dos jogos.

Além das competições de caráter físico havia também concursos entre poetas, oradores, e músicos. Os vencedores das competições não recebiam taças de prata e nem medalhas, porém davam-se-lhes grinaldas e ramos de oliveiras selvagens (símbolos reservados aos heróis). A maior gloria esperava-os nas suas cidades natais quando lá voltavam após as competições; poemas e canções eram escritos em sua homenagem e grandes escultores originam-lhes estátuas.

Os gregos, principalmente os espartanos, cuidavam muito de educação física. É deles que nos vem a famosa frase que conhecemos em latim "mens sana in corpore sano".

A primeira maratona

Quando os gregos venceram o poderoso exército persa de Darío, na batalha de Maratona, um corredor grego, Pheidipides, foi mandado para Atenas, a fim de anunciar a vitória.

O povo aguardava ansiosamente noticias, pois a derrota nesta guerra transformaria o país todo num servo do Imperador persa.

Ao anoitecer viram uma pequena nuvem de poeira na estrada de Maratona. O corredor ia se aproximando cada vez mais perto e homens, mulheres e crianças saíram correndo a seu encontro. Impacientes gritavam: É vitória? Pheidipides estava exausto. Conseguiu somente responder: Vitória e caiu morto no chão.

(atividade geral para toda a shichva)

Achamos conveniente realizar nesta época do ano - antes do inicio dos exames finais nas escolas e após um trabalho intensivo dentro das kvutzot durante meses seguidos, uma grande atividade para os pais e para o exterior em geral. É também este o período no qual deve ser iniciado um contacto mais sério com os pais no referente às Machanot do fim do ano e uma atividade neste sentido poderá ser de grande ajuda.

A preparação para esta messibá deverá ser iniciada com muita antecedencia, pois não se trata unicamente da ativisação dos tzofim, porém de uma apresentação externa, pela qual uma grande parte de nesse trabalho será julgada.

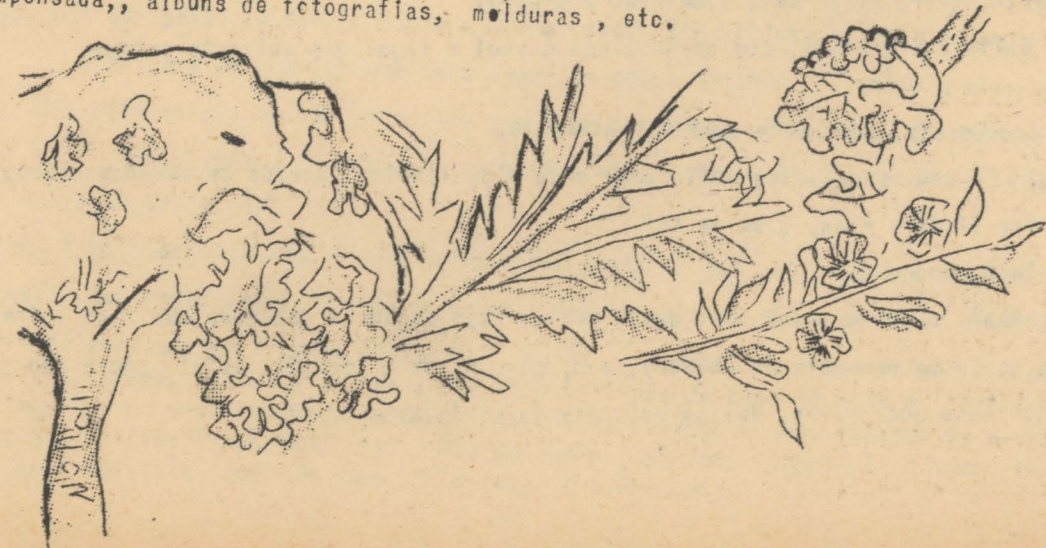
A messibá deverá constar de:

- a) uma exposição dos trabalhos práticos, feitos no decorrer do ano.
- b) apresentação de uma ou duas pecinhas curtas.
- c) coro, dansas e se possível, uma pequena orquestra de halilim.

a) A exposição dos trabalhos poderá dividir-se em

1) trabalhos referentes aos diferentes temas abordados nas kvutzot: mapas de Eretz, minifaturas de bonecos dos diversos povos sobre os quais se falou nas sichot, construções de kibutzim, feitos em argilla, trabalhos referentes às grandes invenções, albuns botânicos, etc. Inclusive, também, desenhos e pinturas livres feitos pelos chanichim durante o ano.

2) trabalhos de caráter mais prático e util, os quais podem ser postos à venda com a finalidade de colher algum fundo especial para a shichvá (uma sífria, por ex.) Para este tipo de trabalhos sugerimos: tr. em ráfia (cintos, bolsas, tamancos, etc.), pequenos calendários, (preferivelmente do ano judaico), vasos e enfeitos de argila, pequenos trabalhos em madeira compensada,, albuns de fotografias, molduras, etc.



Sugestões para as peças a serem representadas.

(ambas as peças são um pouco infantis e sugerimos que elas sejam apresentadas pelo primeiro e segundo ano da shichvá, e não pelos chanichim do terceiro ano)

Observ. Esta peça é dedicada à Chanuca e esta festa combinará talvez na data com a messiba; caso contrário, faz-se com que a velinha de Chanuka represente a vela de shabat ou a vela das festas em geral e muda-se o texto neste sentido.

Um quarto humilde. Uma menina sentada com a cabeça e o braço apoiados em cima da mesa, dormindo. Em cima da mesa utensílios de costura. Ao lado da cadeira está parada uma vela comum (neir chol - o que significa vela de cada dia usada para iluminação e não para as festas), vestida com roupinha rasgada e uma vela de papelão presa à cabeça. A iluminação no quarto deve ser muito fraca, como se somente esta velinha a iluminasse.

A vela comum - Durma, menina pobre. Já trabalhaste muito hoje. Começaste a costurar uma roupinha nova para o teu irmão, mas os teus olhos cansados fecharam-se de sono. Durma, menina, descansa, eu iluminarei também os teus sonhos, para que sejam bonitos e agradáveis.

(a velinha rodela a menina adormecida e canta-lhe "numi, numi, laldati")

A vela de Chanuka (atrás da porta) - tuk, tuk, tuk.

v. c. - quem está batendo?

v. ch. - tuk, tuk, abra, quero entrar.

v. c. - não batas com força, pois acordarás a menina que trabalhou o dia todo costurando a roupinha para o irmão. Agora adormeceu, pois seus olhos cansaram-se do labor.

(a v.c. abre a porta)

v. ch. (vestida com roupa de festa) aqui estou eu!

(o quarto deverá ficar mais iluminado e alegre)

v. c. erraste de porta com certeza; com certeza não é aqui o lugar que quiseste entrar.

v. ch. - sim, aqui quis vir, para este quarto exatamente.

v. c. - quem és tu? Eu sou uma simples velinha de cada dia, ilumino quartos de pessoas pobres, mas tu és tão linda e rica, quem és tu?

v. ch. - sou uma vela de chanuka.

v. c. - vela de chanuka? o que é isso? Sei que a menina hoje costurou uma roupinha para o irmão e disse que seria um presente de chánuka, mas, para dizer a verdade, eu até agora não sei direito o que isso quer dizer. Muitas crianças já me falaram de ti.

v. ch. - As crianças falam de mim? Será que falam bem?

v. c. - Amam-te muito as crianças, contam que tu possuis luzes maravilhosas, e eu queria muito ver estas luzes que te pertencem.

v. ch. - farei então tua vontade.

(sai por um instante do palco e volta trazendo um candelabro de chanuka com as velas acesas, colocando-o na mesa. Ouve-se um canto alegre, acompanhado de bater de palmas.)

v. c. - como é belo isso! As luzes das velas com o canto! Como é alegre! Daonde virás tu, velinha? Daonde possuis estas luzes maravilhosas?

v. ch. - Tenho muito para contar. O meu pai era o templo de Ierushalaim. O inimigo invadiu a cidade sagrada. Grande foi a luta e demorada, porém o país e o templo voltaram às mãos do povo. Daí as luzes de chanuka.

v. c. - Quem lutou nesta guerra?

v. ch. - Matitiau o Hashmonai. Ele era já velho e tinha cinco filhos. Junto com seus filhos saiu para a guerra. Salvou o templo sagrado e ascendeu nele as velas.

v. c. - E o inimigo, era forte?

v. ch. - Forte e cruel era o inimigo. Nas suas fileiras havia centenas e milhares de soldados.

Porém não só Matitiau e seus filhos lutaram em defesa do país. O povo todo veio ajudá-los. Passou-se desde então muito tempo. O templo de Ierushalaim foi destruído e só eu, a velinha de chanuka, fiquei para contar às crianças a história sobre a guerra dos macabeus, para que se lembrem sempre de como foi corajoso e forte o seu povo. Por muito tempo andava eu órfã pelo mundo, alegrando as crianças quando chegava chanuka. Porém agora já não sou mais órfã. O meu povo voltou ao seu país, Ierushalaim vive de novo e alegria reina para os filhos de Israel.

(a menina acorda do seu sono. A velinha bate palmas de alegria e ouve-se cantos no fundo).

v. ch. - agora, conta tu sobre ti, alguma coisa. Qual é a tua história?

v. c. - e que posso contar-te sobre a minha vida? sou velinha pobre e comum e ilumino com a minha luz fraca os quartos humildes daqueles que trabalham. Ilumino a casa do alfajate e do sapateiro que também às noites precisam trabalhar; ilumino os livros das crianças pobres que estudam. O meu pai, quem será ele, senão o dia comum de trabalho? O que de bonito posso eu te contar?

v. ch. (um pouco zangada) - não ouses falar assim do teu pai, o dia do trabalho. Tu iluminas para aqueles que constroem e trabalham e estes são os mais queridos do nosso povo. Eu ilumino só uma vez por ano para que se lembrem do passado, porém tu acompanhas o homem todo dia para que viva o presente e o futuro. De-me a tua mão, irmãzinha, iremos de casa em casa e iluminaremos os quartos das crianças. Eu direi "Lembrem-se do grande dia no passado quando lutaram os macabeus pela sua pátria" e eu direi "trabalhem para o dia de amanhã, ajudem a construir a nossa terra, para que o dia de hoje seja tão glorioso como foi o tempo dos Macabeus."

O país maravilhoso

(Este é mais um quadro do que uma peça; devido a sua facilidade poderá ser facilmente preparado por uma kvutza de tzofim pequenos)

Cena - um dormitório pobre, pouco mobiliado. Judith, a menina doente, está deitada na cama, ao seu lado está sentada a mãe)

A mãe - E agora que voce já comeu, minha pequena Judith, deve dormir. Eu ainda tenho muito trabalho a fazer.

Judith - Pobre mamãe, tem trabalhado até tarde todos os dias.

A mãe - Não importa, filhinha. Quero juntar dinheiro e levar voce para as montanhas, pois o médico falou que o ar puro de lá te fará bem.

Judith - As montanhas são bonitas, mamãe?

A mãe - Lindas! Há arvores grandes e belas, frutos gostosos e flores em todo lugar.

Judith - É como um país maravilhoso?

A mãe - Quase. Durma agora.

(a mãe beija a filha e sai lentamente)

Judith (sonhando) Quase como um país maravilhoso.

(há um silencio e aparece pela porta o anjo dos sonhos; inclina-se sobre a menina e ela desperta)

Judith - Quem é voce?

O anjo - Sou o anjo dos sonhos; visito às noites as crianças e procuro satisfazer-lhes os desejos.

Voce agora me chamou, dizendo que queria ver o país maravilhoso. Eu quero lho mostrar.

Judith - Mas estou doente e não posso sair da cama.

O anjo - Com um golpe de minha varinha posso fazê-lo desfilar diante de você.

Judith - É nas montanhas?

O anjo - Há lá também montanhas, mas não é isto que o torna maravilhoso; ele é o país das crianças de Israel e nisso está sua grande beleza. Eu trarei para voce um pequeno recanto dele, aquele que eu mais gosto - é o bosque das arvores que falam. As crianças cantam e dançam lá mas as arvores sentem-se ainda solitárias.

Judith - E porque?

O anjo - As arvores de Israel dizem que estão sós e que há ainda muitas crianças judias no mundo todo que não vem brincar debaixo dos seus ramos. Espere, eu os trarei aqui.

(O anjo faz um gesto com sua varinha e as arvores entram e rodeiam a cama de Judith)

Judith - (batendo palmas de alegria) Oh! que belas arvores! Como se chamam?

A Amendoeira - Eu sou a Amendoeira, toda florida de rosa e de branco na primavera. Tenho o aspecto de uma noiva e os pequenos lançam gritos de alegria quando me vem.

A Oliveira - E eu sou a Oliveira. Meu fruto alegria o coração dos pobres, meu óleo arde nos templos, meus galhos são o emblema da paz.

A Figueira - Eu sou a árvore do figo; a minha sombra é fresca e convida para o repouso. Um profeta de Israel disse que chegaria um dia em que cada qual poderia sentar-se à sombra de sua figueira sem temer nenhum.

A Romã - Eu sou a Romã. Meu fruto é doce e succulento, sou a mais orgulhosa das arvores, pois minhas flores adornavam as túnicas dos sacerdotes do nosso templo.

O Cedro - Nos tempos antigos minha madeira servia para construir os palácios, pois eu sou o Cedro. O rei Shlomo mandou trazer-me especialmente do Líbano para a construção de seu Templo.

A Palmeira - Veja os meus ramos: são as palmas, e a mim chamam de palmeira. Sou grande e magosa e é a mim que se compara ao homem justo.

A Vinha - Na antiguidade, nos vinhedos da Judeia, meus frutos eram exprimidos com os pés e celebrava-se todo ano a festa da Vindima. Agora voltei a ser plantado em todos os recantos do país e os filhos de Israel regozijam-se bebendo o meu vinho.

Todas as arvores - Nos somos as arvores de Israel. Todo ano crescemos e nos multiplicamos, mas só estaremos completamente felizes quando todas as crianças de Israel vierem a nos, brincar nos nossos ramos.

A Oliveira - Venha também voce, Judith, deixarás de estar doente e não te sentirás mais triste. Nos bosques de Eretz Israel encontrarás o país maravilhoso que procuras.

(As arvores dançam uma dança ao redor da menina e saem devagar do quarto) A mãe entra e inclina-se sobre a menina)

A mãe - Como os seus olhos ardem, minha menina, dormiu bem?

Judith - Oh mamãe! Tive um sonho tão lindo! Sonhei com o país mais belo do mundo!

A mãe - É porque falamos da viagem para as montanhas antes de voce ter adormecido, não é?

Judith - Não, mãzinha, foi com outro lugar que eu sonhei, foi com Eretz Israel. Mamãe, é para lá que eu quero ir!

SEGUNDO AÑO

O programa para o segundo ano da shichvá de tzofim está baseado em temas de cultura geral, temas próximos ao chanich, com os quais ele entra em contacto na sua vida diária. Procuramos por meio deles despertar a atenção do tzofé para o mundo que o rodeia, orientando a sua curiosidade natural existente; tentamos introduzir nos diferentes assuntos valores e concepções nossas e no que fosse possível relacioná-los aos mesmos aspectos de cultura geral entre o povo judeu e especialmente aos atuais em Eretz Israel.

Procuramos aproveitar o interesse natural desta idade, que desperta em relação a todas as cousas ao redor, interesse que, apesar de ainda superficial e amplo - não de caráter mais científico e especificado, como o será na shichvá de tzofim - porém que já exige respostas clara e precisas. Neste sentido, o madrich observará que em todas as sichót sobre as grandes invenções e descobertas humanas, por exemplo, que aqui são desenvolvidas, acentua-se o dá se atenção ao primeiro período na evolução destas invenções, isto é, partindo do homem primitivo até a época da máquina, não nos delongando nesta e nem nas explicações mecânicas e científicas destas invenções hoje em dia, o que seria todo um capítulo aparte. Acreditamos de que a idade do tzofé, sua mentalidade, podem compreender mais facilmente as descobertas primeiras e originais do que o complicado funcionamento das máquinas modernas. Interesse para este segundo aspecto surge justamente na idade de soleim.

Conforme o madrich poderá observar, a parte judaica neste ano é relativamente fraca - nos a introduzimos indiretamente, nos temas gerais, e nem sempre isso torna-se possível, se queremos manter uma certa integridade nos mesmos. O madrich deverá então dar atenção especial às festas e ao simbólico que nelas existe em relação à Eretz Israel. Ao mesmo tempo trazer sempre para as reuniões alguma notícia recente ligada ao país, algum fato interessante, ilustrações, etc.

A metodologia para as sichót deste ano não poderá ser baseada só em histórias, como o foi, quase que integralmente, o ano passado. Deverá ser o máximo em forma de conversa curta entre o madrich e os chanichim, principalmente no estilo de perguntas e respostas.

Os temas exigem acompanhamento ilustrativo constante e para isso o madrich precisar-se-a preparar com antecedência, colecionando e elaborando o material a fim de apresentá-lo na kvutza, em conjunto com as sichót. Ao mesmo tempo, o programa, composto fundamentalmente à base de assuntos, lugares e cousas que rodeiam e fazem parte do ambiente do chanich, exige portanto o máximo de visitas e de contacto direto com estes mesmos assuntos apresentados.

Marco:

Sichot -

- 1) conto: O maior dos relojoeiros
- 2) A casa e sua história
- 3) A história dos transportes

Datas

Purim

Trabalhos manuais: Preparação para a Messiba de Purim (1º ano); tr. acompanhando as sichót.

Conto : O maior dos relojoeiros.

Numa grande e importante cidade de Tchecoslováquia, resolveram os habitantes construir uma imponente torre, a mais alta e formosa de toda a região. Os maiores engenheiros de todos os países vieram fazer os planos para a construção desta torre; trabalharam noites e dias seguidos e prontos os desenhos e mapas, milhares de homens puseram-se a executá-los: pedreiros, marceneiros, ferreiros, pintores e outros operários que ajudavam na obra. Passaram-se muitos anos e finalmente a construção ficou pronta. A torre erguia-se magnífica aos céus e os habitantes da cidade olhavam-na com orgulho e satisfação. "Agora", diziam, "hossa cidade tornar-se-á famosa para sempre."

O prefeito da cidade, porém, ainda não estava satisfeito. Queria ele que no alto da torre fosse colocado um relógio, tão magnífico e belo que combinasse com o seu esplendor. Exigia o prefeito que o relógio fosse a tal ponto perfeito e original que todos os homens da cidade, sem exceção, encantassem-se com ele.

Espalhou-se pela cidade e pelo país que o prefeito procurava os melhores relojoeiros e que um prêmio muito alto seria dado àquele que soubesse satisfazer a todas as condições por ele impostas. Receberia o material necessário e um prazo de tempo para o trabalho; expirado o prazo, porém, se os resultados não fossem satisfatórios seria exilado para sempre do país e todas as suas posses tomadas.

Os melhores relojoeiros do país vieram à cidade. Olhavam para a torre e tentavam imaginar qual relógio do mundo poderia chegar a combinar com o seu esplendor. Nenhum atrevia-se a assumir a difícil empresa - pois como poderia estar seguro que o seu trabalho agradaria e encantaria a todos os habitantes do lugar?

Resignados, retiravam-se. A torre continuava sem o relógio e, com o passar dos anos, ninguém mais pensava nele.

Um dia, porém, chegou à cidade um velho judeu. Era baixo, de corpo encurvado e uma longa barba branca cobria-lhe o rosto. Apresentou-se ao prefeito e disse-lhe: "Vossa Excia, concedei-me sete anos de prazo e todo o material que me é necessário e eu vos farei o relógio."

O prefeito achou graça no velho judeu. Pois se todos os grandes relojoeiros do reino não tiveram coragem de assumir este trabalho, o velho judeu ousaria? Porém, como o judeu insistisse, o prefeito acabou concordando.

Fechou-se o velho num pequeno quartinho em cima da torre, onde era lhe levada comida todos os dias, e de lá não saiu durante sete anos. Estudava e calculava, fazia experiências, concluía e recomeçava. Dormia pouco e entregava-se de corpo e alma ao trabalho extenuante.

Chegou finalmente o dia marcado e o velho judeu anunciou que a sua obra estava concluída. Na manhã deste grande e tão aguardado dia aparecia o relógio no alto da torre, aos olhos de toda a cidade.

Nunca ainda tinham os habitantes do lugar visto uma maravilha destas. Não se cansavam de olhar para o relógio e não queriam acreditar ser ele verdadeiro. Não só satisfazia ele a todos os desejos do prefeito, como ia muito além deles. Pois no relógio, além das horas podia ler-se dias da semana e do mês e previa ele também o tempo - frio ou calor, sol ou chuva. E havia ainda algo quase mágico na sua face! Quem for que a olhasse, sentia-se logo mais alegre e mais feliz; se tivesse no momento alguma preocupação, esta logo desaparecia e era esquecida. É talvez o que acontece sempre quando vemos uma grande obra onde sabedoria e beleza estão combinadas.

A alegria do prefeito foi sem limites. Coroou o judeu de louvores, de presentes e de dinheiro. Fê-lo ser carregado pela cidade, como o maior sábio e artista do país e todos os habitantes da cidade deviam homenageá-lo.

Havia, no entanto, uma pessoa que não participou da alegria e das festas. Era um velho conselheiro do prefeito que tinha inveja dos grandes homens e não gostava dos judeus.

Esperou ele alguns dias até que as honrarias se acalmassem e foi falar com o prefeito. Assim lhe disse: "Que grande obra fez esse judeu, vossa excelência! Também eu estou maravilhado com ela. Tornar-nos-emos a cidade mais famosa do mundo e pessoas de todos os cantos da terra virão nos visitar para admirar este magnífico relógio. E é por isso mesmo, vossa excia., uma grande preocupação me assalta. Não sabemos nos daonde veio este judeu genio que fez esta maravilha e não sabemos para onde os passos podem levá-lo. Pertence ele a um povo errante, que vagueia de lugar em lugar. E se amanhã, vossa excia., fugir ele para uma cidade ou país vizinho e fizer lá o mesmo que fizera aqui? Como poderemos ter certeza que não repetirá a sua façanha e que não revelará o segredo do relógio para um outro povo qualquer? E se assim for, qual será a glória que ficará para nós? Não seremos mais os únicos do mundo e não receberemos todas as honras.

O semblante do prefeito escureceu-se. Admirava profundamente a sabedoria e genialidade do velho judeu, mas não podia deixar de reconhecer a verdade nas palavras do seu conselheiro. E a ambição e vaidade foram nele maiores do que o respeito e a gratidão. Perguntou então: "O que devemos fazer?"

O conselheiro, que aguardava esta pergunta respondeu imediatamente: "Prender o velho judeu e submetê-lo a um tribunal. Lá veremos o que fazer com ele.

Logo foram mandados guardas para prender o maior dos relojoeiros. Estava ele sozinho, fazendo cálculos no seu pequeno quartinho, contente que o barulho das festas em sua homenagem já tivessem passado e que o deixavam trabalhar em paz. Sabia que sucessos e glórias não são duráveis e que é preciso sempre continuar a estudar e a trabalhar.

Surpreendeu-se ao ver os guardas. O que queriam dele? E uma amargura sem fim possuía-o quando foi levado ao tribunal e sujeito ao julgamento. Quis jurar e protestar que não revelaria o segredo a ninguém, apesar de que teria o direito de fazê-lo pois outro povo também teria o direito de possuir um relógio assim. Mas submetia-se a não viajar mais, a nada falar a ninguém,

nas primitivas casas dos árabes como nas próprias construções e casas das grandes cidades, Ierushalaim e Haifa, onde a maior parte das casas é feita de pedras, porém trabalhadas e apropriadas para a construção.

E assim as casas iam sendo construídas, variando de forma através dos tempos e entre os diferentes povos. Quando se formaram os grandes conglomerados humanos, chamados cidades, sendo o espaço neles limitado, tornou-se necessário construir casas de andares, e estas cresceram e cresceram, até chegar aos modernos arranha-céus de hoje em dia. Ao mesmo tempo, começaram a surgir nas cidades balços e distritos diferentes: regiões de casas de gente rica, casas grandes com bastante luz, espaço e jardins, e as regiões de casas aglomeradas, de gente pobre e operária, morando grandes famílias em quartinhos apertados de prédios sujos, escuros e tristes.

Além de casas para moradia, os homens aprenderam desde cedo a construir lugares coletivos para o povo juntar-se, como Igrejas, anfiteatros, templos, etc.

A forma, o estilo com o qual cada povo e cada época iam construindo tanto as casas de moradia como os lugares coletivos, é chamado de arquitetura.

2a sicha - A história dos transportes

Material a trazer : Desenhos e ilustrações dos meios de transportes; material p/ os trabalhos manuais referentes à sicha)

(Esta sicha refere-se somente aos transportes terrestres, pois são os mais próximos ao chanich, na rua e na estrada; o madrich, porém, poderá estender a conversa, se houver interesse, para os transportes do mar e do ar também).

Hoje, ao passearmos por uma rua, ou ao viajarmos pelas grandes estradas, vemos por todos os lados veículos locomovendo-se; carros grandes ou pequenos, caminhões, bondes e ônibus - e fora da cidade trens que percorrem todo o país e que ligam os países entre si. Mas sabemos de que estas invenções são recentes e surge então a pergunta de como apareceram elas e quem foi o responsável pela sua existência.

O homem sempre teve que locomover-se e ir de um lugar a outro. Seja em procura de alimentos seja fugindo de perigos que o assaltavam e seja também meramente para andar e conhecer novas terras. Por milhares de anos ele teve que fazer as suas peregrinações, como todos os outros animais, servindo-se somente dos seus próprios pés. Mas isso era lhe difícil, não só pela extensão da caminhada que o cansava, como também pelas cargas que precisava transportar consigo.

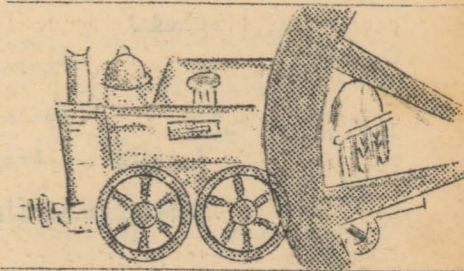
Levou muito tempo até que o homem tivesse a ideia de utilizar para o transporte de si mesmo e das suas cargas, os animais. Para isso ele precisava domesticar um deles e ensiná-lo a trabalhar para ele. E em diferentes partes do mundo o homem achou para si diferentes tipos de animais, os quais domesticou e os quais ficaram sendo os seus ajudantes e seus veículos de transporte: assim temos, hoje em dia ainda, o burro e o cavalo, usados em quase todas as partes do mundo; o camelo usados pelos árabes no deserto, as renas, usadas pelos esquimós, etc. Inicialmente os animais transportavam o homem e as cargas no próprio lombo, porém com o tempo surgiu a ideia de trenó e passaram eles a arrastar a carga atrás de si; pensa-se que esta ideia apareceu no período glacial, onde, em cima da superfície lisa do gelo e da neve o trenó pudesse deslizar com facilidade.

A lentidão deste processo primitivo e a sua ineficiência para transportar cargas pesadas, fazia o homem procurar sempre novas e melhores invenções.

Levou, no entanto, séculos até que ele percebesse de que colocando algo roliço sob a carga que precisava transportar, o seu transporte tornava-se mais fácil.

A percepção disso trouxe consigo uma das maiores invenções que o homem jamais criara. Foi este o início da roda.

No começo não existia a roda; colocava-se sob a carga troncos redondos que rolavam, à medida que iam sendo arrastados. Mais tarde - e foi essa a grandiosa invenção - o homem serrou o pau roliço em fatias planas e redondas, uniu-as por um eixo



em torno do qual pudessem girar e estava ali pronta a roda. A roda não foi uma invenção grande somente para o transporte. Sem ela, certamente não existiriam hoje em dia todas as grandes ou pequenas máquinas que conhecemos, pois foi o seu princípio, e o princípio da alavanca, que lhes serviu de base. (Mostrar o funcionamento interessante das rodinhas pequenas no organismo de um relógio que estiver à mão; se houver uma máquina de costura no lugar, aproveitar e mostrar o seu funcionamento).

Inventada a roda, o transporte tornou-se muito mais fácil. Atrelando cavalos a carroças de toda espécie, estas podiam viajar a longas distâncias. E como a roda trazia consigo a exigência de boas estradas para poder rolar, o homem teve que pavimentá-las, torná-las lisas e adaptáveis.

Bem mais tarde, quando foi inventada a máquina a vapor, o homem substituiu os animais por ela, fazendo-a correr em cima de trilhos. Uma máquina podia puxar atrás de si muitos vagões, enquanto que um animal mal se aguentava com uma carroça carregada. Foi um homem chamado Stephenson, na Inglaterra que inventou a primeira locomotiva.

Finalmente surgiu o automóvel, cujo funcionamento era ainda mais perfeito e cujo motor conduzia a todas as direções.

Observ. Se houver interesse, o madrich deverá entrar mais a fundo na explicação do funcionamento da máquina a vapor, da locomotiva e do automóvel.

Bibliografia : Hist. das Invenções - Monteiro Lobato

Jogo : Imitação de uma locomotiva - os chanichim dividem-se em grupos de dois ou tres e cada grupo procura por meio de pantomima ou de movimentos rítmicos, acompanhando de sons característicos, imitar o funcionamento de uma locomotiva; pode-se aplicar também a outros meios de transporte.

Trabalhos manuais - Miniaturas dos meios de transporte; com argila ou plastilina moldar pequenos trens, carroças e automóveis. Pode-se fazer um cavalo de rolhas e palitos de fósforos, puxando uma carroça, etc.

A B R I L

Sichot: Tema central - A agricultura

- 1) A lenda das deganiot : o pão e a sua história.
- 2) Os alimentos que nos vem da terra (sichá preparada por chanichim)

Datas:

Pessach - uma carta de Eretz; um conto.
 Levante do gueto - conto e sichá.

Izoflut: Preparação para a haflagá de dois dias a realizar-se neste mês.

Trabalhos práticos: Ligados à data de Pessach e preparação para o Seder no movimento. Experiências com plantas, em relação às sichot

 A lenda das deganiot (pequenas flores azuis que aparecem no meio das espigas de trigo)

Um poeta era o único transeunte na estrada. Sentou-se para descansar à sombra de um carvalho próximo aos campos de trigo a amadurecer. Escutou o canto do vento e prestou-lhe ouvidos. Pareceu-lhe ouvir então um diálogo de perguntas e respostas: as espigas e o firmamento falavam entre si; céus e terras cantam glória a Deus, e o poeta ouve seu falar, transformando-o em canto e transmitindo-o às gerações.

Estava o poeta deitado sob o carvalho, num estado entre o sonhar e o pensamento.

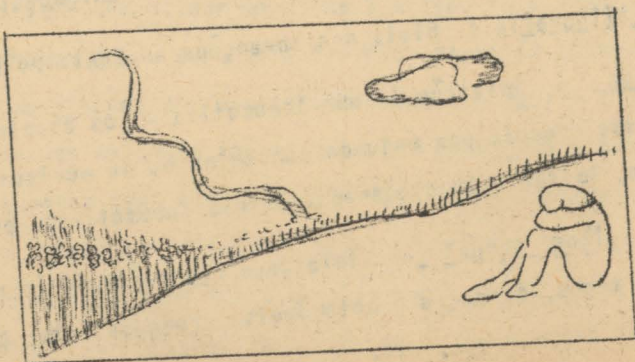
Disse o céu às espigas: " Como vocês me devem favores, espigas da terra!"

Espantaram-se as espigas: " Nós devemos favores?"

Disse o céu: "Sim, vocês recebem meus favores e não me retribuem nem com um beijo, nem com um cumprimento, nem com um olhar. Eu vos aqueço e vos ilumino, envio-lhes as chuvas abençoadas, que irrigam vossas raízes e faço amadurecer suas espigas até que estejam completamente douradas e até que venha o homem e tire delas o seu pão."

Contestaram as espigas: " Não nos condene de ingratidão. Sabemos de todos os favores que voce nos faz e nos lhe agradecemos na medida das nossas possibilidades. Voce não sente nenhuma satisfação com a felicidade das crianças da terra? Nenhum sentimento desperta-lhe a vista da terra que produz? Entre os vinhedos e as matas nos estendemos nosso tapete, verde e dourado, a fim de enfeitar a terra, tua filha querida, e com isso pagamos-lhe, na mesma medida, os seus benefícios."

Disse o céu: " Mas como é que reconheceí vosso amor si ele é mudo e não transparece? As flores mandam-me seu perfume, as florestas - o som agradável do seu brumido, os pássaros - seu alegre cantar, mas quanto a voe cês - -



Apressaram-se as espigas em responder: " Nós te amamos assim como nos é possível, você está tão longe de nós que não podemos demonstrar-lhe o nosso amor. Os pássaros se aproximam de ti com suas asas, também o perfume das flores possui asas para subir, a floresta tem seu sussurro, mas nós, veja, nossas hastes são pobres e fixamente cravadas ao solo e nossa voz não se move."

Retrucou o céu: "Vocês ainda se julgam deprimidas, quando eu despejei sobre vocês o melhor do meu amor e vos aproximei dos homens. Não lhes emprestei perfumes, nem cores maravilhosas, nem altura excepcional, mas cada qual de vocês carrega dentro de si o pão saboroso que satisfaz a humanidade, o alimento que nunca cansou o homem desde a primeira vez que o comeu, o pão, que os antepassados do homem pousavam sobre o altar dos deuses."

Queixaram-se as espigas: " sim, nos fomos criadas para os moinhos, para o forno e para a faca. No entanto, as flores enfeitam os cabelos de mulheres bonitas."

Disse o céu: " Vocês invejam as flores? O homem as colhe delicadamente, as leva um instante ao olfato, e quando murcham um pouco ele as repisa e joga ao lixo. Mas a vocês é uma mão fiel que colhe entre cantos e não há festa mais sagrada que a da colheita. O homem vos guarda num lugar de honra em sua casa e vos protege e abençoa. Também as vossas hastes de palha são para ele necessárias para resguardar o seu lar das chuvas e do calor."

" Mas com tudo isso, não há em nos a elevação do canto," continuaram queixando-se as espigas.

" Não se queixem," retrucou o céu, " o canto encerrado nas espigas do trigo não poderá ser silenciado por todos os povos do universo, pois elas são a própria vida e a fonte de toda a poesia

" E como lhe daremos o nosso amor si voce está distante?" perguntaram as espigas de trigo.

" Si a distancia atrapalha, eu descerei até vocês, sobre a terra."

" Mas nós somos pequenas e fracas e trememos que voce nos amasse."

" Não tenham medo. Eu virei a vocês sob a forma de uma pequena florzinha azul e delicada e infiltrar-me-ei entre vocês e viveremos juntos entre abraços e beijos de amor."

E ao acordar do seu sonho, o poeta viu entre as espigas douradas esparsas florzinhas azuis. Juntos eles são como os olhos azuis e os cachos dourados na cabeça de uma bela jovem.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Sichá = o pão e a sua história

No começo, vivia o homem, como o resto dos animais, da caça. Procurava para si regiões, onde a caça abundava e esgotando-se ela, vagueava para lugares mais longínquos, à procura de sorte melhor. Além de alimentar-se de animais que caçava, colhia o homem também os frutos e os grãos que cresciam na natureza; porém, estes cresciam ao acaso e não poderia depender deles para o seu sustento.

A sua situação nômade e instável somente teve seu fim quando descobriu de que enterrando na terra uma semente ou um grão eles recresciam, prontos para serem colhidos novamente. Com esta descoberta maravilhosa iniciou-se a agricultura, ou seja, o plantio das plantas. Muitos atribuem esta descoberta e o seu posterior desenvolvimento à mulher, pois era ela que estava mais ligada e fixa à própria terra, enquanto o homem rodava atrás da caça e da pesca.

A agricultura transformou completamente a vida do homem. Prendeu-o ao solo, acabou com suas intermináveis peregrinações e permitiu-lhe fixar e desenvolver uma cultura mais estável. Plantando e colhendo, ele não só produzia o seu alimento imediato mas também podia armazená-lo para o Inverno, vivendo assim mais assegurado para os tempos difíceis.

O grão que o homem colhia era duro e era preciso quebrá-lo em pedacinhos. Usava ele para isso duas pedras, colocando o grão entre elas e batendo com uma em cima da outra. Mais tarde foi aperfeiçoando este método e no lugar de pegar duas pedras rasas comuns, usou uma concava em forma de vasilha, na qual colocava o grão e uma outra, convexa, com a qual batia. Dali surgiu o pilão. Em muitas tribus indígenas ou primitivas encontramos ainda esta forma de moer o grão, cansativa e lenta.

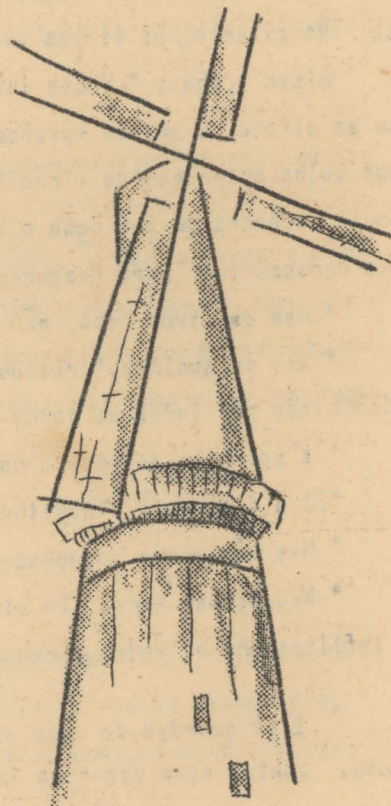
Após muito tempo o homem percebeu de que mais fácil seria esmagar as sementes entre duas pedras chatas, girando uma sobre a outra. Esta foi a primeira idéia do moinho. " Os moinhos de hoje podem ser movidos por meio da água, da electricidade, do vento ou dos animais. O principio entretanto é o mesmo. Sempre duas pedras planas entre as quais os grãos se trituram. No começo eram movidos exclusivamente à força de braços. No tempo dos romanos ainda, empregava-se os escravos da guerra para pollos o dia inteiro movendo as pedras dos moinhos. Por fim, entre os próprios romanos nasceu a ideia de aproveitar a força da água para substituir o musculo dos escravos."

Havia, porém, regiões onde a força da água não estava ao alcance do homem e isto principalmente nas planícies, onde não há montanhas e quedas da água que forneçam a energia; aproveitou-se então o vento para girar os moinhos. Exemplos disso temos na Holanda. Hoje em dia, porém, o moinho elétrico esta pouco a pouco substituindo todos os outros, pois independe das forças diretas da natureza.

Ainda antes do grão chegar ao moinho existe o longo percurso do seu plantio e colheita, e os processos nele empregados também tiveram a sua evolução através dos tempos.

No inicio era preciso cavar a terra com as unhas, fazer os buracos e colocar nele os grãos. Isto era um trabalho pesadissimo e muito lento. Como já dissemos, presume-se ter sido a mulher encarregada da lavoura das terras e com certeza levou-lhe muito tempo a perceber de que colocando um cabo numa pedra cortante ela poderia fazer buracos muito mais facilmente e com maior rapidez. Feito isto, estava inventada a primeira enxada. Foi esta uma invenção genial. Todas os instrumentos e máquinas agrícolas que hoje usamos - a pá, o foice, arados, grades, ceifeiras, etc. - são baseados nos seus principios primitivos.

Há muitos lugares no mundo onde os homens cultivam as suas terras ainda da forma primitiva e não mecanizada. Mas isso terá que ser substituído, não só para facilitar o homem no seu



trabalho, como para poder produzir mais e fornecer assim mais alimento ao povo.

Assim vemos, portanto, que a preparação do pão, hoje em dia, é um processo feito, pela natureza, pelo homem e pela máquina juntos. A natureza dá a terra e o milagre do crescimento da planta, o homem conduz as máquinas que primeiro aram e preparam a terra, mais tarde semeiam-na, colhem o trigo, moem-no e transportam os sacos de farinha às padarias; lá faz-se a massa, põe-se-a nos fornos e obtém-se o pão, que é o alimento primeiro e o mais exigido pelo homem.

Trabalhos práticos -

As experiências com plantas - as mais conhecidas são as do feijão e batata doce, de quais deixados na humidade começam a florescer. Para demonstrar aos chanichim a importância da luz e do calor no desenvolvimento da planta existem duas experiências pequenas: colocar sementes (em terra ou em água) dentro de uma geladeira e observar o seu desenvolvimento; pegar uma planta já existente dentro de um vaso com terra molhada e embrulhá-la com papel preto, deixando só um buraco no papel que permite a entrada da luz naquele particular lugar. Observar o que sucederá.

b) sugerir que os chaverim façam na kvutzá desenhos e descrições em forma de " histórias em quadrinhos" sobre o desenvolvimento e as invenções nos tres assuntos até agora abordados - a casa, os transportes terrestres e a agricultura. Os desenhos deverão ser sem explicações escritas. Pode-se fazer isso em forma de jogo, dando um prazo determinado.

Izoflut - Preparação para a Haftagá: nos e sinais de pista.

Observação - O madrich deverá distribuir entre os chanichim o tema da próxima sichá, a ser dada por eles mesmos (Ler as Indicações da proxima sicha).

2a sichá -

Explicação - Queremos que os chanichim participem ao máximo nas sichot dadas e, naquilo que for possível, também na sua elaboração. Sugerimos, por exemplo, que esta sichá, dada após a anterior, sobre o surgimento da agricultura e seu desenvolvimento - seja preparada pelos chanichim, cada um escolhendo para falar sobre um produto agrícola diferente. Limitando-se mesmo produtos agrícolas alimentícios, os chanichim poderão achar muitos exemplos de grande interesse. Ex: o arroz, o café, o chá, o açúcar, etc. (convem sugerir que um chanich escolha os produtos típicos do nosso país - frutas cítricas, uvas, azeitonas, prod, cereais, etc.) Para tornar a sichá mais interessante o resto dos chaverim não devera saber qual o produto por cada um escolhido (somente o madrich a fim de que não haja repetições) e desta forma, cada tzofé descreverá a sua planta, contará sua história, o seu cultivo, etc., e os outros, de acordo com a descrição, deverão adivinhar o que ela é. Logicamente o chanich começara pelos detalhes menos conhecidos e característicos, a fim de manter o interesse dos outros.

butz, sugerimos fazê-lo por meio da leitura de uma carta vinda, supostamente, de um jovem do país.

Queridos chaverim,

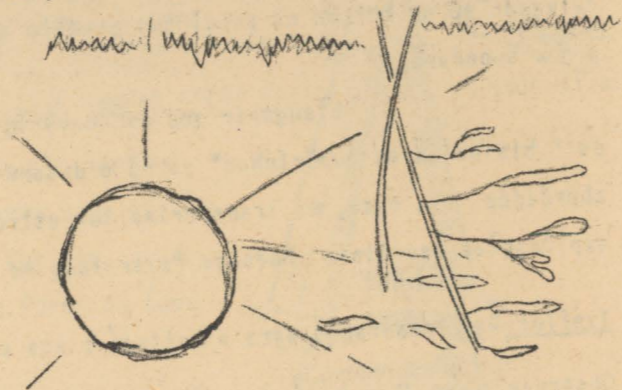
Estamos agora em férias, que acompanham sempre as festas de Pessach e amanhã sairemos, toda a minha classe, para um tiul de tres dias no norte do país. É esta a época da primavera e todas as escolas e movimentos juvenis viajam em tiulim e haflagot. Os campos estão cobertos de milhares de flores pequeninas, os dias são lindos, e quer-se tirar tudo desta estação que entre nos dura tão pouco tempo.

Pessach sempre foi a minha festa predileta, mas não é somente pelas férias.

Quero contar-lhes como nos aqui comemoramos esta data.

À tardezinha, antes do sol nascer, inicia-se a festa com o Chag haOmer. Enfeita-se se a carroça do kibutz com galhos e plantas e sobem nela todas as crianças, cada uma com grinaldas de pequenas flores na cabeça. Atrás delas vem vindo devagar todos os chaverim, vestidos com roupas claras e alegres, pois tudo nesse dia é alegre. Nos saímos para iniciar a colheita. Chegando aos campos começam as canções - um coro bonito, vindo de longe, como se chegasse da própria terra e das espigas que sussurram ao vento. Meninas dançam, com longos vestidos brancos, parecem flores no meio do campo verde.

Pouco a pouco aproxima-se o momento mais belo da festa: ouve-se uma canção lenta, mas cheia de ritmo que o vento torna ainda mais distante, e ao compasso dela, cinco chaverim saem para ceifar a primeira colheita; nas suas mãos estão as foices que se levantam e abaixam num movimento de dança. Enquanto isso as espigas caem, derrubadas pelo cortar que vae e vem. O sol vai descendo devagar e a festa termina. Um quadro de tranquila alegria do homem que vai colhendo o fruto do seu trabalho.



Além deste aspecto da festa de Pessach, o madrich poderá falar da sua comemoração tradicional no Galut, do Seder, seus símbolos, etc.; sugerimos contar a história de Peretz, "O fazedor de milagres".

Trabalho para levar à casa -

Hagada sem palavras. Fazer um pequeno livro, costurando junto algumas folhas de papel sem pautas e desenhar em cada página uma cena da história de Pessach, conforme a Hagada.

4a síchã - O levante do gueto de Varsóvia

Falar aos chanichim sobre a ultima grande guerra. Falar dos sofrimento e dos massacres pelos quais o nosso povo passou, sem necessariamente entrar nos detalhes das crueldades nazistas e das tragédias sucedidas nos campos de concentração. A juventude do gueto revoltou-se heroicamente, com um grito de protesto e desespero.

Incluimos um conto, não diretamente ligado ao tema do levante, porém pondo em realce o heroismo de uma criança nesta guerra; a base do conto pode-se em geral levantar o tema de crianças na guerra, como sofreram, as crianças órfãs que perderam as famílias na guerra, como para estas crianças Eretz Israel foi uma salvação, pois encontraram aqui uma possibilidade de começar vidas normais e livres.

Conto : Rachele, a pequena heroína

Em toda a aldeia reina o choro e o luto. Foi proclamada uma ordem pela qual todos os homens judeus tinham que apresentar-se dentro de tres dias e levar consigo merenda. Lugar de reunião: o pátio da sinagoga. Uma cadeia de alemães cercou o pátio.

A pequena Rachele captou das conversas dos alemães que amanhã ao alvorecer os judeus serão retirados para serem mortos. E no pátio da sinagoga encontram-se também seu pai e seu irmão.

A aldeia mergulhou num terror de morte. Entre as casas estão rondando sentinelas alemãs. Todo homem que lhes cai na mão é fuzilado no lugar.

- Como salvar papai e o irmão? como evitar o assassinio? o que fazer?

E na cabeça da menina floresceu uma ideia: escapar para o lado dos exercitos de libertação que estão aquartelados na próxima cidade, para pedir e convencer que venham quanto antes, que cheguem ainda esta noite, que salvem... só um ato destes poderá salvar os seus entes queridos. E não pode falar disso com ninguém, nem com sua mãe...

Descalça, de vestidinho preto, coberta com um lenço como filha de camponeses, Rachele pos-se a caminho. Atravessou as cercas, escapou por entre as hortas, arrastou-se pelos campos, rodou entre estilhaços de morteiros, levantou-se e de novo foi adiante.

Eis uma estradinha e sobre ela ronda um sentinela alemão. A menina aperta o corpinho ao chão e se arrasta entre telas de aranha. De arrastão, ferida nas mãos e nos braços, ela atravessa o pântano entre montes de forragem apodrecida...

Noite e escuridão. Ela caminha lentamente ao longo do atalho e ei-la já do outro lado do pantano. Uma lua redonda surgiu no horizonte e ilumina o caminho. Tiroteio em seu redor. O pequeninho coração palpita violentamente --- eis a estrada.

Milagrosamente a corajosa menina consegue chegar e aproximar-se das sentinelas dianteiras do exército de libertação.

Detiveram-na; foi levada para o quartel general e lá em Idish vivo, sufocada entre lágrimas e emoção - contou a menina o objetivo da sua vinda.

Era noite e o acampamento dormia. No comando dianteiro estão sentados dois oficiais da brigada judaica. Os dois, ao ouvirem as súplicas da menina decidimos dirigir-nos ao comandante e a fim de obter permissão para enviar uma unidade de combate. O comandante hesitou, mas a presença da pequena e corajosa criança abalou-o também e ele finalmente concordou!

No fim de dez minutos romperam da beira do bosque, em plena velocidade e num barulho ensurdecedor, nove tanques, prontos para o combate, com soldados dentro de carros blindados.

O oriente avermelhou-se. Do pantano elevou-se uma neblina. No tanque da frente estava, junto ao soldado da brigada, a pequena menina, tremula de medo e emoção. A aparição dos tanques de libertação tomou de surpresa os alemães. Eles retrocederam em pânico para fora da aldeia.

Inspecionamos rua após rua e elim

Rua após rua foram inspecionadas e eliminados todos os soldados alemães em debandada. Sem se importar com as advertencias do comandante a pequena Rachele olhava para fora pela torre do tanque e exclamava constantemente - El-los, na janela! Eis, atrás da porta escondidos! atire ao chaminé!

A luta finalmente terminou. Os nossos soldados recolheram os prisioneiros, examinando casa por casa. Foi dada ordem de avançar para a praça da aldeia. Do portão escancarado da sinagoga jorrou a massa de judeus exultantes, com exclamações e risos. Das casas, dos portões, dos pátios, surgiram judeus isolados, olhavam em redor com medo e só quando se convenciam de que realmente estavam salvos, corriam de encontro um ao outro.

A alegria foi sem fim e todos com lágrimas e gratidão, homenageavam a corajosa menina que salvou a aldeia.

Izoflut : Ao redor da Medura (para a Haflagá)

Competições ; material - corda, dois fosforos, caixa. Andamento - Estende-se a corda à altura de 70 cm. da terra; a distancia de um metro dela cada par de jogadores prepara uma fogueira-pirâmide e a acende. Encerramento - Vence o par cuja fogueira se incendia em primeiro lugar e cujas flamas atingem a corda.

2) Conservação de brasas - Cada par prepara uma fogueira e espera ate que só haja brasas acesas; então cobre as brasas com cinza. Uma hora depois tentam acender novamente a fogueira, removendo a cinza e usando as brasas.

Jogos ao redor da Medura

1) O diabo vivo -

Um bastão de madeira com fogo numa das pontas é passado de mão em mão entre os que estão sentados. Cada um que o recebe diz em tom solene " Diabo vivo!". Quando o bastão se apagar, faz-se um sinal, com o carvão do bastão na testa daquele em cuja mão ele se apagou.



2) Alimentar o outro

Dois chanichim de olhos vendados. Na mão de cada um uma batata assada e descascada. Cada um deve alimentar o outro com a batata.

3) História do mudo

O grupo afasta-se da medurá. O madrích fica entre os chanichim e a medurá e conta uma história sem palavras, somente com gestos e mimica. O fogo no fundo e a sombra grande do madrích no chão darão um ar meio tenebroso ao conto por ele contado, que deve ser um pouco amedrontador. Terminado o conto os chanichim deverão interpretá-lo, conforme o entenderam e quem o fizer melhor tomará o lugar do madrích.

X:X

M A I O

Sichot

- I de Maio (conto e sichá)
- A fábrica (sichá e visita)
- A luz e sua história

Datas

- I de Maio
- Iom Atzmaut

Trabalhos práticos

- Mapas de Eretz, para as kvutzot.
- Trabalhos relativos às sichot.

Conto - O pequeno japonês Taguru

O menino Taguru conhecia a miséria e a fome desde o dia de seu nascimento. Sua mãe trabalhava na fábrica de seda do grande fabricante Karido e o seu ordenado era muito baixo, pois as mulheres, apesar de trabalhar o mesmo número de horas que os homens, ganhavam menos e não eram bem tratadas.

Não tendo onde deixar o pequeno Taguru a mãe levava-o consigo para a fábrica e deitava-o no pátio, sobre os montes de casulos dos bichos de seda. Lá fora Taguru dormia até que o frio o acordasse e a fome fizesse-se sentir; começava ele então a chorar e a mãe, ouvindo o chorar do filho não podia se aproximar pois o mestre andava entre os teares e gritava: "Trabalhar, depressa! Não perder tempo!" Chorava Taguru uma hora, duas, três e acabava adormecendo novamente.

Quando Taguru fez quatro anos, chegou sua vez de ajudar no trabalho também. Sentaram-no ao lado de um monte de casulos e ele tinha que seleccioná-los em grupos. Doíam as costas, doíam as mãos, doíam os olhos, mas nada podia lhe adiantar, tinha que trabalhar.

Passado algum tempo, deram-lhe um outro trabalho: enfiar casulos em água fervendo - trabalho difícil e desagradável. Uma vez queimou-se os dedos, outra vez a pele ficou-lhe toda riscada e inclusive sangue escorrera, porém, o menino continuava trabalhando, pois que outra coisa lhe restava a fazer?

Nesses dias nasceu um irmão para o Taguru. Sua mãe também a este levava à fábrica e agora Taguru devia trabalhar e cuidar do bebê. Passou-se algum tempo, alguns anos, e uma grande tragédia foi acontecer à família: a mãe adoeceu do trabalho pesado e morreu.

A situação das crianças ficou mais pesada ainda. A fome não abandonava a sua casa. O pai não tinha trabalho e o bebê chorava dias e noites seguidos. O que fazer? O pai dirigiu-se ao dono da fábrica, ao rico Karido, e disse-lhe: - Não há trabalho e temos que comer.

Perguntou Karido: - Então, o que voce quer?

- Pobres dos meus filhos, gaguejou o pai, estão famintos, choram.

De novo perguntou melo impaciente Karido: - E daí?

- Tome meu filho, tome-o por um ano, dois, ou então por muitos anos, como quiser, contanto que pague seu ordenado adiantado e que ele possa comer.

E assim foi vendido o pequeno Taguru, aos oito anos, para o dono da fábrica. Trabalhava quinze horas por dia, cuidava das máquinas, limpava-as e lubrificava com óleo, servia aos artífices, etc. O dia inteiro corria de um lado para outro, sem descanso e sem intervalo. De noite estava cansado, muito cansado e faminto, pois a comida que recebia era escassa. Sem forças caía ao lado da máquina, no soalho e dormia...

Certa vez, saiu Taguru por alguns instantes para o pátio, descansar e tomar um pouco de ar. O pátio também era sujo e sufocante, porém o ar era um pouco mais puro do que o cheiro forte das máquinas na fábrica. Taguru estava muito cansado e doíam-lhe as pernas. Esticou-se

sobre a terra e adormeceu.

Passou o mestre e viu o japonês deitado roncando, pegou-o pelos braços e levou ao escritório.

- Vou te ensinar como se dorme em horas de trabalho! gritou enraivecido o dono da fábrica Karido. E desse dia em diante deram-lhe trabalhos cada vez mais pesados. Seu corpo doía, não tinha força para andar; enfraquecera tanto que cada objeto caía de sua mão.

Uma vez, desmaiou ao lado de uma máquina. Isto repetiu-se uma segunda vez e uma terceira.

E finalmente, um dia chegou que o grande desastee se dera. O guarda da fábrica informou a Karido: - O japonês morreu! Fora arrastado pela correia da máquina.

- Como foi acontecer isso? perguntou Karido,

- Durante o trabalho, adormeceu ele ao lado da máquina.

- Ah! sendo assim ele mesmo é o culpado! Só ele é o culpado de tudo, disse Karido espreguichando-se.

(P. Tsamina - Extr. e adaptado do progr. "Ilo-shanim" do Hashomer Hatzair)

Após o conto desenvolver uma sichá com os chanichim sobre o tema: crianças que trabalham; crianças de pais muito pobres, forçadas a trabalhar na mais tenra idade - os jornaleiros, engraxates, todos eles exemplos que os chanichim vêem nas ruas. Não podem estas crianças estudar e brincar como as outras e nem possuem uma vida familiar alegre. O senso de responsabilidade que uma criança pobre desenvolve.

2a Reunião -

Visita a uma fábrica -

Dever-se-á escolher uma fábrica onde for possível

mostrar com facilidade aos tzofim os dois aspectos dela que nos interessam: de um lado o maquinário técnico e seu funcionamento, e do outro, o aspecto social, trabalhadores, crianças que trabalham, etc. Sugerimos por ex., fábricas de vidro, de cimento, tecelagens, etc. (preferivelmente não as fábricas grandes tipo americanas, onde o aspecto social é muito encoberto)

Antes da visita convém ter uma curta sichá com os chanichim. Estabelecer alguns pontos que os tzofim deverão observar, para que as crianças não sejam lá tomadas por demais pelos detalhes. Por exemplo, dizer aos chaverim observarem as diferentes máquinas e perceberem nelas qual o movimento da mão ou do pé do homem que elas substituem no seu funcionamento. Também, à base das sichót anteriores, traçar da mesma forma a sua evolução.

Fazer os tzofim repararem as condições pesadas e tensas nas quais a maior parte dos operários trabalha e como, portanto, eles precisariam ter, fora do trabalho, possibilidades de descanso e de despreocupação; como isso, no entanto, não acontece.

Após a visita, sugerir aos chanichim escrever sobre as impressões que ela deixou, seja no setor das cousas técnicas ou no seu aspecto social.

A kv. divide-se em dois grupos em fila, nos dois cantos de uma sala e o madrich fica no meio da sala.

O madrich estende a mão esquerda e o grupo que está deste lado bate palmas uma vez e quando o madrich estender a mão direita será este lado que terá que bater; quando o madrich estender a mão e virar o cotovelo para baixo deverão os dois lados, respectivamente, bater duas vezes palmas. O madrich aumentará e diminuirá de velocidade conforme quiser; o ritmo das palmas e o movimento do madrich darão a sensação de uma máquina a vapor.

Os chanichim que se atrapalharem no bater as palmas (quando não for o seu grupo , ou então quando baterem uma vez no lugar de duas) irão para o fim da fila.

3a sicha - A história da luz -

" A escuridão é o mal
O príncipe da escuridão é o próprio diabo "

(de um poeta chinês)

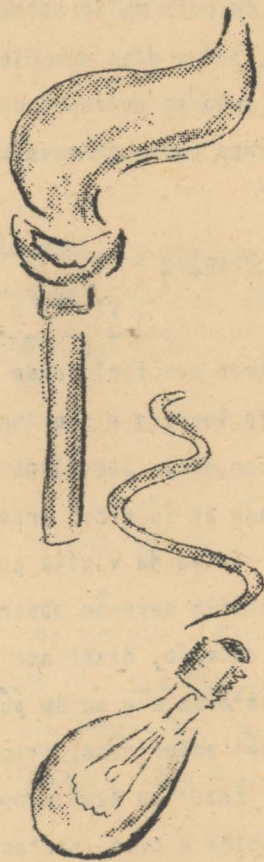
Material a trazer : velas, fosforos, pavios, etc.

O homem sempre temeu o escuro. Associava-o na sua superstição ao reino dos maus espíritos e dos diabos, que vinham então persegui-lo. A escuridão era lhe perigosa, pois os animais selvagens aproveitavam-se dela para assalta-lo nas suas cavernas.

Não se sabe exatamente como o homem chegou a inventar o fogo porem deve ter sido o proprio acaso que lhe ensinou, ao friccionar dois troncos de árvores entre si e a extrair deste ato faiscas. Foi esta invenção, talvez a maior de todas, que permitiu ao homem, por meio das fogueiras primitivas, aquecer e iluminar a sua caverna.

Com esta luz artificial conseguia ele, às noites, espantar as feras da proximidade, como também aos espíritos maus que ele criara na sua imaginação.

O fogo, portanto, foi a primeira iluminação do homem. Houve lugares, no entanto, onde a madeira não era tão acessível e os homens foram forçados a produzir diferentes meios de obter a luz. Procuraram um outro material combustível e acharam-no na banha dos animais, cujo caráter oleoso permitia que, embebendo-se nela uma mecha e acendendo-o, houvesse fogo enquanto o óleo nela durasse. Surgiu o archote. Se embebermos uma corda de fibra em óleo formaríamos uma corda gordurosa que se queima lentamen-



te, até o touquinho final. Os gregos usaram muito o archote. Nos poemas de Homero há archotes em penca. Veio depois um progresso e em vez de embeber a corda no óleo, colocavam nela uma cordinha - mecha ou pavio - e obtinha-se luz melhor. Esse sistema de iluminação perdura até hoje. Só tem variado o óleo. Usou-se o de baleia; vieram depois os óleos vegetais, como o da mamona, das olivas e por fim o óleo mineral, ou petróleo, que é o mais barato e o melhor."

Famosas são as antigas lamparinas chinesas. (Também, ao falar-se de Chanuka e o milagre nela sucedido, refere-se ao óleo das lampadas do templo que durou oito dias seguidos. Os judeus religiosos, até hoje em dia, acendem pequenas lampadas a óleo - às vezes em copos mesmo - nos aniversários de morte dos membros da família.)

Uma lampada a óleo muito original e característica encontra-se entre os esquimos. Existe naquelas regiões um grande pássaro chamado " alek", que alimenta-se principalmente de peixes, aos quais é capaz de devorar em grande quantidade. Um lado do seu corpo é todo feito de banha e os esquimós, que caçam muito esta ave, costumam passar um pavio pelo seu corpo, acendendo-o e obtendo uma lampada toda especial.

Com o correr do tempo apareceu a vela e ela marcou um grande passo dado a frente. A luz das velas era, porém, muito fraca e além disso cara. O homem continuou a procurar melhores meios de produzir luz, até que se lembrou de queimar o gás do carvão de pedra. Houve no início, como é costume em geral com toda nova invenção, uma grande resistência a este sistema de iluminar as casas e mais tarde também as ruas. Porém ele foi introduzido integralmente e permaneceu o unico por muito tempo.

Até que, finalmente, com o descobrimento da eletricidade conseguiu o homem chegar a por um fim verdadeiro à escuridão da noite e competir até com a propria luz solar. Edison inventou a primeira lampada elétrica, e desde então a iluminação elétrica tornou-se uma necessidade primaria de qualquer coletivo civilizado. (Contar um pouco da vida de Edison, sua infancia, etc.)

Trabalhos práticos -

Fazer lamparinas a óleo. Num vasilhame qualquer (poder ser num copo) derramar um pouco de azeite. Cortar pequenas rodinhas de rolha, atravessá-las com um pavio. Acendendo o pavio a lamparina arderá por muito tempo.

J U N H O -

Sichot :

- 1) A história dos instrumentos musicais ; Lendas ligadas à musica
- 2) A musica no povo judeu
- 3) Como começou a pintura e a escultura (visita a um museu)
- 4) O cinema

Trabalhos manuais - Fazer algumas instrumentos musicais.

S a l e i n u a l k t e f e i n u , r o s h e i n u a t u r i m ,
 M i k t z o t h a a r e t z b a n u , h o v e i n u b i k u r i m
 M i l e h u d a , v e h a S h o m r o n
 M i h a E m e k , v e h a G a l i l
 P a n u d e r e c h l a n u
 B i k u r i m i t a n u
 H a c h b a t o f h a c h b a h a l i l l !

Os cestos nos ombros, as cabeças erguidas,
 De todos os cantos viemos e trazemos premicias.
 De Iehuda e e Shomron
 Do Emek e do Galil
 Abram-nos o caminho! Trazemos premicias!
 Bata o tambor e toque o halill!

Uma carta de Eretz

Caros chaverim,

Lembram-se quando numa carta anterior eu lhes contei sobre o chag haOmer no nosso kibutz, sobre o dia em que iniciamos a colheita? Pois agora, passados 49 dias, sete semanas (semanas em Ivrit é shavuot), festejamos aqui o fim da colheita e a alegria é tão grande como o foi no seu começo. A forma de fazermos esta festa é muito bonita. Todos os anafim do kibutz querem mostrar aquilo que colheram e produziram durante o ano e prepara-se então um grande desfile, onde cada um vem apresentar e expor os frutos do seu trabalho.

Primeiros da fila vem os enormes tratores, os que aram e semeiam a terra, os que cortam, colhem e juntam os seus produtos. Br..... de longe já fazem um barulho ensurdecedor, como tanques de guerra, mas como eles nos são mais queridos do que os tanques!

Logo depois vemos os trabalhadores do Mispo - aqueles que cultivam e preparam a comida para as nossas vacas no refet. Vocês já pensaram do que uma vaca precisa para se alimentar a fim de dar-nos o seu leite, que é de tão grande importância? Além do feno, elas comem toda especie de verduras - o milho, o pequeno trevo, flores e folhas de ervilhas, e muitas outras coisas. Depois do Mispo, vem os homens do vinhedo, do nosso keren lain etrazem nos ombros grandes cachos de uvas; logo atrás vem o gan - a horta - e este traz muitos e muitos produtos : tomates, pepinos, cebolas, batatas, rabanetes, aboboras, couves, cenouras ,etc, etc.

Seguindo o desfile agora aparece um raftan, guiando uma vaca, grande e preta, com um laço vermelho no rabo e um ramo de flores nos chifres; atrás dela seguem dois pequenos bezerrinhos que só há dois dias atrás nasceram e já pulam sem parar, querendo soltar o laço que os amarra.

No fim aparece o gan noi , a jardinagem, e traz lindas flores e buques para oferecer.

Dansas e canções acompanham a exposição; estamos todos alegres e orgulhosos daquilo que o nosso trabalho conseguiu criar.



la sicha -

A história dos Instrumentos musicais

Os Instrumentos musicais são hoje divididos em tres grupos diferentes : os instrumentos de percussão, de sopro , e de cordas. Cada grupo possui a sua história e um passado muito longinquo pois a história da propria musica é muito longinqua e acompanha o homem desde os primeiros tempos.

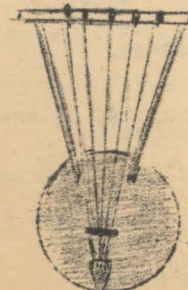
Com certeza o primeiro instrumento musical do homem foi a sua propria voz, que ele aprendeu a articular por meio do seu organismo respiratório, da laringe e da boca. O homem começou, portanto, a música ao produzir ele mesmo difentes sons vocais, ritmados ou não, que acompanhavam talvez os seus pulos e dansas primitivas, variando de tonalidade e de colorido.

Os primeiros instrumentos musicais, externos ao homem, foram feitos com certeza para servir de acompanhamento rítmico a estas dansas selvagens, as quais parecem ter sido a primeira e a mais comum aparição artística entre os povos primitivos. O ritmo é em geral a característica musical mais desenvolvida entre os primitivos e ela substituiu por muito tempo a melodia ou o canto.

Encontramos também a aplicação dos primeiros instrumentos musicais de percussão nas primitivas religiões e superstições. A fim de espantar os diabos e maus espiritos era necessário inventar bafulhos fortes e continuados; foi assim que em várias tribus o tam tam dos selvagens funcionava sem descanso (o tam-tam era um tronco de pau oco sobre o qual estendia-se uma pele de animal muito bem esticada. Sendo o volume por dentro oco, a ressonancia do som, quando batia-se em cima da pele, aumentava). Servindo a religião, também, a musica primitiva era empregada para as festas e dias de graça aos deuses, sendo nestes casos, em geral, um complemento à dansa.

Presume-se portanto que os instrumentos de percussão sejam os mais antigos e conhecidos por quase todos os povos primitivos. O tam-tam era o mais popular de todos e sabe-se que na China foi ele muito aperfeiçoado; instrumento comum também eram os cimbalos, usados principalmente na India pelas mulheres, e assim por diante.

O instrumento de sopro também tem uma historia antiga. O primeiro com certeza fora feito dos ossos de animais, principalmente de chifres, e exemplo disso temos ainda hoje no shofar nosso, que é empregado pelos judeus religiosos nas festas de Rosh Hashana e Iom Kipur e que é um vestigio concreto do instrumento original de sopro. O som produzido desta forma, porém, era muito uniforme e foi só quando o homem aprendeu a fazer as primeiras flautas dos galhos de bambús ou de outras arvores , servindo-se dos buracos os quais tampados ou abertos produziam variações de som, que o verdadeiro instrumento teve o seu inicio. A flauta primitiva, ao contrário dos instrumentos de



de percussão, era capaz de produzir melodias e não somente marcar ritmo. Ela era conhecida pelas civilizações antigas e provas disso temps pelas descobertas feitas nos tumulos egipcios onde ela foi encontrada e pelas antigas pinturas e esculturas (principalmente gregas) que a representam.



A família dos instrumentos de corda talvez seja a mais recente das tres, porém também ela é antiquíssima. Há muitos que atribuem o seu início ao proprio arco usado pelos caçadores e guerreiros primitivos. Descobriram os homens de que uma corda esticada como num arco, tendo por trás uma caixa de ressonância (um volume fechado qualquer) ao ser vibrada, produz um som que é agradável ao ouvido. A primeira caixa de ressonancia parece ter sido a propria boca, mais tarde cascas de frutos, como a metade de uma noz de coco, etc. As cordas, por sua vez, eram feitas das tripas de animais; mesmo hoje, apesar de empregar-se cordas de metal, muitas vezes faz-se os instrumentos com cordas feitas de intestinos de carneiros.

Com o tempo os homens descobriram que o som produzido pelo instrumento de cordas depende de tres cousas: do comprimento, da espessura e da tensão das cordas. O tom é mais agudo quando a corda é mais curta, mais fina e mais esticada; ele será mais grave se a corda for mais larga, mais grossa e menos esticada. (Se for possível, demonstrar isso diretamente num instrumento de cordas) ou então com borrachas, de diferentes grossuras)

Os gregos desenvolveram muito os instrumentos de corda, aperfeiçoando-os para as harpas e pequenas liras por atais, usadas para acompanhar a leitura dos poemas e versos. Homero, o grande poeta da Grécia, o qual diziam ter sido cego, andava pelo país recitando os seus versos, acompanhado da musica da sua lira. A viola e mais tarde o violino - assim como toda a família dos instrumentos de corda - descenderam destes instrumentos primitivos. Dizem que também cabe aos gregos o primeiro antecedente do piano, chamado monocórdio. Este instrumento, porém, só foi aperfeiçoado nos últimos tempos.

Observação - Seria interessante acompanhar esta sichá com a ida a um concerto, onde os children veriam todos estes instrumentos em conjunto numa orquestra.

Trabalhos práticos - fazer instrumentos musicais

Um xilofone - com tampinhas de graxa : Fazer com um prego dois furos, nos dois lados das tampinhas. Em cada furo enfiar uma linha, atravessando de horizontal todas as tampinhas. A linha, presa num prego dos dois lados, e estes por sua vez em dois pedaços de madeira, da altura de uns 30 cm. que tem uma base comum. Usa-se oito tampinhas, segundo a escala musical.

Um violino primitivo - Pegar uma caixinha de queijo (de madeira) que servirá como a caixa de ressonancia e estender entre as suas extremidades fios de aço, de diferentes grossuras.

Um tambor - Pegar um côco oco ou uma abobrinha, limpar bem uma das suas metades vazias, estender em cima um couro muito bem esticado e terão pronto um tambor.

Bibliografia para a sichá - El niño y la musica de Kurt Plahen

Lendas ligadas à musica

Lenda do deus Pã - Pã era o deus do pastoreio; errava pelos pastos, voando pelos gados e o robalnhos. Conhecia todos os recantos da natureza e amava-a profundamente.

Uma vez, apaixonou-se Pã por uma bela ninfa, chamada Syrinx e começou a persegui-la pelos campos. Ela porém não gostava dele e fugia, não deixando-se alcansar.

Aconteceu, no entanto, que uma vez na sua selvagem corrida o deus Pã aproximou-se de Syrinx e quase a tocou; neste instante ela desapareceu, sendo engulida pela terra e nunca mais voltou à sua superficie. Possuido por uma profunda tristeza, Pã sentou-se no lugar onde ela havia desaparecido e para chamá-la de volta cortou um galho de uma árvore que lá crescia e fez uma pequena flauta, começando a tocar. Desta forma surgiu a famosa flauta de Pã, a mais triste de todas as flautas.

Lenda de Orfeus - Orfeus era o maior músico que já existira na face da terra. Quando tocava sua flauta todas as feras, as árvores e os rios juntavam-se para escutá-lo, embevecidos pela magia do seu tocar.

Porém, uma desgraça terrível caiu sobre Orfeus. Euridice, sua amada, foi mordida por uma serpente e levada deste mundo. Desde então Orfeus não podia mais tocar porque não achava consolo para a sua tristeza e solidão.

Resolveu ir implorar das deusas do reino subterraneo que lhe devolvessem Euridice e descondo pos-se a cantar e tocar musicas tão belas e tristes que as deusas comoveram-se e deixaram Euridice sair, com a condição de que ele a gulsse para o mundo de fora sem nenhuma vez virar-se para olhá-la.

Orfeus prometeu cumprir a exigencia, porém Euridice, que de nada sabia, pensou que ele não a olhava por não querer vê-la mais e começou a chorar, dizendo que preferia a morte do que ser salva por ele sem ter o seu amor. Orfeus não se conteve mais, virando para ela o rosto e perdendo assim para sempre a sua amada.

Lenda do flautista de Hamelin - Na cidade Hamelin houve, há centenas de anos atrás, uma terrível praga de ratos. Infiltravam-se eles em todo lugar, comiam os alimentos armazenados, roçavam as roupas e os móveis e traziam a desgraça a todos os cidadãos. Ninguém sabia como exterminá-los, até que certo dia apareceu na cidade um jovem flautista e prometeu, se lhe pagassem uma quantia de dinheiro que precisava para viver, ele liquidaria com as ratazanas. No início, tomaram-no por um charlatão, porém quando ele se pôs no meio da praça e iniciou a tocar a sua comprida flauta e quando todas as ratazanas começaram a aparecer e segui-lo, concordaram os cidadãos em lhe pagar a quantia.

O flautista ia tocando e dansando pela estrada que levava ao rio e atrás dele as ratazanas arrastavam-se todas juntas. Chegando ao rio o flautista mágico conduziu-as às águas e elas lá se afogaram.

Voltando à cidade exigiu a sua paga porém os maus homens da cidade, livres do perigo agora, não quiseram cumprir a sua promessa.

O flautista vingou-se cruelmente. Mais uma vez parou no meio da praça e começou a tocar, músicas ainda mais lindas e quase mágicas. Desta vez começaram a aparecer de todas as casas pequenas crianças que, encantadas pelas melodias, seguiam o tocador pela estrada. Os choros e pedidos dos pais nada adiantaram, elas seguiam o flautista e desapareceram, atrás dele, numa curva da estrada que levava para um país desconhecido.



2a sicha - A Música no povo judeu

Os judeus, pela que conta a nossa história, foram também na antiguidade um povo musical. Sabo-se de que, entre todas as artes, foram a música e a poesia as mais desenvolvidas entre nós. Nos tempos bíblicos atribui-se isso ao fato de judeus serem um povo nômade e de pastores, não possuindo por espaços de tempo muito prolongados um lugar fixo na terra - condição indispensável para grandes obras arquitetônicas e plásticas em geral. Ao mesmo tempo, o eterno peregrinar e o contacto com a natureza pelo pastoreio, encontraram nos antigos hebreus a sua expressão pela poesia e pelo canto.

Houve sempre duas espécies de música que o povo criava: uma, a música popular, que cantava a vida quotidiana dos homens. Em todos os lugares onde os judeus foram forçados a viver eles a compunham. Há canções populares judaicas da Espanha, as canções chassídicas dos judeus da Europa Oriental, as yemenitas, etc. Ao mesmo tempo existia a música religiosa. Nos dias do templo a música era uma parte muito importante dos rituais. Os levitas, que eram músicos treinados, ficavam parados nas escadas dos enormes terraços do Templo e cantavam os hinos religiosos. Havia regentes para os coros e diversos instrumentos de corda e de sopro que acompanhavam.

Na própria Bíblia existem sinais que indicam como ela deve ser lida, ou melhor, cantada pelo povo; os judeus religiosos ao lerem-na cantam com as devidas entonações.

Também na música clássica os judeus distinguiram-se e distinguem-se hoje em dia. Tivemos alguns grandes compositores e principalmente conseguimos dar ao mundo muitos dos melhores virtuosos na execução musical. Grandes violinistas, famosos no mundo todo, como Huberman, Helfetz, Menuhin, Isaac Stern, etc.

Em Eretz Israel temos uma grande e excelente orquestra filarmônica e muitos regentes famosos de outros países vêm regê-la frequentemente.

A música popular floresce muito em Eretz e principalmente nos quibutzim. Constantemente surgem novas e lindas canções e elas estão ligadas à nossa vida, aos campos e terras que nos rodeiam, à natureza dentro da qual vivemos. Existem as canções da colheita, da flor que nasce,

da primavera que vem e das chuvas que se espera.

As crianças nos quibutzim gostam muito de música. Muitas pessoas estrangeiras que vieram visitar a nossa terra disseram que não há país no mundo onde os jovens tanto cantassem como aqui. Os "sabres" sabem cantar e dançar horas seguidas, sem se cansar e sempre com o mesmo ritmo alegre e cheio de vida. Nas escolas dos quibutzim faz-se pequenas orquestras nas quais todos podem participar. O instrumento mais querido é o halil, cujo som parece combinar mais com os próprios sons da natureza e que é um instrumento que nasceu no campo e no pastoreio.

Observações - O madrich que souber ler a Bíblia com as devidas entonações deve fazê-lo na kvutza ou deve-se convidar alguém quem o saiba.

Ensinar canções chassídicas - sherele, raibi Elimelech, etc.

Ensinar duas bonitas canções populares modernas de Eretz Israel.

3a sicha - anterior à visita a um museu

Como começou a pintura e a escultura - A arte da pintura e da escultura acompanha o homem desde os primeiros tempos. Encontramos nas cavernas que datam dos tempos mais antigos da história da civilização, desenhos e verdadeiras pinturas esboçadas nas paredes, prova de que o homem possuía, já então, uma forma plástica de exprimir-se. Encontra-se também estranhas esculturas, ou seja, blocos de pedra, primitivamente moldados e diferentes tipos de adornos para o corpo, feitos de ossos ou de chifres de animais.

Todos os vestígios de desenho ou pintura encontrados tem por motivo principal os animais e as caçadas e isso é compreensível, sendo que este era o centro da vida dos homens primitivos. Pressupõe-se também de que, devido a esta dependência do homem em relação aos animais, nele se en-deusava e conseqüentemente reproduzia em forma de ídolos e tótems.

Difícil, porém, precisar com exatidão o que impeliu o homem a esta sua criação primitiva; o fato é que a arte iniciou-se naqueles tempos e desde então ela acompanhou a humanidade em sua evolução, em todas as épocas.

Visita a um museu - É indispensável que o madrich conheça bem os quadros do museu ao qual levará os seus chanichim. A visita deverá ser curta, especialmente se for feita pela primeira vez. O madrich deverá saber deantemão quais os quadros para os quais quer chamar a atenção especial dos chanichim e para lá deve levá-los, sem deixar que as crianças vagueiem por demais de uma pintura à outra, acabando em geral por enjoar-se e nada percebendo.

Recomenda-se, na primeira visita, (se o museu possuir) mostrar aos chanichim esculturas antigas e tudo quanto tiver sobre as artes primitivas do homem.

Se houver interesse, deixar que os chanichim andem sozinhos pelo museu descobrindo por si só o que mais lhes agrada e o que maior impressão neles deixa.

4a sichá O cinema

Observação - Esta sichá convém ser dada antes de ir a um cinema com os chanichim ou antes de haver uma projeção no proprio snif. Seria interessante levar as crianças para a sala de projeção no cinema ou quando houver um film no ken, explicar como se o projeta, mostrar o filme em negativo, a sua parte sonora, etc.

Conforme o fizemos nas sichot anteriores, também aqui não nos dilongaremos nas explicações puramente técnicas do funcionamento do cinema ou da própria fotografia, que consideramos ainda não de interesse para o chanich.

Na sichá sobre luz, falamos de Edison, o inventor da lampada elétrica. Porém não é somente esta invenção que devemos a este grande gênio. Entre as inúmeras contribuições que ele legou à humanidade está também a primeira máquina que iria dar origens mais tarde à máquina cinematográfica moderna.

Em 1821, construiu ele um instrumento que, à base de fotografias, moera capaz de dar a sensação de movimento das mesmas. Muitos outros trabalharam no desenvolvimento deste instrumento até conseguirem produzir a atual camera, que é de extraordinária perfeição técnica. A base do cinema consiste no fotografar das cenas ou imagens uma após outra automaticamente, as quais, projetadas depois com suficiente velocidade na tela dão ao espectador a impressão de cenas e imagens em movimento. As fotografias são impressas em fitas feitas de celuloide, material que pode enrolado e conservado com facilidade.

Hoje em dia existem no mundo grandes estúdios cinematográficos que produzem os filmes. A maior parte dos filmes, dos mais variados argumentos e temas, é feita no local dos próprios estúdios, criando-se artificialmente os cenários e as paisagens necessárias. Se, por exemplo, a fita desenrola-se numa cidade ou aldeia antiga, os pintores e decoradores do estúdio constroem um cenário característico para estas cenas; ele pode também ser feito quase em miniatura e aumentado pelo poder quase mágico das lentes modernas, que são capazes de transformar o tamanho natural do objeto para aquele que é necessário. Existem um número sem fim de truques usados pelos cineastas para conseguir mostrar na tela aquilo que desejam. Por exemplo, para mostrar um grande "iceberg" (montanha de gelo) em cima da água, jogam num pequeno riacho produtos químicos que provocam a formação de torrões de gelo; a camera aumenta e alarga até que na tela tem-se a impressão que é uma verdadeira montanha de gelo que está de encontro com o navio a ela se aproximando (supondo que esta seja a história). Também, por exemplo, quando é preciso criar o cenário de uma ventania no deserto consegue-se a impressão da areia e do pó pelo emprego de diversos produtos químicos especiais e os ventiladores, em diversas direções, darão a sensação de ventos muito fortes. Muitas vezes também pega-se trechos de filmes que foram filmados de verdade nos devidos cenários e introduz-se-os no filme em preparo.

Existem também as combinações das cores, as quais em fotografia saem diferentes do que são na realidade. A cor vermelha, por exemplo, parece na tela ser preta e para se produzir a cor branca é necessário que a pessoa, digamos, vista uma roupa de certatonalidade azulada.

A sincronização dos sons exigidos é muito importante e difícil. Na maioria dos casos existem discos especiais para os sons que se precisa em determinadas cenas, como seja, a chuva que cai, o barulho de uma rua movimentada, o vento e a tempestade, etc., e eles são adaptados de forma tal que não prejudiquem os diálogos e a ação principal que se desenrola na tela.

Para o feitura de um filme é exigida a colaboração de muitas pessoas especializadas as quais trabalhando em conjunto produzem a obra final. É necessário, antes de mais nada, o argumento do filme, alguém que faça a história, os diálogos, etc. (muitas vezes tira-se de livros ou peças de teatro); é necessária a pessoa que dirija todo o filme, que saiba exatamente como ele deve sair, como devem ser as cenas, a ação dos artistas, a fotografia e todo o conjunto em fim - a capacidade desta pessoa depende o valor artistico do filme em si; é preciso o compositor que crie a musica em adaptação ao tema e o sincronizador dos sons; os decoradores, cenaristas, responsáveis pelo vestuário e por muitos outros detalhes que são indispensáveis para a saída de um filme completo. E logicamente existem os artistas, ao redor dos quais toda a filmagem em geral gira.

O grande genio do cinema, Charles Chaplin, faz muitas vezes sozinho a maior parte de todo este conjunto de trabalhos - escreve o argumento para a fita, compõe a música que o acompanha, e ele proprio dirige e representa.

Existe ainda a técnica do desenho animado; o próprio nome indica, mais ou menos, o que é feito. Faz-se desenhos de todos os personagens que atuam e filmando-os rapidamente eles parecem mover-se e viver. Para fazer, porém, aparecer um movimento de uma das figuras - por ex., o Mickey levantando o braço, é preciso fazer dezenas de desenhos do Mickey, em cada um o braço um pouco mais levantado, até que no ultimo desenho o braço estará lá em cima. Projetando isso depois com a suficiente rapidez parecerá que naturalmente o braço do Mickey é levantado.

Observação geral para o mes de Junho - O número de sichot para este mes é relativamente grande e se forem feitas as devidas visitas sugeridas no programa o madrich dificilmente conseguira enquadrá-las todas neste periodo de tempo, sendo que este também é o periodo dos exames. Sugerimos então que algumas das sichot sejam deixadas para o mes de férias, onde haverá talvez maior facilidade de execução de tudo que aqui sugerimos.

A G O S I O

Sichot :

Data:

- 1) a historia da comunicação
- 2) a historia da imprensa
- 3,4) temas ligados a E. Israel (viajando pelo país)

Tisha b Av
(conto e sichá)

Trabalhos práticos : relativos as sichot

Izoflut- Semafora e Morse.

La sichá A história da comunicação

Uma das maiores vantagens que o homem sempre teve sobre os animais e que lhe permitiu tamanha ascendência sobre eles foi o fato dele ter desenvolvido a linguagem, ou seja, a forma de comunicar-se pela emissão de sons que representassem cousas ou ações.

Isto fez com que o homem pudesse apelar ao próximo em momentos de medo ou perigo, pedindo auxílio e, principalmente, possibilitou a transmissão de conhecimentos de uma geração à outra. Também entre alguns animais, os pais ensinam aos filhotes os meios essenciais para sua sobrevivência - como conseguir os alimentos, como locomover-se, etc., porém não passa disso. O homem, no entanto, que diferencia-se dos animais pelo seu poder inventivo, ao transmitir aos filhos as suas descobertas e invenções, permite-lhes não passar pelos mesmos problemas já sobrepujados e continuar sempre adiante, do ponto em que seus antecessores pararam.

Os homens iam inventando sons para simbolizar as cousas e ações e muitos historiadores acreditam que as primeiras palavras inventadas eram sempre de caráter onomatopáico. A linguagem ia desenvolvendo-se e complicando-se até chegar a ser uma língua completa.

Surgiu, mais tarde, a necessidade dos homens de comunicar-se à mais longa distância. Quando começou a haver comércio entre as tribus primitivas, como também guerras, alianças, etc., a ligação entre elas tornou-se mais estreita. Os primeiros meios de comunicação à longa distância foram as enormes fogueiras feitas nos montes e nos lugares altos, a fim de serem percebidas de muito longe. As tribus chamavam assim os seus vizinhos em casos de guerra e de necessidades de auxílio contra um inimigo comum.

As fogueiras, como meio de comunicação, também eram usadas em tempos de paz. No povo judeu, por exemplo, costumava-se acender fogueiras nos montes e lugares de relevo a fim de comunicar a todo o povo, por meio de fumaças, os dias de festas e datas nacionais que todos deviam festejar em comum (não esquecer que então não existiam calendários; dali, também, dizem ter surgido o costume que permanece no Galut ainda, de festejar a maior parte das festas dois dias no lugar de um, pois até que todas as tribus tivessem visto as fogueiras, que eram acesas de monte em monte, podia passar mais de um dia.

Conforme já foi dito, uma das funções de comunicação era a de avisar e prevenir dos perigos. Entre os que mais precisavam destes avisos estavam os homens do mar. " O perigo das rochas a flor da água era grande demodo que em certos pontos ficavam homens de plantão para gritar aviso logo que um barco se aproximava. Para isso inventou-se um instrumento de aumentar a voz - o megafone. É uma corneta dentro da qual o som resoa, crescendo de volume. Nos desenhos encontrados nos tijolos de Babilônia vê-se que já naquele tempo era conhecido esse meio de aumentar o som. Os feitores de obras usavam-no para de longe darem ordens aos escravos, de modo que todos ouvissem.

No entanto no mar, muitas vezes, as intemperies da natureza não permitiam que a voz humana fosse ouvida. Trocou-se-a então pela luz e foi o início dos faróis. No começo, simples fogueiras acesas de noite nos promontórios. Depois torres com uma luz permanente em cima. Entre os faróis ficou célebre o de Alexandria, construído 300 anos A.C.. Foi considerado uma das 7 maravilhas do mundo e deve ter sido, porque resistiu em pé durante 16 séculos, acabando destruído pelo furor de um terremoto.

O sistema da luz também tinha as suas falhas porque dependia sempre do bom tempo, sendo inútil em dias ou noites de nevoeiro.

Todo o problema de comunicação só foi resolvido com a invenção do telégrafo, pelo americano Morse. Tornou-se possível, então, por meio de sinais que representavam letras, telegrafar de um extremo do país a outro e até de um continente a outro, por meio do telégrafo submarino. Hoje em dia o rádio substitui o telégrafo, que exige fios para a comunicação e com o rádio esta já é feita por meio de ondas de som, captadas no ar. Foi Marconi o inventor do telégrafo sem fio.

Na mesma época surgia o telefone, inventado por um escocês - era ele professor de surdos-mudos nos Estados Unidos e chamava-se A. G. Bell (bell em Inglês quer dizer campainha)

Trabalhos práticos: Telefones de latas

Material a trazer - pequenas latas de conservas, tantas quantos chaverim houver na kvutza; abridor de latas, papel grosso e pesado, pequenos botões, um pouco de banha ou gordura, alguns metros de fio de barbante, um prego.

- 1) Com o abridor retira-se o fundo e a tampa das latas, tornando as extremidades completamente lisas.
- 2) Cobre-se uma das extremidades com o papel humedecido. Estica-se ao máximo sobre a abertura e amarra-se -o com um barbante (quando o papel secar ele estará tão esticado com num tambor). Passa-se um pouco de banha sobre o papel a fim de fortalece-lo. Com um prego, fura-se levemente o papel no centro, introduzindo pelo buraco o papel na lata. Por dentro prende-se o barbante a uma botão a fim de que não escorregue para fora. Faz-se o mesmo com o outro fim do barbante, prendendo-o na outra lata. Desta forma, uma criança fala numa lata e a outra segura a segunda no ouvido, escutando, e vice versa.

Jogo - Telefone sem fio (Pode se introduzir uma pequena variante fazendo com que as palavras transmitidas sejam em ivrit, ou mesmo pequenas frases em ivrit.

Tzoflut

Início de aprendizado de Morse e de semáfora. Devido à ligação que existe com o tema das sichot, acreditamos que os tzofim interessar-se-ão neste aprendizado. O madrich inclusive pode inicia-lo antes da sichá e à base dela dar todas as explicações posteriores sobre a evolução da comunicação..

Não se deve ensinar Morse ou semáfora por meio do alfabeto, letra após letra, e sim por meio de palavras inteiras a serem transmitidas ou letras determinadas com algum significado, como no caso de S.O.S.

Iniciando nesta reunião, o madrich deverá continuar nas próximas, explicando a utilidade deste setor de tzoflut, principalmente na Machané no fim do ano.

2a Sicha - A história da imprensa

Logo que os homens começaram a se organizar em sociedades, foram surgindo as primeiras necessidades de uma forma de comunicação e de fixação de pensamento. Os primeiros meios usados para isso devem ter sido sinais e senhos rudimentares que convencionavam um ou outro acontecimento desta fase primitiva; foram encontrados desenhos em paredes de cavernas primitivas, geralmente de desenhos de animais e armas, que serviam certamente para registrar um acontecimento qualquer, como uma luta ou a morte de um animal.

Muitos dos povos antigos tinham suas próprias maneiras de escrever: os chineses, que inventavam para cada coisa existente um desenho; os egípcios que possuíam os hieroglifos, os assírios a sua escrita cuneiforme, os povos nórdicos os seus sinais rúnicos, etc.

Com a evolução destas sociedades primitivas e o desenvolvimento de suas formas de governo e religiões, aumentou a necessidade de formas de transmissão de pensamentos e assim foram-se desenvolvendo os desenhos primitivos até que tomassem um aspecto mais condensado, podendo resumir um numero cada vez maior de ideias e pensamentos num espaço mais limitado. Paralelamente às formas gráficas, foram-se desenvolvendo os meios técnicos de escrita, isto é, passou-se gradativamente do uso das paredes rochosas para as tábuas de pedra, destas para os tijolos de argila, para os papiros, para pergaminhos e assim por diante. Os hieroglifos são um bom exemplo para o estudo deste desenvolvimento, uma vez que eles constituem tanto a transição dos desenhos para os sinais que representam um som como da transição de pedra para o pergaminho.

Os caracteres usados para a escrita em argila eram os cuneiformes; escrevia-se da direita para a esquerda, como ainda hoje em Ivrit, pois estes caracteres foram antes usados em pedra nas quais se gravava com a cunha e o martelo; ora o martelo segura-se com a mão direita e a cunha com a esquerda. A escrita em tipos de argila foi muito usada na Babilônia, onde o rei Hamurabi constituiu toda uma biblioteca.

Os hieroglifos são um modo de escrita por meio de desenhos. Nos monumentos e nas pirâmides do Egito antigo, encontram-se grandes serpentes, leões, homens em diversas posições, folhas de palmeiras, desenhos geométricos, etc. Estes desenhos misteriosos, durante muitos séculos constituíam um enigma para a humanidade; sabia-se que eles contavam a história do antigo Egito mas era impossível decifrá-los. Quando Napoleão esteve no Egito, um dos seus soldados, ao cavar trincheiras, descobriu na aldeia de Roseta, no delta do rio Nilo uma pedra com inscrições hieroglifas e com a respectiva tradução para o grego. Assim mesmo, decorreram muitos anos antes que se pudessem decifrar totalmente aquelas inscrições. A dificuldade consistia, principalmente, no fato de que os egípcios escreviam algumas palavras por meio de sinais fonéticos e outras com desenhos representativos. Foi somente Champolion, um grande estudioso francês, que conseguiu descobrir o significado integral dos hieroglifos, após muitos anos de estudo.

No alfabeto hebraico encontramos muitos sinais de transição do desenho para o alfabeto dos sons. O nosso alfabeto veio do hisco, que deriva dos hieroglifos. Assim por exemplo alef em hisco quer dizer cabeça de um touro e realmente a letra alef tem uma certa semelhança com a cabeça de um touro; a letra beit, vem do bait, quer dizer casa; dalet, que vem de delet - porta, e assim por diante.

No entanto, foram somente os fenícios que conseguiram inventar de fato o primeiro alfabeto, simples e fácil, cuja utilidade para o homem foi sem par. Este povo de comerciantes viajava sempre de um lugar para o outro e os seus negócios exigiam que eles tomassem nota de muitas coisas; começaram então a simplificar os hieroglifos, a inventar sinais novos e finalmente obtiveram 24 letras as quais, combinando, poderiam formar todas as palavras do vocabulário existente.

Os judeus, da era bíblica, já escreviam em grandes rolos de couro; os romanos compravam dos egípcios o papiro, que é o mais próximo precursor do papel de nossos dias. O papiro era fabricado com plantas que abundavam às margens do Nilo: eram plantas que deixavam uma casca parecida com a casca de milho, a qual, depois de um certo processo de preparação, permitia que nela se escrevesse. Muitas obras foram escritas neste material, em forma de "megillot" e famosa tornou-se a biblioteca de Alexandria onde estes volumes de papiro foram colecionados.

Além do papiro, que custava muito caro, os romanos usavam para suas escritas diárias táboas de cera onde gravavam as letras com um pauzinho com ponta de ferro, chamado estilete (stilus - é desta palavra que temos a atual expressão "estilo", a forma que caracteriza a redação de uma pessoa). Os romanos usavam também o pergaminho, material feito de peles de carneiros.

A invenção do papel é devida aos chineses e data mais ou menos de um século antes de Cristo. No século 8 os árabes aprenderam-na e a levaram para a Europa onde ela foi espalhada.

A literatura, sendo exclusivamente religiosa, era copiada pelos monges nos conventos que trabalhando a mão, lentamente, compilavam volumes inteiros.

Com o renascimento, época de grande progresso técnico e espiritual, surge a invenção da primeira prensa, originada pelo alemão Gutenberg. Consistia ela numa tábua onde podia-se fixar tipos de letras em relevo; passava-se tinta nas letras e em seguida colocava-se esta tábua sobre o papel, assim como hoje usamos o carimbo.

Esta grande invenção trouxe, no seu desenvolvimento, mudanças fundamentais para a civilização; hoje em dia, por meio de livros e jornais que estão ao alcance de todos, podemos saber o que acontece no outro lado do mundo, podemos estar ao par de todos os estudos feitos até o momento nos campos mais diversos do conhecimento humano.

Trabalhos práticos

- 1) Talhar a canivete ou a estilete especial tipos em Ivrit em rolhas, madeira ou borracha, formando o nome da kvutzá, do movimento, etc.
- 2) Uma pequena prensa de desenhos: Para os tipos faz-se diferentes prismas e cilindros de madeira, pequenas calças de formatos variados, pregos, fosforos, rolhas, carretéis, etc; também pode-se cortar cenouras, batatas, etc., em formas variadas a produzir desenhos interessantes quando impressos.

Para fazer a almofada de carimbo coloca-se algumas camadas de papel- algodão num pequeno vasilhame de metal. Molhar o papel com tinta comum ou com tinta de aquarela. Pode se fazer mais de uma almofada, com cores diferentes.

prepara-se os tipos em cima da aloçada e reproduz-se em papel ou num material qualquer empregado.

3) Fazer, se possível, trabalhos em linóleo. Para isto é necessário material especial - estiletos, espátulas, rolos, etc.

Antes do conto o madrich dará uma explicação histórica sobre a destruição dos dois templos. Em ambos os casos apontar de um lado o exílio e do outro lado a vida daqueles que ficaram no país destruído e que não abandonaram as terras devastadas e vazias. Este conto refere-se à época após a destruição do segundo templo, quando o país estava empobrecido e esgotado depois da guerra. Mostrar a ligação do homem com a terra, a sua crença e fidelidade nela e a sua persistência no labor, apesar de toda a miséria e infortúnio. Levantar porém a pergunta, se estava certo o que o campones fez, negando o pão imediato aos seus filhos.

O s q u e c o m l a g r i m a s s e m e i a m . . .

(hazorim b'dima, b r i n a i k t z o r u)

Isto aconteceu uma ano após a destruição do Segundo Templo. A população estava empobrecida e espalhada; as cidades desertas e os homens da terra famintos de pão.

Na aldeia de Taiba, nos montes de Iehuda, viam-se destroços das casas e dos moinhos abandonados. O inverno veio e foi-se sem ter caído uma gota de chuva sequer. E chegou o verão, com seus dias quentes e secos.

Passou-se um ano - e com ele nenhum sinal de redenção.

Entre os camponeses de Taiba havia um , chamado Israel. Tinha ele vinhedos e gado, mas as vinhas secaram e o gado foi comido; sua terra foi coberta de espinhos e plantas selvagens.

Israel tinha mulher e filhos, que imploravam por pão. Um dia, ajudado pelo seu filho, pegou o campones no arado e ambos puseram-se a arar. Trabalho pesado, este, mas os dois avançavam lentamente. Seus companheiros, vendo este seu esforço em vão, chamaram-nos de loucos e a mulher aproximava-se deles chorando e dizia : " Que plantarão, se nem um grão de trigo possuímos em casa? "

Sem prestar ouvidos os dois continuavam trabalhando. Passaram-se assim dias, semanas, meses. O povo, cada vez mais faminto, aos poucos abandonava o lugar, à procura de pão. Israel e sua família foram os únicos a ficar na aldeia. Continuaram arando sem cessar e em fins de outono estava terminada a aradura. Aproximava-se a época das chuvas; do sul e do leste juntaram-se nuvens negras e após meses de expectativa uma chuva abundante desabou sobre a terra. Israel e seu filho novamente pegaram o arado e saíram para o campo

- Para que, para que? perguntavam-lhes a mulher e os filhos pequenos, o que plantareis na terra arada? Que será de nos que temos fome e que nem para semear algo possuímos?!

E Israel respondia :

- A minha terra eu ararei, pois esta é a minha vida. Só trabalhando na terra ganharei o meu pão.

Abrindo sulco após sulco ele sentia o solo fofo e macio desprendendo o cheiro bom de terra molhada. E seus lábios suplicavam " Meu Deus, dai-me forças de sulcar a terra que trabalhei."

Seus pés marchavam e seus ombros curvavam-se cada vez mais. E à sua oração ele acrescentava "Dai-me semente para que cresça o pão".

E aconteceu um dia que trabalhando na terra o arado entrou com alguma coisa. O homem empurrou e empurrou, porém o arado não se moveu. Israel abaixou-se e cavando com os dedos, eis que encontrou um pote, grande e pesado; restos da destruição. Desenterraram-no e limparam-no e eis que estava repleto de sementes de trigo.

- Fãol gritou o filho louco de alegria, teremos pão!

Vieram a mãe e os filhos, tocaram com os dedos no pote e disse a mãe que faria logo pão fresco para os seus filhos famintos.

Porém Israel afastou os seus dedos do pote, levantou-o com cuidado como se fosse um tesouro e principiou a semear.

- Não! gritou a mulher, não enterrarás este pão na terra. Ele será para nos agora.

A mãe e os filhos puchavam as bordas da roupa do pai, implorando as sementes. - Pai, pai, choravam.

E ele, vendo a miséria dos filhos, interrompeu o semeio por um instante; nesse momento raiou o sol iluminando os sulcos abertos à espera das sementes. Beijou a família e aproximando-se dos sulcos recomeçou a semear. Lágrimas grossas rolavam-lhe das faces, misturando-se às sementes. E os seus lábios murmuravam : "Eu creio em ti, minha terra. Em teu seio entrego a minha vida e a dos meus filhos..."

Ele semeava em grandes semi-círculos, misturando lágrimas às sementes nos sulcos que se abriam sem fim.

A s t r a g e d i a s a t r i b u i d a s à d a t a d e T i s h a b A v

- 1) De acordo com a Mishná foi decidido no dia Tisha b Av que os judeus teriam que errar pelo deserto 40 anos antes de chegar a Eretz Israel.
- 2) Os espões mandados por Moshe para averiguar as terras de Canaan voltaram com más notícias.
- 3) A destruição do primeiro templo e o início do cativeiro na Babilônia.
- 4) Destruição do segundo templo.
- 5) 60 anos mais tarde, o fracasso de Bar Kochba, na última tentativa de libertar-se do jugo dos romanos.
- 6) Em 1492 - a expulsão dos judeus da Espanha; navios repletos levando consigo 150,000 judeus saíram dos portos da Espanha.
- 7) Em 1922 houve no país, pelo que dizem, o início dos pogroms dos árabes contra o nosso ishuv.

(Explicar o simbólico que há nestas prováveis acontecimentos atribuídos a uma só data)

Uma lenda sobre Jerusalém

Nos altos da fortaleza, em Yerushalaim, estão sentados os conselheiros de David. Ocupam-se eles de uma grave questão. Qual o lugar que deferirá ser para o futuro o centro de todo o povo de Israel? Muitos centros já existiram para Israel: Beit El, Gilgal, Mitzpa, Hevron, porém sabiam eles que todos estes centros eram nada mais que temporários. O povo de Israel precisava ter um ponto central, imutável e eterno.

Começou pois a falar Ahitofel, o sábio, e disse:

- Ouçam o meu conselho, sábios de Israel! Não sejamos levados por sonhos! Como poderá ser Yerushalaim o centro do povo? Lugar no qual não há rios, nem mares, onde não há comércio e nem criação?

- Porém nos construiremos Yerushalaim, aumentaremos as suas produções e faremos crescer o seu comércio. Ela tornar-se-a também uma poderosa e grande cidade. - respondeu um outro sábio.

- E como aumentarás a criação num lugar onde não há rios? E como será a cidade um lugar de comércio entre os povos se está ela longínqua das costas marítimas e do alcance dos comerciantes estrangeiros?

- Mas ela será maior e superior às outras cidades; estará acima delas - disse então Nathan, o profeta.

- Como dar-se-a isto? perguntou Ahitofel, e em seus lábios esboçou-se um sorriso de ironia.

- Veja como é grande a distancia que podes observar daqui de cima desta fortaleza. Eis aqui o mar Morto estendido na tua frente para a esquerda, eis lá o Jordão que atravessa as terras como uma faixa verde. Veja o sol descendo, no grande Mar, veja os montes Naftali e os montes Horon. Todos os lugares longínquos parecem próximos a nos, e em que outro lugar do mundo tu verás tão longe e tão claramente?

- Será que então pela vista que se nos apresentar aos olhos que escolheremos esta cidade para assim homenageá-la?

- Não só pela vista que aos olhos se nos depara, senão também pelo olhar do espírito que daqui se estenderá. A visão e a palavra do profeta descenderão daqui e espalhar-se-ão por distancias longínquas e afastadas - para os dias e as gerações que virão.

S E I E M B R O

Sichot :

- 1) O hospital - conto e sichá
- 2) O orfanato - conto e sichá

Datas :

Rosha hashana, Iom Kipur
Contos de Sh. Ash e Peretz
O calendário judaico

Trabalhos práticos : tr. para a messiba de pais (ver progr. do 1º ano)

Tzofnut - Jogos de sentido (Ed. Hanagá Ellona)

1ª sichá - Iniciar a sichá com o conto do livro " O coração" de E. de Amicis " O enfermeiro do papai" . O ponto pode ser contado ou mesmo lido, pois a linguagem é fácil. Ele servirá para introduzir o assunto, apesar de não estar muito ligado diretamente ao mesmo.

Seguir ao conto uma conversa que deverá girar ao redor dos seguintes pontos: a medicina na antiguidade, sua relação com a religião e as superstições - a crença de que as enfermidades eram castigos de Deus e de maus espíritos que penetravam no corpo. Heródoto - pai da medicina. Medicina moderna - conceitos de higiene, descoberta dos micróbios, as vacinas, cirurgia, etc.

Deixar os chanichim falarem das grandes figuras da medicina que lhes são familiares.

As más condições de vida que provocam doenças: má alimentação, falta de higiene, habitações apertadas sem luz e sem sol, esgotamento pelo trabalho, sem o devido descanso físico e nervoso.

Medicina pública - Injustiças feitas dentro dos sistemas atuais de ajuda médica em quase todos os lugares.

Kupat Cholim em Eretz - dar exemplos de como ela serve para resolver o problema de ajuda médica no nosso país.

2ª sichá

Contar em resumo a história de Oliver Twist (de Dickens), o pequeno órfão. Pode-se ler alguns trechos diretamente do livro, referentes à sua estadia no orfanato (a cena, por exemplo, em que ele pede um pouco mais de sopa e o castigo que recebe por isso)

Levantar uma conversa sobre o assunto em geral : todas as crianças, não importa sua origem ou situação, têm os mesmos direitos de serem educadas e de receber tudo aquilo que lhes é necessário. Tanto mais se são crianças sem família e abandonadas.

Falar sobre os milhares de crianças órfãs judaicas que sobraram após a guerra e que encontraram o seu lar e uma vida nova em Eretz Israel, e principalmente nos quibutzim. A Aliat Hanoar, talvez a maior instituição no mundo que se preocupa em resolver estes problemas - ela conseguiu salvar até hoje em dia e normalizar a vida de quase 70 mil crianças judias.

Rosh hashana e Iom Kipur

Dois contos : Iashek - Shalom Ash ; A nova melodia - Peretz

Iashek -

O menino escondia-se, pastoreando as ovelhas do pai, banhado pelo orvalho de cada dia e sob a benção do céu.

Chamavam-no Iashek; seu nome hebraico ele mesmo não sabia, pois nunca foi chamado para bendizer a Torá. Todos o conheciam como campônio e ignorante. Seu pai, o leiteiro Isaac, perdeu já a última esperança de "fazer" alguma coisa dele. Nem "kadish" não saberá dizer após a sua morte. Foi só para que o povo da aldeia não caia e não comente que ele trouxe um professor da cidade para o menino.

O professor trabalha pesadamente, repete sem fim com o menino palavra, após palavra e assim mesmo ... nada. Não entra na cabeça.

Vá ensinar uma cabeça de burro - diz o professor, balançando a cabeça. E a mãe fixa os olhos tristes no jovem e um gemido irrompe do seu peito.

Nem mandam-no tomar um "sidur" (livro de rezas), para rezar.

Rezar? Ele? Iashek? O que tem ele a ver com Deus? Seria uma vergonha que o Iashek recitasse um Shma, perante o Todopoderoso. Iashek, no entanto, compreende tudo e sente-o no coração. Ele vê a Deus em toda parte, onde quer que ponha os olhos ele O vê. O vê como se fosse um rio que faz correr suas águas e relata os seus segredos à herva que cresce na sua margem. E ao descobrir uma nuvem no horizonte, sente que o seu coração se enche de desejos e de nostalgia... O sente quando as nuvens deslizam pela abóbada celeste, quando um trovão rompe o silêncio do dia e quando um raio parte o céu abrindo-o para a chuva descer à terra ... Ou enquanto a neblina cobre a aldeia com o seu manto impenetrável... Ou quando tiraram o velho Madik de debaixo da máquina e da sua perna cortada jorrava sangue... Quanta sangue...

Não, Deus não tem a sua casa lá em cima, no céu, nem é preciso levantar a cabeça para se vê-lo. Não, ele tem impressão que Deus mora num país longínquo, numa grande cidade, na mesma onde passa seus dias o senhor da aldeia e os outros grandes senhores que vivem na cidade, com a única diferença que eles também são Seus servos, assim como Staj, Vitek e os outros aldeões são servos do senhor da aldeia.

E Iashek mesmo, como atrever-se a aproximar-se de Deus? Deus dever ser um grande pastor, um grande senhor, o amo da aldeia se sentiria feliz se fosse encarregado de cuidar dos cavalos de Deus. Então o que poderia fazer ele, Iashek? Como poderia aproximar-se Dele?

Mas acontece, às vezes, quando o céu está puro e límpido, submergido num sonho celeste, e as ervas e as flores em baixo crescem livremente, e as plantas espalham suas raízes sobre a terra e contemplam silenciosamente o céu e lá na frente está o bosque, o verde avozinho da aldeia, e de longe percebe-se a silhueta de um forasteiro, e o céu se estende no horizonte até unir-se com a terra, está sentado Iashek na grama contemplando... Neste momento tem a sensação de que Deus deixou por um tempo os seus servidores do palácios e veio sozinho ao campo, e espera...

Nestes momentos, quando sente um grande desejo de levar as suas preces a Deus, coloca os dedos na boca, aperta os lábios com força e assopra... Os ecos do assobio ressoam largamente pelo bosque... E Deus compreende bem esta oração sem palavras e as súplicas que brotam do seu coração.

Ele assobia somente quando quer falar com Deus, quando sente uma necessidade de fazê-lo.

Iashek completou 13 anos. Estava-se aproximando a festa de Rosh hashaná e Iashek seguia ainda não sabendo recitar o "shma". O professor fazia esforços dobrados para que aprendesse pelo menos o shma, assim poderiam levá-lo à cidade para o próximo Rosh hashana. Compraram-lhe um terno novo, sapatos e um chapéu para a festa.

Que saiba o "shma", pelo menos...

A sinagoga estava repleta de homens, adultos e crianças. Todos vestidos de branco e envolvidos com os mantos. Todos estão parados, balançando-se ao compasso do "chazan". Ao lado do altar, na frente do candelabro com as velas acesas, está o "chazan" com seus ajudantes. Entonações e vozes chorosas preenchem todo o recinto.

"Quem viverá e quem morrerá..." E das divisões das mulheres irrompe um choro profundo.

Iashek, com seu terno e roupa nova, está parado num canto ao lado do seu pai, seu cabelo caindo debaixo do chapéu, cubrindo-lhe a testa. De repente abandona o seu lugar e encaminha-se sem olhar para os lados, até o lugar onde está o chazan. O "sidur" que o pai lhe dera para dissimular, desliza-lhe das mãos e ele fica fixo no lugar, o olhar gravado penetrantemente no "chazan".

Os rapazes percebem a figura de Iashek, trocam olhares inteligentes entre si e sorrisos furtivos, apontam com os dedos e um até se aproxima de Iashek e dá-lhe um empurrão para que saia daquele lugar. Mas Iashek nem ouve e nem sente. Seu olhar fixou-se no pano branco do santuário que tem bordadas duas palavras Kodesh leadonai (santificado para Deus)

Certamente Deus está atrás da cortina - pensa para si. Da divisão das mulheres, sua mãe o contempla e murmura dentro de si: Que ignorante! Que infeliz!

E o pai lamenta: Deus Onipotente! Lembra-se também dele!

Iashek não se move do lugar. Todos rezam, todos choram, todos chamam a Deus. Com que vontade faria ele o mesmo. Também ele quer rezar, não chorar e gritar como os demais, mas sim, voltar o seu coração para Deus, elevar-se a Ele.

Toma o "sidur" e abre-o no lugar onde está marcado o sinal e começa a recitar: "El melech naeman..." Mas as palavras lhe parecem insípidas, sem sentido, não as compreende, são tão secas. Ele deseja elevar-se a Deus, abrir o seu coração...

Um temor invade-o, porém sente uma força superior possui-lo e empurrando-o... Deus é superior a todos eles.. Não pode mais conter a força dentro dele.

E... coloca os dedos na boca....

Um assobio estridente e agudo atravessa a sinagoga.

Os fiéis ficam alarmados. Quem é esse? O que aconteceu? Quem assobia no lugar santificado?

O pai aproxima-se dele, toma-o pela nuca, pronto a estrangula-lo, todos os outros levantam o punho ameaçando.

De repente surge a figura magestosa do velho Rabi, dirige-se ao publico e pergunta: Daonde saiu, onde está este santo que rompeu a acusação de Satanás, que perfurou com o seu assobio as grossas nuvens, abrindo as portas do céu para as nossas rezas?

Porém o santo não estava mais na sinagoga. Fugiu, tirou os sapatos, pô-los sobre os ombros, encaminhando-s e silenciosamente para a aldeia.

A nova melodia - I. L. Peretz

Tocou o shofar. O povo estremeceu e uma voz poderosa fez-se ouvir na cada de Deus:

"Leshana haba b lerushalaim!"

Somente as velas de Iom Kipur permaneceram no altar; todo o resto fora guardado, pois era o fim das festas. Na frente do altar estava já o "chazan" de todos os dias, rezando a oração "arvit", de todas as noites do ano.

Os fiéis terminaram apressadamente a reza, tiraram os mantos brancos, calçaram os sapatos, correndo para fora onde os estava esperando a lua nova para ser abençoada...

Ninguém tem tempo para prestar atenção a um homem jovem e pálido... Deu ele mais uma volta mas ninguém o vê. Um procura os sapatos debaixo do banco, o outro perdeu uma galocha, a um terceiro sujou-se o chapéu no chão. Todos estão com fome e a lua nova os está esperando lá fora para receber a sua bênção.

- Vamos voltar para casa papai, pede o menino.

- Daremos mais uma volta, responde o pai. Passaremos pelo tio, talvez nos verá.

Enquanto isso terminou o "chazan" a ultima reza e a onda tumultuosa arrastou consigo o pai e o filho.

No pátio da sinagoga os homens estavam parados frente à lua que brilhava e as ruas ao lado do templo enchiam-se com as filas de mulheres, vestidas de branco, voltando às suas casas... Caminhando, comentam as mulheres o acontecido na sinagoga, quem se desmaiou, e se havia este ano maior numero de desmaios de que o ano passado... criticam e fazem observações sobre o "chazan" e os seus ajudantes; cada casa vai acolhendoduas ou tres mulheres e as sombras brancas continuam movendo-se pelas ruas.

Entre os que sobraram no patio está o homem pálido com seu filho. Dizem-lhe "shalom aleichem" e ele responde "aleichem shalom", mas sua voz está cada vez mais fraca e o seu rosto amarelado. Os ultimos fiéis saíram da sinagoga.

"E ninguém nos convidou para casa", tremem seus lábios. "O que fazer?" Melhor assim! Não pedirei caridade no começo do ano e ao terminar o Dia Sagrado."

O menino pensa que o pai continua rezando, puxa-lhe devagar a manga, "papai", diz com voz chorosa, " termina já de rezar e vem para casa."

- Ingenuo, criança Ingenua, responde-lhe o pai, para que apressarnos, o que faremos em casa?

- Tenho fome, pai, tenho fome!

E o pai respondeu com um sorriso, para dissimular a dor - Então pensas que não sei como estás com fome? Pois não jejuaste o dia todo? Desde a véspera até agora?

- Papai, vamos para casa, implora o filho. O pai está plantado no chão lutando internamente consigo mesmo.

- Ouça-me filho, respondeu com voz trémula - ouça Davizinho, em casa não há nada para comer.

- Nem pão? - Nem pão, nem uma migalha sequer...

O menino está perplexo.

- Diga-me, filho, sabes que dia foi hoje? O menino chorava em silencio. - Hoje, diz o pai

- era o dia sagrado, Iom Kipur. Sabes o significado destas palavras? - Sim.. - E o que fizemos hoje Davizinho, diga o que fizemos? - Implorávamos...

- Nos imploramos e o que fez Deus?

- Nos perdoará os nossospecados.. - E o que voce pensa, Davizinho, se Deus nos perdoara os

pecados devemos ficar tristes ou alegres? - Alegres, responde o menino chorando. -Sim, disseste

bem, devemos ficar alegres... Te lembras, filho, da melodia que cantamos o ano passado, quando

a tua mamãe - quem paz repouse a sua alma - vivia ainda... te lembras da melodia? - Não...

-Então eu te lembrarei, tu me ajudarás...

E a lua jovem escutou em silencio a nova melodia, não um "sinai" e não um " volich", porém uma melodia extranha, comovedora, que partia do coração. E o pai entoava a nova melodia e o menino o acompanhava.

O calendario hebraico

Para muitos povos o parecer do sol marca o inicio de um novo dia; para nos não: é a lua que o anuncia, quando surge no ceu.

Há muitos e muitos anos, quando a vida dos homens era mais simples, mais primitiva, o aparecer dos astro prateado no céu noturno não era uma simples razão de prazer e de maravilha. Era muito mais; Imagine-se como era difícil obter uma iluminação que, durante a noite, conseguisse afastar as trevas. E eis surgir no céu a lua branca e luminosa, com seus raios pálidos, mas suficientes a iluminar o caminho aos viajantes. No periodo em que a lua ficava escondida a escuridão noturna marcava uma espécie de pausa para a vida.



O sol continuava brilhando durante todos os dias, avivando as horas e os trabalhos diurnos, mas a lua não. Desaparecia, todos os meses, durante algum tempo. Portanto seu reaparecer, a "lua nova" marcava outra vez o início de noites felizes.

A noite da "lua nova" era uma noite solene, uma verdadeira festa. E com o crescer da lua, cada noite, até chegar ao seu esplendor máximo, podia-se também determinar, mais ou menos, em que ponto do mês se estava, enquanto que o constante brilhar do sol, um dia igual ao outro, não podia servir para estabelecer a data. Por isso foi a lua considerada mais importante do que o sol para estabelecer o tempo e suas divisões. Cada lua nova marcava um mes. Cada doze luas novas formavam um ano.

E aqui há uma singularidade. O ano começa para nós não com o primeiro mês chamado Nissan, mas com o sétimo, chamado Tishri. E isto, por ser este mes correspondente ao fim das colheitas e do ciclo da terra que termina e recomeça em outono.

No número de meses o calendário judaico assemelha-se àquele usado nos outros lugares, com exceção de que no nosso calendário, apesar de possuímos também 12 meses, há anos em que o número sobe a 13, e isto tem a sua explicação.

O mes, marcado pelo aparecer da lua nova, é um mes curto, um mes de 29 dias, mais ou menos. As estações - quatro por ano - não andam de acordo com os meses. O tempo de tres vezes 29 não lhes é suficiente para acabar com todos os trabalhos que devem ser feitos em cada estação. Os meses, portanto, corriam depressa demais para o passo lento das estações. Cada ano as estações ficavam mais afastadas dos meses e o que acontecia? Simplesmente isso: Olhando o calendário a gente via, por exemplo, marcado verão e olhando ao redor de si percebia de estar no meio do inverno. Para arrumar esta desigualdade imaginou-se, portanto, acrescentar, de vez em quando, com certa regularidade, naturalmente, mais um mes para endireitar as coisas. Eis porque temos, além do mes de Adar que seria o decimosegundo mes do ano, mais um Adar, chamado Adar Shení, ou seja, segundo Adar.

(Extraído da " Corrente")

O U I U B R

Sichot :

- 1) O porto - lenda e sichá sobre a história da navegação.
- 2) O aereoporto - história dos aviões

Datas :

Sucot e Simchat Torá

Atividades gerais da shichvá : Haflagá e Messibá para os pais (ver 1º ano)

Trabalhos práticos - relativos às sichot ; trabalhos para a exposição.

Tzoflut - Relativo às sichot : nos , semáfora e Morse(finalizar o aprendizado)

História da navegação

Uma lenda : Quem era Poseidon, deus dos mares.

Contam as lendas gregas que o domínio do mundo antigo estava dividido entre tres irmãos: Zeus, Pluto e Poseidon, sendo que ao ultimo cabia a posse de todos os mares e águas.

Ele morava num grande palácio de ouro, no fundo do Mar Egeu. Na sua mão trazia sempre um enorme garfo tridente com o qual suscitava tempestades furiosas e erguia fontes no meio das águas.

Sendo o deus da navegação, levanta-se para ele templos em todos os portos e baías da antiga Grécia. Sacrificios sem fim eram feitos em sua honra e principalmente sacrificava-se-lhe grandes touros pretos, jogando-os inteiros para dentro das águas.

A sua ira trazia tempestades e calmarias para os navegantes. É famosa a sua vingança contra Ulisses (o conhecido heroi grego da guerra da Troia). Ulisses cegara o filho de Poseidon, Polyphemus e o deus vingou-se fazendo o heroi grego errar anos seguidos pelos mares, atravessando mil e uma aventuras, antes de voltar à sua cidade natal, Itaca.

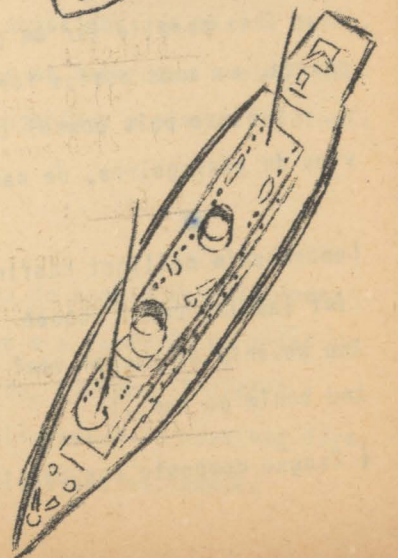
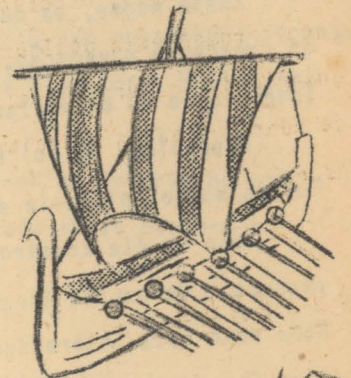
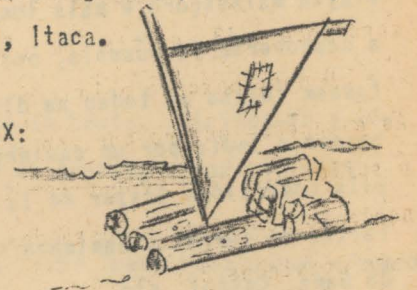
O nome de deus Poseidon em latim passou a ser Netuno.

X:X:X:X:X:X:XX :X:X:X:X :X:X:XX :X:X:X:

Sicha :

Hoje em dia, ao chegarmos a um porto, não nos surpreendemos em ver lá navios en orm es entrando e saindo nas docas, guindastes gigantescos levantando as cargas, montando ou desmontando os navios, serelas agudas cortando o ar. Por em, a história dos navios que entram hoje no porto é longa e data de muito, muito atrás.

Tudo começou quando o homem percebeu de que um tronco solto na água mantinha-se à superfície e flutuava; era de se concluir, então, de que conseguindo equilibrar-se em cima deste tronco também ele poderia flutuar e atravessar a salvo as águas que lhe entravavam a passagem. Equilibrar-se porem desta forma não era seguro e nem estável e surgiu o segundo passo desta invenção, que foi o de escavar o tronco ou queimá-lo num determinado lugar, fazendo um buraco. Feito isso o homem podia entrar dentro do espaço aberto e estava feita assim a primeira canoa. " A canoa foi primeiramente movida pelas mãos, que iam empurrando a água para trás. Como isso não desse rendimento e cansasse muito, o canoeiro teve a ideia de encompridar a mão e com o remo isto foi feito, pois é ele uma palma de mão de pau, posta num cabo. Estava inventada a navegação. Da canoa vieram as galeras dos povos antigos, que empregavam grandes numeros de remos movidos pelos escravos."



Entre os povos da antiguidade os maiores navegadores eram os fenícios, os quais saíram pelos mares já cerca de 1000 anos A.C. Faziam enormes navios a remo, com guidão e ancoras, movimentados por duas filas de escravos, que remavam sem parar. Acredita-se que os fenícios foram tão grandes navegadores pelo fato de suas terras não serem muito férteis o que os fez perceber que mais facilmente poderiam viver do comércio do que da agricultura. E esta é uma lei que na história vemos repetir-se frequentemente. Cada povo procura adaptar-se o melhor possível às condições que o cercam e explorá-las ao máximo. Quando as condições do lugar não são das melhores, lança-se frequentemente para fora, a procura de outras riquezas.

Outros grandes navegantes da antiguidade, posteriores aos fenícios, foram os gregos e os romanos, sendo que já no tempo dos últimos começou a aparecer no norte da Europa mais um povo de navegadores, chamados os Vikings, originais dos países da Escandinávia. Conquistaram eles muitas regiões da Europa.

Quando o homem descobriu de que por meio da vela, ou seja, com a ajuda do vento ele podia viajar mais seguro e mais longinamente, houve uma grande revolução na navegação. Aliado a isso a descoberta da bússola, nos inícios do século 15, permitiu que grandes expedições marítimas fossem feitas em todas as direções. As cortes da Europa de então estavam ansiosas em poder alcançar a Índia por um caminho mais curto que o caminho terrestre, pois queriam travar com este país comércio e trazer de lá riquezas. Surge então uma época de grandes expedições e de descobertas de terras e caminhos novos. É o período dos exploradores famosos, como Magalhães, Vasco da Gama, Cabral, etc.

Assim mesmo, os navios à vela não eram suficientemente bons para satisfazer as necessidades da crescente navegação. Dependiam exclusivamente de bons ventos, não resistindo às grandes tempestades ou calmarias.

O problema só foi resolvido após o invento da máquina a vapor, quando um homem chamado Fulton soube aplicá-la ao navio, criando o primeiro navio a vapor.

Hoje em dia constroem-se enormes navios que atravessam oceanos transportando milhares de pessoas. Os navios levam cargas de um país a outro e cruzam os mares em todas as direções. Cada povo está interessado em possuir bons portos, muitos navios e uma marinha forte, porque isso lhes permite ter um grande comércio que é em geral feito pelo mar e também defender-se na guerra, se suas costas forem atacadas.

O nosso país possui também um grande e importante porto que é a cidade de Haifa. Temos navios de passageiros, de carga e de marinha de guerra.

Lamerchakim mafligot hasfinot

Elef iadaim porkot ubonob

Anu kovshim et hachof veet hagal

Anu bonim po namal!

Para as distancias partem os barcos

Milhares de mãos descargam e constroem

Nos conquistamos a costa e a onda

Nos construímos aqui o porto

(Canção composta por ocasião da construção do porto de Tel Aviv)

Trabalhos práticos

- 1) Rolha flutuante (barco a vela de rolhas) - Usar palitos de dentes e pequenos pedaços de papel para velas. Decorar as velas com desenhos apropriados em tinta nanquim ou aquarelas. A fim de sustentar o barco num nível igual, introduzir na sua parte inferior duas tachinhas pela metade.
- 2) Fazer ancoras de cartolina em cores.
- 3) Desenhos e pinturas sobre a evolução do navio e também sobre a lenda de Poseidon.

Izoflut -

Ensina-se nos marinhos e continua-se com a semafora e morse, aplicando - os a casos de navegação

2a sicha - Historia da aviação

A lenda de Dadalo e Icaro

Dadalo era um grande escultor e arquiteto que vivia na ilha de Creta. Atribue-se a ele a construção do famoso labirinto no palácio de Mines e o feitiço de grandes e maravilhosas estátuas.

Tendo porém caído nas más graças do rei de Creta ele e seu filho Icaro resolveram escapar para uma outra terra. E como viajando por terra temiam ser presos e levados de volta, decidiram voar pelas ares, sem que ninguém os visse. Pensaram em imitar o vôo dos pássaros e fizeram para si enormes asas de cera, prendendo-as nas costas. Subiram depois a um lugar muito alto para que o vôo fosse lhes mais fácil e de lá partiram.

Aconteceu porém que voaram alto demais e as suas asas derreteram-se ao tocarem no sol, sendo que os dois caíram nas águas do mar. E o mar no qual caíram desde então recebeu o nome de Mar de Icaro.

Sichá -

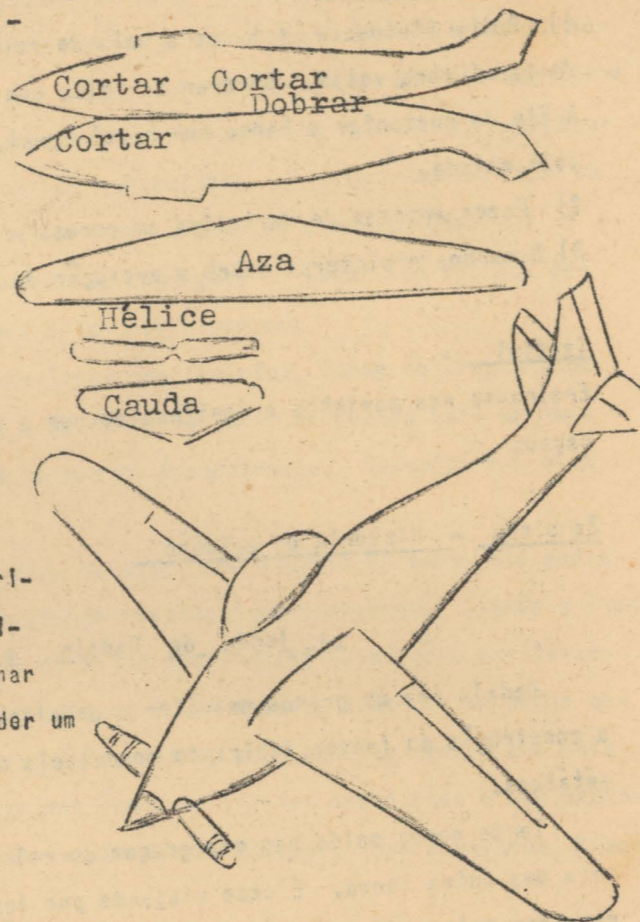
Esta sichá deverá ser dada nos moldes da anterior, porém sugerimos que um dos chanichim (ou talvez dois em conjunto) a preparem. Este é um assunto que os interessa e eles saberão com facilidade desenvolvê-lo. Como bibliografia para o chanich sugerimos o livro "Historia das Invenções" de M. Lobato, pg. 115.

Trabalhos práticos -

- 1) Avião torpedo - desenhar e recortar em cima de cartão especial para armação, ou em cima de madeira compensada, o corpo, as asas, a hélice e a cauda de um avião torpedo. Fazer cortes nas linhas pontilhadas. Pintar as extremidades, conforme indicado no desenho. Dobrar o "corpo" na linha onde está escrito "dobre". Atravessar as asas nos dois cortes centrais. Colocar a cauda nos cortes de trás e a hélice nos da frente. Colar entre si os extremos do corpo do avião.

2) Fazer papagalos e soltá-los na kvutzá. Bde-se fazer bonitos, com cores e desenhos para a exposição dos pais.

3) Paraquedas de papel - dobrar um pedaço de papel fino, quadrado; dobrar o canto A para com o B. E agora o canto C para com o B. Dobrar depois mais uma vez ao meio. Desenhar uma linha curva na ponta e cortar sobre a linha. Fazer um buraco por toda a grossura do papel dobrado, assim como mostra o ponto preto. Tomar depois 16 linhas grossas de comprimento igual e passar uma linha por todo o comprimento do paraquedas. Dar um nó para trás; puchar todas as linhas junto e amarralas num nó. Prender um soldadinho a fim de fazer resp para baixo.



Um contom para Simchat Tora

A bandeira

Sholem Aleichem

Crianças!

Vou contar-lhes uma histprãa sobre uma bandeira. Como foi que eu, um rapaz pobre, ganhei uma bandeira em Simchat Tora, com que custo a ganhei e como foi fácil, perde-la.

Quando eu era pequeno, o meu apelido era Topel Tutari tutu, isto é, Copel Cucaricu. Sabem porque? Primeiro porque eu tinha uma voz estridente, feito um galo que começou a cantar há pouco tempo; segundo, porque eu não sabia pronunciar o "cof" e nem o "gu". E para o cumulo, minha mãe se chamava Guitel Calmens e meu pai Calmen e eu, Copel Guitel Calmen e o meu rebe Guerchen - Gorguel Dardqui.

- Meninol como é o teu nome?

- Eu? Topel Ditel Talmen.

- Um pouco mais alto.

- Topel Ditel Talmen.

- Mais alto!

Grito com todas as forças: - To-pel Di-tel Tal-mon...

- Onde estudas?

- Onde estudo? com Derchem Dordel Dardt! (completamente errado)

O pessoal ri. O pessoal ri e eu choro.

Eu não choro porque riem de mim mas porque todos os homens de bem me batem: meu pai, minha mãe, minha irmã, meu "rebe", meus colegas, fazem tudo para que eu fale direito, como uma pessoa deve falar...

- Porque estão zombando de uma pobre criança sem motivo? - Intrometue-se o senhor Ziame, o marceneiro. - Deixem-no um minuto comigo e voces verão como ele falará direito.

- Venha cá - diz o senhor Ziame, - Olhe para mim, menino, e repita tudo, palavra por palavras

- Cutzek ben Cutzek.

Olho para ele e repito palavra por palavra: Cutzek ben Tutzek.

- Não! Assim não - diz o senhor Ziame. Olhe diretamente para os meus lábios e diga comigo:

- laquecol laquecol laquecol!

Eu olho e repito palavra por palavra:

- latetol latetol latetol!

* Não - diz o senhor Ziame, acenando com a mão. - Sabem o que eu descobri? É trabalho perdido! Não há nada que o faça falar direito. Eterno aleljadol!

II

Ter uma bandeira em Simchat Torá, uma bandeira de verdade, uma bandeira com um "stequele" (pausinho) e uma maçã espetada na ponta e na maçã uma vela - isto para mim era muita sorte, uma sorte tão grande que dava até medo pensar. Existe tanta coisa boa neste mundo... Existe até rapazes na escola que têm dinheiro, até para comprar um canivete, um porta níquel, uma bengala. Há até garotos que comem pão branco durante a semana... Isto que é sortel!

Oh! crianças. Pão branco durante a semana eu nunca tive. Ficava satisfeito quando tinha pão preto porque eramos extremamente pobres, apesar de todos em casa trabalharmos: meu pai trabalhava na sinagoga, ele era "chames", minha mãe era uma bôa doceira e minha irmã concertava meias.

Voces podem acreditar que eu não sabia que gosto tem a gente depois de ter acabado de comer não poder comer logo novamente.

E quanto a ter nos meus bolsos um níquel, um verdadeiro níquel, nem se fala, isto não me acontecia nem em sonho.

Agora imaginem, eu, Copel Cucaricú, fico rico de uma vez, ganhando 22 níqueis!

Voces pensam por acaso que foi algum milagre? Que um principe perdeu e eu achei? Então de fato não acertaram. Ou imaginam q e tirei de algum lugar, que roubei de um cofre?

Deus es livre de tal pensamento! Posso jurar que os ganhei de uma forma bem difícil, ganhei-os com o meu próprio esforço e sacrifício, com o trabalho dos meus próprios pés.

Era Purim (dia em que uns mandam presentes aos outros) e meu pai mandou que eu distribuisse os presentes entre os senhorios da nossa Sinagoga, onde meu pai era "chames". Antigamente quem fazia este trabalho era minha irmã mais velha, mas agora meu pai achou que eu já era bastante crescido e poderia ser de alguma utilidade.

Fiz a distribuição, percorrendo as ruas com os pés descalços na lama escorregadia e juntando os níqueis que ganhei como gorjeta, fiz um total de 22 níqueis.

Resolvi, então, guardar estes níqueis para comprar uma bandeira em Sucot.

Com a ajuda de Deus, chegou Sucote comprei uma bandeira grande e bonita. De um lado estavam desenhados dois animais, que tinham o aspecto de gatos mas que na verdade eram leões. De boca aberta, cada um deles tinha uma trombeta (parecendo um chofar) e estava escrito com letras bem grandes: "Barchatzolros vecols shofar". Em baixo do lado direito: Deguel Machné lehuda e do lado esquerdo: Deguel Machne Efraim. Isso tudo de um lado. Agora, no outro lado da bandeira, ainda muito mais bonito, estavam desenhados os retratos de Moshe e Aron, entre eles um conjunto de judeus segurando cada uma pequena torá. Todos tinham a mesma fisionomia, trajando a mesma vestimenta tradicional.

Adquirida a bandeira - digo - é preciso conseguir um favor do senhor Ziame, o mardeneiro.

- Quais são as novidades, Topele Tutaritutu? - pergunta o senhor Ziame.

- Eu quero um "stetel" (em vez de stequel - pausinho) para a minha bandeira.

- O que? O que quer dizer um "stetel"? (stetel é cidadezinha)

- Um stetel - digo eu - um pedaço de madeira para prender a bandeira.

O senhor Ziame faz-se de desentendido, zombando de mim e começo a chorar. Só assim ele fica com pena de mim e apanha um pedaço de madeira e pronto - um "stequel".

Agora só me falta a maçã e a vela. Velas lá em casa não faltam, tenho mais que todos os garotos. Quando alguém precisa de uma vela, a quem pede? A mim. Pois o meu pai é um "chames" da Sinagoga e as velas que sobram de "Iom Kipur" (Dia do Perdão) pertencem a ele.

Enfim, já tenho tudo que preciso!

III

Pronta a bandeira, com a maçã vermelha espetada e acesa a vela, ao cair da noite vou todo satisfeito, como um príncipe encantado, para a sinagoga assistir as "Acufes" (cerimônia religiosa). Imagino que já cheguei à sinagoga e que a minha bandeira é a mais bonita; a minha maçã mais vermelha que as outras maçãs; a minha vela, maior que as outras velas. A sinagoga está repleta, o aperto e o calor é sufocante. Muitas senhoras com as suas filhas vieram beijar a Tora. Ouço também o cantor recitar as orações.

Mas, antes de ir à sinagoga onde rezo, devo passar por várias outras. Penetrando numa delas encontro todos os meus colegas de escola, brincando juntos. Um apaga a vela do outro e escondido tira a maçã e de vez em quando sai um malentendido.

- Meus parabéns! Topele tutaritutu tem uma bandeira!

Foi desta maneira que os meus colegas me receberam.

Examino todas as bandeiras e lanço um olhar para a minha. Qual o quê! Nenhuma se compara com a minha.

Primeiro, porque nenhuma bandeira tem tantas palavras como a minha; Ninguém tem uma vela que possa ser comparada com a minha, pois quem apanhou tanto quanto eu quando meu pai me surpreendeu tirando uns pedaços de suas velas? Faço uma comparação entre a minha e as outras bandeiras. Meu coração palpita de alegria. Parece que estou crescendo, crescendo de alegria e com uma vontade louca de gritar, pular, dançar...

- Então, deixe ver! - diz o Jullo. E fica paralisado de admiração. Ele olha para a minha bandeira e eu para a dele.

Isto também é uma bandeira, penso eu para mim mesmo; isto também é um "stequele". Parece até uma vara!

Verifico que ele está ardendo de ansiedade, mas faço de contas que nem percebo e fico olhando para os lados.

- Copel, diz ele, onde é que voce arranjou um "stequele" tão bonito?

- Ah? respondo eu me virando para o lado dele.

- Onde é que voce arranjou - pergunta ele novamente - uma bandeira tão perfeita?

- O que é que há? Voce quer talvez que eu a troque pelo seu varapau?

Jullo compreendeu a brincadeira. Os seus olhos brilham como chispas de fogo e, fungado, afasta-se com as mãos nos bolsos. Eu fico olhando todo satisfeito. Vejo que ele faz sinal para Natan, o coxo, e segreda-lhe alguma coisa ao ouvido, olhando de relance para mim. Vejo tudo mas faço de contas que não percebo.

Passados alguns minutos, aproxima-se de mim Natan, o coxo, segurando a bandeira de Jullo e diz:

- Quer acender a minha vela? Ela se apagou.

- Esta bandeira não é tua - respondo eu - e inclino a minha bandeira com a vela. Eu sei de quem é esta bandeira. Antes que eu percebesse, Natan encostou a sua vela acesa na minha bandeira. Minha bandeira começou a arder e pronto: fu-fu-fu... fiquei sem bandeira.

Se caísse do céu uma pedra diretamente sobre a minha cabeça; se um animal feroz se lançasse sobre mim e tentasse extraçar-lhe ou se no meio da noite aparecesse um fantasma e tentasse levar-me - o meu susto não seria maior do que quando olhei para a minha bandeira queimada. Do meu coração partiu um grito alucinante.

- Ohi ohi minha bandeira! minha bandeira!

Apareceram lágrimas nos meus olhos, o mundo todo desapareceu para mim. O pausinho com a maçã e a vela caiu da minha mão e saiu correndo sem destino. Fui andando, andando... sentindo o ardor das lágrimas gotejando, gotejando... Choro pela minha bandeira como se chorasse um morto.

Chego em casa sozinho, sem a bandeira, procuro um canto bem escuro e começo a chorar baixinho para que ninguém me ouça. E faço uma pergunta a Deus:

- Meu Deus! Porque mereço isso? Porque?

TERCEIRO ANO

Marco -

Contos de valor moral para o chanich -

- 1) O príncipe feliz - Oscar Wilde
- 2) O pequeno vigia lombardo - Amicis
- 3) Tithadelsh - Frishman

Datas : Purim

10m Tel-chal

Trabalhos manuais -

Preparação para a Messiba de Purim (ver progr, do primeiro ano)

O primeiro conto, Príncipe Feliz, o madrich encontrará entre as lendas de Oscar Wilde. Deve-se contar e comentar a ideia principal lá exprimida - a bondade.

Segundo conto - O Pequeno Vigia Lombardo

Certa manhã, um pequeno destacamento de cavalaria ligeira franco-italiana, que acabara de vencer os austríacos em uma batalha, percorria as planícies.

Chegaram assim à uma casinha rústica, ensombrada ao redor de feixos, ao pé da qual estava um rapaz de doze anos que descascava à faca um galho de árvores para fazer uma bengala. Da janela da casa pendia uma grande bandeira tricolor; dentro, não havia ninguém.

Era ele um rapaz bonito, de olhos azuis e grandes.

- Que fazes aqui? - perguntou-lhe o oficial, sofrendo o cavalo. Porque não fugistes com tua família?

- Não tenho família, respondeu o rapaz, sou enfeitado. Trabalho um pouco para todos. Fiquei para ver a guerra.

- Viste passar os austríacos?

- Não senhor, há tres dias que não.

O oficial saltou do cavalo e deixando os soldados voltados em direção ao inimigo, entrou em

casa. Em frente a esta erguia-se um frêxido altíssimo e fino, a fronde verde oscilando alto no azul. O oficial perguntou ao rapaz:

- Tens boa vista, meu velho?

- Eu? respondeu o rapaz, vejo um passarinho à meia légua.

- E és capaz de subir no alto desta árvore?

- Eu? Num minuto.

- E saberás distinguir se há soldados austríacos, nuvens de pó, luzir de espingardas, cavalos? - Deêerto que sei, foi a resposta pronta do jovem.

- Quanto queres para fazer este serviço?

- Quanto quero? disse o rapaz sorrindo - coisa alguma... Ómal se fosse para os austríacos, isto então por nada desse mundo; mas para os nossos! Eu sou lombardo!

- Bem, sobe pois!

- Um momento, vou tirar os sapatos.

O rapaz trepou como um gato. Em poucos momentos estava no alto da árvore; abraçado ao tronco, com as pernas entre as folhas, o busto coberto. O sol incendiava-lhe a cabeça, que parecia de ouro. O oficial mal o via, tão pequenino ele parecia lá longe em cima.

- Ves alguma coisa? - perguntou o oficial.

- Vejo dois homens a cavalo.

- A que distancia daqui?

- Meia milha.

- Que mais vês?

- Ao pé dos cemitério há qualquer coisa que reluz, parecem balonetas.

Naquele momento um silvo de bala passou alto no ar, indo morrer ao longe.

- Desce que já te viram.

- Não tenho medo, respondeu o rapaz.

- Desce, repetiu o oficial, diz só, o que ves à esquerda?

- À esquerda?

- Sim, à esquerda.

Neste momento outra bala corta o espaço.

- Abaixo! gritou o oficial.

- Desço já, deixe-me só olhar o que há à esquerda, parece que vejo...

Um terceiro silvo feriu os ares equase em seguida o rapaz cambaleou, caindo de cabeça para baixo com os braços abertos.

▼ Maldição! murmurou o oficial.

A pobre criança batera com a espinha em terra, um jorro de sangue golçava-lhe rubro do lado esquerdo do peito.

- Mortol exclamou o oficial. Pobre, pobre menino. Dizendo isso tirou a bandeira tricolor e cobriu o pequeno morto.

- Mandaremos levá-lo pela ambulancia militar; morneu como um soldado, que seja enterrado por soldados.

Dito isto, atirou com um gesto um beijo ao morto, dizendo para os soldados:

- A cavalo, o inimigo se aproxima! para a vitoria!

Os soldados iam passando pelo pequeno cadaver, atiravam-lhe flores e faziam-lhe continencia.

- Bravo, pequeno lombardo! Adeus a ti, louro guerreiro!

Um oficial lançou-lhe a sua medalha de valor, outro foi dar-lhe um beijo na testa.

E as flores continuavam a chover muitas, muitas, sobre os pés nús, sobre o peito rubro ensanguentado e sobre os cabelos loiros do rapaz; ali estava ele, o rosto pálido, quase sorrindo, sentindo talvez aquelas saudações que a ele se dirigiam.

Terceiro conto - Tithadeish

Iosele era filho de um alfaiate judeu muito pobre, que morava com sua familia numa pequena aldeia da Polonia. A sua familia era bem grande e Iosele, o mais velho dos filhos, tinha as suas obrigações para com ela; de manhã, quando o trabalho não era muito grande, ia ele ao cheder estudar com os outros meninos da aldeia as leis da Torá e as historias do sábio Talmud. Mas poucas vezes isto lhe era possível, porque seu pai, cuja vista ia já se enfraquecendo de tante trabalhar, precisava de sua ajuda. O velho alfaiate costurava muito mas o dinheiro que recebia era tão pouco, que só lhe era possível com ele comprar a comida e pagar o aluguel de casa. Os homens ricos que encomendavam seus ternos na loja do velho judeu, pagavam uma miséria, adiam os pagamentos, prolongavam-nos constantemente.

E Iosele ajudava no que podia; o seu serviço era o de entregar as encomendas aos fregueses e percorria assim a aldeia, com os embrulhos debaixo do braço e com mil sonhos na cabeça. Que exquisto, pensava ele, eu sou o filho do alfaiate, levo roupa para todos e para mim mesmo nem sequer tenho um terno bom; este que estou usando já ha tanto tempo está se rasgando e já é pequeno para mim. Como gostaria de ter um terninho novo, todo branco e feito sob minha medida.

E assim andava o pequeno pelas ruas, dia após dia, o tempo ia passando e aproximavam-se as festas de Pessach, tão aguardadas por todos os judeus. E para esta data muitos judeus encomendavam ternos novos, pois é costume vestir roupa nova no seder e na sinagoga nestes dias.

Para este feriado o velho alfaiate tinha muito trabalho, mas o dinheiro que conseguiu ganhar tinha que devolver-lo àqueles dos quais emprestara e fizera dívidas; além do que o aluguel de repente subira e tinha que ser fazer qualquer preparativo para o Seder, o que também exigia dinheiro.

Mais uma vez Iosele levava ternos novos a todas as crianças judaicas da aldeia e só para ele não trouxe nada, porque não havia com que fazer a sua roupinha. Ao pensar nisso, seu pequeno coração apertava-se de tristeza.

Nomdia da festa todas as crianças foram à sinagoga com sua roupa recém feita, abraçavam-se mutuamente e desejavam-se um ao outro "Tithadeish, tithadeish", rindo alegres e felizes. Só ao Iosele ninguém desejou Tithadeish, porque seu terninho era velho e remendado, e não era como o dos outros. Iosele sentiu-se longe de toda aquela alegria e afastou-se; lágrimas quentes rolaram-lhe pelas fâces e apesar de não querer demonstrar ao seu bom pai aquilo que lhe pesava na alma, não conseguiu conter o desabafo de um soluço. E o velho alfaiate, com o grande amor que sentia pelo filho, compreendeu logo aquele rancor e aproximando-se dele disse:

- Iosele querido, não chore; para Pessach que vem, com a ajuda de Deus, farei um terninho para voce, mais bonito do que todos estes daqui. E feito sob medida, viu? Voce vai ver, como ele te assentará bem.

Passou-se mais um Pessach, mais dois, e os negócios do alfaiate iam de mal a pior. Tinha chegado para a aldeia um costureiro da cidade e a maioria dos fregueses passou a fazer lá as suas encomendas. Iosele continuava andando pelas ruas, porém os pacotes agora eram poucos. Não recebera o menino ainda o seu sonhado terno novo e não ouvira ainda a palavra tithadeish dita para ele.

A saúde do pequeno Iosele começou a vacilar; um dia veio-lhe uma tosse seca e pesada, e começou ela a piorar dia a dia. Iosele ficava agora em casa e só depois de muito tempo uma vizinha trouxe ajuda ao alfaiate e ele pôde então mandar o menino ao hospital.

Mas já era muito tarde. O médico examinou o pequeno e disse ser uma doença chamada tuberculose, doença que vem de má alimentação, de humidade, da miséria.

Iosele ficou algum tempo no hospital; tinha febre muito alta e tosse que não o deixava. Enquanto agonizava assim entre a vida e a morte muitas vezes repetia para si a palavra tithadeish que tanto quisera ouvir.

Até que um dia, numa manhã fria de inverno, morreu o pequeno Iosele; vieram então, levaram o seu corpo e vestiram-no num lençol branco, a roupa nova com a qual ele sonhara. Ninguém, porém, lembrou-se de lhe dizer Tithadeish.

ABRIL

Temas : Pessach e Levante do Gueto

Sichot :

Pessach : a) sichá sobre o assunto; b) Pessach na idade média c) conto.

Levante do gueto : a) sichá sobre o assunto; b) conto - As tres Prendas Peretz.

Izofiut : Haflagá e preparação para a mesma.

Trabalhos práticos : Elaboração de jogos para a kvutza.

" Porque eis que cessou o inverno:

A chuva passou e se foi:

Aparecem as flores na terra,

O tempo de cantar chega, e a voz da rola ouve-se em nossa terra:

A figueira já deu os seus figuinhos,

e as vides em flor exalam o seu perfume. "

(Shir hashirim)

La sichá - Pessach

Deverá ser esta uma conversa com os chanichim, preferivelmente em forma de perguntas e respostas, a forma mais fácil para obter participação e interesse por parte da kvutza.

1) Porque é chamada Pessach a festa da liberdade - oque ela simboliza para nos. Como imaginam os chanichim a figura de Moisés - porque é ele considerado um dos maiores líderes do povo judeu? - Que explicação dão ao fato dos judeus terem rodado 40 anos no deserto, antes de chegar à Terra Prometida? Em que é semelhante a época da saída do Egipto com a época se hoje, na história do povo judeu?

2) Pessach é também a festa da colheita- como enquadra-se isso no ciclo agrícola em Eretz? O ano agrícola em Eretz divide-se em quatro épocas : a) fins de verão e incios de outono prepara-se as terras para a sementeira; b) fins de outono e incios de inverno - o semear da terra; c) periodo das chuvas que irrigam a terra - Inverno ; d) a primavera - colheita ,

A comemoração do chag haOmer no kibutz. Como eram feitas as oferendas nos tempos antigos entre os judeus?

O Seder - explicação dos símbolos.

P o s s a c h n a l d a d e M e d i a

A festa de Pessach e o observar do Seder tradicional foram mantidos pelos judeus em toda sua época de Galut, mesmo nos momentos mais difíceis e mais tristes da nossa história.

Durante a Inquisição na Espanha, quando os judeus eram forçados a batizar-se, renegando sua fé, observavam então o Seder em lugares secretos, em porões, arriscando quase sempre sua vida. Mais de uma casa judia era assaltada na noite de Pessach pelos espíões da Inquisição e muitos dos judeus arrancados da mesa festiva para prisões ou mortes nas fogueiras.

Na Idade Média os judeus eram frequentemente acusados de usar o sangue cristão (sangue de crianças cristãs) para a cerimônia do Seder e para o feito das matzot. Centenas e milhares de judeus, durante os séculos passados, sofreram e chegaram a pagar com suas vidas por esta suspeita atroz.

Até nos últimos tempos estas acusações eram mantidas e exemplo disto vemos o caso famoso de Damasco ou no caso de um judeu russo, Mendel Beilis, que em 1910 ainda foi torturado por anos na prisão por ter sido falsamente acusado de matar uma criança cristã nas vésperas de Pessach.

2a sichá - Um conto

Nachshon ben Aminadav

David Cohen

Houve um homem na tribo de Iehuda que se chamava Nachshon ben Aminadav e era um dos guardas hebreus no Egito, que eram designados a controlar o trabalho pesado que os escravos judeus faziam. Os opressores egípcios instigavam os guardas e proibiram-lhes fornecer palha ao povo. Mas ao mesmo tempo exigiam deles a produção normal em tijolos. E os filhos de Israel esmigalhavam a palha no deserto e misturavam na argila. Nachshon ben Aminadav via este sacrifício e os seus olhos derramavam lágrimas; juntou-se aos seus irmãos e trabalhava com eles na argila. Quando os judeus não conseguiam produzir a quota necessária de tijolos, os egípcios exigiam dos guardas que relatassem os nomes dos trabalhadores retardatários, mas estes não queriam denunciar os irmãos. Muitas vezes batiam-lhes os egípcios e maltratavam-nos, mas os guardas calavam-se e nada confessavam.

Tiraram de Nachshon o seu uniforme de guarda e fizeram-no escravo igual aos outros.

Naqueles dias apresentavam-se Moises e Arão nos portões do palácio do Faraó, rei do Egito. Deu-se isso justamente no dia em que apareceram na corte ministros e reis vindos do oriente e ocidente para homenagear o monarca egípcio e trazer-lhe honrarias. Vieram então os guardas e disseram ao Faraó: - Nosso rei e senhor, dois velhos estão à Porta do Palácio.

O rei ordenou: - Que venham!

E havia 400 entradas no palácio do faraó e em cada uma delas leões, ursos, e outros animais malignos, e não havia homem que pudesse entrar no palácio sem que alimentasse antes as feras com carne. E ao chegarem Moises e Arão, cercaram-nos os animais e as feras e lamberam-lhes os seus pés, acompanhando-os até chegarem junto do Faraó.

E viram todos os presentes a altivez de suas estaturas, assim como os cedros do Libano, os círculos dos seus olhos como círculos da estrela Venus, suas barbas como cachos de tamareiras e o brilho dos seus rostos como o brilho do sol; então terror apoderou-se de todos os reis lá presentes.

E disse-lhes Faraó: - Quem são vocês e o que desejam?

Responderam-lhe: - Somos emissários de Israel, mande para fora das tuas terras aos filhos de Israel e que vão para o deserto por tres dias.

E o faraó teimou e não quis concordar; fez no entanto, que deste dia em diante os filhos da tribo de Levy deixassem de ser escravos e a sua quota de trabalho passasse às outras tribus de Israel.

Quando Nachshon ben Aminadav soube disso revoltou-se e discutiu com a tribo de Levy.

E responderam-lhe assim os Levitas: - Do nosso meio saíram Moises e Arão, que se apresentaram diante de Faraó, e quando for erguida a casa de Deus, seremos nos que faremos o trabalho de carga e porisso não devemos agora tocar em argila e tijolos.

Então disse-lhes Nachshon: - Porque quereis distinguir-se de todo o Israel? Enquanto estamos todos escravizados, carreguemos juntos o jugo; para que semear a inveja no povo?

Ouviu Moises do que se passara entre Nachshon e a tribo de Levy e Nachshon foi chamado à sua frente. Nachshon veio com a roupa de escravo, seu rosto e suas mãos cobertos de argila, e cicatrizes vermelhas espalhadas por todo seu corpo. Disse-lhe então Moises: - Escolhemos 70 homens que fiquem à frente do povo. E vocês, os guardas, que oferecistes vossos corpos aos tirando, estareis entre os eleitos da comunidade.

Respondeu-lhe Nachshon: - Enquanto Israel for escrava e viver na argila e no trabalho pesado eu estarei entre eles, pois quem redimirá uma lágrima e quem consolará as pequeninas crianças e quem servirá de arrimo às mulheres cansadas do labor?

Contaram-lhe então Moises e Arão sobre as honrarias colhidas na casa do Faraó e que o dia da libertação estava próximo.

Nachshon ouviu e suspirou. Disse-lhe então Moises: - Nachshon, ben Aminadav, não te alegras com todo o povo de Israel por termos sido acolhidos, nos, os enviados de Israel, no palácio do Faraó no mesmo dia em que lá estavam reis e monarcas do mundo inteiro?

Respondeu-lhe Nachshon: - Sabes ao que somos parecidos? À ovelha que o tigre quis pegar; o pastor correu atrás para salvá-la do tigre e eis que, finalmente, a ovelha acabou sendo estragada entre o pastor e o tigre. Assim somos nos, entre você e o Faraó, nos estamos morrendo.

Quando Moyses ouviu estas palavras escondeu o rosto; caiu em pranto e disse : Desde que fui ao Faraó tudo plorou para o povo de Israel.

E Nachshon falou a Moises toda aquela noite e ao surgir a alvorada saiu para o seu trabalho de amassar a argilla. Disse então Moises para si : enquanto há gente como Moisés no povo, este não perder-se-a na escravidão.

E chegou o dia que saíram os filhos de Israel do Egipto. Detiveram-se então na beira do mar enquanto que faraó, com todo seu exército, perseguia-os cruelmente. Assemelhavam-se àque-la pomba que fugira de uma ave de rapina e ao chegar a uma fresta na rocha, encontrou lá uma cobra aninhada. E a pomba se debatia : se voltasse para trás seria devorada pelo abutre, e se entrasse dentro da rocha a cobra devora-la-ia. O que fez a pomba? Gritou, bateu com as asas, para que o seu dono, do qual ela tinha escapado, a viesse salvar.

Assim também foi com os filhos de Israel à beira do mar - não podiam avançar pois a maré subira mas também para trás não podiam voltar porque lá estava o exército do Faraó se aproximando. O que fizeram então? Chamaram Moises ára que os slave.

Moises levantou os olhos e viu as tribus de Israel, cada uma com sua bandeira, e decidiu : - é preferível ser devorado pelos peixes do mar do que cair nas mãos dos egípcios. Levantou o bastão que segurava na mão e exclamou : - Aquele de vocês, que para sempre renega a escravidão, este que seja o primeiro.

Esperava Moises que os homens da sua tribo, a tribo de Levy, seriam os primeiros. Deparou porem que as tribus discutiam entre si, cada uma negando-se a ser a primeira que desce-rá ao mar. Nas ultimas fileiras do acampamento cresceu a confusão pois o terror da persegui-ção dos egípcios apoderou-se dos filhos de Israel. Houve quem gritasse : Viremp-nos e voltemos para o Egipto!

E eis que saiu do meio do povo Nachshon ben Aminadav. Suas mãos estavam ainda sujas de argilla, seu cabelo estava revoltado, as cicatrizes salientavam-se na testa.

Avançava ele com firmeza, passou pelas tribus, lançando um olhar penetrante a tribo dos Levitas. E chegando ao mar, foi o primeiro a se lhe atirar.

Cantaram então Moises e os filhos de Israel a canção de gloria e gratidão para Nachshon, ben Aminadav.

E é porisso que ficou preferida e eleita a sua tribo, shevet lehuda, e foi designada para o feudo de Israel.

Sichá sobre o Levante do Gueto - O madrich deverá estabelecer uma conversa sobre o toma

" Heroismo judaico no Galut"; A base do conto As tres Prendas de Peretz, pode-se mostrar o heroismo passivo, característico na sua maioria entre os judeus do galut; o sofrimento dos mártires de pogroms e perseguições e o seu heroismo pela manutenção da fé e a fidelidade ao povo.

- Levante do gueto - heroismo ativo e trágico, motivado pelo desespero completo em que o povo se achava.. Destacar a juventude que organizou o levante, as lutas, a coragem indescrí-tível dos que tomabaram - a homenagem eterna que nos lhe prestaremos.

Trabalhos práticos : J_o_g_o_s_p_a_r_a_k_v_u_t_z_a

Sugerimos o feitio de tres jogos : a) corrida para Eilat ; b) quarteto em ivrit, e outros quartetos; c) Quem responde primeiro?

a) A corrida para Eilat deve ser feita em forma dos jogos de corrida, que as crianças costumam jogar. Em cima de uma cartolina retangular de côr, desenha-se o mapa de Eretz, traçando forte a estrada que leva de Haifa a Eilat (não é uma estrada direta, porém os diferentes cami-nhos que tem que se percorrer). Desenhar os incidentes geográficos da região, nomes dos kibutzim que se passa, distinguindo principalmente os do Noguev e em geral da região setentrional do país; também fazer desenhos dos produtos agrícolas mais característicos das regiões pelas quais se passa, etc. No meio do caminho deverá haver uma série de incidentes relativos aos lugares pelos quais se passa; para tanto o madrich deverá conhecer bem a região toda e saber sugerir estes incidentes na feitura do jogo. Por ex: parar para conhecer as diferentes cida-des (oqhaver perde uma jogada); chegou-se perto da fronteira - aumentar a velocidade (permitidas duas jogadas seguidas); deixou-se esquecido algo num kibutz do Shaar Haneguev (voltar para trás; num kibutz pedem para ficar e ajudar na colheita(atraza-se duas jogadas), etc. etc.

Observ. - O jogo pode ser feito com variações - uma viagem só pelo Noguev, por ex., e etc.

b) Quarteto em ivrit

Aplica-se o mesmo processos dos jogos de quartetos comuns, porém as palavras devem ser inteiramente em ivrit. Damos uma série de exemplos: 4 animais - kelev, chatul, sus e pará; alimentos : lechem, bassar, irakot, peirot; anafim de kibutz : refet, nagariá, lul e falcha; verduras : melafafon, agvanla, batzal e gezer; móveis : shulchan, klssó, aron, mitá; utensilios escolares: sefer, machberet, iparon, dió; a familia : aba, ima, ben, bat. etc. etc.

Não deve haver tradução no papel porém a palavra deverá ser escrita em letras ivrit e latinas, acompanhada de um desenho correspondente

c) Quem responde primeiro?

Numa pequena cartolina redonda, em forma de um circulo perfeito, escreve-se o alfabeto Intelro, na mesma disposição que os números de um relógio. Recorta-se de pois uma pequena flecha, do tamanho do raio do círculo e prende-se-a no centro do mesmo por meio de um preguinho; o pre-guinho que atravessa pois a flecha, o centro do círculo, saindo do outro lado do mesmo, deve ser enfiado numa rolha - não até o fim da mesma, dando-lhe liberdade de movimento. Virando-se a rolha a flecha virará junto, parando numa determinada letra.

Recorta-se 50 a 60 cartões iguais de tamanho pequeno e em cima de cada um escreve-se uma pergunta da seguinte forma : Uma flor que comece com a letra ; um kibutz de Eretz , começando por... ; um país da Ásia que comece com a letra... , etc. Deve-se tentar empregar ao máximo perguntas ligadas com temas judaicos e do país.

O processo do jogo é muito simples. Um tzofé ficar encarregado dos cartões e vai lendo pergunta após pergunta? depois de cada uma, um outro tzofé vira a rolha com a flecha e diz alto que letra calu.

Tendo sido fornecidas a pergunta e a letra, cada tzofé deve tentar responder o mais rapidamente possível e aquele que responder primeiro receberá o cartão.

Nom fim do jogo ganhará aquele que possuir maior numero de cartões na mão.

M _ A _ I _ O _

Sichot :

- 1) Primeiro de Maio - dia do trabalho
- 2) Trabalho de crianças - Conto : Sou carregador (Bracha Chavas)
- 3) Conto ligado com o tema - O sonho do jovem rei (Oscar Wilde)
- 4) Trabalho na natureza

Datas :

Primeiro de Maio

Chag Atzmaut (ver, progr. do primeiro ano)

Trabalhos práticos : Trabalhos em argila e barro.

Esporte - tiul com competiç~oes

La Sichá

Primeiro de Maio - dia do trabalho -

Sugerimos uma conversa com os chanichim sobre o tema em geral : o que significa esta data, qual a sua origem histórica. Os desfiles e as manifestações dos proletários nas grandes ruas das cidades são demonstrações de força e de protesto.

Contra que protestam os operários? O que querem demonstrar e obter, por que lutam? O que é uma greve em geral e porque os operários usam de greves para obter o que exigem.

O trabalho do povo judeu . Porque costuma-se dizer que o trabalho do povo judeu no galut é em geral "não produtivo" ? Diferença entre o trabalho judeu no galut e em Eretz. Em Eretz nos ocupamos de todos os trabalhos, indistintamente, e de todas as ocupações, necessárias. Primeiro de Maio em Eretz. Desfiles dos kibutzim pelas ruas das cidades.

Sou carregador (Bracha Chavas)

Quis o destino, que eu, Shaul, o teimanita, ficasse órfão de pai aos sete anos de idade. Meu pai foi trabalhador e muito teve que trabalhar na sua vida; ao atingir os 40 anos de idade, começou a tossir e após algum tempo faleceu.

Minha mãe faleceu pouco tempo depois.

Meu tio Yashi era sapateiro e tinha seis filhos. Comecei a trabalhar na sua sapataria. Era-me muito, muito difícil. O dia inteiro puxar fios e preparar solas, desde a manhã até a noite. Os sapateiros que trabalhavam com meu tio não simpatizavam comigo, caçoavam de mim e até me batiam.

Até que resolvi fugir. Mas onde encontrarei lugar para pernoitar? Não, o melhor era o caminho da verdade. Num belo dia, quando meu tio voltou, aproveitei o seu bom humor e lhe disse: Meu tio Ioshi, tenho que lhe dizer uma coisa : eu quero ser carregador.

Ele fixou os olhos em mim, agarrou as pelet do lado esquerdo do seu rosto e começou a enrolá-las rapidamente.

- O que? você Shaul quer ser carregador? O teu pai, que Deus guarde sua lembrança, morreu como carregador. Não, não há serviço melhor do que de sapateiro.

- Tio Yoshi - disse lhe mais uma vez - a minha vontade é de ser carregador apesar de tudo! Meu tio fez-me sentar na esteira ao seu lado e disse:

- Shaul, você é órfão de pai e mãe e eu não posso te obrigar a nada. Voce quer ser carregador? Seja carregador! Mas fique sabendo que é contra a minha vontade.

As lágrimas vieram-me aos olhos e eu senti a minha garganta asfixiar.

Tornei-me carregador. Desde então passaram seis anos. Cresci, amadureci, tenho treze anos agora. De manhã trabalho no mercado, tenho uma cesta amarrada às costas e grito : " Minha senhora, carregador?... "

Pego as cestas da madame e a sigo até a sua casa. Depois trabalho num outro lugar e não são raras as vezes que os carregadores mais velhos me empurram de lugar em lugar, de lá para cá. Eu sou e muitas vezes me ofereço para fazer o serviço por preço muito baixo, senão não teria trabalho ao todo.

Preciso ainda lhes contar que um lugar decente para dormir eu não tenho. Meu tio se arrependera do que falara e não quis me deixar ser carregador e quando eu insisti ele se enfureceu comigo. Então resolvi fugir.

Minha moradia no principio era numa das barracas do mercado. Era frio lá. Apesar disso eu disse para mim : serei carregador como meu pai! De manhã eu comprava uma "pita com falafel" e isso me servia de café e almoço ao mesmo tempo. Eram dias difíceis aqueles. Não raras vezes eu sofria fome e chorava às noites.

Agora eu moro na casa de Yermiahu, o carregador. Pago-lhe 10 grushim por mes de aluguel pela varanda feita de lata de sua casa que fica ao lado da adega. Também agora muitas vezes eu sinto uma grande tristeza, mas forme não passo mais. Assim passa minha vida; sou trabalhador como todos os trabalhadores. Trabalho como trabalhava meu pai. Sou carregador.

3a sicha - Conto : O sonho do jovem rei (Oscar Wilde)

Sugerimos que o madrich le conte o conto e não o leia pois a linguagem é um pouco difícil. O conto é muito sugestivo e de grande beleza literária, a qual deve-se procurar manter no contar.

Desenvolver, à base do conto, uma conversa com os chanichim, relacionando a história contada ao nosso tema central, que é o trabalho.

4a sicha : Trabalho -- na -- Na natureza -- (sicha a ser dada pelos chanichim)

"Vae ter com a formiga, ó preguiçoso :

olha para os seus caminhos e sê sabto.

A qual, não tendo superior, nem oficial, nem dominador,

Prepara no verão o seu pão : na sega ajunta o seu mantimento."

(Provérbios 6,6)

Esta sicha poderá ser preparada pelos proprios tzofim, conforme já o foi feito no ano passado em duas sicht anteriores. Os tzofim dividirão entre si os temas, preferivelmente terão qual-quer material ilustrativo a respeito e falarão sobre os assuntos da forma que estiver ao seu alcance. Sugerimos os seguintes tópicos:

- trabalho das abelhas
- trabalho das formigas
- construção de ninhos pelos pássaros
- trabalho do castor

O madrich fará observar a diferença que existe entre o trabalho dos animais e o trabalho do homem. Os animais desconhecem o progresso e a invenção, característicos no homem. O seu trabalho é feito unicamente no sentido de sobreviver e manter a espécie, e sempre da forma a mais primitiva possível.

Possivelmente acompanhar a sicha de uma visita a um apiário; descobrir um formigueiro pela redondeza e observar o trabalho das formigas.

Bibliografia para o madrich - Maeterlink - A vida das formigas e das abelhas.

J U N H C

Tema central - Historia do Teatro

Sicht :

- 1) Como iniciou-se o teatro (uma ou duas sicht)
- 2) Teatro na antiga Grécia
- 3) Teatro em E. Israel
- 4) Dramatizações na kvutza.

Trabalhos práticos : Um teatro de bonecos. Máscaras de toda espécie.

Jogos : Ligados ao tema.

1a sicha -

Vimos já anteriormente de que a arte, em suas diferentes expressões, tem acompanhado o desenvolvimento cultural do homem, desde os primeiros passos. Ligada certamente à religião e aos rituais, aos sentimentos humanos os mais primitivos - de medo, de alegria ou de tristeza, e também às suas necessidades vitais de sobrevivência, ela existia por si só sempre e os seus traços chegaram até nos - seja pelos desenhos, pinturas e esculturas encontrados nas excavações e cavernas, seja pelo que os antropólogos de hoje conseguiram descobrir nos povos primitivos e que atribuem ser característico a qualquer desenvolvimento de grupos humanos (musicas e danças, rituais religiosos, etc)

E o teatro, como teve ele o seu início?

(Interessante aqui deixar que os tzofim sugiram por si proprios como eles o imaginam).

O teatro, em sua essencia, iniciou-se certamente quando os homens aprenderam a conversar entre si, seja pela linguagem ou pelos gestos. Quando no meio de uma conversa entre os homens da caverna um deles, relatando a aventura que tivera na ultima caçada, pusesse-se a representá-la, com ações, colocando-se ao mesmo tempo no papel do caçador e do animal caçado, ou quando imitasse o rugir do animal, ou por meio da mímica desse a entender o que aconteceu, ele estaria então atuando uma cena, ou seja, descrevendo-a por meio da representação.

Neste principio está baseado o teatro.

E talvez numa noite qualquer, um dos trogloditas que tivesse maior iniciativa e melhor bom humor que os outros, querendo assustar os seus companheiros da tribo, resolvesse fantasiar-se de um animal selvagem, com ajudada pele e da cabeça do animal que caçara durante o dia. Se aparecesse assim fantasiado, imitando o rugir da fera, o seu andar e gestos, não estaria ele atuando um papel e representando?

Mas isto são suposições e está claro que não temos provas e nem indícios de que cenas assim sucederam-se. Há no entanto exemplos sem fim encontrados entre os rituais e as magias antigas, de verdadeiros inícios do teatro e da dramatização.

Vejamos alguns deles:

Um caçador primitivo prepara-se para sair à caça de um leão e sentindo-se naquele dia temeroso e inseguro vai consultar o mágico da tribo a fim de que este garanta-lhe bom sucesso. O mágico desenha um grande leão na terra, pega o arco e a flecha do caçador e vai devagar e em silêncio esconder-se atrás de uma pedra próxima; de lá observa o desenho, prepara-se e aponta, soltando finalmente a flecha que acerta no coração do leão desenhado. Feito isso o mágico assegura ao caçador que da mesma forma este conseguirá matar o verdadeiro animal.

Na maioria das tribus encontram-se até hoje em dia as magias cuja finalidade é chamar a chuva. Elas se exprimem em forma de dansas que em geral deverão lembrar às chuvas de descer à terra sedenta. Neste sentido a dança é composta de figuras e gesticulações que mostram à chuva como ela deverá descer - caso ela tivesse se esquecido. O mágico pula e gira com os braços estendidos para o céu e faz movimentos com a palma da mão e com os dedos, imitando gotas de água que surgem no ar. Assim espera ele trazer as chuvas mais rapidamente.

Também entre as rezas judaicas encontramos uma que assemelha-se em seu ritual a uma pequena peça de teatro: - é uma dança primitiva em homenagem à lua. Nesta reza dança o crente na frente da lua dizendo as seguintes palavras: " Assim como eu danço na tua frente e não consigo tocar em ti, assim também não poderão tocar em mim jamais os meus inimigos.

Um dos característicos mais interessantes dos rituais primitivos, das suas dansas e encenações, encontra-se isso também entre as tribus de hoje em dia - são as suas máscaras e maquiagens do rosto e do corpo.

O mágico que em geral era a figura central de todo o ritual e cerimonia, armava-se de uma máscara quase sempre feroz e amedrontadora, ou então pintava o rosto de forma exagerada e gritante. Alguns antropólogos explicam isto pela vontade que os primitivos tinham de expulsar do lugar os maus espíritos que lá se encontrassem, querendo desta forma, espantá-los.

A fim de executar todas estas magias e rezas estranhas eram necessárias pessoas de grande talento e expressão. Não só deviam ser atores e dançarinos, porém também deveriam saber compor e imaginar a "peça" sozinhos pois eram os únicos responsáveis por todo o ritual.

O feiticeiro primitivo era pois um artista completo e o ator teatral de hoje, que também chega a fazer feitiçarias no palco, imitando figuras e representando personagens, é um herdeiro longínquo porém direto deste mágico da pré-história.

(Baseado em artigos sobre o tema, saídos na revista infantil Haaretz shelanu)

2a Sicha - Teatro na Antiga Grécia

Dissemos na sícha anterior que o teatro teve os seus primórdios já nos tempos da pré-história. Assim mesmo, o seu verdadeiro começo como uma arte independente e completa, foi na antiga Grécia, no século VI A.C.

Antes mesmo do teatro ser criado e introduzido lá, existia já a leitura pública em coros, dos grandes poemas épicos, para os heróis e deuses do povo. Estes coros eram compostos por 24 pessoas e às vezes dividiam-se em dois, sendo que uma metade iniciava a leitura e a segunda complementava ou respondia, dando assim maior colorido ao poema lido.

Um dos regentes destes coros antigos, chamado Tespes (é considerado hoje como o pai do teatro) introduziu neles uma grande mudança e variação que modificou de muito o seu caráter.

Em primeiro lugar fez com que o regente do coro tivesse o papel principal, lendo ele, sozinho, trechos do poema e mantendo uma espécie de "conversa" com os dois lados do coro. Tratando-se por exemplo de epopeia de um herói, seria então este herói "representado" diretamente pelo leitor do poema e o resto da epopeia continuaria sendo contado pelo coro.

Está ali o primeiro passo que vai do conto à peça e à dramatização. No primeiro caso a personagem é descrita e fala-se sobre ela; no teatro, ela representa por si só o seu papel e age diretamente.

Foi também Tespis que introduziu as variações de roupagem, estabelecendo que elas deveriam combinar com o tema lido ou contado e também o vestir das máscaras, que ficou sendo um característico inseparável do teatro e principalmente dos coros teatrais gregos.

Estas mudanças incentivaram muitos dos escritores gregos a escrever grandes e maravilhosas peças para o teatro entre os maiores temos Esquilo, Sofocles, Euripides, e outros.

Duas vezes por ano eram feitos na cidade de Atenas grandes festivais de teatro, com competições entre os diferentes autores das peças e também entre os encenadores, chamados de "horigus". Os maiores festivais de todos eram feitos em honra ao deus Dionísio (deus do vinho e da fertilidade), nos inícios da primavera. Milhares de pessoas juntavam-se nos enormes anfiteatros para assistir aos espetáculos.

Muitas das peças eram acompanhadas de música e frequentemente também havia dansas inteiras introduzidas (estas duas artes - música e dança foram também aqui muito anteriores ao teatro)

Nos primeiros teatros e principalmente no grego não era costume distribuir todos os papéis ao numero correspondente de atores. O numero destes era muito restrito e cada ator representava em geral dois papéis (também o numero dos personagens não era muito grande)

às mulheres não era permitido representar e os seus papéis eram executados pelos homens.

Observ. Alguns termos gregos que entraram na linguagem teatral: drama (em grego ligado ao termo acontecimento); comédia (kosmos - mundo e mais ode - poema); sátira; tragedia; etc.

3a sicha - Teatro em Eretz

O teatro é uma arte muito desenvolvida em Eretz Israel e o fato é fácil de se compreender visto que no nosso povo sempre houve grandes atores e pessoas que se dedicassem a esta arte. O madrich deverá contar a historia do Habima - um grupo de artistas que iniciou o seu trabalho na Russia, tornando-se famoso por toda a Europa; resolveram vir para Eretz e iniciar aqui o teatro Israel.

Existem outros e novos teatros no país e também teatros especiais para crianças que dão espetáculos o ano inteiro..

Os grandes teatros em Eretz viajam pelo país todo e isto permite que a maior parte da população interessada possa ver as peças. Os kibutzim, divididos em zonas, concentram-se naquele kibutz que tiver um anfiteatro próprio para a apresentação e desta forma todas as peças boas da cidade são vistas pelos chaverim de todos os quibutzim.

É muito raro um fato destes, de que teatros viajem para o campo e para todos os recantos do país representar. Porém isto é uma prova que o teatro no nosso país participa e quer compartilhar intensamente com tudo que se desenrola ao seu redor, querendo elevar o nível cultural do povo e trazer-lhe a distração e a beleza, tão importantes para cada um.

Dramatizações na kvutza

O madrich lerá um conto e os chanichim mais tarde deverão dramatizá-lo, improvisadamente. Sugerimos, para a primeira vez, as fábulas de LaFontaine, cujo característico é a ação e a conversa e que facilmente podem ser encenadas.

Ligado a dramatizações pode-se fazer muitos jogos de mímica e de representação:

- 1) Representar grandes personagens: cada vez um chaver escolhe um personagem famoso (pode ser qualquer, vivo ou morto, e deve tentar - por meio de gestos e de cousas características (pode também falar) representar esta dita personagem a fim de que os outros descubram quem é.
- 2) O jogo do "mente" - (ou dos advérbios) - Um chaver sai e os que ficam escolhem entre si um advérbio de qualidade, terminando em "mente". Ex: lentamente, preguiçosamente, bruscamente, delicadamente, etc. O chaver volta e distribui ordens entre os chaverim, mandando cada um fazer algo para ele. Cada chaver deverá executar as ordens recebidas no espírito do advérbio que fora escolhido para todos e o chaver adivinhará desta forma que advérbio é este.
- 3) Nomes de livros e filmes - Cada um escolhe para si o título de um livro ou de um filme famoso e por meio de representação das palavras que o compõem, os outros deverão adivinhar do que se trata. Ex: e o vento levou; a ilha do tesouro; cinco covas no Egito, etc.
- 4) Fazer competições entre os chanichim de quem souber melhor representar, sem palavras, as figuras dos contos de fadas - chapeuzinho vermelho, Branca de neve, Gulliver, etc.

A G O S T O

É este o ultimo meio ano na shichvá de tzofim e o madrich deverá fazer sentir a kvutzá a sua importancia.

A fim de passar para a shichvá de solelim é necessário ter um conhecimento mínimo de historia judaica; cabe portanto dedicar-se seriamente ao seu estudo.

Introdução:

Iniciamos aqui uma série de sichot sobre historia judaica que estenderão no espaço de tres meses seguidos. O periodo historico a ser abrangido é talvez vasto demais para um tempo tão limitado mas procura-se extrair dele somente os trechos e episódios mais característicos e também aqueles que mais facilmente apelarão aos tzofim.

A forma de apresentação a ser usada pelo madrich deve ser a de conversa (perguntas e respostas), acompanhando sempre que for possível a sichá com uma lenda referente ao tema. Deve-se tomar cuidado em não transformar estas sichot em aulas de história, evitando exposições secas e mantendo sempre viva a participação dos chanichim.

Para esta série de sichot é exigida uma referencia bibliográfica séria e constante por parte do madrich. Não desenvolvemos a maioria das sichot integralmente - conforme o temos feito na grande parte do programa - pois tratando-se de historia judaica, acreditamos que qualquer resumo ou seleção de trechos das fontes originais, não devem ser suficientes para o madrich e simplificarão por demais a matéria que pede aprofundamento e estudo.

Apresentamos, portanto, na maior parte dos casos, esquemas e temas centrais a serem desenvolvidos em cada sichá.

O ciclo das sichot inicia-se ao redor da data de Tisha b Av, sendo que seria conveniente que a primeira sichá fosse dada numa semana anterior a esta data, pois é somente na segunda sichá que se refere diretamente a destruição do templo.

Sichot:

- 1) Salomão e a construção do primeiro templo.
- 2) Jeremias - destruição do templo - cativo na Babilônia.
- 3) O exílio - O Imperio da Babilônia - Profeta Daniel - A volta: Ezra e Nehemia.
- 4) Grécia e o Imperio helenista.

Trabalhos práticos: Iniciar trabalhos de nagariá (madeira compensada)

Tzofit : Tiulim das kvutzot, individualmente, aplicando sinais de pista e semáfora.

la síchá

- Época da construção do primeiro templo - Rei Salomão.

Quem era o rei Salomão - História de David e de Bathsheva e da parábola do profeta Natan. Comparação dos dois reinados - o do David, caracterizado pela expansão e conquista e o do Salomão pelo florescimento e enriquecimento interno.

- Por que deu-se a construção do templo justa na época de Salomão? - O templo era o símbolo de um governo centralizado e forte e isto somente foi conseguido em toda a sua plenitude no reinado do Shlomo hamelech. A riqueza deste reinado permitiu uma construção tão luxuosa e exuberante.

A situação do povo na época - os impostos dele exigidos a fim de sustentar uma corte tão dispendiosa - diferença cada vez maior entre os ricos e os pobres.

Sobre a sabedoria do rei Salomão. A famosa lenda das duas mulheres reclamando o filho.

A lenda da rainha de Sabá e das charadas que trouxe consigo.

Bibliografia - Tanach ; Historia judaica de Dubnov ; Hist. da Civilização de Will Durant (pg. 329 - fig. 36 - uma hipotética restauração do que fora o templo de Salomão)

U M A L E N D A

Chanukat habait

David Cohen

Quando o reinado passou às mãos de Shlomo, enviou ele um pedido à Hiram, rei de Tzor, dizendo : - Você conheceu David, meu pai, que não conseguiu construir a casa de Deus devido às guerras que o rodearam. Agora foi deixada para mim esta tarefa de construir em Yerushalaim o Beit Hamikdash, o qual deverá superar em beleza a todos os palácios do meu país. Ordeno, pois, que sorrem para mim cêdros do Libano, pois não existe entre os meus homens quem saiba abater árvores como os Tzidonitas.

Alegrou-se o rei Hiram com as palavras de Shlomo e ordenou que se enviassem cêdros e ciprestes do Libano. E Shlomo deu ordem, por sua vez, que se escolhesse entre o povo 70 mil lapidadores e nomeou 330 delegados que deveriam percorrer todo o país de Yehuda e escolher os mais fortes, pois estes deveriam construir o Beit Hamikdash.

Entre os que ficaram designados para a construção da casa, achava-se um jovem forte, que vivia numa pequena aldeia, entre as rochas dos montes de Galil.

O homem amava sua aldeia, sua terra, seu gado e seu filho unico, que tinha somente cinco anos. Quando se despediram, a criança acompanhou o pai por muito tempo, prometendo amá-lo e não deixar de esperá-lo.

E o trabalho da construção do Beit Hamikdash era muito pesado. Queria Shlomo que o seu Templo sobrepujasse a todos os outros em beleza. Pedras enormes eram carregadas pelos montes

de Yehuda até Yerushalaim.

Os capatezes do rei apressavam o trabalho e o povo que o executava, seus olhos não perdiam de vista pedra alguma e os seus corações não sabiam apiedar-se dos homens que trabalhavam no sol abrazador, que desmalavam pelo calor e falta de água.

E o homem do Galil trabalhava com dedicação, seus ombros não fugiam das pedras mais pesadas e ajudava ele ainda aos mais fracos, perseguidos pelos guardas e capatezes. E quando estes perceberam a sua influencia sobre os outros, aumentaram-lhe o trabalho ainda mais. Trabalhava ele pesadamente, dia e noite, até que o cansaço oprimia-lhe o espírito,

Lembrava-se então de sua casa nos montes, do seu unico filho e pensava : * não desesperarei, chegará o dia em que voltarei para o meu lar, quando o trabalho aqui terminar e encontrarei então o meu querido filho que já será um rapaz grande e forte.

E o menino do Galil crescia. Mais um pouco e deveria completar 7 anos. Guardava sempre a lembrança do seu pai e quando a saudade aumentava, subia ele pelos altos montes de Yehuda e de lá enviava sua benção ao pai que trabalhava na construção de Beit Hamikdash.

O trabalho pesava cada vez mais sobre os homens em Yerushalaim. As chuvas vieram, os caminhos estavam escorregadios e os guardas obrigavam os homens a subirem pelos montes, carregando troncos e pedras para completar a construção.

Aconteceu um dia que o homem do Galil viu um dos seus companheiros cair sob o peso da carga e indo lhe ajudar escorregou e rolou de um dos montes para baixo. Seus amigos gritaram e saíram para ajudá-lo, querendo salvá-lo da morte, mas os guardas obrigaram-nos a continuar no trabalho. E assim foi enterrado o homem do Galil entre os montes e as pedras.

No decimo primeiro ano do reinado de Shlomo, no oitavo mes do ano, completou-se o trabalho do Beit Hamikdash em todas as suas minúcias. Shlomo reuniu então os anciões do povo para a solene inauguração do templo.

Yerushalaim ficou repleta de homens de todos os recantos do país. Dos montes e das aldeias vieram centenas de homens e entre eles encontrava-se também o jovem do Galil. Ouvira ele sobre a morte do seu pai e pensou : mais que o povo se reúne para a inauguração do grande templo. Meu pai carregou as pedras e os troncos que lá se encontram e caiu na construção deste trabalho. Meu dever agora, como seu filho único, é tomar parte na alegria do povo. Abandonou sua casa e sua aldeia, andou durante dias e noites até chegar a Yerushalaim.

E o jovem andava pelas ruas da cidade que estava mais bela do que nunca. As suas roupas estavam cobertas de pó, seu rosto queimado pelo sol e seus dois olhos negros olhavam para tudo com espanto e com medo sagrado.

Sobre o monte de Moria elevava-se o templo maravilhoso. Todo construído de pedras esculpidas, em suas janelas grandes vitrais e as suas paredes cobertas de ouro e prata. Quando os raios solares pousavam sobre o templo ele parecia uma tocha ardente.

Quando o jovem viu toda esta beleza lembrou-se do seu pai que tanto trabalhara e sofrera; ajoelhou-se e caiu em pranto.

E a casa estava repleta de principes, Kohanim e Levim. O povo rodeava o Beit Hamikdash ajoelhado perante o seu esplendor.

Os Kohanim esperavam que uma nuvem sagrada descesse do céu e preenchesse o templo com o espírito de Deus. E o rei perguntou ao Nathan, o profeta, porque esta nuvem não descia - será que faltava alguém entre os presentes para homenagear o templo?

O profeta levantou os olhos para o povo que se ajoelhava aos pés do monte e notou então o jovem encolhido numa das pedras, chorando, a olhar a casa que parecia estar em fogo.

Voltou-se Nathan, o profeta, para Shlomo e lhe disse:

- Seu pai não construiu o templo porque tinha as mãos cheias de sangue. Você o construiu, mas quem evitará as lágrimas que se verteram com a sua construção? Abra os portões para um órfão e seja este um lugar de repouso para todo pobre e oprimido.

Quando terminou o profeta suas palavras, desceu a nuvem esperada e saturou a casa com a presença de Deus.

2a sichá - Destruição do primeiro templo -- A figura de Jeremias

Como se acha solitária aquela cidade, d'antes tão populosa! Tornou-se viuva, a que foi grande entre as nações e princeza entre as províncias, tornou-se tributária.

(Lamentações 1)

Não vos comove isso a todos vos que passais pelo caminho?
Atendei e vede se há dor igual à minha dor.

(Lamentações 12)

Sichá : Localisar Israel num mapa da antiguidade - país situado entre as duas grandes potências - Egito e Babilônia, constantemente atacado e dominado por uma das duas. A situação no país após o reinado de Shlomo. A divisão do mesmo e o seu enfraquecimento interno. O país é dominado por Nabucadnetzar e o povo levado para o cativeiro na Babilônia.

Apresentar a figura de Jeremias; o que pregava ele ao povo. Sua infelicidade e sofrimento pelas desgraças do seu povo. Não segue o povo para o cativeiro.

(Extrair diretamente do Tanach)

Uma outra lenda sobre o templo

O Muro dos Lamentos, "Muro dos Pobres"

Quando o rei Shlomo decidiu construir o templo, apareceu-lhe um anjo dos céus e lhe disse:

- Shlomo, filho de David, rei de Israel! Lembra-te de que o templo a ser construído deverá ser santuário do povo; em sua construção, pois, tomará parte ativa toda Israel. Exorta o povo, e que cada qual colabore na obra, segundo suas possibilidades.

Shlomo convocou o povo, seus governadores e principes, sacerdotes e oficiais, assim como os humildes e pobres de Israel. Resolveu deixar ao acaso a divisão do trabalho. E assim dispôs o destiho: o muro oriental seria construído por ricos e poderosos; as colunas e escadas pelos governadores e principes, a arca testemunho e a cortina que a cobre pelos sacerdotes e levitas e o muro ocidental pelos pobres e mendigos.

Começou a obra: os governadores e principes tiraram as joias das suas mulheres e compraram cedros para revestir a parede oriental. Tomaram trabalhadores a soldo e contramestres para que os apressassem. E a obra dos ricos e dos sacerdotes foi terminada com rapidez.

Somente o trabalho dos pobres demorou muito mais, pois não haviam conseguido o material, nem contavam com ajuda de marceneiros. Trabalharam eles mesmos, com suas próprias mãos, o muro ocidental.

Apos ands de interminável labor a obra ficou pronta.

O povo tinha o seu templo e ele a todos pertencia, pois cada um participou na sua construção.

Porém chegou a guerra. Israel foi invadida pelo rei da Babilônia, Nabucodnetzar e o templo destruído. O muro oriental, trabalho rápido dos ricos e poderosos foi derrubado inteiro; das colunas e escadas que os principes erigiram nada sobrou e a arca sagrada com a cortina, que os levitas contribuíram ao templo, foram levadas pelos invasores.

Só sobrou, inabalável, o muro ocidental, trabalho lento e dedicado dos pobres e mendigos de Israel. E até hoje ele se encontra no lugar, símbolo de devoção dos humildes que com suor e sacrifício o erigiram.

3a sichá - Exílio na Babilônia -

" Junto aos rios da Babilônia, ali nos pusemos a chorar com o pensamento em Sião.

Nos salgueiros existentes penduramos nossas harpas.

Pois ali os que nos levavam cativos nos pediram canções;

E os nossos atormentadores nos exigiam alegria, dizendo:

Cantai-nos uma das canções de Sião.

Como cantaremos a canção de Jeová

Em terra de estrangeiros?

Se eu me esquecer de ti, Jerusalem,

Esqueça a minha mão direita a sua destreza.

Apague-se-me a língua no céu da boca,

Se eu não me lembrar de ti,

Se eu não preferir Jerusalém à minha maior alegria."

A sichá -

Como decorreu o exílio na Babilônia? Os judeus se assimilaram ou mantiveram-se unidos como um povo? A ação dos profetas no exílio.

A figura de Daniel (interpretação dos sonhos de Nabucadsetzar; a profecia para o rei Baltazar; a cova dos leões) - o madrich encontrará a melhor fonte no proprio Tanach.

Ciro, rei de Persia conquista Babilônia - volta dos judeus para Israel. Ezra e Nehemia.

- Quem eram os babilônios e o que de grande legaram à civilização? Seus conhecimentos de astronomia, matemática e medicina; sua arte e filosofia; o código famoso de Hamurabi.

Grande parte da cultura judaica foi influenciada pela babilônica, principalmente no tempo do cativo. Exemplo disso temos nas lendas babilônicas que os judeus assimilaram e que penetraram na nossa literatura (no Tanach).

A localização da Babilônia - terra entre dois rios. (Se houver interesse contar um pouco a história anterior desta região - Assíria e Caldeia, etc.

4a sichá - Grécia e o início do Império Helenista -

Queremos dar, antes de levantar o ponto do Império Helenista e da sua relação com a história judaica, uma sichá sobre a Grécia antiga, sua cultura e seu modo de vida. É este um capítulo de grande interesse para nós, seja pela profunda influência que este povo exercerá mais tarde sobre a cultura e vida no povo judeu, seja pela própria herança, rica e inigualável, que ele chegou a legar à civilização europeia posterior.

Sendo que o tema é de maior conhecimento aos chanichim do que os temas anteriores (já que este ele aprende também na escola) a sichá não deve passar de uma conversa geral com uma plena participação dos tzofim.

Lembrar de que no programa até agora já mais de uma vez encontramos com exemplos de expressões culturais gregas (tres lendas incluídas - do Orfeu, do deus Netuno e de Icaro - relativas à mitologia antiga grega), falamos do teatro grego, o qual incluía também a sua poesia, musica e dança, contamos a história dos jogos Olímpicos, muito simbólicos da maneira de ser daquele povo na antiguidade.

Conversar sobre as duas grandes cidades : Esparta e Atenas - as diferenças entre elas. A mitologia grega - citar os nomes dos deuses gregos mais conhecidos e comparar esta religião politeísta com a religião judaica, de um Deus só. Grandes filósofos gregos e as histórias a eles relacionadas. O progresso nos campos da ciência e da medicina - o amor dos gregos em geral pela sabedoria e pela beleza.

O que era a chamada democracia grega (origem da palavra : demos-povo, kracia- soberania); as assembleias populares.

Quem foi Alexandre o Grande - início do Império Macedônio.

Fazer os chanichim observarem como no mundo antigo houve a sucessão dos diversos grandes impérios, um após outro. Após a soberania dos persas surge o império helenista para ser mais tarde dominado e superado pelos romanos, etc.

Observ. - O madrich deverá trazer material ilustrativo abundante para esta sichá, relativo à arte grega, sua arquitetura, etc.

Bibliografia - História da Civilização de Will Durant : Nossa herança clássica, a vida na Grécia. História do Mundo para as crianças - Monteiro Lobato.

Jogos -

No decorrer da sichá serão mencionados muitos nomes, seja da mitologia grega, seja dos grandes filósofos ou cientistas; o madrich deverá prevenir de antemão aos chanichim que guardem bem estes nomes e um traço relativo a cada um deles, para o jogo que far-se-a no fim.

O jogo consiste no seguinte : Os chaverim sentam-se numa roda, na mão de um está um lenço, em forma de nó. Este chaver joga o lenço para um outro da roda e diz um dos nomes mencionados

na sichá; aquele para o qual o lenço foi atirado deve imediatamente responder algo relacionado a este nome e jogar o lenço para um outro, dizendo um nome diferente. Por exemplo: o primeiro que joga diz Hipocrates; aquele que pegou o lenço logo responde "medicina" e joga-o novamente acrescentando, digamos, Apolo. Aquela que domar muito para dar uma resposta ou achar um nome novo, sai do jogo.

2) Pega-se um dos nomes mencionados, um dos mais compridos, como seja Anaxagoras, e cada chaver escreve-o para si em letra de forma num pedaço de papel. É dado um determinado prazo e cada um deve tentar fazer o maior numero possível de palavras à base das letras que constam neste nome. Ex: gas, ar, Ana, Sara, arara, etc.

S _ E _ I _ E _ M _ B _ R _ O _

Sichot :

- 1) Judeia debaixo do Imperio Helenista - A revolta dos Macabeus.
- 2 e 3) O dominio romano e a guerra contra Roma

Datas : Rosh Hashana e Iom Kipur - contos

Trabalhos práticos - preparação para a exposição da Messibá dos Pais (ver prog r. 1º ano)

La sichá - Judeia como parte do Imperio Helenista - revolta final dos Macabeus

A ideia fundamental desta sichá é o paralelo das duas tendencias que surgem no povo judeu perante a invasão e o dominio helenista e perante toda sua influencia cultural: - de um lado a tendencia assimilacionista e do outro, a reação, isto é, a tendencia de resguardar a autenticidade nacional e religiosa a todo custo e de não submeter-se às imposições de uma cultura alheia. Está claro que o madrich não apresentará esta ideia como tal, abstratamente, pois ela não terá nenhum significado para os chanichim, mas deve-se mostrá-la com exemplos, comparações, etc., despertando nele a noção de que o problema da assimilação, nas suas diferentes facetas, sempre existiu no povo judeu e existe hoje, em toda a sua intensidade, para os judeus da Golá.

Os judeus, então, começam a tomar nomes gregos, a vestir-se à sua maneira e a falar sua lingua. Os gregos exigem que eles abandonem o seu Deus e paguem homenagem aos deuses gregos nos altares e ídolos por eles erigidos.

Esta não é a primeira vez que isso acontece na historia do nosso povo e também não a ultima. Uma parte do povo vê vantagem na sua submissão às exigencias gregas e segue-as afastando-se da fé judaica. Porém a maioria do povo, as camadas mais pobres, as mais ligadas à propria terra, não aceita as imposições, foge e esconde-se nas montanhas ou permanece nas cidades, sendo vitima de cruéis perseguições e matanças.

Creemos que o que mais poderá interessar ao tzofé nesta sichá é o relato da propria guerra dos macabeus e o madrich deverá saber transformá-lo num conto vivo e interessante, o que aliás a propria verdade historica permite. Este episodio da nossa historia é geralmente contado em Chanuka, porém a sequencia natural das sichot exigiu que se o includesse aqui; isto também permitirá ao chanich uma noção historica mais exata do que o tradicional relacionar desta data a uma festa, isoladamente.

Quem eram Matitiau e os cinco filhos? O incidente no altar, no qual Matitiau mata o judeu que vai adorar o deus grego Zeus. A guerra inicia-se em forma de guerrilhas, o que é possível devido à topografia do país, montanhosa e acidentada. (Dar exemplos de guerras de guerrilhas nos tempos modernos - na ultima guerra mundial - os partisanos; as lutas em emboscadas dos judeus na guerra de Independencia, etc).

Morre Matitiau e seu filho o substitui - o heroismo e a personalidade de Iehuda Macabi.

Continuam as guerrilhas até que estoura a primeira luta aberta contra o exército sirio, saindo os judeus vitoriosos. Nesta luta morre Apolnius, o comandante sirio.

Devido a esta vitória o exército de Iehuda Macabi vai aumentando.

A fim de vingar a morte de Apolnius, os sirios lançam um ataque poderoso, porém são derrotados também perdendo 800 soldados e o resto fugindo. Antioco então percebe o perigo destas rebeliões e apesar das dificuldades materiais que possui (o seu reinado extravagante esgotou-lhe os fundos) forma um grande exército e resolve exterminar o povo todo, inclusive os assimilados, nos quais não mais acredita. O exército dos Macabeus cresce ao mesmo tempo, pois os assimilados, vendo que não conseguirão salvar-se, juntam-se também a ele.

Aos sirios, por outro lado, juntam-se muitos samaritanos e filisteus, antigos inimigos dos judeus. O exército sirio, forte e numeroso, está certo da vitória e leva já consigo para a luta correntes pesadas e comerciantes de escravos (para poder logo vender os soldados rendidos).

O exército de Iehuda Macabi conta com 6000 soldados. Os combatentes são todos reunidos numa assembleia solene, na cidade de Mitzpa, que é situada entre montanhas (No mesmo lugar onde Shmuel, 900 anos atrás, fizera uma assembleia a fim de escolher o guia para o povo que iria defendê-lo contra os filisteus). Neste dia então é proclamado um jejum geral e lê-se trechos da Tora. (Mostrar o caracter de fé que Iehuda Macabi conseguiu inflingir a esta luta. Iehuda divide o exercito em quatro divisões e avisa aos que temerem a luta que abandonem as fileiras.

O comandante sirio, Gorgias, resolve atacar os judeus vindo do norte e planejando pegá-los desprevidos. Iehuda Macabi, porém, previu este ataque e levou o seu exército por um caminho próximo, abandonando o acampamento e colocando-se na retaguarda do inimigo. Gorgias, chegando ao local e encontrando o acampamento vazio pensou que os Macabeus fugiram para as montanhas de medo e começou a persegui-los naquela direção. Enquanto isso, o exército dos Macabeus voltou, queimou o acampamento dos sirios e esperou estes voltarem. Voltou, no entanto, somente uma pequena parte, a qual foi vencida com facilidade. Os outros, vendo a fumaça saindo do seu acampamento fugiram para a Filistea.

Esta s foi somente uma das batalhas desta guerra. Ela foi seguida ainda de muitas outras, até que finalmente os judeus conseguiram entrar em Yerushalaim, destruíram os ídolos e os altares e restauraram o templo sagrado.

Iehuda Macabi foi, merecidamente, nomeado mais tarde o sumo sacerdote.

Observ. - o resumo da batalha dado aqui é muito curto e seco. O madrich deverá estudar a fundo tudo que se refere a este capítulo da nossa historia e poder então transmiti-lo com vivacidade na kvutza.

2a sichá (podendo ser dividida em duas) - O domínio romano e a guerra contra Roma

(Apresentamos aqui um esquema geral sobre o tema, no que se refere à parte anterior à própria guerra; dela mesmo desenvolvemos dois episódios, ou seja, duas das mais famosas batalhas suas que poderão servir de exemplo do que foi e o que ela representou para o povo. Novamente chamamos a atenção do madrich para que procure transformar estes trechos históricos em contos, apresentando-os com imaginação e vivacidade).

O curto período de autonomia debaixo dos Macabeus.

Explicação ligeira sobre o Império Romano, suas conquistas e soberania no mundo de então. Salientar a extraordinária coragem e heroísmo do povo judeu em ousar levantar-se contra esta potência à qual estavam submetidos países muito mais fortes e poderosos do que o nosso.

Preparativos para a guerra, armazenamento de armas e treino dos soldados; assembleia geral do povo para eleger os líderes da revolta e uma espécie de governo nacional que pudesse centralizar e dirigir os acontecimentos. Responsável pela região do Galil ficou Iosef Ben Matitiau e responsável pela região de Yerushalaim, Iosef Ben Gurion.

Quem era Iosef Ben Matitiau - sua educação romana, sua não profunda convicção da guerra empreendida; não era um homem do povo, fiel de corpo e alma à causa, porém tomou-se de entusiasmo por ela e os seus dotes pessoais, sua personalidade vibrante, fizeram com que lhe confiassem um cargo de tamanha responsabilidade. Galil era então a chave de entrada no país, além do que era a região mais populada e cujos homens eram conhecidos pela sua coragem e bravura.

O Imperador romano na época era Nero. Recebeu ele a notícia dos preparativos para o levante quando assistia na Grécia a um espetáculo dos Jogos Olímpicos. Prevendo um sério perigo também para toda a região conquistada pelos romanos no Oriente Médio, caso o levante não fosse logo sufocado - nomeou para comandante das forças que deveriam combater os judeus, o general Vespasiano, famoso pelas suas façanhas militares. Saiu ele para a guerra com 60,000 soldados armados e treinados e com um grande maquinário militar (Salientar aqui o desequilíbrio numérico e técnico entre o exército romano e o nosso).

Descrição da batalha de Iudfat

Os judeus retiraram-se para as fortalezas do Galil, pois a desigualdade das suas forças em relação à dos romanos não permitiria uma batalha num campo aberto e em terreno igual. A maior de todas as batalhas nesta região travou-se em Iudfat, uma das cidades fortalezas mais potentes que os judeus possuíam. Estava ela situada numa enorme rocha, rodeada por abismos de tres lados; só do lado norte saia um caminho que levava à cidade. Neste lado mandou Iosef construir uma muralha muito alta e forte, a fim de que o inimigo não pudesse de lá se aproximar. Vespasiano ordenou que se edificasse um alto estrado de terra ao lado da muralha e para lá fossem levadas as armas pesadas de ataque. Os judeus, porém, impediram a construção deste estrado lançando flechas, pedras e tochas acesas sobre os soldados que trabalhavam; ao mesmo tempo iam aumentando a altura do muro de defesa e a fim de proteger os soldados que o construíam, armaram estacas de madeira em cima do muro e estenderam entre elas peles de gado, humedecidas. As flechas que o inimigo atirava, ao darem de encontro com estas peles, escorregavam, e as tochas acesas apagavam-se devido à humidade.

Vendo que pelo ataque dificilmente poderia vencer os judeus, resolveu Vespasiano fazer um cerco completo à fortaleza e exterminar os seus combatentes pela fome e sede - pois não poderiam receber socorro de lugar nenhum.

Era então verão e os dias quentes e secos; os reservatórios de água iam diminuindo e fontes naturais não existiam naquela região. Assim mesmo, apesar da falta de comida e de bebida, não diminuiu a coragem dos defensores de Iudfat. Iosef dividiu a água existente e a alguns soldados ordenou que molhassem nela as suas roupas e pendurassem-nas no alto da muralha, a fim de que viessem os romanos quando não há falta de água no lugar.

Desistiu Vespasiano da espera e reforçou o ataque. Concentrou todas as forças num lugar só, almejando destruir um ponto da muralha. A batalha continuou feroz por muito tempo e finalmente, exaustos e cansados, a sede comendo as suas gargantas, os judeus tiveram que entregar a fortaleza e render-se.

O episódio dos 40 que se esconderam na caverna, entre eles Iosef Ben Matitiau - a traição deste, tornando-se o conselheiro de Vespasiano.

A luta em Ierushalaim. Vespasiano é nomeado imperador e volta à Roma, deixando o seu filho Tito encarregado do comando das tropas. O cerco da cidade de Ierushalaim; o incêndio da cidade e a destruição do segundo templo. A vitória de Tito, sua volta para Roma, as honrarias que o esperam.

O levante de Matzadá.

"Todo o país, do norte ao sul, estava nas mãos do inimigo. Ierushalaim arrasada, o templo sagrado reduzido a cinzas e os heróis de Iehuda mortos no combate ou vendidos como escravos. Só uma única e última fortaleza mantinha-se em pé, tres anos após a destruição de Ierushalaim - era esta a fortaleza de Matzadá. Encontravam-se nela os últimos combatentes da guerra do Galil, nos quais a chama da liberdade e revolta ardia ainda com furor. Juraram não entregar-se nas mãos do inimigo, mantendo-se livres até derramar a última gota de sangue.

Longinqua e solitária, nas costas orientais do mar morto, no cume de uma rocha alta e lisa, rodeada de declives bruscos e de profundos precipícios, está situada Matzadá. Em dois lugares somente a rocha inclina-se um pouco e nestes lugares esboçaram-se dois caminhos estreitos e tortuosos que levam à fortaleza, colocada no alto. Escalar para lá constituía e ainda constitui hoje em dia, um perigo constante.

Hordus, o antigo rei da Judela, invertiu muitos dias de trabalho no fortalecimento deste lugar. Ele armou-o de muralhas altas e grossas e construiu nelas 37 torres. Também um palácio real fora lá construído e nele muitos salões, pátios e quartos. Dentro das rochas cavou poços para reservas de água. Até hoje em dia podem ser vistos grandes restos deste palácio. Ainda no tempo de Hordus foram lá armazenados alimentos em grande quantidade, vinho e óleo para iluminação; havia também depósitos de armas e de metais os quais tinham mandado preparar para caso de guerra ou revolta. Disto tudo serviram-se os judeus lá recolhidos ao emprender sua última luta contra os romanos.

Na fortaleza de Matzadá encontrava-se o herói Elazar Ben Iair, último descendente de uma família de combatentes do Galil, a primeira que levantara armas contra os romanos. E a Elazar cabia encerrar o capítulo, o mais trágico de todos na história desta guerra de libertação.

Contra este último baluarte saiu o comandante Silve dos romanos, com um grande exercito, pondo cerco à fortaleza. Após longos esforços conseguiram os romanos perfurar a muralha, porém, enquanto isso, os defensores de Matzadá, tinham conseguido construir uma segunda muralha e o espaço entre as duas preencheram com blocos de madeira e com cinzas, enfraquecendo desta forma o atirar das armas romanas.

Os romanos, percebendo que não podiam conquistar a fortaleza por meio da destruição das suas muralhas, resolveram arrasá-la a fogo, conforme fora feito na luta contra Ierushalaim. Os soldados romanos atiraram na muralha tochas acesas e rapidamente o fogo incendiou a madeira e espalhou-se ao redor.

Ao ver Elazar Ben Iair que o muro queimava-se e que não existia mais nenhum caminho de salvação, resolveu que preferível seria a morte do que o jugo do inimigo. E assim 960 almas caíram naquele dia, matando-se um ao outro e o último que sobrou incendiou o palácio e caiu nas chamas do fogo.

No dia seguinte, ao entrarem os romanos na fortaleza, encontraram um espetáculo trágico: Só sobraram duas mulheres e cinco crianças que contaram aos invasores o acontecido na véspera e grande foi a admiração dos romanos perante este ato de heroísmo e de orgulho de um povo.

A fortaleza de Matzadá continua no lugar, ereta e solitária, envolta pelo silêncio e pela solidão dos dias e das noites. E de gerações em gerações passa adiante a sua história.

Uma lenda sobre a destruição do segundo templo

A chave da redenção

Um dos sacerdotes do templo guardava uma chave especial com a qual abria todas as portas do mesmo. Estas portas eram de bronze, brilhavam à luz do dia como ouro, o fogo e a ferrugem não as atingia.

A chave especial passava das mãos de um sacerdote para as de outro, tendo pertencido aos sacerdotes do primeiro templo. Quando estes foram exilados para a Babilônia, levaram-na consigo, servindo-lhes lá a chave como símbolo da redenção.

Ela fora feita por um grande artífice, cada detalhe gravado isoladamente, sendo tão perfeita que era impossível imitá-la. E os sacerdotes guardavam-na como o tesouro mais precioso que possuíam.

Na guerra contra os romanos, quando Titus cercou a cidade de Ierushalaim, desejou ver ao Deus de Israel em seu templo. Ouviu ele contar sobre as portas de ouro e sobre a chave da redenção que estava com um dos sacerdotes, o encarregado de abrir e fechar os portões, sendo que só ele conhecia o seu segredo.

Mandou então Titus avisar aos homens que lutavam em Ierushalaim que caso lhe enviassem o sacerdote e a chave da redenção não destruiria a cidade e o templo deixaria intacto.

Porém de Ierushalaim responderam com milhares de flechas contra os sitiados.

Começaram então os romanos a tentar destruir as muralhas da cidade com suas catapultas.

A guerra prolongava-se cada vez mais. Os judeus lutavam com bravura, derrubavam os romanos das altas escadas com as quais pensavam romper as muralhas da cidade.

Na noite de Tisha b'Av, porém, quando os romanos viram que os soldados judeus não se entregariam e que os sacerdotes não sairiam para entregar a chave do templo, começaram a jogar tochas encandecentes por sobre as muralhas, dentro do Beit Hamikdash. O fogo comeu o muro e as chamas pareciam um mar que ardia. Enquanto dentro da cidade procuravam apagar o fogo, romperam os romanos as muralhas e a luta tornou-se de frente a frente; os sacerdotes - e entre eles o sacerdote mór - subiram todos para o telhado do Beit Hamikdash, que ardia em chamas. Somente um, o sacerdote que guardava a chave do templo, desaparecera. Todos preocupavam-se que com ele sucedera, temendo que tivesse caído nas mãos dos romanos junto com a chave da redenção. De repente, de um dos lados do telhado, surge o seu vulto, em vestes festivas queimadas pelas chamas e as mãos feixidas. Ele se esforçava para alcançar os companheiros. Com impaciência perguntaram-lhe sobre a chave do templo.

Contou o sacerdote onde se encontrava a chave: - Quando o fogo se estendeu sobre o Beit Hamikdash e os romanos começaram a penetrar por todas as frestas da muralha, corri por entre os destroços e numa caverna encontrei um jovem que estava a malhar ferro encandecente. Seu rosto era pálido e seus olhos queimavam sob a luz das brasas. Perguntei-lhe: - Quem é você, jovem, e quais são seus feitos? Não sabes por acaso que o Beit Hamikdash está em chamas?

Ele me respondeu: - Eu bem o sei, senhor sacerdote, pois com meus olhos mataram os romanos meu pai, minha mãe e meus irmãos. Meu pai fazia armas para os soldados que defendiam a muralha e eu o ajudava. Quando ele calu, antes que a vida o abandonasse, disse-me: "Cuide meu filho da profissão, prepare as espadas para os heróis de Israel". Continuou o sacerdote a contar: Ao ouvir a voz do jovem e ao ver seu rosto, compreendi que ele saberia cuidar da chave da redenção - entreguei-lhe a chave e vim reunir-me a vós.

Ao terminar o sacerdote a sua narração, começaram todos a entoar o "Shir Hamaalot". Como pilares de fogo estavam eles sobre o telhado, as chamas já lhes lambiam os pés e encendiam as vestes brancas, mas eles continuavam em sêntido, seus braços erguidos e cantavam: - "Com o fogo que aumenta, eleva-se a canção."

Quando de longe viu Titus o Beit Hamikdash envolto em chamas, Yerushalaim destruída, e quando ouviu de longe a canção dos sacerdotes, compreendeu de que a chave de redenção ficaria nas mãos dos judeus para sempre.

- O Izadik de Nemirov -

I. L. Peretz

Durante todo o dia de "Selichot", desde a manhã, o Rabbi de Nemirov desaparecia.

As pessoas de sua família se levantavam cedo para as "Slichot", saíam e deixavam a porta aberta. Sem dúvida, também ele saía depois disso. Mas ninguém o via, nem fora nem no Beit Haknesset, nem no Beit Hamidrash, nem perto dos minianistas.

A sua porta estava aberta mas isso nada tinha de especial: na casa do Tzadik nunca viriam ladrões: se alguém tocasse apenas na fechadura, naturalmente a sua mão teria secado... Mas onde estava o Rabbi?

Diziam: com certeza no céu. Naqueles dias, "Iamim noraim", dias terríveis, o povo de Israel precisava de tantas coisas, precisava de sustento, de paz, de saúde, de temor de Deus e de temor ao pecado... E o dia do Juízo se aproxima, o Juiz de toda a terra fará justiça e Satanaz percorre todo o mundo, examina e observa com milhares de olhos e por todas as frestas do coração e da alma! Ele seduz e espalha o pecado e depois vai ao céu e acusa! E quem ajudará no dia de angústia senão o Santo de Israel, o Juiz de Nemirov?

Naturalmente ele vai ao céu, se prostra diante do Trono e pede pelo povo de Israel. Algumas vezes costuma até insistir: é seu hábito!

Um dia chegou a Nemirov um "Mitnaged", um Incecu da Jerusalem lituana e a sua boca se enche de riso.

Como é sabido, grande é a força dos Lituanos na revelação, mas sua alma é árida e não há nela nada da fé dos Tzadikim! E o litwak ri e te demonstra, baseado na Guemara, que nem Moshe Rabeinu (apesar de seja com ele) nunca foi ao céu. E o Tzadik de Nemirov certamente não lhe pode ser comparado!

"E então, onde está o Rabbi na hora das Slichot?"

O lituano diz que já resolveu problemas mais difíceis...

E imediatamente decide esclarecer a situação.

No mesmo dia, após "Mincha e Maariv" o litwak se introduz furtivamente no quarto de dormir do Tzadik e se deita debaixo da cama. E não teme que o sono se apodere dele: não é então um lituano? Escolhe uma poesia e estuda para saber de cor.

Fica deitado toda a noite e estuda.

De manhã cedo, antes de chamarem para "Slichot", o litwak sente que o Rabbi se mexe na cama, respira e tosse e suspira. É coisa sabida que os suspiros do Tzadik de Nemirov eram cheios de dor, de angústia e de sofrimento, quem os ouvia se punha realmente a chorar. Mas aquele lá, ao contrário, não deixa de estudar baixinho.

Ambos estavam deitados : o Rabi na cama e o lituano em baixo da cama.

Quando chamaram para "Slichot", o litwak ouviu que o movimento nos quartos vizinhos aumentava, as pessoas da casa desciam da cama, ascendiam as lâmpadas, lavavam as mãos, vestiam-se abriam a porta ... depois tudo voltou à calma e a luz, que aparecia sob a cama do Tzadik, proveniente dos quartos vizinhos, desapareceu. E ele ficou só na casa com o Rabi. E agora, seja dito em seu louvor e não como censura, naquele momento foi assaltado por um obscuro temor. Não era pouca coisa ficar só com o Tzadik na hora das "Slichot"! Mas o litwak era teimoso: todo o seu corpo tremia, mas ficou deitado!

Nesse intervalo também o Tzadik se levantou da cama.

Levantou-se, chegou ao armário de roupas e tirou um embrulho de vestimentas diferentes: calças brancas de linho, largas e curtas, um casaco pesado de pele, um gorro alto de pele, um cinto de couro com fivela de cobre : a vestimenta de um campones!

Com essas roupas o Tzadik se vestiu: da bolsa do casaco saía a ponta de uma grossa corda.

O litwak não acreditava o que os seus olhos viam e pensava estar dormindo e sonhando... Mas aquilo não era sonho...

O Rabi saiu do quarto e o litwak se levantou lentamente e o seguiu, como a sombra segue o homem.

O Rabi saiu do quarto e o litwak atrás, entrou na cozinha, se abaixou perto da cama da cozinheira, meteu de baixo um machado de cortar lenha e o enfiou no cinto e saiu de casa.

E o litwak atrás. Enquanto isso lhe passa uma ideia incrível, pensa que talvez o Rabi seja um tzadik durante o dia e um bandido à noite...

O Rabi caminha lentamente, mantendo-se no lado da estrada e o terror dos "dias terríveis" flutua por fora. De vez em quando, de alguma casa ouve-se um suspiro ou o som das Slichot. O Rabi mergulha na sombra das casas e sai na luz branca das casas em fila. E o lituano atrás. O seu coração bate como um eco a cada passo do Tzadik.

Perto da cidade está o bosque. O Rabi sai da cidade.

O tzadik entra no bosque, faz trinta ou quarenta passos e chega a uma árvore. Tira o machado do cinto, empunha-o e golpeia a árvore : uma vez, duas vezes, tres... até que a árvore cai.

O litwak está distante e vê que o tzadik corta a árvore em toros, corta os toros em pequenos pedaços, tira da bolsa uma corda comprida e faz um feixe, torna a enfiar o machado no cinto, joga o feixe nos ombros, sai do bosque e volta para a cidade.

O Rabi caminha, curvado sob o fardo. E o lituano atrás.

" Talvez tenha enlouquecido! "

O tzadik caminha lentamente pela estrada e chega a uma ruela escura. Aproxima-se de uma casinhola miserável, chega diante da janela e bate devagarzinho no vidro.

O litwak ouve que da casa uma voz de senhora doente pergunta:

- Quem é?

O Tzadik responde na lingua de goim :

- Ya! (EU)

A senhora pergunta :

- Kto ya ? (Eu quem?)

O tzadik responde:

- Vassil

- Vassil? Que Vassil? Que queres Vassil?

O tzadik diz, sempre na lingua dos camponeses, que tem um feixe de lenha para vender e que está disposto a vendê-lo barato. Nem espera que a mulher responda, vai até a porta, abre-a e entra em casa.

O litwak se esgueira atrás dele.

Na luz branca vê um quarto pequeno e baixo, cheio de utensílios domésticos e na cama uma doente coberta de andrajos.

A doente pergunta com suspiros:

- Mas com que te pagarei Vassil? Sou uma pobre viuva e não tenho um vintem!

O Tzadik disfarçado diz que ela tem crédito e que ao todo não passa de seis soldos! Mas a senhora diz que não pode receber a crédito, que não tem nenhuma esperança de ter dinheiro para pagar.

- Daonde receberei ajuda? suspira a mulher - E o tzadik que já depositara o feixe de lenha no chão, perde a paciência com ela:

- Ah, judia estúpida! És uma mulher pequena e doente, teus dias estão contados; e eu tenho confiança em ti e te dou a crédito seis soldos; e tu, que tens um Deus grande e forte, onipotente e eterno, não tens confiança Nele? Não cres que Ele te dará seis soldos?

- Equem me acenderá a lareira? suspira a mulher. Quem sabe quando voltara meu filho do seu trabalho noturno?

O Tzadik responde que acenderá ele mesmo. Dito e feito.

Enquanto introduz a lenha na lareira, canta baixinho a primeira estrofe das Slichot do dia.

E acendendo a lenha, canta a estrofe seguinte...

A terceira estrofe recita quando fecha a lareira.

O litwak se transformou e começou a amar o Tzadik e a acreditar nele e desde então fazia uma viagem duas vezes por ano para vir vê-lo. E quando ouvia dizer que o Tzadik ia para o céu no dia das Slichot, não ria mais. E dizia:

- Aomcéu? Quem sabe : talvez mais alto ainda!

A Oração do Inocente

David Cohen

Rosh Hashana. A sinagoga está cheia de gente. Os fieis estão de pé, perdidos na oração que precede o Shofar. O velho rabino, junto ao altar, usa uma roupa toda branca. Segura o Shofar na mão direita e se prepara para soprar. Uma grande emoção penetra o templo. Do balcão das mulheres sobem lamentações que fazem lembrar as crianças. Estas se aproximam do altar, com os grandes olhos espantados e os pais procuram em todas as direções, até mesmo em cima, onde estão as mulheres. Onde está Ovadia? Estará lá em cima? O pequeno Ovadia desapareceu e ninguém pode procurá-lo porque daqui a pouco soará o Shofar. O pai suspira, a mãe suspira e os dois mergulham nas orações.

Ovadia é um garoto estranho. Tem sete anos mas parece um verdadeiro bebê. Só cuida de passarinhos e tem um fraco por pombas. Gosta dos seus doces arrulhos e brincadeiras. Gosta de vê-las voar pelo pombal que existe no quintal vizinho. Quando os pais perguntam porque se atrasou para o jantar, ele responde que estava observando as pombas que alimentam os filhotes e lhes arrulhavam encorajamento. A mãe ralha e sai se queixar ao vovô que ele admira tanto. Ela pergunta:

- Onque você pensa destas ocupações para um menino tão grande?

E o vovô sorri, acaricia com a mão tremula a cabeça do menino e diz à filha:

-, Não se inquiete, minha filha; está escrito "E Sua bondade se estende sobre toda a natureza"; é muito belo amar as pequenas criaturas.

Véspera de Rosh Hashana. Ovadia chegou todo tremulo junto ao avô. A voz sufocada pelas lágrimas, disse:

- Vovô, o nosso vizinho Yeruham, o charreteiro, quer cortar o pescoço de duas pombas brancas, amanhã, eu mesmo ouvi; impeça-o vovô! e o pequeno rompeu em soluços. O avô, um velho de rosto enrugado como um rolo de Torá, de mãos tremulas como os ramos da velha árvore que se encontra no pátio - o avô diz:

- Não chore, Ovadia, tua mãe ficará zangada; venha comigo para o templo, para as "slichot"

Mas Ovadia não esteve nas Slichot. Naquele noite, subiu até o pombal do terreiro vizinho e tentou libertar as pombas brancas que deveriam ser sacrificadas. Mas o braço cabeludo de Yeruham, o charreteiro, agarrou-o. Quem sabe o que teria acontecido ao Ovadia se o avô não estivesse ao lado dele! Papai e mãe ralharam muito e até o avô lhe passou um sermão. Ovadia foi para um canto com o coração pesado. Lá ficou mais de uma hora. Arrancou uma página do caderno de desenho e desenhou um casal de pombas. Em baixo do desenho, com a mão desajeitada escreveu esta oração ao bom Deus: Eu, Ovadia, peço-te para fazer com que o coração das pessoas

seja bom e que elas não sejam malvadas para as pombas.

Depois assinou o seu nome em letras grandes: Ovadia. Dobrou a mensagem e guardou-a em lugar seguro. O que faria com a carta era um segredo que não partilharia com ninguém.

Ao aproximar-se a hora do Shofar, Ovadia foge da sinagoga e penetra no quintal do charreteiro Yeruham. Não há gente na rua. As casas também estão vazias. Todos estão na sinagoga. O céu puro se estende lá em cima. Só uma nuvem branca bem pequena, brinca no vasco azul e aborrece o sol - as vezes passando tão perto dele que é inundada de raios como um rosto de criança que sai de água.

Um profundo silencio reina no terreiro de Yeryham. Só uma pomba arrulha docemente, sentada sobre os seus ovos. Lentamente, sem fazer ruido, Ovadia sobe e chega ao pombal. A pomba se assusta e estende a cabecinha - Ovadia segura a avezinha. De um pulo ele chega até o chão. Tira a carta do bolso e prende-a à pata do pássaro e desaparece por traz do muro da sinagoga.

Um silencio religioso enche o templo. Repentinamente o som do Shofar ressoa, e, ao mesmo tempo, a pomba branca irrompe pela janela. Ela sobrevôa o altar, com um rolinho de papel branco seguro à pata, passa várias vezes por cima da cabeça do velho rabino, plaina no ar, treme, bate as asas - e sai pelas janelas, voando bem alto no vasto azul. Leva consigo a doce oração do menino.

Um murmúrio de espanto percorre a assembléia. Cheios de sagrada emoção, com os olhos brilhantes e maravilhados, seguem o vôo da pomba branca no céu.

O U I U B R O

Sichot :

- 1) Judeus no exílio - Espanha
- 2) Judeus na Europa Oriental
- 3) A Gola em outras partes do mundo.
- 4) O sionismo - 2a guerra mundial - kibutz galuít.

Datss :

Sucot e Simchat Torá

Trabalhos práticos : Pa ta a exposição.

Judeus no exílio - Espanha

Já antes da destruição do segundo templo, a maior parte dos judeus tinha emigrado para outros países. Havia um grande ishav no Egito e em outros lugares do Oriente Medio, e muitos judeus atravessaram o Mediterraneo e foram assentar-se nas suas costas europeias, principalmente na Espanha e em Roma.

Porque escolheram os judeus a Espanha? Um país que se encontrava então no início de seu desenvolvimento, tendo grandes possibilidades para tanto. Fazer aqui observar aos chanichim o processo natural da emigração dos judeus, dando o próprio exemplo das Américas, mais próximo para o chanich.

A Idade de Ouro na Espanha - além de estar bem economicamente os judeus ocupam posições de importancia nacional : alguns chegam a ser ministros, conselheiros, médicos da corte, grandes filósofos e poetas. Contar a vida de Iehuda Halevi, Rambam etc.

Procurar, também aqui, generalisar o tema e conversar sobre o problema que se repete constantemente na historia do nosso povo - a assimilação, participação na vida do povo onde vivem, contribuição às culturas alheias - dar exemplos na Alemanha, antes do nazismo, na Russia, durante a Revolução Russa, na França, etc. - O que sucedia, em geral, nestes diferentes lugares, a estas "Idades de ouro" ?

- O que foi a Inquisição e como afetou ela aos judeus? O que podiam os judeus fazer para defender-se? Muitos tentaram e conseguiram fugir para outras terras, porém isso era bastante difícil pois a Inquisição fechava as fronteiras (sendo os judeus, em geral, pessoas de posses não queria a Igreja deixá-los sair levando consigo as riquezas). Os que ficavam tinham dois caminhos - ou sujeitar-se à vontade dos Inquisidores e adotar a fé cristã, ou serem levados às torturas terríveis da Inquisição e às mortes nas fogueiras (kidush ha Shem)

- Quem eram os marranos?

Comentar com os chanichim estes dois caminhos tomados pelos judeus - o de preferir a morte e as torturas à conversão, e o da manutenção escondida da religião verdadeira. Não se deve porém chegar a "julgar" as duas reações ou condenar uma ou outra, pois de maneira alguma possui o chanich suficiente conhecimento historico para tanto. Procurar demonstrar em ambos os casos o heroismo e o sacrifício, a fidelidade à religião e ao povo judeu.

O madrich deverá saber descrever vivamente a vida dos marranos : como comemoravam as festas e guardavam as tradições às escondidas, geralmente nos porões e lugares quenos estavam à vista, como escondiam os livros de Talmud que eram proibidos (houve um decreto ordenado que fossem todos queimados). A melodia de Kol Nidrei dizem ter sido composta nesta época, dali a sua profunda tristeza, que até hoje nos comove tanto.

Falar também das perseguições desta época em outros lugares. As cruzadas que nas suas viagens à Ierusalaim eram orientadas para assassinar milhares e milhares de judeus, aonde quer que fosse; os judeus sendo acusados de serem responsáveis pela Peste Negra que invadiu a Europa - diziam que a epidemia vinha de águas envenenadas e acusavam aos judeus de terem-nas envenenado; judeus acusados de matar crianças para utilizar seu sangue na preparação de matzot para Pessach, etc.

Quem foi Iehuda Halevi ?

Iehuda Halevi nasceu em Toledo e quando muito jovem ainda mudou-se para a Espanha árabe que era então o maior centro de sabedoria e cultura; lá iniciou os estudos da Torá, de filosofia e de medicina. Na idade de 14 anos escrevia já as primeiras poesias que conservaram até os nossos dias.

Iehuda Halevi escreveu versos sobre a natureza, sobre o amor, sobre a amizade, e sobre muitos outros assuntos, porém as maiores e mais belas de suas poesias foram aquelas que escreveu sobre sua terra, Eretz Israel, pela qual ele tinha um profundo amor. Muitos dos seus poemas acabaram sendo incluídos como rezas do nosso povo na Gola.

Quando faleceu sua mulher - tinha ele então 55 anos - resolveu deixar a sua casa, a sua unica filha e todos os seus amigos, e viajar para Eretz Israel.

Conta a lenda que quando chegou às portas de Ierusalaim jogou-se à terra e quis beijar o seu pó, que lhe era como santo. Neste instante passou sobre ele um cavaleiro árabe e esmagou-lhe o corpo.

2a sicha - Judeus na Europa Oriental

Queremos por meio desta sicha trazer um quadro do que foi a vida dos judeus nos países da Europa Oriental - Russia, Polonia, Lituania, etc.

A vida numa pequena aldeia judia, fechada e isolada do mundo de fora. O cheder onde as crianças estudava e eram educadas, ficando horas seguidas em cima dos livros sagrados.

A manutenção das tradições, o guardar do shabat e das festas, ao redor das quais, toda a vida girava.

O movimento chassidista da Russia, seu conteúdo mais puro e alegre, que pregava uma aproximação a Deus mais simples e mais direta, permitindo que a Ele chegassem também os homens comuns e não somente os eruditos da Torá e do Talmud; para elevar-se a Deus é preciso somente seguir o caminho da bondade, do amor e da fé sincera e simples.

Observ. - O madrich poderá trazer, como material ilustrativo para esta sicha, reproduções de Chagall sobre a aldeia judia (da série dos seus quadros e desenhos de Vitebsk)

- Contar a lenda de Baal Shem Tov e a descrição da aldeia judia de Shalom Aleichem.

(Caso o madrich perceber que o tema é vasto demais para uma sicha so, convem dividi-la em duas)

A aldeia do povinho pequeno

Shalom Aleichem

A aldeia do povinho pequeno para qual eu estou te introduzindo, querido leitor, está situada no coração do abençoado "Vale das colônias", onde os judeus foram amontoados, empacotados como herrings num barril e lá deixados para que floresçam e se multipliquem. O nome desta famosa aldeia é Kasrilevkeh.

Qual é a origem do nome de Kasrilevkeh? Trata-se do seguinte:

Na nossa aldeia, como todos sabem, um homem pobre pode receber os nomes mais variados e descritivos, dependendo do grau da sua pobreza: ele pode estar difícil de vida, ou necessitado, ou em maus apertos ou estar com a corda no pescoço; ele pode ser um homem empobrecido, um receptor de dádivas, um indigente; um destituído de bens, um pobretão ou um shnorer. Cada um destes títulos é lhe atribuído com uma entonação especial. Existe ainda um outro nome para o homem pobre: um kasriel ou um kasrlik. Esta palavra já é pronunciada num tom completamente diferente, por exemplo "Olá vel, que kasrlik sou eu!"

Um kasrlik, pois, não é um tipo comum de indigente e nem um simples pobretão não bem arranjado de vida. Ele é desta classe de gente pobre - se você sabe o que eu quero dizer - que não perde o ânimo por causa da pobreza. Muito pelo contrário, ele toma um certo orgulho na sua situação. Este tipo é também chamado, "alegre mendigo".

Fechada numa região longínqua, isolada do mundo inteiro ao seu redor, a aldeia de Kasrilevkeh vive como uma pequena órfã - sonhadora, afastada, absorta em si mesma, nada tendo a ver com os ruídos e corridas da vida lá fora, nem com todas as boas coisas que a humanidade deu-se o trabalho de criar e as quais apelidou com uma variedade de nomes, como "cultura", "progresso", "civilização" e outras mais palavras para as quais toda pessoa respeitável costuma tirar o chapéu em homenagem.

O nosso povo pequenino nada sabe sobre elas todas. Não só que nunca ouviram falar de automóveis, aviões e hidroplanos, mas por muito tempo nem queriam escutar falar sobre o mais comum e simples trem de ferro. "Vá contar para o meu tio", diziam, "São contos da lua, histórias da carrocinha, - bobemanses - e usavam de expressões como estas. Isto continuou assim até que um certo cidadão respeitável de Kasrilevkeh teve alguns negócios repentinos em Moscou, foi para lá, voltou e jurou solenemente que tinha ido diretamente a Moscou de trem e que não viajara no trem mais de três quartos de hora. Podes imaginar como o assaltaram então de todos os lados: como é possível que um cidadão judeu respeitável jure uma mentira tão descarada? No fim descobriu-se que ele fora mal entendido: de fato viajara no trem só três quartos de hora; o resto do caminho acabou fazendo a pé.

Isto dar-te-á uma ideia do que seja este povinho pequeno. Como você pode ver muito bem ele não é hipocondríaco ou pedante. Muito pelo contrário, é famoso no mundo inteiro pelo seu bom senso, sua esperteza e sua ótima disposição. São pobres mas alegres. Sim, conhecendo bem a sua história é difícil saber dizer como são eles tão felizes.

"Não se importe", diziam eles, "viva e seja alegre."

Eu disse "viva", não é? Pois suponhamos que lhes pergunte "Do que vocês vivem?" Eles com certeza responderiam "Do que vivemos?" e depois "Uai! É tão difícil perceber? Mas há, mas acabamos vivendo, não, é?"

Cosa estranha: não importa quando os encontrares, estarão sempre apressados, correndo como ratos envenenados, para lá e para cá, ocupados e sem fôlego.

"Para onde correm tanto?"

"Para onde corremos? É tão difícil perceber? Estamos correndo para caçar algo que nos dê o bastante para o Shabat."

"Ganhar bastante para o Shabat? - este é o seu ideal. Estarão contentes de trabalhar a semana toda, labutar em suor e sangue, cansar e escravizar-se como animais de carga, de "comer a adversidade" e "beber a aflição" - contanto que haja comida para o Shabat. E a verdade é que quando chega o Shabat, põem eles no bolso a Yehupetz, riem de Odessa e até chegam a caçar de Paris. Pois é um fato incontestável que desde que existe Kasrilevkeh nenhum judeu mais teve que andar faminto no Shabat - que os céus o proibam! Pois como é possível um judeu ficar sem peixe no Shabat? Mesmo se acontece já o pior dos males e ele não tem peixe, então certamente terá carne; e se não tiver carne, com certeza tem ele um pedaço de herring; e se nem herring não tiver, é impossível que não possua as "chalot" de shabat; porém se também chalot não tiver então pelo menos haverá pão preto com alho; e - no pior dos casos - se nem pão preto com alho ele não tiver, ele poderá sempre emprestar algo do vizinho. No próximo shabat o vizinho emprestará dele. "O mundo é como uma roda, não para de girar", assim te dirão os habitantes de Kasrilevkeh, fazendo com as mãos um movimento de roda e sentindo que disseram uma grande esperteza.

Com certeza gostarias de saber que aparência tem esta Kasrilevkeh. Ah! é tão linda como um quadro! Principalmente vista de longe! Quando olhada à distância, dá ela a impressão de - deixa ver a que pode ser comparada - de um enorme girassol, chelo de grossas sementes, ou então de um "lokshenbret", sim, muito mesmo parecida com a tábua de fazer macarrão, toda coberta de pequenas migalhas. A aldeia aparece na tua frente como num prato, e podes vê-la a uma milha de distância com todas as suas curiosidades. Pois a aldeia mesma, não ves, está situada numa colina. Eu diria até que a colina inclinou-se para dar lugar à aldeia. Há muitas pequenas casas ao pé da colina, amontoadas junto como sepulturas num velho cemitério; para dizer a verdade elas trazem à mente pequenos túmulos, velhos e cinzentos...

Não adianta tentar descrever as ruas de Kasrilevke, pois as casas não foram distribuídas de acordo com algum plano prévio. E nem existe espaço entre elas. Para que deixar um lugar vazio sem nenhum motivo, quando pode-se muito bem colocar nele uma casa? A Torá nossa diz: "Ele o criou para que seja habitado". Isto quer dizer que o mundo foi criado para que se viva nele e não para que se o olhe. Adianta muito ficar olhando?

Assim mesmo isto tudo não deve preocupar-te, pois há também ruas na aldeia - ruas grandes e ruas pequenas e não faltam também gramados e recantos escondidos. E o que é que tem se as estradinhas são estreitas demais; se elas se enrolam e escorregam para cima e para baixo da colina; e o que tem se uma casa aparece de repente, no meio do caminho, ou então uma choça qualquer, ou simplesmente um buraco no chão? É você que tem que se prevenir e não andar de noite nas ruas sem lanterna! Quanto ao povinho da aldeia, não há o que preocupar-se. Um habitante de Kasrilevke nunca se perderá na sua aldeia natal, entre a sua própria gente. Ele achará sempre o caminho de volta, para a sua mulher e filhos, como o pássaro que descobre o caminho para o seu ninho.

Há uma coisa da qual em especial o povinho de Kasrilevke orgulha-se muito - dos seus famosos cemitérios. Esta aldeia abençoada possui dois cemitérios: um velho e um novo. Para dizer a verdade o novo cemitério já está bastante velho e rico em sepulturas. Muito brevemente não haverá mais lugar para enterrar os homens, não falando já de como seriam as coisas se, Deus não nos ouça, fossem visitados lá por um pogrom, uma epidemia ou uma desgraça semelhante.

O povinho de Kasrilevke orgulha-se principalmente do velho cemitério. Apesar de estar coberto de grama e plantas selvagens, ele é o ornamento da aldeia, a sua preciosidade, o tesouro que eles guardam como a pupila dos seus olhos. Pois, além do fato de ser um lugar de repouso dos seus antepassados - rabis, santos, estudiosos e outros homens importantes -, ao lado de todos os mártires dos massacres de Chmelnitzki, este lugar sagrado, como chamam o cemitério, é a única posse do mundo que lhes pertence inteiramente; é o seu único pedaço de terra, o único cantinho de campo onde os gramados se estendem livremente, onde a flor aparece e onde o ar está limpo e puro.

"Já visitou o nosso campo?" perguntará o habitante de Kasrilevke, tão logo entrares na cidade, da mesma forma como perguntaria por exemplo se já fostes visitar o vinhedo da família. Se não vistes ainda o cemitério, faça-lhe este prazer e acompanhe-o no passeio "pelo campo"; veja então lá as velhas inscrições nos tumulos, apagadas já pela ação do tempo. Será como estar lendo um capítulo da história do povo judeu. E se és um homem facilmente levado para o entusiasmo não poderás resistir, ao contemplar esta pobre e pequena aldeia com seus ricos cemitérios, de repetir para si mesmo a passagem do Tanach "Ma tovu ochalecha, lakov, mishkenotecha, Israel" - Quão boas são as tuas tendas, ó lakov, os teus lugares de descanso, Israel.

3a sichá

Judeus espalhados pela Gola

Sugerimos que seja esta uma sichá preparada pelos próprios chanichim, nos moldes das sichot anteriores neste sentido.

O madrich divide entre os tzofim os diferentes países e regiões que possam ser de interesse e os chanichim deverão se preparar para falar sobre o Ishuv de judeus naquele lugar, tanto no passado como no presente.

A escolha deve ser variada - Sugerimos que se pegue exemplos do galut da Ásia e África, os judeus Yemenitas, as tribus judaicas negras (ex, Berberia no sul da África), os judeus da África do Norte - emigrantes constantes atualmente em Eretz Israel, etc. Também falar do ishuv nas Américas e levantar o problema da sua assimilação.

O madrich deverá finalizar a sichá mostrando o ponto central que une todos estes lugares do Galut e que é Eretz Israel, ao qual, mais cedo ou mais tarde, judeus de toda a partes do mundo acabarão afluindo, pois está é a sua terra e somente lá eles poderão sentir-se livres e iguais aos outros povos.

4a sichá - Sionismo - 2a guerra mundial - Kibutz Galuot.

Esta deve ser a sichá de conclusão a todas as sichot anteriores sobre a jud historia judaica. Falar sobre os começos do sionismo ativo e realizador, o início da colonização obreira em Eretz Israel; a 2a guerra mundial e como afetou ela tragicamente ao povo judeu; a guerra de independência e kibutz galuot.

Deve ser esta uma conversa geral com os chanichim, à base de todas as sichot dadas, estabelecendo relação entre o passado histórico e a realidade do presente. Deixar que os próprios chanichim cheguem a conclusões, orientando-os para tanto.